

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação

Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens

Belo Horizonte
2016

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação

Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens

Tese apresentada pela aluna Mônica Daisy Vieira Araújo para a banca de doutorado do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação, da linha de pesquisa Educação e Linguagem.

Orientadora: Prof^a Isabel Cristina Alves da Silva Frade

Belo Horizonte
2016

AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado não pode ser realizada sozinha, por isso inicio os meus agradecimentos para a minha orientadora Prof^a Isabel Frade por ter acreditado no meu projeto e pelo apoio incondicional e generoso nas orientações ao longo dos quatro anos de estudo. Aos jovens participantes da pesquisa, pois em eles não seria possível a realização da pesquisa. Ao Carlos Silva, aluno do curso de Pedagogia da FaE/UFMG, que se interessou pela temática da pesquisa e me auxiliou ao longo do planejamento e coleta de dados. A Nádia Bueno, aluna do curso de Pedagogia da FaE/UFMG, pela contribuição, durante a coleta de dados da pesquisa. Agradeço, também, ao Ronaldo Pires, que foi essencial para a organização dos dados quantitativos. Às minhas colegas de trabalho do setor de Alfabetização e Letramento do DMTE FaE/UFMG pelo apoio.

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é compreender as práticas de leitura de literatura digital de leitores jovens de 15 a 17 anos, oriundos de estratos socioeconômicos diferenciados, identificando as formas de ler, analisando as relações existentes entre as leituras de literatura digital e impressa nessas práticas, assim como o papel das instâncias e dos mediadores na construção de práticas de leitura de literatura digital pelos sujeitos. O aporte teórico da pesquisa teve caráter multidisciplinar, baseando-se em estudos sobre a história do livro e da leitura, sobre a literatura juvenil e a sociologia da leitura e, especialmente, em trabalhos que discutem a multimodalidade e os gêneros digitais literários na sociedade contemporânea. A investigação adotou uma perspectiva quantitativa e qualitativa. Foi aplicado um questionário a 342 jovens de uma escola pública e de uma escola particular. Em seguida, foram selecionados 68 leitores jovens, por meio de categorias referentes às práticas de leitura, e aplicado um questionário semiaberto. Por fim, seis leitores jovens foram selecionados e suas práticas de leitura literária digital foram acompanhadas, por meio de entrevistas semiestruturadas, ao longo de sete meses. Na tese, é traçado um perfil desses seis leitores jovens e são levantados dados sobre os gêneros literários mais lidos por eles. Os resultados mostram que a relação e a concomitância entre a leitura em suporte digital e impresso é explicada por vários aspectos que não se referem ao tipo de texto e nem aos gêneros digitais e digitalizados. Essas relações foram evidenciadas nas situações/espços em que se lê em um ou em outro suporte, nas propriedades físicas dos objetos, na relação entre o corpo e o suporte, nos modos de acesso aos textos e às redes de sociabilidade literária na Internet que mesclam divulgação do impresso e do digital e, especialmente, na relação simbólica que os leitores jovens estabelecem com a literatura impressa e aquela divulgada ou produzida em meios digitais. Em vários casos, os leitores jovens demonstram uma conexão com a obra que extrapola seu formato. Nossa tese é a de que a oscilação entre as práticas de leitura literária no suporte digital e impresso, pelo leitor jovem, dependerá do tipo de acesso à obra desejada, se por empréstimo, gratuidade pela internet e por aquisição e não pela sua preferência por um suporte ou outro.

Palavras chave – Literatura digital e digitalizada. Práticas de leitura. Jovens.

ABSTRACT

The object of study of this research is to comprehend the digital literature reading practice of young readers aging from 15 to 17 years with different socioeconomic backgrounds, identify their ways of reading, analyze the relations that permeate both electronic and printed literature in those practices, as well as the role of mediators and representative bodies in the promotion of digital reading practice among the subjects. The theoretical basis of the research had a multidisciplinary nature, based upon studies about the history of books and reading; about adolescent literature; sociology of reading; and specially upon works that discuss the multimodality and the digital literary genders in contemporary society. The investigation adopted a perspective both qualitative and quantitative. A questionnaire was applied to 342 youth of a public school and a private school. Next 68 young readers were selected by categories concerning reading practices and answered a semi-open questionnaire. Hereupon six young readers were selected and their practice of digital literature reading were closely observed via semi-structured interviews during seven months. This thesis outlines the profile of these six young readers e collects data about the literary genres they read the most. The results show that the relation and the concomitancy between electronic and printed reading can be explained in terms of several aspects that do not refer to the type of the text neither to digital or digitalized genres. These relations were highlighted in situations/spaces where one reads with both types of support, in the physical properties of the objects, in the relation between the body and the support, in the access modes to the texts and in literary social networks on the Internet that intermix the promotion of digital and printed works, and especially in the symbolic relation that those adolescents stablish with printed and electronic media. In several cases, the young readers manifest a connection with the book that extends beyond its format. Our thesis is that the fluctuation of reading practice among printed, digital and digitalized literature by the young reader will depend upon the form of acess to the work, being it via lending, free acquisition from the internet or buying, and not on his\her preference by one type of media or the other.

Keywords: Digital and digitalized literature. Reading practice. Youths

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial do <i>site</i> Abelhas	124
Figura 2 - Página inicial do <i>site</i> Mlnhateca.....	124
Figura 3 - Página inicial do <i>site</i> E-livros grátis.....	125
Figura 4 – Página inicial do <i>site</i> Fanfic Obsession	126
Figura 5 – Página inicial do <i>site</i> Creepypaste Brasil	127
Figura 6 - Página inicial do <i>site</i> Fanfic Obsession.....	142
Figura 7 - Página inicial do <i>site</i> Ciber& Poemas	143
Figura 8 - Poema digital Chá.....	143
Figura 9 - Página inicial do Hiperconto Um estudo em Vermelho	144
Figura 10 - Segunda página do do Hiperconto Um estudo em Vermelho	144
Figura 11 - Página inicial do miniconto Dois Palitos	145
Figura 12 - Página do miniconto Dois Palitos.....	146
Figura 13 – Página inicial do <i>site</i> Ciclope.....	146
Figura 14 – Página Poema de Brinquedo do <i>site</i> Ciclope	147
Figura 15 - Página Poema de Brinquedo do <i>site</i> Ciclope.....	148
Figura 16 - Página inicial do <i>site</i> do Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística/Nupill	149
Figura 17 - Página inicial do <i>site</i> do Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística/Nupill	149
Figura 18 – Página inicial do <i>site</i> Machado de Assis	150
Figura 19 - Página inicial do <i>site</i> Biblio.....	150
Figura 20 – Página Livros On-line da rede social <i>Facebook</i>	153
Figura 21 – Página Tops do New York Times da rede social <i>Facebook</i>	154
Figura 22 - Página inicial da rede social Wattpad	155
Figura 23 - Página inicial do blog Loucas por Livros	155
Figura 24 — Página inicial do blog Arte HQs.....	156
Figura 25 – Página inicial do <i>site</i> do movimento Literatura Digital	157
Figura 26 – Página do <i>site</i> do movimento Literatura Digital	157
Figura 27 - Página inicial do <i>site</i> Fanfic Brasil.....	158
Figura 28 - Página do <i>site</i> Fanfic Brasil.....	159

Figura 29 - Página inicial do <i>site</i> Nyah Fanfiction.....	159
Figura 30 - – Página do site Nyah Fanfiction	160
Figura 31 – Página inicial do <i>site</i> Fanfiction.net	161
Figura 32 – Página inicial do <i>site</i> Baixe livros	161
Figura 33 - Página inicial do <i>site</i> Livros On-line	162
Figura 34 - Página inicial do <i>site</i> Domínio Público	163
Figura 35 - Página inicial do Google Play	163
Figura 36 – Página do link Livros do Google Play.....	164
Figura 37 - Página inicial do <i>site</i> Chatzy	165
Figura 38 – Página inicial do <i>site</i> Jovem Nerd	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Leitores jovens selecionados	101
Tabela 2 - Mês das sessões de entrevistas com os leitores jovens	103
Tabela 3 - Colegas dos leitores jovens	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantitativo de teses e dissertações	16
Gráfico 2 - Níveis dos estratos socioeconômicos dos jovens na escola privada.....	106
Gráfico 3 - Níveis dos estratos socioeconômicos dos jovens na escola pública	106
Gráfico 4 - Dispositivos digitais utilizados pelos jovens.....	108
Gráfico 5 - Usos dos dispositivos digitais pelos jovens	109
Gráfico 6 - Modos de ler obras de literatura digital e/ou literatura digitalizada	111
Gráfico 7 - Modos de ler obras de literatura digital e/ou literatura digitalizada	111
Gráfico 8 - Como os jovens conheceram as obras de literatura digital e/ou literatura digitalizada que leram	113
Gráfico 9 - Níveis dos leitores jovens de estrato socioeconômico na escola pública	116
Gráfico 10 - Níveis dos leitores jovens de estrato socioeconômico na escola privada	116
Gráfico 11 - Uso dos dispositivos digitais pelos leitores jovens.....	118
Gráfico 12 - Tipos de obras de literatura digital lidas pelos leitores jovens	119
Gráfico 13 - Modos de leitura literária digital realizada pelos leitores jovens	128
Gráfico 14 - Modos de leitura literária digital realizada pelos leitores jovens	129
Gráfico 15 - Como os leitores jovens conheceram as obras de literatura digital e/ou digitalizada que leram	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 Contribuições da história da cultura escrita, do livro e da leitura para a compreensão da leitura literária digital	19
1.1 Suporte - produção, reprodução, conservação e difusão	19
1.2 História da leitura e das práticas de leitura	25
1.3 Leitura	33
1.4 Aproximações em torno da literatura	38
1.5 Cultura literária juvenil	48
1.6 Os leitores jovens e seus mediadores	58
2 Leitura literária digital	72
2.1 Obras literárias digitais.....	72
2.2 Literatura digital	74
2.3 Literatura digitalizada	79
2.4 Práticas de leitura literária digital	81
3. Percurso Metodológico	91
3.1 Questionário 1.....	92
3.2 A aplicação do questionário 1	97
3.3 Seleção dos jovens por meio do questionário 1.....	98
3.4 Questionário 2.....	99
3.5 Seleção final dos leitores jovens.....	101
Fonte: Corpus da pesquisa	101
3.6 Entrevista em profundidade	102
3.7 Entrevista com os leitores jovens selecionados.....	102
3.8 Entrevista com os colegas dos leitores jovens selecionados.....	103
4. Leitura literária digital - Perfil dos jovens e dos leitores jovens	105

4.1 Dos jovens	105
4.2 Dos Leitores Jovens	115
4.3 Dos seis leitores jovens	133
4.4 Mapeamento dos sites e obras disponíveis no Brasil	140
4.5 Repertório de ambientes digitais de literatura digital e digitalizada acessados pelos leitores jovens	151
5. Práticas de leitura literária digital de leitores jovens	167
5.1 Compreensão conceitual dos leitores jovens sobre leitura literária digital	167
5.2 Disposições favoráveis para a cultura digital e suas repercussões em práticas de leitura literária digital.....	175
5.3 Preferência de suporte.....	189
5.4 Formas de busca e de acesso à leitura literária digital	199
5.5 Experiências de leituras literárias digitais	223
5.6 Modos de realizar as leituras literárias digitais.....	250
5.7 Mediadores e instâncias de leitura literária digital.....	273
6 Relações entre as práticas de leitura literária digital e impressa.....	303
7 Considerações Finais	320
REFERÊNCIAS.....	324
Apêndice 1	331
Apêndice 2.....	334
Apêndice 3.....	338
Apêndice 4.....	340

INTRODUÇÃO

As pesquisas em torno do campo de estudos da história da leitura e do livro foram se modificando, ao longo do tempo, por meio de interesses por objetos de pesquisa regulados pela entrada de diversas áreas de conhecimento que agregaram a leitura como objeto de investigação. Os temas de interesse da história da leitura e do livro, sobretudo a partir dos estudos de Roger Chartier e Robert Darnton, elegem a forma de produção, a materialidade desses objetos culturais, sua forma de circulação e de leitura em determinados períodos históricos. Esses estudos também têm incorporado as tecnologias digitais, tendo em vista as mutações que essas novas formas promovem na ordem do livro.

Outras abordagens apresentam uma vertente mais pedagógica ou literária: os gêneros textuais lidos, as práticas de leitura, os mediadores e as formas de ler. As práticas de leitura também são objeto da sociologia da leitura que investiga, entre outros aspectos, os hábitos de leitura, a distribuição de materiais de leitura em uma perspectiva geográfica, socioeconômica, as disposições criadas em torno do ato de ler, os modos de utilização dos materiais de leitura. Dessa forma, há diferentes abordagens que buscam compreender a leitura nos seus mais diversos prismas.

O objeto de interesse desta pesquisa dialoga com várias dessas tendências, e se fundamenta nos estudos históricos, sociológicos e sobre a leitura literária e se insere em um dos diversos objetos nos quais o campo da história da leitura e do livro se ocupa investigar, nos estudos sobre as práticas de leitura, focalizando um tipo específico, a leitura literária digital. Segundo Chartier R. (2011, p. 78), para conhecermos as práticas de leitura, é necessária a compreensão e a análise “dos usos, dos manuseios, das formas de apropriação dos materiais impressos” pelos leitores em determinados períodos, em grupos ou em populações específicas. Para Batista e Galvão (2011, p.13), as práticas de leitura assinalam os estudos em torno da “leitura em seu acontecimento concreto, tal como desenvolvida por leitores reais, e situada no interior dos processos responsáveis por sua diversidade e variação”.

Baseado nessas acepções, consideramos como práticas de leitura todos os atos envolvidos no momento da leitura literária, entre eles, os gestos, os comportamentos, as experiências e as preferências de suporte. Na concepção de práticas de leitura também estão incluídas as ações do leitor jovem anteriores ou

posteriores ao ato de ler, que criam determinadas formas de apropriação dos materiais literários, modos de compartilhamento de informação sobre as obras lidas, buscas de obras semelhantes ou de autores conhecidos, entre outras ações que criam as condições para o ato de ler a leitura literária digital. A leitura literária digital compreende a leitura de literatura digital e digitalizada realizada por jovens no suporte digital. A primeira é definida por Torres (2004b) e Hayles (2009) como diferente da literatura impressa que, por vezes, é transposta para o computador. Para Hayles (2009), a literatura digital

geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é, por contraste, “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente lido em uma tela de computador).”(Hayles, 2009, p.20).

Existe uma diversidade de tipos de obras consideradas como literatura digital: algumas compreendem gêneros integrados às obras literárias do suporte impresso, mas com uso de redes de construção coletiva *on-line* ou *off-line*. Outras inauguram gêneros literários novos, com características diferentes dos encontrados na cultura impressa, elaborados por meio de hipertextos, recursos multimodais e uso de programas de computador. A literatura digitalizada, por sua vez, possui o formato idêntico ao do impresso e pode ser acessada, adquirida em sites de loja de comércio eletrônico ou em aplicativos de *smartphones*, livremente na Internet ou baixada em qualquer dispositivo digital por meio de sites, blogs, redes sociais, bibliotecas digitais.

Nosso objeto de estudo é compreender as práticas de leitura de literatura digital de leitores jovens de 15 a 17 anos, de estratos socioeconômicos diferenciados, identificando as formas de ler, analisando as relações existentes entre as leituras de literatura digital e impressa nessas práticas, assim como o papel das instâncias e dos mediadores na construção de práticas de leitura de literatura digital pelos leitores jovens.

Partimos da hipótese de que as continuidades, em torno das práticas de leitura e de escrita, oriundas do suporte impresso para o digital promovem efeitos que mobilizam práticas de leitura literária digital e impressa que se entrecruzam, não havendo uma oposição nos usos das obras impressas e digitais e nas práticas de leitores jovens. Desse modo, acreditamos que há uma relação entre as leituras literárias digitais e impressas realizadas por sujeitos oriundos de estratos

socioeconômicos diversos. Nessa perspectiva, consideramos, como Graff (1990, p.45), que “focalizar as continuidades, entretanto, não exige nenhuma negligência das mudanças ou descontinuidades.”

Nosso interesse de estudo se opõe à tradição do campo de estudo sociais sobre a leitura, pois esses buscavam, segundo Batista e Galvão(2011), pesquisar as distâncias e aproximações do escrito por leitores, segundo o gênero, para definir políticas culturais e educacionais. Essa concepção baseava-se em três crenças, definidas pelos autores: a primeira se refere a identificar as obras de qualidade que deveriam ser lidas e quais os melhores usos dessas obras, prestigiando ou não determinados hábitos de leitura. As outras duas crenças, conforme Batista e Galvão (2011), apontam que a leitura não é um fenômeno variável e a atribuição da necessidade de ler é igual para todos, desconsiderando as disposições individuais (Lahire, 2006; Martucceli, 2007). Entretanto, não é do nosso interesse caracterizar a literariedade das obras de literatura digital e digitalizadas lidas pelos leitores jovens, pois esse aspecto não é objeto do campo de estudos no qual nossa pesquisa se insere.

Buscamos apresentar as práticas de leitura literária digital desprendida de qualquer crença. Em outros termos, nós a apresentaremos como ela é, sem prestigiar hábitos, usos, obras ou qualquer indicativo de qualificação dos elementos presentes no ato de ler literatura digital e digitalizada. A identificação de quem são os leitores jovens buscou demonstrar as semelhanças, mas também as diferenças e as disposições para as práticas de leitura literária digital em um grupo pertencente a estratos socioeconômicos diversos, mas com a mesma identidade, a juventude. Nossa tentativa será desmistificar os polos de categorias de análise das práticas de leitura para mostrar que o fenômeno ler é diferente e, por conseguinte, compreende leitores díspares, já que uns lerão mais e outros menos, mas todos podem ser considerados leitores.

Para podermos compreender as práticas de leitura literária digital, é necessário conhecer as modificações imprimidas pelo advento da cultura digital. Em tese, ela possibilitou uma ampliação da disponibilidade das obras literárias para uma maior faixa da população. Livros completos em domínio público podem ser acessados sem precisarmos ir às bancas ou às livrarias, pois estão disponíveis para *download* livre, enquanto outros são adquiridos por meio da venda em *sites* de livrarias e em outros *sites* de comércio eletrônico.

Sabemos que a maioria das obras literárias ainda não está disponível na rede mundial de computadores, seja por limites relacionados aos direitos autorais de obras não produzidas nesse suporte¹ (apesar da difusão ilegal disponível na Internet); seja pelo alto custo na aquisição de obras produzidas para o suporte digital, em alguns casos; seja pela dificuldade de acesso dos leitores aos programas utilizados pelos criadores/escritores dessas obras.

No entanto, encontramos uma diversidade de tipos de obras literárias em *sites*, *apps*, *blogs* e redes sociais para o leitor apreciar e compartilhar informações sobre literatura, ou seja, existe uma rede de sociabilidade literária na cultura digital. Essas criações literárias devem ser analisadas, segundo Cosson (2014), ao discorrer sobre a miríade dessas obras literárias contemporâneas, de forma diferente da literatura do passado.

ao surpreender o literário em outras formas e veículos, não se busca mais levar determinado objeto à categoria de literário por sua qualidade estética ou artística, mas sim ver como a palavra feita literária participa daquele objeto, ou seja, essas manifestações e produtos culturais são literários simplesmente porque assumem as funções anteriores de proporcionar ficção, entretenimento ou qualquer outra função atribuída aos livros literários no passado, ou ainda porque atingiram tal maturidade que precisam ser enobrecidos com rótulos de literários – essa seria a parte mais fraca do argumento -, mas sim porque é assim que a literatura se apresenta atualmente/se configura em nossos dias. (COSSON, 2014, p.19).

Com o objetivo de contextualizar a pesquisa no âmbito do conhecimento científico elaborado no Brasil sobre a temática estudada, realizamos levantamentos de teses e dissertações sobre leitura literária digital em vários *sites* que apresentam bancos de dados acadêmicos,² a partir de palavras-chave³ definidas *a priori* e de outras escolhidas a partir dos trabalhos localizados no levantamento. Alguns dos

¹ A lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que trata dos direitos autorais, em seu artigo 41, define que somente após 70 anos da morte do autor ele perde os direitos sobre a sua obra.

² <http://nupill.ufsc.br> ; www.elmcip.net; literaturadigital.com.br, www.bancodeteses.capes.gov.br/; www.bdtd.ibict.br ; www.bibliotecadigital.ufmg.br ; scielo.org ; google.com.br , www.ufsc.com.br ;

³ *Fanfiction*, leitura digital, leitura literária digital, poesia digital, *fandom*, narrativa digital, biblioteca digital, dissertação literatura digital, literatura digitalizada, literatura digital, hipertexto, cibercultura, romance digital, hiperficção, literatura, arte digital, dissertação literatura digitalizada, *fanfics*, tese sobre literatura digital, leitura digital entre jovens, cordel digital, literatura e Internet, leitura em meio digital, *sites* de literatura digital, Harry Potter.

sites são de centros de pesquisa sobre literatura digital e digitalizada, enquanto outros são *sites* de bancos de teses e dissertações.

A cada trabalho ou *link* encontrado nas buscas, verificávamos a que outros *sites* e criadores/escritores o trabalho se vinculavam e se conectavam. Percebemos, ao longo da pesquisa, que a maioria dos trabalhos tinha como tema de investigação a leitura digital de materiais não literários. Quanto às palavras-chave utilizadas para a busca, quando realizávamos as pesquisas nos *sites*, estes convergiam geralmente para os mesmos trabalhos anteriormente encontrados, demonstrando a pequena quantidade de pesquisas sobre leitura literária digital. Ao final da localização dos trabalhos, categorizamos em pesquisas de investigação sobre literatura digitalizada e investigações sobre literatura digital. Para esta, fizemos uma subcategorização a partir dos gêneros de literatura digital,⁴ segundo Hayles (2009) ou categorizamos como investigações sem definição de um gênero específico e denominamos como leitura literária em dispositivos digitais.

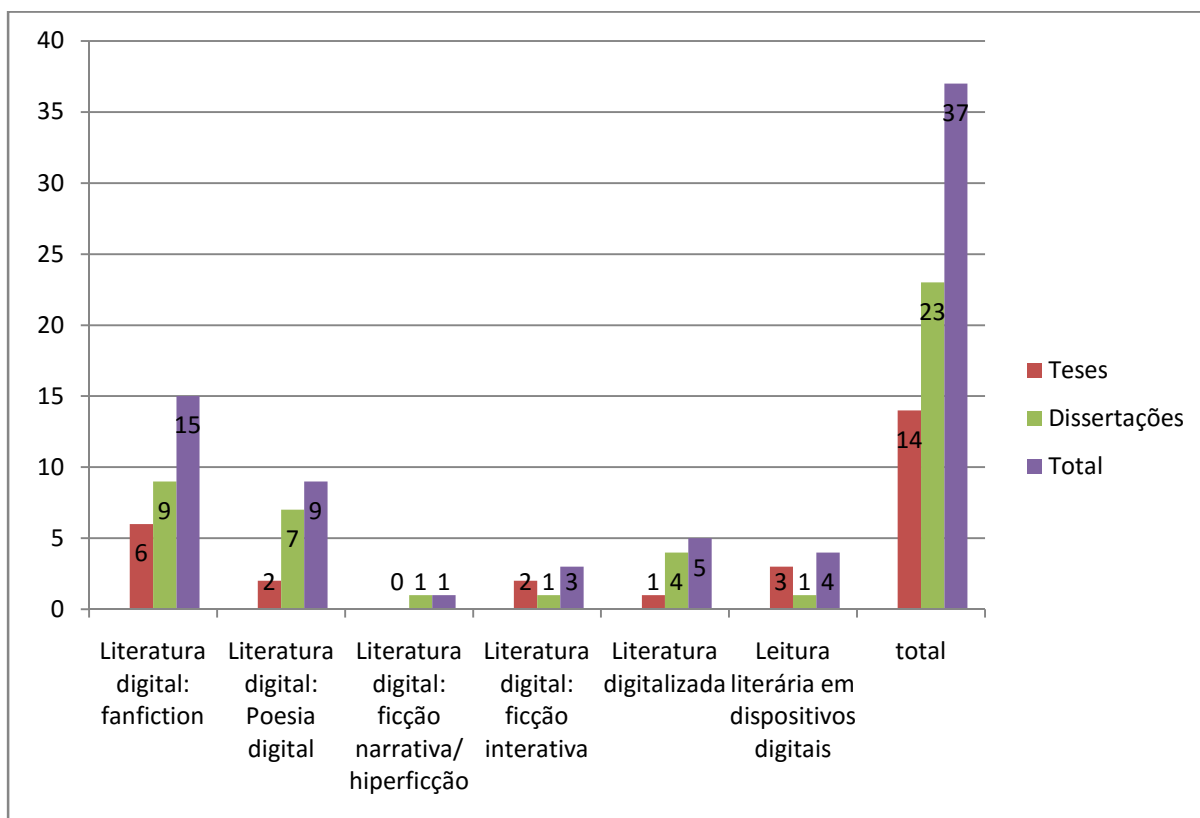
A leitura literária realizada por meio de dispositivos digitais e Internet ainda é uma temática recente. Inicialmente, porque até pouco tempo essas tecnologias de comunicação e informação não estavam disponíveis para a grande parte da população. Pela história recente, sabe-se que os computadores não eram de uso doméstico, mas apenas disponíveis para instituições governamentais, empresas e núcleos de pesquisa. Até a década de 1980, as finalidades ligadas à Internet eram as de pesquisa e as de fins militares. Se pensarmos que temos, aproximadamente, apenas vinte e cinco anos de expansão dos usos dessas tecnologias digitais, e que elas se desdobraram para fins publicitários, políticos, culturais, literários, entre outros, compreendemos o motivo pelo qual esse campo de estudo, independente da área de conhecimento, encontra-se ainda em emergência.

Por ser um campo recente de investigação, os estudos sobre leitura literária digital que são realizados por meio de trabalhos de dissertações e de teses desenvolvidos nos programas de pós-graduação no Brasil foram publicadas entre os anos de 2007 a 2014, sendo a maioria defendida a partir do ano de 2010, ou seja, temos um número significativo de trabalhos, mas esses estão concentrados nos últimos cinco anos. No total, foram localizadas trinta e sete teses e dissertações que investigam literatura digital, literatura digitalizada e leitura literária em

⁴ Poesia digital, *fanfiction*/textos colaborativos, ficção narrativa/hiperficção, ficção interativa.

dispositivos digitais, que não tinham como objeto de pesquisa um tipo de obra específica. Desses trabalhos, a maioria, 23, é de dissertações de mestrado e 14 são teses de doutorado, como se pode observar no gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Quantitativo de teses e dissertações



Fonte: Pesquisa dos autores

Ressalta-se, nos dados acima, que as pesquisas sobre literatura digital buscam investigar, em sua maioria, *fanfiction*⁵ (15), seguido da poesia digital (9), ficção interativa⁶ (3) e ficção narrativa⁷ (1). Localizamos somente quatro pesquisas que se enquadravam na categoria leitura literária em dispositivos digitais, sendo uma dissertação e três teses. Com relação à leitura de literatura digitalizada, encontramos cinco trabalhos que tinham como tema de investigação leituras literárias realizadas por meio de livros digitalizados.

Provavelmente a maior incidência de pesquisas sobre literatura digital que têm por objeto as *fanfictions* e poesia digital ocorre devido ao fato de esses tipos de

⁵ Iremos utilizar os termos *fanfiction* e *fanfic* ao longo do relatório para designar as narrativas ficcionais escritas por fãs.

⁶ A ficção interativa são obras que possuem elementos de jogos.

⁷ A ficção narrativa são obras que possuem elementos de um texto narrativo, no qual o leitor participar da construção da história por meio de *links* que levam para diferentes percursos.

obras serem mais difundidos por meio de um número maior de *sites*, como veremos na sessão 4.4, de fácil acesso na Internet do que de outros gêneros. Isso mobiliza um maior número de leitores e escritores e instiga pesquisadores a compreenderem essa nova literatura a partir de vários prismas.

Para contribuir com a fundamentação teórica da pesquisa, partimos dos estudos da história da leitura e do livro de Roger Chartier, Robert Darnton, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, a fim de analisar os reflexos das mudanças de suporte na leitura de textos literários. Para compreendermos a cultura digital e suas principais características, buscamos os estudos de Henry Jenkins, Gunther Kress e Jeff Bezemer. Luis Antônio Marcuschi, Rui Torres, Pedro Barbosa, Katherine Hayles e Alckmar Santos contribuem com o debate em torno dos conceitos de literatura digital e digitalizada e das variações dos gêneros textuais digitais; Rildo Cosson e Teresa Colomer sustentam a análise sobre a formação de leitores literários e, por fim, as reflexões sociológicas de Danilo Martuccelli e Bernard Lahire nos auxiliam a compreender as implicações das disposições individuais e dos mediadores para a realização de práticas de leitura literária digital dos leitores jovens.

A partir de uma perspectiva quantitativa e qualitativa, realizamos a coleta de dados da pesquisa, em uma primeira etapa, por meio de questionários aplicados a 342 jovens de uma escola pública e de uma particular. Seleccionamos 68 leitores jovens por estas categorias: gosto pela literatura, frequência de leitura literária, conhecimento sobre literatura digital e autodeclaração como leitores, e aplicamos a esses jovens um questionário com questões fechadas e abertas. Em seguida, seleccionamos seis leitores jovens para a etapa qualitativa, na qual acompanhamos suas práticas de leitura literária digital por meio de entrevistas semiestruturadas, ao longo de sete meses, bem como realizamos entrevistas semiestruturadas com seus colegas.

Esta pesquisa está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1, apresentamos os estudos sobre a história da cultura escrita, do livro, da leitura e de suas práticas. Buscamos dialogar com os estudos sobre a cultura literária dos jovens e os estudos da sociologia da leitura.

No capítulo 2, situamos os aspectos intrínsecos da cultura digital que repercutem nas obras e nas práticas de leitura literária digitais, bem como os gêneros lidos e a cultura literária digital que os jovens partilham, as formas de acesso às

obras, as sociabilidades, os modos de ler e ambientes de leitura decorrentes do uso de suportes digitais e modos de ver as leituras feitas em suporte digital.

No capítulo 3, resgatamos o percurso metodológico realizado durante a coleta de dados da pesquisa de campo. Por ser uma pesquisa que partiu de uma perspectiva quantitativa e qualitativa, decidimos descrever com detalhes o método por meio dos instrumentos de coletas utilizados, seus objetivos, o processo de elaboração e os limites encontrados na aplicação dos instrumentos e na análise para alcançarmos resultados fidedignos.

No capítulo 4, apresentamos o perfil dos 342 jovens a partir dos dados gerais dos respondentes ao questionário 1, o perfil dos 68 leitores jovens recortados dos dados gerais do questionário 1, bem como os dados do questionário 2 aplicado para 64 dos 68 leitores jovens. E, também, os perfis dos seis leitores jovens selecionados para a pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevista, durante sete meses. As particularidades do repertório de obras e sites lidos pelos leitores jovens se contrapõem ao mapeamento das obras e sites disponíveis no Brasil.

No capítulo 5, apresentamos os dados da pesquisa qualitativa realizada por meio das sete sessões de entrevistas com os seis leitores jovens e, também, os dados das entrevistas com os colegas dos jovens que foram realizadas, em sessão única. As categorias de análise das práticas de leitura literária dos jovens emergiram dos dados e abarcam elementos individuais e sociais.

No capítulo 6, recuperamos alguns dados que foram trabalhados no sentido de problematizar as relações que os jovens estabelecem com a leitura em suportes digitais e impressos e fundamentam a tese da pesquisa, qual seja, a de que a oscilação entre as práticas de leitura literária no suporte digital e impresso, pelo leitor jovem, dependerá do tipo de acesso à obra desejada, se por empréstimo, gratuidade pela internet e por aquisição e não pela sua preferência por um suporte ou outro.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, retomando os pontos centrais das análises dos dados para ancorarmos nossas recomendações acerca do objeto da pesquisa e fomentarmos outras discussões pertinentes ao campo de estudo.

1 Contribuições da história da cultura escrita, do livro e da leitura para a compreensão da leitura literária digital

Neste capítulo, apresentaremos estudos sobre a história da cultura escrita, do livro, da leitura e de suas práticas. Buscamos dialogar com os estudos sobre a cultura literária dos jovens e os estudos da sociologia da leitura. Outras categorias mais amplas, como o que é literário, o que é ser jovem, o que é prática de leitura, irão compor um quadro mais amplo que ajudará a problematizar esta pesquisa.

1.1 Suporte - produção, reprodução, conservação e difusão

As transformações no suporte e, conseqüentemente, na produção, reprodução, difusão e conservação dos textos apresentam, ao longo da história, mudanças, permanências e, em alguns casos, retorno a práticas de leitura literária de outros tempos. Desde a antiguidade, o uso da cera, da argila, da madeira, da pedra, do papiro, do pergaminho e do papel e, mais recentemente, os dispositivos digitais, como a tela do computador, do *tablet*, do celular, transformaram os usos, os manuseios, as formas de apropriação e de leitura dos textos.

Três milênios após a elaboração completa da escrita na Mesopotâmia, a leitura passou a contar com uma diversidade de materiais. Os manuscritos do Mar Morto revelam que a maioria da escrita em partes isoladas do Oriente Médio se dava em couros, embora ouro, prata, cobre e bronze também fossem empregados em documentos especiais. As inscrições em monumentos – tão famosos hoje, mas raras exceções na Antiguidade – eram aplicadas em pedra. A maior parte da leitura cotidiana ocorria, certamente, por meio de tabuletas de cera. Quase todas as cartas e trivialidades cotidianas eram registradas em superfícies fáceis de apagar – com bordas em relevos e capas duras protegendo o conteúdo – e lidas em voz alta. Até obras literárias completas eram feitas em formato de tabuletas de cera. Mas o soberano em matéria de superfícies foi o papiro, importado do Egito. (FICHER, 2006, p.42).

Podemos perceber que, dos textos manuscritos à invenção da imprensa no século XV, houve séculos de cultura do escrito, nos quais tanto a tecnologia da escrita quanto do suporte determinou as práticas de leitura, inclusive a literária. Segundo Chartier R.(1998):

No início da era cristã, os leitores do códex tiveram que se desligar da tradição do livro em rolo. Isso não fora fácil, sem dúvida. A transição foi igualmente difícil, em toda uma parte da Europa do século XVIII, quando foi necessário adaptar-se a uma circulação muito mais efervescente e efêmera do impresso. Esses leitores defrontavam-se com um objeto novo, que lhes permitia novos pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita ou de leituras inéditas.(CHARTIER R.,1998, p.93).

Desprender-se de um suporte de leitura para se adaptar a um novo suporte é uma tarefa às vezes difícil, principalmente para aqueles leitores que nasceram em uma sociedade que fazia uso exclusivamente do suporte anterior. Esse momento de transição geralmente é bem mais fácil para aqueles que estão imersos nas novas possibilidades de práticas de leitura escrita desde o seu nascimento, pois o novo suporte não causa estranhamento, mas sim os “velhos” suportes ou os não tão “velhos” assim. Nesse sentido, as práticas de leitura e escrita intergeracionais, pautadas por suportes diferentes, criam condições favoráveis para as trocas de usos, gestos, comportamentos, modos de ler e de acessar os materiais escritos.

Observamos, com a chegada dos dispositivos digitais, que os sujeitos contemporâneos que convivem com esse suporte se sentem completamente à vontade com o uso, o manuseio e com as práticas de leitura e escrita que ele permite. Diferentemente daqueles nascidos em um período no qual a cultura digital ainda não existia ou estava restrita aos centros de pesquisas e instituições governamentais, eles podem se sentir receosos ao se depararem com demandas por práticas de leitura e escrita digitais. Ao mesmo tempo, é o encontro dessas gerações que possibilita a continuidade e não uma ruptura entre a cultura impressa e a cultura digital. Além disso, os usos que eles farão dos suportes, separadamente ou em consonância, irão criar ou recriar uma nova cultura em torno do escrito.

É importante destacar que as modificações na materialidade do suporte, por meio do uso de novos materiais e técnicas de inscrição, possibilitaram a produção em larga escala e a disseminação do escrito. O papel e a invenção da imprensa e, mais recentemente, dos dispositivos digitais e dos códigos binários digitais (representados por 0 e 1) são exemplos disso. Haja vista o que ocorreu com o advento da imprensa e com a intensidade de oferta de textos ocorrida no século XV, parece que é nesses momentos de criação desses novos materiais e técnicas envolvidas na cultura escrita que nos deparamos com as maiores possibilidades de

um número cada vez maior de leitores terem acesso aos textos e a novas práticas de leitura e escrita. No entanto, conforme Soares (1999), não basta a produção em larga escala e a difusão de materiais escritos para termos mais leitores: é necessário, também, o aumento da escolarização e uma ampliação da cultura letrada.

Outras consequências são observadas na história da cultura escrita com o uso de novos materiais e novas técnicas de inscrição. Por exemplo, com a invenção da prensa, segundo Soares (2002,p.153), instaurou-se

a propriedade sobre a obra, propriedade que se expressa concretamente no surgimento da figura do autor, em geral difuso e não identificado anteriormente, nos livros manuscritos, e instituem, consequentemente, os direitos autorais, a criminalização da cópia e do plágio.

Nesse processo, tanto se observa o surgimento de estratégias de instituição de autoria, de direitos editoriais, entre outros, como um controle mais rigoroso dos processos de produção, reprodução e difusão. Trabalhando com dados de outros períodos históricos, Darnton (2010) define esses processos como um circuito de comunicação no qual, do escritor ao leitor, a obra passa por várias pessoas que organizam e reorganizam o conteúdo, a apresentação final da obra até a entrega ao leitor. Para Darnton (2010),

um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. (DARNTON, 2010, p.193):

Se formos pensar a ideia de circuito para os tempos contemporâneos, verificamos que há grandes diferenças no número de pessoas envolvidas, na produção e no controle do processo. Além disso, do ponto de vista da produção, a fabricação de um *e-book*, por exemplo, que intensifica o uso de elementos multimodais, de interatividade, de participação e de hipertextualidade, é bem diferente do que se faz com uma obra digitalizada, que se caracteriza por ser apenas uma transposição da obra impressa. No circuito do livro digital e digitalizado, temos obras digitais e digitalizadas que são mais controlados e se assemelham ao

circuito da obra impressa: nele temos criadores/escritores, editores, distribuidoras *on-line* e leitor, mas também ocorre que o próprio autor escreva, edite e distribua sua obra.

A reprodução das obras e de outros escritos também sofreu alterações importantes. Na cultura oral e manuscrita a reprodução dos textos causava alterações em seu conteúdo. Por mais que houvesse a preocupação de preservar ao máximo o texto original, algumas modificações ocorriam naturalmente na medida em que o texto, na cultura oral, era proferido por várias pessoas em lugares e períodos diferentes. Na cultura manuscrita, a reprodução por vários copistas dos textos originais causava, em geral, uma modificação no conteúdo dos textos. Os custos de reprodução das obras na cultura manuscrita eram altos, e o tempo necessário para produzir uma cópia de uma obra era grande. A diminuição dos custos de reprodução e, conseqüentemente, a ampliação do acesso à leitura somente foi possível quando da invenção da imprensa, no século XV. Gómez (2010) relata as mudanças de reprodução ocorridas entre a cultura manuscrita e impressa,

Debe tenerse em cuenta que, según algunas estimaciones, para copiar mil manuscritos en un año era necesario contar con unos 200 copistas trabajando a un ritmo no inferior a los dos pliegos diarios [...] gracias al nuevo invento, se habían podido obter 200 copias de un libro en cien días y contan sólo tres operários.⁸ (GOMÉZ, 2010, p. 231).

Com as mudanças no suporte e nos modos de produção e reprodução, outras demandas são instauradas em torno do escrito e sobre a conservação desses materiais. Das tabuletas de argila ao papiro, do pergaminho ao papel e até o digital, os processos de conservação são diferentes e atendem a especificidades de cada material. Livrar-se da umidade, dos insetos, das manchas e de outras formas de deterioração dos materiais escritos constituiu-se como um campo de estudo em torno das melhores técnicas para cada superfície de escrita. A ideia de conservação foi uma das finalidades para a criação das bibliotecas, que, inicialmente, tinham

⁸ É necessário levar em consideração que, segundo algumas estimativas, para copiar mil manuscritos em um ano era necessário contar com uns 200 copistas trabalhando em um ritmo não inferior a duas folhas diárias [...] graças à nova invenção, foi possível obter 200 cópias de um livro em cem dias e com somente três operários. (GOMÉZ, 2010, p. 231)

somente essa função, mas, com o tempo, acabaram também se tornando espaços de uso público para a leitura.

A possibilidade de destruição de bibliotecas e, conseqüentemente, de obras raras não copiados era um temor recorrente na cultura manuscrita, pois, pelo alto custo de reprodução, havia poucos exemplares das obras. Na cultura impressa é um pouco diferente, pois a maior facilidade na reprodução criou condições mais favoráveis de conservação e um número maior de exemplares de uma mesma obra. No entanto, as obras raras continuaram e continuam sendo foco de receios de destruição e por isso são bem protegidas em espaços especiais nas bibliotecas.

Na atualidade, com a cultura digital, outras iniciativas de preservação dos escritos da humanidade vêm sendo realizadas por várias bibliotecas no mundo, por meio da digitalização de seus acervos. Estão em andamento projetos desde os de pequenos grupos de usuários ou pesquisadores a grandes projetos de preservação dos escritos em formato digital, que não ocorrem sem polêmicas, em função do controle digital das obras por poucas instituições (Darnton, 2010). Além disso, hoje, como a produção de obras é digital, os criadores/escritores escrevem seus textos no computador e toda edição é feita com o uso de tecnologia digital, facilitando a sua reprodução e conservação. Mas, pode ocorrer durante a escrita uma queda de energia ou um problema no computador e o texto ser perdido totalmente ou em parte. Ou ainda, mesmo depois da finalização do texto, o escritor/criador precisa se preocupar como e onde conservá-lo, pois, também, pode ocorrer algum problema no arquivo e ele não conseguir acessá-lo. De outra forma, não sabemos se obras literárias digitais continuarão a ser acessadas, tendo em vista a possível efemeridade de alguns projetos que as abrigam ou de problemas técnicos.

O desafio de preservação dos escritos, na atualidade, é uma preocupação recorrente para todos os tipos de formatos de texto, tanto os digitalizados quanto os criados em formato digital. Nesse último caso, o formato de arquivos digitais e o local da guarda desses arquivos sofrem mudanças rapidamente com o avanço da tecnologia. Há pouco mais de quinze anos, utilizávamos disquetes para arquivar materiais de leitura; hoje, os acervos nesses dispositivos não são mais acessíveis nos dispositivos digitais, utilizamos *pen drives*, HDs externos e, mais recentemente, as “nuvens” de dados. Conforme Darnton (2010) aponta, precisamos

coletar e preservar o material que “nasceu digital”. *Websites* se espalham por toda a Internet. Como cresceram de qualquer jeito, como resultado de iniciativas individuais, tendem a ser resistentes a mecanismos de busca, mutuamente incompatíveis em sua estrutura de metadados, e efêmeros: desaparecem facilmente no ciberespaço. (DARNTON, 2010, p. 69).

A digitalização dos acervos vem gerando inevitavelmente um debate sobre direitos autorais, pois, a despeito do tempo previsto em lei para obras estarem em domínio público, encontramos diversas obras digitalizadas disponíveis livremente na Internet, alguns parcialmente e outros na íntegra, alguns autorizados pelos escritores e outros, não. A centralidade de informações coletadas pelo projeto Google Book Search, problematizadas por Darnton (2010), também vem suscitando questionamentos. Segundo o autor, a empresa vem criando um acervo com milhões de obras digitalizadas de várias bibliotecas de pesquisa que pagam uma taxa anual ao Google para seus usuários acessarem as obras digitalizadas. Para o autor:

O que diferencia a biblioteca do Google das outras não é a digitalização em si, que é onipresente, mas a escala do processo e sua intenção. O Google é um empreendimento comercial, cujo objetivo primário é ganhar dinheiro. Bibliotecas existem para disponibilizar livros aos leitores. [...] havíamos fornecido os livros ao Google sem custo algum. Agora estavam pedindo que pagássemos pelo acesso a eles, em forma digitalizada. E o mais importante: ficamos preocupados com o fato de o Google estar criando um monopólio, [...] um monopólio de acesso à informação. (DARNTON, 2010, p.61).

Percebemos, então, pela trajetória das transformações do suporte ao longo dos séculos, grandes e decisivas alterações na cultura escrita, desde a produção, a reprodução, a preservação até a difusão do escrito, mas, com o advento da tecnologia digital, encontramos algumas soluções e, também, desafios. Dentre eles, apontamos um que permanecemos na busca de superá-lo, independente do suporte: ampliar o acesso à leitura e à escrita de textos literários. Os suportes são tão importantes na história do escrito que, segundo Chartier R. (1997, p.7), “as obras, os discursos só existem a partir do momento em que se tornam realidades físicas, estão inscritos nas páginas de um livro, são transmitidos por uma voz que lê ou conta, são ouvidos na cena de teatro”, são lidas ou ouvidas em um *tablet*, em um celular ou em qualquer outro dispositivo digital, poderíamos acrescentar.

Os suportes, por meio de sites, blogs, aplicativos e outros modos de difusão da literatura, na atualidade, ampliaram o acesso a uma diversidade de obras literárias a despeito do temor, na história da cultura escrita, da ampla difusão de materiais escritos, tanto pela quantidade quanto pela qualidade.

La difusión de la imprenta se movía así entre la buena acogida de algunos y las posiciones más de otros. Nada comparable con los temores que despertó la circulación de las ideas por esa vía. En los setenta años que median entre Gutenberg y la publicación de las 95 tesis de Lutero, el miedo a las posibilidades abiertas por la tipografía desencadenó una violenta reacción entre los mandatarios religiosos y políticos, con el libro como centro de la polémica.⁹ (GOMÉZ, 2010,p. 231).

No âmbito desta pesquisa, temos dois fatores envolvidos no mesmo fenômeno das mudanças no modo de produção e difusão dos escritos. Ao mesmo tempo em que temos empresas/editoras investindo em formatos acessíveis apenas pela compra, temos uma espécie de contracultura que faz com que várias pessoas possam produzir literatura e criar mecanismos para sua difusão gratuita. Destacamos a importância do suporte digital como mais uma possibilidade de os jovens leitores se envolverem em práticas de leitura literária, mas os desafios postos para a leitura de obras literárias e a formação de leitores permanecem, independente do suporte.

1.2 História da leitura e das práticas de leitura

A história da leitura e das práticas de leitura é uma história dos materiais em que são inscritos os escritos, dos modos de ler, dos seus praticantes, do que liam, dos motivos pelos quais os sujeitos liam e dos locais onde se praticava a leitura, dos modos de apropriação dos materiais escritos e dos textos lidos. Essas dimensões da leitura estão relacionadas entre si, mas a materialidade, em especial, provoca mudanças nos demais elementos envolvidos na leitura. Afinal, para ler em um

⁹ A difusão da imprensa movia-se, assim, entre aboa recepção de alguns e as posições mais de outros. Nada comparável aos temores que despertou a circulação das ideias por essa via. Nos setenta anos que separavam Gutenberg e a publicação das 95 teses de Lutero, o medo das possibilidades abertas pela tipografia desencadeou uma violenta reação entre os mandatarios religiosos e políticos, com o livro como centro da polémica. (GOMÉZ, 2010,p. 231).

rolo de papiro, o leitor precisava desenrolá-lo e, dependendo do tamanho da obra, essa não era uma tarefa fácil. Provavelmente essa especificidade física do suporte limitava, para muitos leitores, a leitura e os locais nos quais se podia ler, bem como os motivos que levavam as pessoas a irem até o local em que estava disponível aquela obra que fosse do seu interesse.

Em contrapartida, para ler em um celular, o leitor precisará clicar na tela do dispositivo e acessar o *site*, rede social ou *blog* que disponibiliza a obra literária, baixá-la ou ler *on-line* livremente ou, ainda, comprá-la para ler. Ele terá acesso a uma diversidade de obras literárias digitais ou digitalizadas, de gêneros e de criadores/escritores diversos, o que provavelmente ampliará a quantidade de sujeitos envolvidos no ato de ler. Mas o uso deste dispositivo móvel dependerá do plano de dados móveis, da memória do dispositivo, da quantidade de carga de bateria disponível. Dependendo do tipo de arquivo em que a obra está disponível, se em *Portable Document Format (PDF)*, *Electronic Publication (epub)* ou *HyperText Markup Language (HTML)*, o modo de leitura também será diferente, devido às possibilidades de recursos que cada tipo de arquivo disponibiliza.

O leitor poderá ler na sua cama, andando, no ônibus, sentado, ou seja, em qualquer local, assim como no impresso. O que modifica é a possibilidade de compartilhamento da obra lida através de suas redes sociais, enviando fotos de trechos ou da capa da obra, enviando o *link*, criando uma *hashtag*, enfim, por meio de uma diversidade de possibilidades de trocas entre colegas, familiares e pessoas do círculo de amizade presencial ou não do leitor. Diferente do leitor de outros tempos, o nível de letramento de um leitor jovem que utiliza de dispositivos digitais é específico e plural.

Soares (1999a) aponta que os tipos de níveis de letramento se modificam na medida em que as demandas de leitura e escrita são ampliadas, devido à mudança de suporte, à expansão da disponibilidade de materiais de leitura, ao aumento da escolarização e a transformações das demandas sociais e culturais em torno da cultura escrita. Cabe ressaltar que o termo letramento cunhado pela autora como “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas” (Soares, 1999a, p.39) não se restringe a um contexto de circulação da escrita e de suas práticas. Embora o termo letramento remeta, inicialmente, ao verbal, há hoje a ideia de letramentos no plural e uma discussão sobre as diferentes linguagens que se

cruzam e convivem no mesmo suporte e que são bastante exploradas na literatura contemporânea, como os sons, imagens estáticas e em movimento, direção da escrita, tamanho, cor considerados recursos semióticos. Kress e Bezemer (2009) afirmam que:

El *modo* es un recurso social y culturalmente configurado para crear significado; es decir, es el producto de un trabajo semiótico-social sobre un *material* específico a lo largo de períodos significativos. Imagen, escritura, distribución de la página, habla, imagen en movimiento, gesto, son ejemplos de modos, todos ellos utilizados en textos¹⁰. (KRESS y BEZEMER, 2009, p.67).

A multimodalidade é entendida como o uso desses variados modos de representação que se articulam para a construção do sentido do texto e demandam novas práticas de escrita e de leitura, ou seja, há uma reconfiguração do conceito de letramento. Kress (2003) insere o letramento no campo da multimodalidade ao definir que “La creación del texto es un acto semiótico en el cual el significado es relevante en todos los aspectos, debido a que es también um acto social con consecuencias sociales”.¹¹(KRESS, 2003, p.69). Para o autor, a escrita pode ser considerada como uma prática multimodal, pois, ao escrever, definimos o tamanho da letra, o tipo de letra, o espaço que ela irá ocupar no suporte de escrita e sua direção, bem como a leitura demanda ao leitor que considere os elementos semióticos do texto para atribuir sentido.

Equally, in reading, we need now to gather meaning from all the modes which are co-present in a text, and new principles of reading will be at work. Making meaning in writing and making meaning in reading both have to be newly thought about. Here I will outline some elements of such a theory of literacy; it cannot be complete, but it may provide some useful tools. This theory, as I said, cannot be a linguistic theory. The modes which occur, together with the language-modes of speech and writing, on pages or screens, are constituted on different principles to those of language; their materiality is different; and the work that cultures have done with them has differed also. The theoretical change is from linguistics to semiotics - from a theory that accounted for language alone to a theory that can account equally

¹⁰ O *modo* é um recurso social e culturalmente configurado para criar significado; ou seja, é o produto de um trabalho semiótico-social sobre um *material* específico no decorrer de períodos significativos. Imagem, escrita, distribuição da página, fala, imagem em movimento, gesto, são exemplos de *modos*, todos eles utilizados em textos. (KRESS e BEZEMER, 2009, p.67)

¹¹ A criação do texto é um ato semiótico no qual o significado é relevante em todos os aspectos, tendo em vista que é também um ato social com consequências sociais.¹¹ (KRESS, 2003, p.69)

well for gesture, speech, image, writing, 3D objects, colour, music and no doubt others. Within that theory, the language-modes - speech and writing - will also have to be dealt with semiotically[...]¹² (KREES, 2003, p. 27).

Quando utilizamos o conceito de multimodalidade, é necessário ampliar a aceção de texto utilizada antes do advento da cultura digital, na qual considerava apenas a linguagem escrita. Kress (2003, p.28) argumenta que, com a cultura digital, “it is absolutely essential now to consider the sites and media of the appearance of text, above all the page and the screen.”¹³ Nessa perspectiva, o conceito de letramento deve ser compreendido como o uso social da leitura e da escrita de textos que utilizam da linguagem verbal, mas também de outros recursos semióticos, como a imagem estática e em movimento, sons, cores, tamanhos, fontes diferenciadas.

Jewitt (2005, p.330) problematiza as concepções de letramento que têm a escrita como centro, pois, para o autor, “the multimodal character of new technologies produces a tension for traditional conceptions of literacy that maintain written language at their centre¹⁴”. O autor acrescenta a necessidade de relacionar o letramento demandado fora da escola com o exigido dentro dela, que se baseia, essencialmente, na linguística. Para Jewitt (2005):

I want to suggest that the multimodal character and facilities of new technology require that traditional (print-based) concepts of literacy be reshaped. What it means to be literate in the digital era of the 21st century is different than what was needed previously (Gardener, 2000). If school literacy is to be relevant to the demands of the multimodal environment of the larger world it must move away from the reduction of literacy to “a static series of technical skills” or risk

¹² Da mesma maneira, na leitura, é preciso agora que acumulemos os significados dos vários modos que estão copresentes em um texto, e novos princípios de leitura serão colocados em uso. A produção de sentido tanto na escrita quanto na leitura tem de ser repensada. Aqui eu irei esboçar alguns elementos de tal teoria do letramento. Ela não pode ser completa, mas proverá ferramentas úteis. Esta teoria, como eu disse, não pode ser uma teoria linguística. Os modos presentes, junto aos modos da fala e da escrita, em páginas ou telas, são constituídos de princípios diferentes aos da linguagem; a sua materialidade é distinta; e o trabalho exercido sobre eles pelas culturas também não foi o mesmo. A mudança teórica é a partir da linguística em direção à semiótica – de uma teoria que abarcava somente a linguagem para uma teoria que é capaz de tratar igualmente bem o gestual, a fala, a imagem, a escrita, objetos em três dimensões, cor, música e sem dúvida também outros. Dentro desta teoria, os modos da linguagem – fala e escrita – também terão de ser tratados sob o escopo da semiótica. (KREES, 2003, p. 27).

¹³ É absolutamente essencial saber considerar os *sites* e o formato de mídia através dos quais um texto toma forma, acima de tudo a página e a tela. Kress (2003, p. 28)

¹⁴ O caráter multimodal das novas tecnologias produz uma tensão entre concepções tradicionais de letramento que sustentam a linguagem escrita no eixo central. Jewitt (2005, p.330)

“fostering a population of functional illiterates” (McClay, 2002). In short, school literacy needs to be expanded to reflect the semiotic systems that young people use (Unsworth, 2001; Jewitt, 2005)¹⁵. (JEWITT, 2005, p.330).

Evidencia-se, então, uma concepção das práticas de leitura e de escrita permeadas pelos aspectos sociais, culturais e semióticos. Desse modo, Chartier R. (2011, p.77) destaca que, para compreensão e análise da história das práticas de leitura e escrita, é importante o conhecimento “dos usos, dos manuseios, das formas de apropriação dos materiais impressos” e, também, digitais em determinados períodos históricos, em grupos ou populações específicas. O autor ainda afirma que:

as modalidades de apropriação dos materiais culturais são, sem dúvida, tão ou mais distintas do que a inegável distribuição social desses próprios materiais. A constituição de uma escala de diferenciações socioculturais exige, portanto, paralelamente às sinalizações das frequências de tais ou tais objetos em tais ou tais meios, sejam encontradas, em seus desvios, as práticas de sua utilização e consumo. (CHARTIER R., 2011, p. 78).

Assim, embora tenhamos hipóteses sobre como pode ser feita a leitura, é a pesquisa sobre como se pratica a leitura literária em grupos ou sujeitos que nos ajudará a compreender o tipo de consumo predominante. O conceito de prática de leitura evidenciado por Chartier R. (2011) parte de uma perspectiva cultural, assim como no conceito de práticas de letramento de Street (2012, p.77), que o define a partir de uma “concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e a escrita e de realizá-las em contextos culturais”. Ambos partem de uma perspectiva sociológica e antropológica para definir as particularidades dos hábitos e costumes que motivam os sujeitos sociais a utilizar a leitura e a escrita. Segundo Street (2012):

¹⁵ Eu quero sugerir que o caráter multimodal bem como o funcionamento das novas tecnologias requer que conceitos tradicionais de letramento (baseados em literatura impressa) sejam reformulados. Ser letrado na era digital do século XXI se traduz em necessidades diferentes daquelas de tempos anteriores. (Gardener, 2000). Se o letramento escolar quiser ser relevante frente às demandas de um ambiente multimodal em um universo mais abrangente ela precisa evitar reduzir o letramento à uma “série estática de competências técnicas” ou arriscar “estimular uma população de analfabetos funcionais” (McClay, 2002). Em resumo, o letramento escolar necessita de uma expansão que reflita os sistemas semióticos que os jovens utilizam. (JEWITT, 2005, p.330)

o conceito de práticas de letramento é realmente uma tentativa de lidar com os eventos e com os padrões de atividades de letramento, mas para ligá-las a alguma coisa mais ampla de natureza cultural e social. (STREET, 2012, p.78):

Para o autor, o conceito de eventos de letramento é importante “porque capacita pesquisadores, e também praticantes, a focalizar uma situação particular onde as coisas estão acontecendo e pode-se vê-las enquanto acontecem” (STREET, 2012, p. 75). Ou seja, conhecer os modos de ler, no ato da leitura, permite aos pesquisadores desenhar os eventos de letramento. Mas, para compreendermos as práticas de letramento, é necessário, também, “[...] conversar com as pessoas, ouvi-las e ligar as experiências imediatas de leitura e escrita [dos leitores] a outras coisas que elas também façam.” (STREET, 2012, p. 78).

As práticas de leitura e de letramento e seus eventos estão relacionados aos materiais escritos disponíveis em cada sociedade e em determinado período para o leitor realizar suas leituras.

Até o século V a.C., a leitura permaneceu essencialmente passiva. Abrangia na maior parte contas, registros de contas, embarques de mercadorias, conhecimentos de carga e documentos jurídicos e apenas uma quantidade muito limitada de textos literários. (FISCHER, 2006, p.59).

Os escritos tinham a função voltada mais para registros administrativos. Por esse motivo, mas também pelo tipo de suporte disponível para a escrita e pela grande maioria das pessoas não saber ler e escrever, as obras literárias eram poucas vezes transformadas em escrita, mas recitadas oralmente em locais públicos por servos, escravos e contadores de história. Nesse sentido, a memorização dessas obras era fundamental para a difusão da literatura. Com a ampliação do número de alfabetizados e a modificação nos suportes de inscrição dos textos, cresce o número de leitores literários. “Com a repentina proliferação da escrita, gregos e romanos de diversas posições e classes passaram a ler em voz alta rolos de papiro (e tabuletas de cera) fáceis de manusear” (FISCHER, 2006, p.41).

A inauguração de um novo suporte provoca nos leitores novas relações com o escrito na medida em que o “velho” e o “novo” suporte permanecem juntos ou são totalmente substituídos nas práticas sociais de leitura. Com a invenção da imprensa, os textos passaram a ser organizados de modo a terem títulos, subtítulos, rodapé,

hierarquias gráficas e outras disposições que sugeriam o nível ou tipo de leitura passível a ser feita pelo leitor, pois, conforme Gómez (2010):

A diferencia del *volumen* o libro en rollo, el codex, cuya definitiva confirmación como práctica de cultura escrita se había producido en los siglos III y IV, podía ser fácilmente indizado y daba lugar a una lectura más personal. Había nacido el libro como instrumento de trabajo intelectual.¹⁶ (GOMÉZ, 2010, p. 219).

A leitura privada, solitária, induz a uma prática de leitura silenciosa. A despeito da invenção da imprensa, a leitura em voz alta foi praticada durante séculos nos espaços públicos e privados, mesmo porque a “leitura era uma atividade oral, frequentemente coletiva, e não a atividade privada, silenciosa, que nós conhecemos hoje.” (GRAFF, 1990, p.43). Para Gómez (2010), a mudança de ler em voz alta para a leitura silenciosa pode ser considerada uma revolução na história da leitura. Esse modo de ler

no es una invención medieval, pero si fue entonces cuando adquirió un carácter más habitual y sistemático. A pesar de que se puedan anotar algunos casos de lectura silenciosa en la Grecia clásica o de que el mismo san Agustín asegúrase haber visto a san Ambrosio<< ler em silêncio y jamás de outro modo>>, antes de los siglos presididos por la recitación oral y la lectura pública de los escritos¹⁷. (GOMÉZ, 2010, p. 217).

Os modos de ler relacionados a uma leitura contínua e descontínua, densa e superficial, intensiva e extensiva, individual ou coletiva, em voz alta ou em silêncio, como observamos, serão em grande medida definidos pelo suporte, como reitera Frago (2002):

La lectura en voz alta era todavía, a finales del siglo XIX y en los primeros años del XX, la lectura por excelencia. Esas [...] eran, además, lecturas intensivas. [...] Los textos – prensa, libros – eran releídos, memorizados y repetidos. [...] con la prensa informativa o

¹⁶ Ao contrário do *volume* ou livro em rolo, o códex, cuja confirmação definitiva como prática de cultura escrita aconteceu nos séculos III e IV, podia ser facilmente indexado e propiciava uma leitura mais pessoal. Havia nascido o livro como instrumento de trabalho intelectual. (GOMÉZ, 2010, p. 219)

¹⁷ não é uma invenção medieval, mas foi neste período que adquiriu um caráter mais habitual e sistemático. No entanto, observam-se alguns casos de leitura silenciosa na Grécia Clássica e também o próprio Santo Agostinho assegura ter visto Santo Ambrósio “ler em silêncio e jamais de outro modo” antes dos séculos regidos pela recitação oral e a leitura pública dos escritos. (GOMÉZ, 2010, p. 217).

burguesa [...] significó la coorrelativa difusión de un modo de leer, extensivo. La prensa puramente informativa era flor de un día que requería, y propiciaba, una lectura superficial y extensiva, errática, sin un orden previamente determinado, en la que el lector picoteaba a su antojo, a veces con una simple ojeada a los titulares, en un texto tipográficamente compuesto y fragmentado para ser leído de ese modo¹⁸. (FRAGO, 2002, p. 325).

Mas, considerando vários desses estudos feitos para outros períodos e para outros tipos de mutações no mundo da escrita, e aplicando-os ao objeto desta tese, ressalta-se a necessidade de não compreendermos as modificações apenas como uma ruptura entre as culturas oral, manuscrita, impressa e digital, mas analisar as continuidades e não somente as contradições existentes na passagem de um suporte para outro. Segundo Graff (1990):

mesmo com a introdução do alfabetismo, o mundo antigo permaneceu um mundo oral, tanto nas esquinas das ruas e nos locais de mercado quanto em assembleias, teatros, casas de campo ou reuniões intelectuais. A palavra falada era mais comum e poderosa. Essa tradição continuou desde a época clássica, atravessando o milhar de anos da Idade Média e indo além; ela não está morta hoje e pode até mesmo ter sido reforçada pelo impacto dos meios eletrônicos mais novos. (GRAFF, 1990, p.43):

Conforme o autor destaca sobre as permanências na história da cultura escrita, a cultura oral não se enfraqueceu com o advento do papiro, da prensa e nem mesmo com a cultura digital. Ao contrário, percebemos um fortalecimento da oralidade nas práticas de leitura e escrita digitais. A exemplo, verificamos a utilização da pronúncia da palavra para definir a grafia da escrita. Por exemplo, o “não” escrito alfabeticamente e o “naum” escrito no “Internetês”, ou, de forma mais ampla, a possibilidade de gravar arquivos em áudio em lugar de escrever ou compor o áudio com escritos e imagens. Graff(1990) ressalta que:

O alfabetismo, na forma do alfabeto Ocidental, foi primeiro moldado por uma cultura oral poderosa. Similar e analogamente, a escrita e a

¹⁸ A leitura em voz alta ainda era, no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, a leitura por excelência. Essas [...] eram, além disso, leituras intensivas. [...] Os textos – imprensa, livros – eram relidos, memorizados e repetidos. [...] a imprensa informativa ou burguesa [...] significou a correlativa difusão de um modo de ler, extensivo. A imprensa puramente informativa era flor de um dia que requeria e propiciava uma leitura superficial e extensiva, errática, sem ordem previamente determinada, na qual o leitor escolhia o que mais lhe interessasse, às vezes com uma simples olhada nos títulos, em um texto tipograficamente composto e fragmentado para ser lido deste modo. (FRAGO, 2002, p. 325).

literatura escrita foram também assim condicionadas, exatamente como a imprensa o foi pelas tradições tanto das culturas orais quanto das manuscritas. Por outro lado, não se pode ignorar que a leitura, a escrita e a imprensa tiveram seus efeitos sobre modos, meios e processos culturais tradicionais e orais. Buscar as interações e avaliar a natureza e efeito dos padrões resultantes é a tarefa do estudioso da cultura e da sociedade. (GRAFF, 1990, p.43).

O mesmo autor anuncia a crise da escrita que se anuncia com outras formas de letramento que foram e vão se instituindo junto ou paralelamente a ela. Esta pesquisa buscou compreender como os leitores jovens lidam com todas essas dimensões ao ler obras literárias digitais e digitalizadas, haja vista que as práticas de leitura literária digitais demandam usos, gestos, comportamentos e modos de apropriação diferentes das práticas de leitura literária em outros suportes, no entanto, observamos uma inter-relação entre as práticas de leitura literária em suporte digital e impresso.

1.3 Leitura

O conceito de leitura sofreu modificações ao longo da história da cultura escrita, pois, em cada lugar e em cada época, o ato de ler difere-se na medida em que mudanças de suporte, disponibilidade de materiais escritos e demandas sociais de leitura e escrita são transformadas. Segundo Fischer (2006, p.11), inicialmente a leitura “consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão do seu significado”; na atualidade, a leitura é, como se sabe, “a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”, e o leitor “emprega os símbolos para orientar a recuperação de informações de sua memória e, em seguida, cria, com essas informações, uma interpretação plausível da mensagem do escrito”(FISCHER, 2006, p 11).

Nessa acepção, ler não é apenas transformar letras em sons e entender o que está escrito, mas dar significado ao que está sendo lido por meio do próprio texto e, em especial, pelas experiências de vida e de leitura do leitor. Ressalta-se que o significado dado ao texto lido, segundo o autor, tem que ser “plausível”, ou seja, o leitor deverá construir o sentido do texto dentro das possibilidades que o escritor confere ao texto; ultrapassar esses limites não seria aceitável.

Cosson (2011) organiza as teorias sobre o conceito de leitura em três grupos: as teorias ascendentes, em que o texto é o meio para compreender o sentido; as teorias descendentes, que partem do leitor como eixo principal para o processo de construção do sentido do texto; e as conciliatórias, que, como o próprio nome remete, compreendem a leitura como uma interação entre leitor e texto na busca do resultado final do ato de ler, que é a produção do sentido do texto lido. As três teorias compreendem a leitura com dimensões cognitivas e sociais, e o autor a define como um ato que põe em sequência os movimentos dessas três teorias. Para Cosson, o ato de ler demanda do leitor, em primeiro lugar, iniciar com a antecipação do texto, que se relaciona aos objetivos do leitor e ao suporte; em seguida, decifrar as letras e as palavras do texto; e, por fim, cabe ao leitor interpretar o texto por meio de seus conhecimentos de mundo.

Do ponto de vista da leitura literária, não podemos deixar de considerar que o objetivo de leitura do leitor, ou conforme Cosson (2009), os motivos pelos quais o leitor escolhe a obra literária não são aleatórios. O autor aponta três objetivos de leitura ou “modos de leitura” que, para ele, se referem tanto para a função quanto para os procedimentos de leitura. Ler para distrair ou para entreter é o primeiro modo de leitura “que tem como mecanismo básico descobrir o que diz o texto sobre o mundo que encena” (COSSON, 2009, p.38). Isso implica não uma leitura superficial, mas uma leitura que busca a imersão no texto lido e as sensações que ele provoca no leitor, e não se atém à linguagem e à autoria. O autor aponta que as obras selecionadas para esse modo de leitura são, em geral, a literatura popular ou a de massa, como os *bestsellers*, a despeito de qualquer tipo de obra poder ser lida para distrair ou entreter.

Os dois outros modos de leitura indicados por Cosson (2009) - estético e cultural e de construção de sentido - demandam do leitor uma competência leitora mais apurada, um maior conhecimento do campo literário. Elementos como: estratégias de leitura, análise do texto por meio de teorias, formação de repertório de leituras são algumas das premissas para esses modos de leitura.

O segundo se fixa na investigação das estratégias de elaboração e recepção do texto em uma perspectiva estética, histórica ou cultural. O terceiro é a ação do leitor como produtor de sentidos capaz de estabelecer relações contextuais e intertextuais com seu material de leitura. (COSSON, 2009, p.36).

O gênero textual também será fundamental para definir como será lido o texto; a exemplo, o protocolo de leitura de um romance, em geral, é diferente do de um jornal. Este permite uma leitura descontínua, diferente da de um texto narrativo, que geralmente, para o melhor entendimento, demanda do leitor uma leitura contínua. Na leitura de obras literárias, vários são os apelos textuais que o autor poderá construir para que o leitor subverta as “ordens” de leitura. A exemplo, podemos verificar uma subversão da leitura realizada por um leitor jovem tanto em um romance impresso quanto em um hiper-romance – neste, o leitor poderá escolher o caminho a seguir na construção da narrativa – que é elaborado com uma intenção de uma leitura menos linear.

Para Jouve (2002, p. 17), a leitura é “uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções”. Na tentativa de detalhar o processo, o autor define cinco dimensões no processo de ler. A primeira dimensão, a neurofisiológica, é considerada “uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos”. O leitor faz a decodificação das palavras não linearmente, mas por blocos e, às vezes, pula e confunde os signos. A segunda dimensão definida pelo autor é a cognitiva, na qual o leitor busca “a conversão das palavras e grupos das palavras em elementos de significação, [o que] supõe um importante esforço de abstração” (JOUVE, 2002, p.18). Dependendo do gênero textual e da maior ou menor complexidade do texto, esse esforço pode promover a progressão da leitura e a sua compressão ou, para buscar melhor compreensão, o leitor irá realizar a leitura mais lentamente, comprometendo a progressão.

A dimensão afetiva da leitura se relaciona, segundo Jouve (2002, p.19), ao “charme da leitura, [que] provém em grande parte das emoções que ela suscita”. Para o autor, os sentimentos de prazer, simpatia, raiva, tristeza, entre outros, são o motor para o interesse dos leitores por obras ficcionais. Provavelmente o interesse dos leitores em determinado gênero literário deve-se, em grande parte, ao tipo de emoção que neles ele desperta e na preferência de sensações, uma vez que romances e terror mobilizam sentimentos diferentes. A dimensão argumentativa se refere ao fato de que, em “qualquer tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida” (JOUVE, 2002, p.21). Nesse sentido, o escritor/criador da obra buscará envolver o leitor de modo a convencê-lo de alguma ideia sobre a

narrativa ou sobre a poesia ou tentar criar confusões em torno das concepções ou trajetórias dos personagens apresentadas no texto.

Por fim, o autor aponta a dimensão simbólica da leitura, na qual a construção de significado “vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui” (JOUVE, 2002, p.22). Os vários leitores de uma mesma obra, imersos em culturas diferentes, irão construir sentidos diferentes para o texto, devido às suas experiências. A dimensão cognitiva e simbólica de leitura de Jouve (2002) se relaciona ao conceito de leitor competente de Colomer (2007, p. 31). Para a autora, esse leitor é “aquele que sabe ‘construir um sentido’ nas obras lidas. E, para fazê-lo, deve desenvolver uma competência específica e possuir alguns conhecimentos determinados que tornem possível sua interpretação no seio de uma cultura”. Nesse sentido, leitura e competência leitora se relacionam, ou seja, o leitor somente conseguirá realizar a leitura caso tenha as habilidades necessárias para atender as demandas do ato de ler determinados textos em determinados suportes, a partir do aparato cultural que o envolve enquanto sujeito cultural.

Percebemos que as teorias mais recentes sobre o conceito de leitura remetem a uma acepção que compreende a decodificação do texto em relação à construção do sentido que se efetiva por meio do próprio texto, do suporte no qual está inscrito, do leitor e seus objetivos de leitura e da cultura na qual esse leitor está imerso. E é nessa acepção que iremos nos ancorar para compreendermos as práticas de leitura literária digital dos leitores jovens.

Para compreender e problematizar se as formas de leitura no suporte digital supõem operações inéditas ou continuidades, é importante relacioná-las ao suporte. Para a leitura em suporte digital, encontramos textos ou “cibertextos”, termo utilizado por Torres (2004a), ao indicar três tipos de formatos de textos em meio digital – hipertexto, textos animados, textos gerados por computador. O autor exclui os textos digitalizados, por serem apenas uma remediação dos textos encontrados no suporte impresso, ou seja, sem *links* e que não se conectam a outros textos, como o hipertexto.

O hipertexto é o mais permanente (as obras completas de autores que começam a aparecer em CD-ROM obedecem a este modo de estruturar a informação, e os arquivos das bibliotecas passam a estar disponíveis à distância, facilitando e fomentando, dessa forma, a investigação) e o mais visível (ele é o rosto e o prefixo da Word Wide Web, o hypertext transferprotocol – <http://>). Por isso mesmo também,

o hipertexto é a mais conhecida das modalidades de cibertexto. (TORRES, 2004a, p. 4).

A hipertextualidade também é encontrada no suporte impresso nas notas de rodapé, nos índices, nos dicionários, nas enciclopédias existentes muito antes do hipertexto digital. O segundo tipo de cibertexto definido por Torres (2004a) são os textos animados que possuem movimentos e interatividade. São elaborados com programas de animação e demandam do leitor ações - clicar em alguns links, capturar o movimento do leitor – falar uma palavra – para que a leitura se realize. Por fim, os textos gerados por computador que criam, aleatoriamente, obras diferentes a cada leitura por meio de “[...] programas de computador (em DOS, C, UNIX, etc) que usam algoritmos para levar o computador a combinar palavras e dessa forma criar múltiplas possibilidades de execução e significação” (TORRES, 2004a, p.9), não permitindo uma interação do leitor, que, neste caso, segundo o autor, se torna mais passivo na leitura.

Estes tipos de textos em meio digital provocam questionamentos quanto a possíveis modificações na leitura em relação aos textos impressos ou digitalizados. Quanto aos hipertextos, Coscarelli (2002, 2005, 2012) aponta a existência de controvérsias em relação à leitura hipertextual desenvolvida no suporte digital e aquela que se faz no suporte impresso indicando os aspectos em torno da linearidade do texto e da leitura, da interferência ou coautoría do leitor no texto, da leitura ativa e passiva e da perda de foco na leitura. Para a autora, nenhum texto e nenhuma leitura são lineares,

Uma vez que a natureza dos textos e dos trabalhos cognitivos de modo geral, e neste caso, em especial a leitura, não costuma ser linear nem sequencial, não há razões para se esperar que o hipertexto digital demande um processamento diferente daquele requerido na leitura de textos impressos ou “lineares”. Defendemos, portanto, que todo o texto é um hipertexto e toda leitura é um processo hipertextual. (COSCARELLI, 2012, p.150).

Não é porque não existem *links* que conectam um texto a outros textos ou porque as palavras, frases e parágrafos estão um seguido do outro que o texto impresso se torna linear. As divisões em capítulos e os recursos semióticos de escrita do texto, como o uso de fontes maiores ou negritadas, são exemplos de relevância de uma parte em relação a outra no texto impresso, indicando

possibilidades de leitura diferenciadas e, por conseguinte, não necessariamente sequenciais. A autora acredita que as diferenças de leitura podem existir “devido à habilidade de navegação” dos leitores. (Coscarelli, 2012, p. 151).

Quanto à interferência do leitor no texto durante a leitura, a autora aponta semelhanças entre o hipertexto e o texto impresso. Para Coscarelli (2002, 2012), existe uma limitação tanto da interferência quanto da navegação do leitor, pois o criador da obra define a priori onde e quando o leitor pode intervir, escrever ou modificar a obra, não sendo totalmente livre a participação do leitor “como um verdadeiro coautor”. Para Torres (2004, p.6), o hipertexto “permite ao leitor tornar-se autor, ou pelo menos coautor, na medida em que é ele quem pede e requisita a informação, tendo por isso um papel activo na sua seleção e transformação”. A ideia de coautoria no hipertexto como uma construção conjunta do texto é restrita, no entanto, verificamos uma autoria de fato e mais igualitária em fanfiction e textos de *Rolling Play Games – RPG*.

Para Coscarelli (2012), o envolvimento do leitor no ato da leitura não é diferente no hipertexto digital, pois realizar uma leitura ativa ou passiva não depende do formato do texto, mas sim da postura do leitor frente à leitura. Por fim, quanto à perda de foco do leitor, nos dois formatos de texto, para a autora não existem diferenças, pois “sem objetivos, sem um propósito, sem desejos, ficamos perdidos tanto numa biblioteca quanto na Internet”. (Coscarelli, 2012, 157).

As leituras de cibertextos demandam níveis diferentes de interferência ou coautoria, de interação, de posturas mais ativas e menos ativas dos leitores. Esses aspectos irão se modificar dependendo do tipo de cibertexto, mas também da criação da obra. A complexidade em torno das criações e dos formatos de textos em meio digital não nos permite restringir as possibilidades de leitura que o leitor poderá realizar neste novo suporte.

1.4 Aproximações em torno da literatura

Conhecer a literatura a partir da procedência e da trajetória histórica desse campo de estudo demanda considerar a variação conceitual do que seja literário ou não, desde sua origem até os dias atuais. Entendendo a literatura como uma arte da linguagem, Jouve (2012, p.15), ao discorrer sobre a tentativa de conceituar a arte,

que, para o autor, não seria desejável, aponta a que o ideal seria conhecer “[...] o que se entendeu, na origem, com a palavra “arte”, como e por que o sentido da palavra tem evoluído e de que sentido (ou sentidos) ela se reveste para nós hoje em dia.

O termo literatura, numa acepção mais geral, pode ser considerado como qualquer obra escrita. Isso implica definir tanto literatura como sendo uma arte literária, com características literárias específicas, quanto obras escritas de uma determinada área de conhecimento. Daí, utilizam-se as expressões literatura médica, literatura musical, entre outras. Segundo Jouve (2012), no século XV, a literatura era compreendida como a “cultura do letrado”, ou seja, era possuir conhecimento oriundo de leituras. Em meados do século XVIII, que se começa a compreendê-la como uma arte da linguagem, a despeito de se denominar a poesia como uma arte visual bem antes desse período. Mas também cabia nesse período a designação de literatura para qualquer obra intelectual. Somente no século XIX que o termo “[...] adquire seu sentido moderno de ‘uso estético da linguagem escrita’”. (JOUVE, 2012, p.31).

As diferentes correntes dos estudos literários, como o formalismo, o estruturalismo, a teoria da recepção, buscaram definir literatura a partir da variedade de facetas existentes no objeto literário. As especificidades elencadas nessas correntes como sendo importantes para definir o que seria ou não literatura desconsiderava outros elementos que também poderiam abarcar a complexidade do literário. Bakhtin (2003, p. 362) salienta que “[...] a literatura é um fenômeno complexo e polifacético demais, e os estudos literários ainda são excessivamente jovens para que se possa falar de um ‘método salvador único’ nos estudos literários. Os diferentes enfoques se justificam e até são absolutamente necessários [...]”. Nesse sentido, quando cada corrente literária faz emergir uma das facetas do fenômeno literário, é o conjunto dessas contribuições, e não uma teoria específica, que irá proporcionar um melhor entendimento do que seja este fenômeno.

Para Coelho (1997, p.24), a “literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo.” A despeito da dificuldade em conceituá-la, pois a cada época e em cada sociedade se modifica o entendimento da acepção dada ao termo, buscaremos compreendê-la, aproximando-nos da sua origem e da história da literatura, ou seja,

como provavelmente surge o fenômeno literário e como foi a evolução desse fenômeno, considerando, nesse caso, as dimensões sociais e históricas para que possamos compreender as manifestações artísticas literárias contemporâneas permeadas pelo suporte digital.

Adotar a perspectiva não somente da origem, mas especialmente da história da literatura possibilita-nos compreender a literatura por meio da história cultural que abarca a variabilidade das manifestações literárias em cada época e em cada sociedade. Para Bakhtin (2003, p.362), “se não se pode estudar a literatura isolada de toda a cultura de uma época, é ainda mais nocivo fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada atualidade”. Para compreendermos as práticas literárias digitais, é necessário analisá-las por meio dos fenômenos literários contemporâneos e também pelos fenômenos literários de épocas anteriores. Daí a importância de conhecer e compreender aspectos históricos que envolvem a literatura e sua construção social.

Provavelmente a necessidade de narrar histórias ficcionais nos fascina desde os tempos mais remotos da história da humanidade. E essas histórias foram sendo difundidas, oralmente, por milênios: “[...] levadas de uma terra para outra, de um povo a outro, por sobre distâncias incríveis, que os homens venciam em montarias, navegações ou a pé, a invenção literária de uns e de outros vai sendo comunicada, divulgada, fundida, alterada [...]” (COELHO, 1991, p. 33). Desde nossos ancestrais, a literatura já fazia parte da sociabilidade dos povos, que se reuniam em espaços privados ou públicos, entre familiares, amigos, ou em grandes grupos de pessoas que buscavam um momento de descontração para ouvir histórias. Para Coelho (1991):

o poder de resistência dessa coisa, aparentemente tão frágil e precária, que é a palavra (literária ou não), prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua que poderia ter significado para todos. (COELHO, 1991, p. 13)

Contos maravilhosos, folclóricos, jocosos, histórias mágicas, lendas, fábulas e contos de fadas são alguns tipos de obras ficcionais presentes na história da literatura, mas também a poesia, datada de milênios a.C., e que provavelmente pode

ser considerada como um dos primeiros usos estéticos da palavra voltado para a memorização de obras.

Com conteúdos históricos, folclóricos, religiosos, moralizantes, violentos, de cavaleiros, de amor, entre outros, as obras literárias eram contadas para adultos, às vezes em meio a crianças e jovens. Por não ser considerado socialmente, não existia uma literatura endereçada ao público jovem. A literatura infantil surge, ainda tímida, no século XVIII, e é somente no século XIX que uma literatura para jovens começa a surgir de forma mais direcionada. “A partir do século XIX, a literatura para jovens, ainda misturando-se à infantil, começou a ser sistematizada na Europa” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 28), o que a caracteriza como um fenômeno literário recente.

O fenômeno da literatura infantil antecede, então, o da literatura juvenil, provavelmente pelo fato de, social e historicamente, a diferenciação do conceito de criança e de adulto, no sentido psicológico, comportamental, de demandas sociais e emocionais, preceder a diferenciação do que seria a fase intermediária entre essas duas fases, ou seja, o que significava ser jovem. Sabemos que os objetos culturais são socialmente construídos, e as manifestações literárias, como um desses objetos, só poderiam ser elaboradas com endereçamentos diferenciados por faixa etária, caso a sociedade vislumbrasse diferenças entre os sujeitos com idades diferentes. Ou seja, a construção social da ideia de jovem ou de criança depende de condições sociais específicas para a sua produção.

A despeito da tentativa de categorizar a obra literária a partir do endereçamento, vemos um debate sobre a não adjetivação da literatura.

A tendência a considerar a literatura infantil e/ou juvenil basicamente pelo que tem de infantil ou de juvenil é um perigo, uma vez que parte de ideias preconcebidas sobre o que é uma criança e um jovem e contribui para formar um gueto de autores reconhecidos, às vezes até mesmo consagrados que não tem valor suficiente para serem lidos por leitores tão somente. Se a obra de um escritor não coincide com a imagem do infantil ou do juvenil do mercado, das editoras, dos meios audiovisuais, da escola ou de quem quer que seja, deduz-se (imediatamente) dessa divergência a inutilidade do escritor para que possa ser oferecido a esse campo de potenciais leitores. (ANDRUETTO, 2012, p. 61).

Nesse sentido, pensar que o escritor, ao escrever uma obra, define quem serão seus possíveis leitores seria restringir o potencial de possíveis leitores daquele texto

literário. Ao mesmo tempo, pensar que o escritor, ao escrever, não tem um leitor modelo a partir do qual define a melhor linguagem a ser utilizada também seria ilusório. Ana Maria Machado, em uma entrevista ao Jornal *Tribuna do Norte*, em 2010, ao ser questionada se existe uma responsabilidade a mais em escrever para criança do que para adultos, responde:

Não vejo muito assim porque na hora de escrever é uma coisa entre contar uma história, procurar uma linguagem, se envolver com o personagem; no processo a gente está pensando em tudo, menos no destinatário. No máximo, quando é uma história para criança muito pequena que eu sei o que é, posso estar pensando em alguma criança específica, por exemplo, nos meus filhos quando eles eram pequenos, meus sobrinhos, meus netos. Mas não tem essa coisa de responsabilidade com todas as crianças. Isso não me pesa. (MACHADO, Ana Maria, 2010)

Na entrevista, a escritora pontua que, durante a escrita, não pensa no destinatário, mas confessa que é necessário adequar a linguagem e chega a afirmar a possibilidade de idealizar um leitor modelo, a exemplo, filhos, sobrinhos e netos. Apesar de uma produção que adéqua, não somente a linguagem, mas também a edição, as imagens e outros elementos do peritexto, percebemos hoje que obras de literatura inicialmente indicados pelas editoras e livrarias para jovens são lidos também por crianças e adultos. Nos anos de 1940, ao discorrer sobre a adjetivação da literatura infantil, Carlos Drummond de Andrade levanta algumas questões que remetem à necessidade de se repensar tais categorizações da literatura.

Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? (ANDRADE, *apud* SOARES, 1999b, p.18).

Mas na história da evolução da literatura, os contos de fadas, inicialmente endereçados, ou conforme Soares (1999b), “destinados a” ou que “interessa a” adultos, foram ao longo dos séculos transpostos para o público infantil por meio de uma modificação na linguagem e na diminuição do grau de violência presente nas obras. Sobre a categorização, origem ou autoria dos chamados contos infantis, Coelho(1991) problematiza:

Quando hoje falamos nos livros consagrados como *clássicos infantis*, os contos de fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou as fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses *nomes não correspondem aos verdadeiros autores de tais narrativas*. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as histórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreveram por escrito. (COELHO, 1991, p. 12).

O que nos parece é que o enredo da narrativa das obras literárias pode ser de interesse de leitores de diferentes faixas etárias, às vezes mesmo sem modificação da linguagem verbal utilizada pelo escritor ou de qualquer outro tipo de linguagem, como a visual, presente nas obras literárias. Os contos de fadas lidos e aclamados em tempos remotos da história da literatura foram, conforme Colomer (2003), ao longo do século XX, desprezados

principalmente por sua suposta falta de compromisso com o mundo real, por oferecer uma evasão pouco formadora de valores humanos, por seu grau de violência que podia ser causa de transtornos emotivos já que, frequentemente, era exercida por personagens tão importantes para as crianças como os pais, e por sua proposta de modelos e comportamentos sociais moralmente reprováveis, tais como a discriminação feminina, o racismo, a mentira ou a falta de compaixão. (COLOMER, 2003, p.61).

Como vimos, o endereçamento e o que se considera como obras literárias de qualidade foram se modificando na história da literatura. O que nos indica não uma evolução na história, mas um movimento entre continuidades, rupturas e retomadas dos elementos que constituem os objetos de análise da literatura. No século XVII, na França, as obras da *Bibliothèque Bleue*, “livros com poucas páginas, textos que se repetem indefinidamente, grandes tiragens, larga difusão por meio dos vendedores ambulantes” (HEBRARD, 2002, p. 11), foram considerados populares e tidos como de menor qualidade.

Após alguns séculos, eles foram valorizados, e as obras ainda existentes na atualidade são consideradas raras. No Brasil, a literatura de cordel também passou pela mesma oscilação ao longo da história, foi avaliada inicialmente como de baixa qualidade por ser popular e, por vezes, nem considerada como literatura, para depois assumir um *status* de obra literária de qualidade, impressa inclusive por grandes editoras, ganhando espaço nas livrarias. Para Batista e Galvão (2011):

No caso da *Bibliothèque Bleue*, por exemplo, os textos não eram, necessariamente, em sua origem, destinados a um público “popular”: a análise da fórmula editorial dos livretos possibilita mais pistas para a identificação de seu público leitor do que o próprio conteúdo dos textos. (BATISTA e GALVÃO, 2011, p. 20)

As obras da *Bibliothèque Bleue* eram impressos em um papel de menor qualidade e suas dimensões eram pequenas, assim como as obras de literatura de cordel. Essas características físicas os deixavam mais baratos e fizeram com que pudessem ser lidos também por grupos sociais menos favorecidos economicamente, haja vista que as obras com dimensões maiores, de capa dura, feitos a partir de papéis mais nobres, eram vendidos por um valor mais alto e, provavelmente, circulavam entre leitores pertencentes a outros grupos sociais.

Assim, o suporte nos oferece a possibilidade de compreendermos a evolução da literatura pela via das modificações de sua materialidade ao longo da história da cultura escrita e seus possíveis impactos na produção, no acesso, na difusão, na apropriação e na leitura da literatura. Com a invenção da escrita, por exemplo, obras literárias ganham uma possibilidade de maior permanência e divulgação. E a leitura literária, ou seja, o ato de ler uma obra literária ganha *status* social de grande importância na sociedade.

Apesar de a literatura oral, lida ou recitada em voz alta ter permanecido por muitos séculos como a principal forma de difusão da literatura, foi com o uso de suportes cada vez mais fáceis de manusear e inscrever as obras literárias, como o pergaminho e o papiro, que o acesso e a difusão da literatura se expandiram. Mas foi com a invenção da imprensa e, mais recentemente, com o suporte digital que se ampliou consideravelmente a divulgação dos materiais para leitura literária. Os leitores jovens recebem, cada vez mais, informações sobre obras literárias em sites de livrarias, de comércio eletrônico, em redes sociais, em blogs, em grupos de mensagens instantâneas, em sites de busca ou de e-mails nos quais as propagandas de obras de seu interesse saltam aos olhos dos jovens leitores.

Essa sociabilidade na cultura digital em torno das práticas de leitura e de escrita literárias é uma das dimensões do que denominamos de letramento literário, entendido como o uso social da leitura e escrita de obras literárias e que, ao longo

de milênios de difusão da literatura, foi se modificando, e se ampliando, também, com as transformações do suporte. Cosson (2011) compreende letramento literário como um “processo de letramento que se faz via textos literários [e] compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”. COSSON (2011, p.12)

Nesse sentido, o autor pontua a necessidade de desenvolver nos jovens os aspectos referentes à compreensão da leitura, que se referem à antecipação, decifração e interpretação dos textos literários, como também os aspectos referentes aos conhecimentos literários. Esses dizem respeito ao uso da linguagem literária, aos saberes referentes à teoria literária, e por fim, às técnicas de leitura e escrita aprendidas com práticas vivenciadas com a literatura. Paulino (2004), assim como Cosson, (2011) salienta a importância de conhecimentos não somente práticos que o leitor em formação precisará para realizar leituras literárias com competência.

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p. 56).

Atrelado a essas demandas ao leitor em formação, para desenvolvimento do letramento literário, estão as modificações nos suportes de leitura que irão incidir em práticas de letramento literário diferenciadas na cultura digital. Uma delas se refere aos modos de leitura, nos quais o leitor liberado pela materialidade do suporte pode, com mais facilidade, com um objeto em mãos, por exemplo, com os *smartphones*, ler todas as obras literárias que tenha interesse, mudar a leitura de uma página ou de um capítulo para outro com um toque na tela ou verificar o significado de uma palavra desconhecida com um clique na palavra.

Entretanto não é o suporte a dimensão de controvérsias entre os críticos, mas sim a querela do conteúdo literário; na história da evolução da literatura, o debate sobre o que se pode considerar literatura e a qualidade estética e artística das obras disponíveis sempre estiveram em pauta. No entanto, Hayles (2002) destaca a importância da materialidade para os estudos literários embora, historicamente, não

tenham sido objeto de análise as modificações no suporte. A autora acredita que tais modificações provocam transformações na literatura que necessitam ser consideradas.

As the vibrant new field of electronic textuality flexes its muscle, it is becoming overwhelmingly clear that we can no longer afford to ignore the material basis of literary production. Materiality of the artifact can no longer be positioned as a subspecialty within literary studies; it must be central, for without it we have little hope of forging a robust and nuanced account of how literature is changing under the impact of information technologies¹⁹. (HAYLES, 2002, p.19).

O debate permanece em torno do conteúdo, principalmente, nestes tempos de criações de obras literárias digitais e do fervor dos *bestsellers*, mas também dos “avatares da literatura”, termo utilizado por Cosson (2014) para apontar, na atualidade, as novas criações literárias que estão disponíveis em vários formatos e são difundidas em uma diversidade de meios²⁰. O autor cita as canções populares, os filmes, por meio dos seus roteiros, as histórias em quadrinhos, séries de TV, jogos eletrônicos, a literatura eletrônica, telenovelas, as propagandas e até mesmo “as vidas celebrizadas em jornais e revistas populares. (COSSON, 2014, p.18).

Não é nossa intenção analisar os aspectos estéticos e artísticos das obras lidas pelos leitores jovens ou das obras localizadas no escopo de *sites* brasileiros. Nossa pretensão se insere no campo da recepção de obras de leitura literária produzidos com novas materialidades e recursos semióticos, pois temos obras literárias, práticas de leitura literária e leitores que precisamos conhecer, e este é um dos objetos desta pesquisa.

As obras lidas pelos leitores jovens da pesquisa, em sua maioria, são os *bestsellers* oriundos de séries de tv, jogos eletrônicos, ou as obras que se tornam filmes e se difundem rapidamente após exibição mundial. Apesar de não ser nossa intenção analisar a qualidade ou a literariedade das obras lidas pelos jovens da pesquisa, como já apontado anteriormente, segundo Jauss (1994), poderíamos

¹⁹ À medida que o vibrante novo campo da textualidade eletrônica se desenvolve, está se tornando cada vez mais claro que não podemos nos permitir mais ignorar a base material da produção literária. A materialidade do artefato não pode mais ser posicionada como uma subespecialidade dentro dos estudos literários; ela deve ser central, pois sem ela teremos pouca esperança de conceber uma visão robusta e detalhada de como a literatura está mudando sob o impacto das tecnologias da informação. (HAYLES, 2002, p.19).

²⁰ Utilizaremos o termo meio para designar as ferramentas físicas de comunicação, tais como: a Internet, a televisão, o rádio, materiais impressos, os celulares, jogos eletrônicos, entre outros.

definir como um dos critérios para analisar o caráter artístico de uma obra o seu valor estético no qual se analisaria a recepção da obra pelos leitores, ou seja, seria por meio “do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público” (JAUSS, 1994, p.31) – os jovens. Partindo dessa premissa, questionaríamos de que maneiras e em que medida os *bestsellers* provocam nesses leitores jovens e essa análise nos permitiria indicar o valor estético dessas obras.

No entanto, conforme aponta Jauss (1994), na história da literatura, um juízo de valor estético de uma obra se faz diacronicamente pelo contexto da recepção e sincronicamente pela série literária de uma mesma época e de novos recortes temporais. Desse modo, teremos que aguardar o “amarelecer” desses *bestsellers* para sancioná-los esteticamente a partir das possíveis mudanças de efeito literário causado nas várias gerações de leitores jovens que terão acesso a essas obras. Para o autor:

Quando, então, o novo horizonte de expectativas logrou já adquirir para si validade mais geral, o poder do novo cânone estético pode vir a revelar-se no fato de o público passar a sentir como envelhecidas as obras até então de sucesso, recusando-lhes suas graças. (JAUSS, 1994, p. 33).

Os leitores jovens de hoje, público inicial dessas obras, que apreciam a estética dos *bestsellers* contemporâneos, podem ou não no futuro, segundo a estética da recepção, considerá-las sem valor artístico. No entanto, esse processo de mudança de horizontes de expectativas em torno de obras proporciona a construção da história da literatura, que se faz, também, por meio do leitor, ou seja, de suas práticas de leitura - escolhas, preferências, tipos de obras lidas, forma de ler, obras que foram pouco lidas, etc. “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre ele reflete.” (JAUSS, 1994, p. 25). Ou seja, é uma construção histórica e dinâmica das práticas, da produção e da análise das obras literárias. O autor buscou valorizar o leitor, situando-o em uma época e relacionando história da literatura a estética da recepção.

Como se vê, temos vários campos que se entrecruzam no fenômeno literário e que não se restringem apenas ao conteúdo e à forma dos textos ou à sua recepção e ao conjunto de supostas competências de leitura, haja vista a crítica que Roger

Chartier faz, em vários de seus estudos, à ausência do tratamento da materialidade, visando reforçar a importância da história dos impressos da leitura. Essa concepção mais multidisciplinar dos elementos que compõem a história da literatura e da leitura possibilita que pesquisas como a nossa, que buscou conhecer práticas de leitura literária realizadas em dispositivos digitais por leitores jovens, colaborem com a construção desta história.

Registrar os modos de ler, os usos, as formas de apropriação, na perspectiva dos sujeitos, num momento em que ocorre o fenômeno de emergência de uma leitura literária digital, é uma forma de deixar, para futuros estudiosos da leitura e sua história, alguns rastros das práticas de leitura, fenômeno que dificilmente deixa marcas sobre como esta ocorre.

1.5 Cultura literária juvenil

No Brasil, segundo dados do IBGE, do censo de 2010, mais de um quarto do país é jovem. Considerando apenas esta faixa-etária teremos, aproximadamente, 25% da população são potenciais leitores. Observa-se, na pesquisa do Instituto Pró-livro²¹, de 2016, que os maiores índices de leitores estão entre os jovens de 11 e 24 anos de idade. Esses dados apontam a importância dos jovens para a produção cultural e o potencial de crescimento de leitores jovens no país, embora ainda temos alguns que não são alfabetizados e outros que não se interessam pela leitura literária.

Esses dados corroboram com o aumento exponencial de publicações endereçadas ou de interesse dos jovens e um crescimento desse público nas principais feiras de livros do país, indicando que o fenômeno de uma cultura literária juvenil é ainda muito recente no país. Compreendemos como cultura literária juvenil, como a produção, o conhecimento, os valores, as regras, o comportamento, os costumes, os gostos e os hábitos envolvidos nas criações de obras literárias e nas práticas de leitura literária dos jovens. O que se considera, geralmente, como

²¹ Terceira edição da pesquisa intitulada *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2011 e divulgada em 2012.

literatura juvenil é “[...] a literatura endereçada a alunos das séries finais do ensino fundamental e àqueles que frequentam o ensino médio” (CADERMARTORI, 2009, p. 61). Esse rótulo é gerado pelas decisões mercadológicas das editoras com o intuito de facilitar as escolhas das obras para e pela escola. Mas é, também, por meio de outras vias de sociabilidade literária que os jovens se interessam, em um determinado período, por um conjunto de obras sem endereçamento, mas que instiga os leitores dessa faixa-etária a se envolverem em práticas de leitura literária.

Poderíamos utilizar culturas literárias juvenis, no plural, indicando uma diversidade de experiências culturais literárias vividas por esse grupo etário, afinal, conforme Teixeira (2014, p.20) não existe uma juventude, “como sabemos, existem jovens e jovens, juventude e juventude, há juventudes, pois esses meninos e meninas têm vários pertencimentos e posicionamentos sociais [...] que irão gerar práticas literárias também diversificadas.

Historicamente, no Brasil, a produção cultural literária era voltada para os adultos, em seguida, para as crianças e somente a partir do século XIX que se inicia uma produção literária para os jovens. A literatura para essa faixa etária foi condicionada por muito tempo a produções didático-moralizantes, destinadas ao ensino da leitura e da escrita. Nos anos de 1940, Segundo Gregorin Filho (2011), o caráter didático e de realidade era preponderante nas obras literárias para os jovens.

Entre as principais características do fazer literário para a juventude (e também para a infância), podem ser citadas como importantes: o didático sobrepondo-se ao literário; a larga proliferação de documentários; o apelo ao fantástico feérico, pois a representação do homem era dotada de grandes poderes sobrenaturais, que construíam o super-herói; a atração pela natureza livre e pela vida natural longe da civilização, já que se encontrava contaminada pelas forças do mal; e a natureza muitas vezes vinda de poderes sobrenaturais (Popeye – o poder do espinafre). (GREGORIN FILHO, 2011, p.35).

Com a democratização da escola, cresce o número de leitores jovens ou potenciais leitores e a produção cultural para essa faixa etária se desenvolve. Para Díaz-Plaja (2008), a despeito da origem do interesse pela cultura juvenil ter iniciado somente no século XX, e o princípio da formação de leitores jovens no século XIX com os clássicos, foi com a democratização da escolarização que se consolida a cultura literária juvenil.

És per aixó que es considera la literatura juvenil específic com un fenomen que es consolida els anys setanta del segle XX, quan l'ensenyament secundari comença a homologar-se en el món occidental i els adolescents formen part d'una escolarització general.²² (DÍAZ-PLAJA, 2008, p. 119).

A escola tem um papel relevante como uma instância oficial de formação de leitores na história da cultura literária juvenil. No Brasil, nos anos de 1970, constata-se um paradoxo entre o aumento da produção de obras e a diminuição de leitores potenciais, denominada de crise da leitura. Com a promulgação da expansão da obrigatoriedade do ensino para oito anos, vislumbrou-se um aumento de leitores, no entanto, percebeu-se um desinteresse dos leitores de se envolver nesse contexto cultural-literário. Nessa conjuntura, a escola foi convocada para promover uma mudança nas disposições dos jovens para a leitura. Zilberman (2012) aponta que a escola, nesse período, começa a desenvolver

[...] providências corretivas com vistas à valorização do livro e da leitura. Todavia, também, essa medida revela-se contraditória, pois como simultaneamente favorece o aumento do consumo, acaba por transformar a ação pedagógica reparadora, que se diz desinteressada e neutra ou então progressista e emancipadora, em um organismo que atua em prol dos setores ligados ao capital no conjunto da sociedade burguesa. (ZILBERMAN, 2012, p. 15).

Nesse contexto, o governo torna-se o principal agente de promoção da leitura, por meio de ações que incidiram nas escolas públicas de todo país. Destacamos algumas das principais ações governamentais a partir desse período. Nos anos de 1970, em parceria com o Instituto Nacional do Livro, criado em 1937, com o objetivo de promover o livro e a leitura no país, financiaram-se impressões de obras para serem distribuídas nas escolas. Em 1980, a Fundação Nacional do Livro e as instituições privadas patrocinaram projetos de leitura. Em 1995, o Plano Nacional do Livro Didático/PNLD tinha como objetivo distribuir livros didáticos em todo país e, mesmo não sendo de literatura, foi e é um dos principais meios de divulgação de obras literárias, apesar de serem, em geral, apenas os trechos das obras. Em 1990, cria-se a Fundação Biblioteca Nacional, que promoveu projetos como: PROLER, Sistema Nacional de Biblioteca e o Projeto Biblioteca anos 2000. Em 1998, o

²² É por isso que a literatura juvenil é considerada um fenômeno específico, que se consolida nos anos setenta do século XX, quando o Ensino Médio começa a consolidar-se no mundo ocidental e os adolescentes passam a fazer parte de uma escolarização geral. (DÍAZ-PLAJA, 2008, p. 119).

Programa Nacional de Biblioteca na Escola/PNBE e, em 2005, o Plano Nacional do Livro e da Leitura/ PNLL buscaram criar uma política de estado para o país.

Observamos esforços do governo para distribuir obras literárias e construir bibliotecas nas escolas. Paulino (1999), ao discorrer sobre a política de aquisição de livros no Brasil, aponta dois equívocos:

Os livros didáticos estão repletos de erros e enganos, frutos de uma ciência que se conserva do passado, sem curvar-se a dúvidas e ao autoquestionamento. Os livros literários – quando são literários e a leitura também literária – constituem universos textuais extremamente complexos, em que o prazer é sofisticado, exigindo muitas habilidades de inferenciação e interpretação de seus leitores. (PAULINO, 1999, p. 74).

Percebe-se que não é suficiente, para formamos leitores, o acesso a materiais de leitura; é necessário, também, uma escolha que atenda à qualidade estética e artística definida para e pela escola, mas, em especial, que atenda à estética dos jovens, despertando o interesse para a leitura literária. Nessa perspectiva, um dos empecilhos para uma formação mais efetiva é a seleção de obras, para e pela escola, a essa faixa-etária, em geral, dissonantes de seus gostos ou interesses. Conforme Chartier A. (1999), o livro juvenil tinha como propósito ser instrutivo e educativo.

Se não fosse assim, se fosse um simples divertimento para passar o tempo, sofreria o impropério dos educadores que não se cansam de estigmatizar as leituras fúteis de ociosidade deletéria ou de devaneios nocivos. O gênero romanesco que se compraz nas belas ficções mentirosas só pode ser salvo se contribuir para edificar e moralizar seu leitor. (CHARTIER A., 1999, p. 64).

Tratando do caso francês, para a autora, a tentativa, no início da criação da república, de moralizar a juventude pela literatura juvenil não criou condições favoráveis para uma verdadeira disposição dos jovens para a leitura literária. O início da formação de leitores jovens pode ser realizada com obras literários que sejam do interesse desse público e não somente do interesse da escola. Ou seja, é necessário levar em consideração a estética dos jovens, que, para Viana (2014), é condicionada por formas culturais contemporâneas.

Os jovens criam e produzem suas representações a partir de códigos e signos da contemporaneidade oriundos do seu meio social e cultural, do universo imagético, sonoro e visual, presentes em seu cotidiano, que promovem da televisão, do cinema, das bancas de revistas, dos livros, dos videogames e da Internet. Trata-se de um intenso repertório de informação, comunicação e imagens de forte conteúdo simbólico e de consumo. E esses são hoje os grandes indutores da experiência estética. Definem, muitas vezes, o modo como eles pensam, agem e refletem os seus interesses. Eles assimilam com facilidade a multiplicidade e a simultaneidade da imagem e do som, como nas vinhetas e clipes da MTV, interpretam infográficos, entre outras formas pouco compreensíveis pelo mundo adulto, constroem, a partir destas, suas expressões. (VIANA, 2014, p. 257).

As características da literatura endereçada aos jovens, mas também aquelas que promovem entusiasmo nos leitores desta faixa etária estão em consonância com as demandas desta cultura juvenil. Zilberman (2016) aponta que a identidade da literatura lida pelos jovens possui três elementos importantes, mas que não são exclusivos deste tipo de obras, quais sejam: a existência de uma narrativa contemporânea ao leitor; a presença de protagonistas jovens e a especialização da autoria, que permite ao leitor jovem selecionar autores que criam obras endereçadas a eles. Zilberman (2016) destaca os gêneros literários e escritores preferidos pelos jovens a partir das obras mais requisitadas nas bienais de livro realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro nos últimos três anos. Escritores nacionais e internacionais, produção de obras em série, obras inspiradas em jogos, jogos eletrônicos, obras com narrativas que se assemelham às de outros meios, como televisão, cinema, performances, como as sagas fantásticas.

Entre os gêneros mais lidos estão as crônicas e os romances adolescentes ou jovens, saga fantástica ou distópica. Entre os escritores, a autora cita os nacionais Thalita Rebouças, Paula Pimenta, Carina Rissi Eduardo, Spohr e Raphael Draccon. Dentre os internacionais, que são mais procurados que os brasileiros, a lista compreende: Jon Grrn, Cassandra Clare, Phillp Pullman, J.K. Rowling, Rick Riordan, Suzanne Collins, Verônica Roth, James Dashner e Kiera Kras.

Ratificando Zilberman (2016), quanto os interesses dos jovens por leituras de *bestsellers*, Silva (2013) identificou, em pesquisa realizada na biblioteca pública Luiz de Bessa, em Belo Horizonte, com crianças e jovens, leitores da série *Harry Potter* de J.K.Rowling, a importância dessa obra para a iniciação e a ampliação das práticas de leitura literária desses sujeitos. No levantamento realizado pela autora,

no sistema de empréstimo da biblioteca, a obra mais requisitada entre os anos de 2004 e 2012 foi *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. As demais obras da série e outros *bestseller* como, *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan e *Desventuras em Série*, de Daniel Handler estão entre os dez mais emprestados pela biblioteca. Para Cadermatori (2009):

O sucesso arrasador de best-sellers como os da série Harry Potter, de Rick Riordan; Crônicas de Nárnia, de C.S. Lewis; O senhor dos anéis, de J.R.R. Tolkien dão razão a Thomas Michael Dish e à sua concepção de que literatura juvenil se faz com muita fantasia e boa dose de mistério. A série de J. K. Rowling, de modo especial, testou o fôlego de leitura dos leitores jovens, comprovando que eles não têm preguiça de ler volumes espessos, quando a trama é atraente e tecida com imaginação exuberante. (CADERMATORI, 2009, p.62)

Dáz-Plaja (2008) assinala a necessidade de se iniciar uma proposta de leitura literária para jovens a partir da análise das obras de interesse dessa faixa-etária, dos suportes preferidos pelos leitores jovens para realizar a leitura literária, e os modos de acesso a essas obras, o que dialoga com esta pesquisa. Os interesses de leitura que a autora denomina “campos de leitura” são considerados por ela como os diversos conjuntos de obras literárias valorizadas cultural, sociológica e educativamente. No entanto, em geral, os campos de leitura da escola são diferentes da sociedade, pois a escola valoriza a cultura canônica e os autores de alto prestígio acadêmico, e a sociedade, em especial, os jovens, se interessam pela cultura do consumo, de massa, popular ou vulgar.

a més d'aquests dos pols, la cultura dels adolescents transita pels camins de la lectura marginal (associada a aficions molt determinades, a tribus urbanes o a grups sociològics) i també per alguns terrenys de ningú, en qué situariem certs materials de difícil encariment.²³ (DÁZ-PLAJA, 2008, p. 122).

²³ Além daqueles dois polos, a cultura dos adolescentes transita pelos caminhos da leitura marginal (associada a interesses mais específicos, a tribos urbanas ou a grupos sociológicos) e também por alguns terrenos de ninguém, em que se situam certas matérias de difícil compreensão. (DÁZ-PLAJA, 2008, p. 122).

R_M_15_C1²⁴ e M_F_17_B2 apontam essas diferenças de campos de leitura. A escola indica obras clássicas que não os estimulam a serem leitores de literatura, pois seus interesses são diferentes dos impostos por essa instância.

R_M_15_C1: tem que ler um dom casmurro aí... não sei pra quando...mas tem que ler...

E: aham...e você já leu Dom Casmurro uma vez?

R_M_15_C1: uma vez...acho que pra um trabalho do nono ano...nono ou primeiro...

E: e aí como foi?

R_M_15_C1: eu acho o livro muito confuso...tipo...é legal...mas é confuso...a história é?

E: é confusa por que? O que que ela tem de confusa?

R_M_15_C1: simplesmente porque...eu não sei explicar...mas ela é um pouco confusa...

E:a narração é confusa?

R_M_15_C1: não...não é nem a linguagem usada...é tipo...é a história mesmo...

E: entendi...então você vai ter que ler Dom Casmurro...

R_M_15_C1: sim...

E:e tá animado? Como é que é?

R_M_15_C1: preguiça...o livro é grande...e ele também tem uma linguagem...um pouco mais...antiga...aí tem umas palavras...tem umas palavras escritas de modo diferente...tem umas que são assim...bem complicadas de entender...então aí...

E: aí desanima?

R_M_15_C1: sim...

M_F_17_B2: Eles pediam mais...Chico Buarque...que esses negócios assim...é...qual que é o nome daquele outro...ah esqueci...eu não gosto muito de...livro brasileiro não...

E: não?

M_F_17_B2: não...depende muito...

E: de qual? Por que que você não gosta?

M_F_17_B2: não sei...eu não gosto...eu gosto mais de...dos internacionais mesmo...é...

E: E aí na escola basicamente era livro brasileiro...literatura brasileira...

M_F_17_B2: aham...aí você não gostava? Você falava isso com o professor?

E: não...

M_F_17_B2: não...nem ia me escutar...

²⁴ Dados oriundos da pesquisa qualitativa com os seis leitores jovens. A sigla foi utilizada para manter o sigilo da identificação dos sujeitos. A primeira letra se refere a letra inicial do nome, seguida do gênero, depois a idade e, por último o estrato socioeconômico.

Quanto ao suporte de leitura, Dáz-Plaja (2008, p.122) afirma: “en el cas de la lectura juvenil, no sempre arriben en el suport llibre”²⁵, mas sim por outros suportes, como os dispositivos digitais. E por fim os modos de leitura são considerados pela autora como as formas de acesso à leitura literária. Esses podem ser hierarquizados verticalmente, tendo mediadores como professores que orientam e recomendam as leituras literárias aos jovens, ou uma forma de acesso horizontal, na qual os jovens realizam suas próprias pesquisas e/ou compartilham suas experiências leitoras com seus pares. Para a autora, “aquests dos modes poden crear dos mons diferents i sovint antitéticos”²⁶. (DÁZ-PLAJA, 2008, p. 123).

Os leitores jovens pesquisados apontam a existência do que Dáz-Plaja (2008) define como forma antitética dos modos de leitura. Conforme os trechos abaixo, das entrevistas com os leitores jovens pesquisados, a escola possui um modo de leitura que não os atrai. Em contrapartida, eles possuem outro modo de leitura que passa ao largo da escola.

D_F_16_D: Ah, são raras as vezes que elas pedem a gente pra ler um livro, pra fazer um trabalho sobre um livro e é bem raro apresentar proposta assim pra gente de leitura.

E: Uhum. É, quando você faz essas leituras, por exemplo, de literatura no digital, as fanfic que você leu, que você lê muito, a...esses livros de literatura que você lê no digital, você comenta na escola, você comenta com o professor, tem alguma, algum comentário com o professor de língua portuguesa?

D_F_16_D: Não, com professor não.

E: É, quando você fez também alguma leitura, por exemplo, quando você faz leitura de fanfiction, ou qualquer outra literatura que é digital você também não comenta com os professores

R_M_15_C1: Não

E: Não tem essa, essa relação, né?

R_M_15_C1: Não.

E: É, e você acha que a escola estimula você a ler literatura?

R_M_15_C1: Ah, fica na base do mais ou menos.

E: É? Por quê?

R_M_15_C1: Aqui tem professor que diz que a literatura vai, hum, te ajudar, na matéria dele. Mas tem professor que não. Aí, fica no mais ou menos.

E: Mas tem professor que não o quê? Não o quê?

R_M_15_C1: Que não...tipo, a, português.

E: Hum.

²⁵ No caso da leitura juvenil, nem sempre chega ao suporte livro. Dáz-Plaja (2008, p. 122)

²⁶ Estes dois modos podem criar dois mundos diferentes e, até mesmo antitéticos. (DÁZ-PLAJA, 2008, p. 123)

R_M_15_C1: Português, é... a professora fala para você estudar o livro. Assim, como é que chama? As regras da gramática, mas não fala assim, só para... para ler... pra ler o livro cê aprender a matéria.

E: Hum-rum

R_M_15_C1: Mas a de literatura ela fala para você ler livro que tem, ou poema com relação a matéria, cê pode aprender.

E: Hum-rum

R_M_15_C1: Aí fica no mais ou menos.

E: Mas cê acha que ..então você se sente estimulado? Você percebe que a escola estimula alguma coisa para você ler?

R_M_15_C1: Não.

Por fim, M_M_17_B2 indica que a escola deveria propor práticas de leitura literária que contemplassem os interesses dos alunos.

M_M_17_B2: é...procurar saber o gosto dos alunos né, indicar livros porque tem bas... igual jogos, tem livros sobre jogos, tem bastante nome que é “Game”, indicar mesmo sobre aquele assunto, porque muita gente tem preguiça de ler, estimular, entendeu?

Teixeira (2014), ao questionar os professores do Ensino Médio sobre se estão escutando seus alunos jovens, interroga se a escuta precederia a fala e acrescenta indicando o que e como seria esta escuta.

A ESCUTA GENEROSA [grifos do autor], aquela livre de nossas imagens rotuladoras, livre dos julgamentos, livre das classificações que fazemos sobre eles – tantas delas tão negativas e desqualificadoras – não deveria ser essa a nossa escuta? E a partir daí, não seria mais fácil nos entendermos com eles e fazermos nossos combinados, para que professores e estudantes sintam-se bem igualmente contemplados em relação aos seus desejos e necessidades mesmo diante de interesses e responsabilidades diferentes? (TEIXEIRA, 2014, p.15).

Ressalta-se, nos discursos dos leitores jovens, que a escola, em alguns casos, não solicita a leitura de obras literárias e, quando o faz, atrela a leitura a atividades de gramática e avaliações. A falta de indicação de obras literárias pela escola, apontada por alguns leitores jovens, indicia uma ausência de um direcionamento claro, nos currículos das escolas, para leitura de obras de literatura. Provavelmente, as práticas de leitura literária na escola, em alguns casos, não são sistematizadas e, assim, os professores podem solicitar ou não para os alunos jovens leituras literárias.

Embora a questão escolar não seja foco de nossa pesquisa, achamos por bem comentar investigações de Durán e Manresa (2008), que realizaram estudos comparando o currículo de seis países, sendo dois da América Latina, México e Argentina, e quatro da Europa, Portugal, França, Inglaterra e Galles e Bélgica. Dentre os resultados, percebe-se a diferença, no currículo dos países, da presença de indicação de quantitativo de obras por segmento. Observou-se que os países da América Latina não indicavam nenhum quantitativo mínimo de obras, diferente dos países europeus, que recomendavam, explicitamente, nos documentos curriculares, de duas a nove obras. Para as autoras:

És evident que, si el nombre de lectures que marca el curriculum es refereix a mínims, no podem saber amb certesa la realitat de les pràctiques a les aules; per exemple, en el cas de Catalunya existeix un consens força generalitzat, en pràctica, de programar tres lectures per curs. Però també és cert que si el punt de partida mínim que estableix el curriculum és elevat s'assegura la lectura generalitzada de més textos.²⁷ (DURÁN E MANRESA, 2008, p. 99).

O letramento se desenvolve no espaço social e cultural, de forma ampla, e desenvolvemos o letramento dos indivíduos ou de um grupo social em qualquer espaço onde circula a escrita, mas o ensino sistemático se dá no espaço escolar. Cosson (2014) reafirma a importância da escola para a formação do leitor e, consequentemente, para o desenvolvimento do letramento, mas destaca que não é o único local para seu aprendizado.

a escola não é o único espaço de formação [do leitor] – nem o mais eficiente, diriam seus críticos, ainda que não devamos esquecer que a escola é o lugar da aprendizagem sistemática e sistematizada da leitura e de outros saberes e competências – que temos em nossa sociedade. (COSSON, 2014, p. 45).

Não é nosso propósito discorrer sobre as práticas de leitura no espaço escolar, mas, como a escola é uma das principais instâncias de formação de leitores e os leitores jovens apontam nas entrevistas como a leitura literária se faz presente, neste espaço, percebemos uma provocação sutil nas disposições favoráveis à

²⁷ É evidente que, se a quantidade de leitura que marca o currículo de referência é mínima, não se pode saber ao certo a realidade das práticas de leitura nas aulas, por exemplo, no caso da Catalunha, existe uma força consensual generalizada em prática, de programar três leituras por curso. Por outro lado, se o ponto de partida mínimo estabelecido no currículo é elevado, assegura-se a leitura generalizada de mais textos. (DURÁN E MANRESA, 2008, p. 99)

leitura literária nos leitores jovens. As dissonâncias nas práticas dos leitores jovens e na proposta de formação de leitores pela escola se faz nos tipos de obra que são de interesses dos dois grupos: o primeiro busca na literatura canônica e o segundo, nos *bestsellers*. Nos tipos de suporte para a leitura literária e nos modos de acesso às obras, os leitores jovens têm grande interesse em realizar leituras literárias em suporte digital e utilizam da Internet para buscar informações e compartilhar experiências literárias que a escola, comumente, desconhece ou não considera como espaços de sociabilidades literárias. Acrescenta-se, em alguns casos, a inexistência de indicações de leituras literárias no ensino médio e quando estas se dão, visam apenas ao ensino de algum conteúdo ou para avaliações, conforme relato dos leitores jovens.

A cultura literária juvenil é promovida pela necessidade dos jovens de pertencer a um grupo e de compartilhar práticas, sejam elas de leitura literária ou não. Na contemporaneidade, as sociabilidades literárias, entre os jovens, impulsionadas pelos dispositivos digitais e pela Internet, ampliaram e facilitaram o desenvolvimento e a divulgação de comunidades de leitores em redes sociais, blogs, criadas em aplicativos de conversas instantâneas por um ou mais grupos de amigos e, também, as mais convencionais organizadas em sites, nos quais os leitores se cadastram e seguem as regras para pertencer à comunidade de leitores.

1.6 Os leitores jovens e seus mediadores

Os estudos clássicos sociológicos e, em especial, os da sociologia da educação, tinham como objetivo compreender as questões das relações presentes na sociedade, a partir de análises das macroestruturas sociais e dos resultados das grandes pesquisas estatísticas que relacionavam origem social e desempenho escolar, como o relatório Coleman²⁸ nos Estados Unidos, Aritmética Política²⁹ na Inglaterra e na França o INED³⁰. Interpretadas inicialmente, a partir da perspectiva

²⁸ Pesquisa realizada em 1966 com uma amostra de 3.100 escolas num total de 645.000 alunos.

²⁹ Nome dado às pesquisas de cunho quantitativo nos países anglo-saxões e, neste caso, referente aos estudos realizados na *London School of Economics* sobre estratificação e mobilidade social.

³⁰ O *Institut National d'Etudes Démographiques* desenvolveu uma pesquisa longitudinal que acompanhou a trajetória escolar de 17.461 alunos entre os anos de 1962 a 1972.

funcionalista, como uma deficiência da escola para gerir os processos de aprendizagem, com o tempo essas pesquisas foram analisadas a partir do binômio origem social e desempenho escolar. A categoria ações individuais, como, por exemplo, o mérito, já não dava conta de responder várias indagações dos pesquisadores da área e da sociedade em relação ao desempenho escolar.

Essa perspectiva macrosociológica entrou em crise a partir do final da segunda metade do século XX, com as repercussões dos movimentos sociais que ganhavam maior visibilidade com os discursos a favor da diversidade cultural. Segundo Martuccelli (2007):

Dados los cambios ocurridos en la modernidad, es cada vez más discutible pensar que el significado, tanto como la determinación de una acción, reside exclusivamente, y hasta principalmente, en la posición ocupada por un actor social en un contexto preciso y claramente delimitado.³¹ (MARTUCCELLI, 2007, p.18).

A ideia de socialização como único modo de compreender as ações individuais escamoteava as inclinações intraindividuais que também repercutem nos modos pelos quais o sujeito se constrói frente ao mundo. Essa concepção microsociológica, da sociologia do indivíduo, apontada por Martuccelli (2007), não desconsidera as análises de socialização, mas busca agregar as análises individuais para compreender o indivíduo na modernidade. Isso implica “em construir una representación que reconozca el legítimo lugar del contexto o de la posición, y permita al mismo tiempo comprender la singularidad del sentimiento de separación y de individualidad experimentado por cada actor. Martuccelli”.³² (2007, p.27).

Existem alguns modelos teóricos que buscam compreender a ligação entre indivíduo e sociedade. Algumas das concepções através das quais eles se organizam são: a) a sociedade nasce a partir dos indivíduos; b) os indivíduos se adaptam à sociedade; e c) o indivíduo está na sociedade e a sociedade está no indivíduo. A dicotomia presente nos dois primeiros modelos é compreendida por

³¹ Tendo em vista as mudanças que aconteceram na modernidade, é cada vez mais discutível pensar que o significado, assim como a determinação de uma ação, encontra-se, exclusivamente, e até, principalmente, na posição ocupada por um ator social em um contexto preciso e claramente delimitado. (MARTUCCELLI, 2007, p.18).

³² Em construir uma representação que reconheça o legítimo lugar do contexto ou da posição e permita, ao mesmo tempo, compreender a singularidade do sentimento de separação e de individualidade experimentado por cada ator. (MARTUCCELLI, 2007, p. 27)

Elias (1994) como inapropriada, pois para ele não podemos dar visibilidade apenas ao indivíduo ou apenas à sociedade, logo:

nenhum dos dois existe sem o outro. Antes de mais nada, na verdade, eles simplesmente existem - o indivíduo na companhia de outros, a sociedade como uma sociedade de indivíduos - de um modo tão desprovido de objetivo quanto as estrelas que, juntas, formam um sistema solar, ou os sistemas solares, que formam a Via-Láctea.(ELIAS,1994, p.11).

Como podemos compreender, o binômio indivíduo e sociedade é indissociável. Nesse sentido, as pesquisas sociológicas deveriam considerar categorias que contemplassem os dois níveis de análise. A sociologia do indivíduo busca conhecer a escala individual da vida social por meio de categorias que considerem as peculiaridades dos sujeitos. Cabe ressaltar que, em cada época ou lugar, os modos como os indivíduos e a sociedade existem, ou melhor, se organizam, diferem-se uns dos outros e, conseqüentemente, provocam inter-relações distintas. Daí decorre a importância das trajetórias sócio- históricas no construto das apreciações das ações dos indivíduos frente à sociedade. Matuccelli (2007) destaca essa inter-relação a partir do conceito de indivíduo:

La misma idea de individuo (individuir) subraya de inmediato que se trata de un todo único e independiente que existe por si mismo. Es inseparable, por lo tanto, de su condición de “oposición-complementariedad” con respecto al entorno y los demás. Su existencia depende de la manera con la cual se llega a definir la relación entre su “mónada” psíquica inicial y la “persona” social en la que se convierte. Para la sociología, este individuo es, con la mayor frecuencia, un actor social, capaz de modificar su entorno, dotado de intenciones, de reflexiones, de estrategias, constreñido por contextos y límites múltiples y la interpretación de cuya conducta, además, oscila entre factores anteriores o bien proyectivos.³³ (MATUCCELLI, 2007, p. 10).

No conceito de indivíduo cunhado por Lahire (2004), os elementos externos ao indivíduo também são apreciados:

³³ A própria ideia de (in)divíduo (individuir) reforça de imediato que trata-se de um todo único e independente que existe por si mesmo. É inseparável, portanto, de sua condição de “oposição-complementariedade” em relação ao entorno e aos demais. Sua existência depende da maneira pela qual se define a relação entre sua “mônada” psíquica inicial e a “pessoa” social na qual se converte. Para a sociologia este indivíduo é, com maior frequência, um ator social, capaz de modificar seu entorno, dotado de intenções, de reflexões, de estratégias, sujeito por contextos e limites múltiplos e a interpretação de cuja conduta, além disso, oscila entre fatores anteriores ou bem projetivos. (MATUCCELLI, 2007, p. 10).

indivíduo – objeto construído e não realidade empírica complexa, inatingível como tal – podia ser definido como uma realidade social caracterizada por sua possível(provável) complexidade disposicional, que se manifesta na diversidade dos domínios de práticas ou cenários nos quais esse indivíduo insere suas ações. A complexidade começa a partir do momento em que se dispõe, para um mesmo indivíduo, de pelo menos dois comportamentos a serem comparados em contextos diferentes. (LAHIRE, 2004, p.9),

Percebemos que os autores destacam a condição inseparável de indivíduo e sociedade e reiteram os elementos internos e externos aos indivíduos como fator que os constitui. Não podemos analisar o indivíduo como um ser sem uma condição sócio-histórica que lhe possibilita ser singular, mas também pertencente a um conjunto de elementos anteriores e posteriores a ele que, por sua vez, sustentam o seu ser e suas condutas. Nesse sentido, existe uma interdependência entre indivíduo e sociedade que não podemos deixar de considerar na modernidade, quando realizamos pesquisas de cunho sociológico. Um dos elementos externos apontados por Lahire (2004) é a disposição. Para o autor,

uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geram a aparente diversidade das práticas. (LAHIRE, 2004, p. 27).

Para tornar observável uma disposição, é necessário que o comportamento, as práticas, os interesses, as opiniões, as maneiras de agir, entre outras ações do indivíduo, sejam repetidos várias vezes, ou seja, as práticas devem ser recorrentes. Não seria possível, por exemplo, observar disposições favoráveis à leitura literária digital de leitores jovens apenas em uma sessão de entrevista ou observando um evento em torno da leitura literária digital. São as práticas observadas no decorrer de um período “[...] da atividade do indivíduo estudado, sejam eles produto da observação direta dos comportamentos, do recurso do arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica” (LAHIRE, 2004, p. 23) que evidenciarão as disposições. Daí a importância, em nossa pesquisa, de acompanhar, por meio de entrevistas, durante sete meses, as práticas de leitura literária digital dos leitores jovens.

Como uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através da duração, isto é, mediante a repetição de experiências relativamente semelhantes. [...] conseqüentemente, uma disposição pode ser reforçada por solicitação contínua ou, pelo contrário, pode enfraquecer por falta de treinamento. (LAHIRE, 2004, p. 28).

Essas socializações podem ser explícitas por meio de uma prática recorrente nas instituições que medeiam o produto a ser incorporado, como a família, a escola, a igreja, o local de trabalho, a academia que o jovem frequenta, os colegas virtuais ou não. Pode ser também de modo subliminar por meio de ações desorganizadas, mas frequentes, em torno de uma atividade. E por fim, segundo o autor, por “inculcação ideológica- simbólica” direta ou indiretamente disseminada pelas diversas instituições sociais que definem normas e crenças.

O autor ressalta, também, a possibilidade de reforço ou enfraquecimento das disposições, que podem ocorrer, em relação às práticas de leitura literária digital entre os leitores jovens, devido ao acesso a materiais de leitura disponíveis, ao tempo livre e à diminuição das sociabilidades em torno da leitura. Observamos, no trecho abaixo da entrevista com D_F_16_D, o enfraquecimento da disposição para leitura literária digital, relacionada a essas categorias acima citadas, quando questionada a diminuição de suas leituras.

D_F_16_D: Ah ...por telefone é difícil também, porque cada uma agora tá fazendo uma coisa, tem umas agora que tá no curso, outras tá na faculdade, outras tá trabalhando.

E: Hum rum

D_F_16_D: Aí o contato ficou meio complicado.

E: Aí vocês estão conversando com menos frequência.

D_F_16_D: Hum rum.

E: mas vocês conversavam fora da escola, ano passado. Vocês conversavam fora da escola? Ou só na escola?

D_F_16_D: Fora da escola a gente conversava, sim.

E: Também?

D_F_16_D: Hum rum.

E: E aí esse ano, mudou muito, então.

D_F_16_D: É. Esse ano ficou mais complicado.

E: A vida vai começando a ficar mais adulta, né?

D_F_16_D: É (Risos)

E: (Risos) e aí todo mundo trabalhando, não teve tempo.

D_F_16_D: É.

E: Então você acha que, essa, essa questão de ...do término do ensino médio e da perda de contatos que você tinha com ela fez você dar essa diminuída.

D_F_16_D: Hum rum, é.

E: Você acha que teve só isso ou teve mais alguma coisa?

D_F_16_D: Não, acho que foi só isso, mesmo, que de vez em quando a gente conversa pelo celular, mas é ...agora é reduzido, é menos.

E: Entendi. E aí elas, antes ficavam o tempo todo trocando figurinha sobre, sobre livro?

D_F_16_D: Hum rum

E: trocando, livros?

D_F_16_D: Isso.

Esse trecho evidencia a importância da sociabilidade literária na Internet para as disposições individuais dos leitores jovens, mas também para a construção de relações sociais entre os sujeitos, por meio das práticas de leitura literária. Segundo Leveratto e Leontsini (2008):

Observer la sociabilité littéraire permet ainsi de dépasser une vision trop individualiste de la lecture, où le livre est “considéré en lui-même et pour lui-même”, sans tenir compte de “la possibilité qu’il procure aux lecteurs de fabriquer du lien social (le livre ou la lecture comme rapport social). (LEVERATTO E LEONTSINI, 2008, p.30)³⁴

Nesse sentido, as práticas de leitura literária não podem ser observadas apenas pelas ações individuais do leitor com a obra lida, mas também pelo prazer das conversas com os amigos sobre as obras lidas, envio de links para acesso a obras digitalizadas, leitura de comentários de pessoas desconhecidas sobre as obras na Internet, empréstimos de obras, indicações de obras “mais vendidas”, nas prateleiras ou nos sites das livrarias, indicações de leitura, de *sites* e de *blogs*, ou seja, “Il y a toujours une communauté qui lit en nous et par qui nous lisons”³⁵ (LEVERATTO E LEONTSINI, 2008, p.32), seja ela construída pela Internet, em comunidades *on-line* de leitores por pessoas desconhecidas ou por amigos de escola, do bairro e familiares, em redes sociais e em grupos criados por meio de aplicativos de mensagens instantâneas.

³⁴ Observar a sociabilidade literária permite assim ultrapassar uma visão individualista demais da leitura, onde o livro é –considerado em si mesmo e para si mesmo- sem considerar a possibilidade que ele proporciona aos leitores a construção de elo social (o livro ou a leitura como relação social). (LEVERATTO E LEONTSINI, 2008, p.30)

³⁵ Sempre há uma comunidade que lê conosco e através da qual nós lemos. (LEVERATTO E LEONTSINI, 2008, p.32)

Assim como os leitores jovens não leem sozinhos, mas constroem suas habilidades, gostos, comportamentos e disposições para a leitura nas socializações que vivenciam ao longo de suas vidas, também, a representação do que seja ser leitor se estabelece a partir das representações sociais do que é necessário para ser considerado leitor e que lhes possibilitam definir se se consideram leitores. Para os leitores jovens da pesquisa, ser leitor implica gosto, frequência e quantidade de leituras realizadas. Não é o indivíduo sozinho, isolado dos seus pares e da sociedade, que define o conceito de leitor. Podemos relacionar esses modos de construção coletiva para qualquer prática cultural e conceito, inclusive a de ser jovem, e, também, para a literatura digital. A definição desse conceito, em especial, se apresenta ainda em fase de construção e tem se desenvolvido a partir de várias vozes que tentam formular modelos teóricos.

A definição de leitor, mas também de jovem estará relacionada ao conceito de identidade, que, para Martucceli (2007):

la identidad es lo que permite, en un solo y mismo movimiento subrayar la singularidad de un individuo y, la vez, colocarnos, dentro de una cultura o de una sociedad dadas, parecida a algunas otras. El hecho de que la identidad adopte a veces un lenguaje intimista y particular no debe, pues, hacer olvidar, en ningún momento, sus dimensiones sociales y culturales.³⁶ (MARTUCCELI, 2007, p. 289)

Evidencia-se a necessidade de se considerarem as dimensões culturais e sociais na construção da identidade dos indivíduos, em especial, nesta pesquisa, leitor e jovem. Buscar conhecer o que é considerado leitor na contemporaneidade e comparar as concepções históricas desse conceito é fundamental, bem como o conceito de jovem, também definido de forma diferente em cada cultura e em cada tempo. O Instituto Pró-Livro, em pesquisa realizada em 2016, considerou leitor aquele sujeito que havia lido, nos últimos três meses, uma obra inteira ou parte dela. Podemos aferir que o conceito de leitor está intimamente ligado à frequência de leituras realizadas, mas é importante observar que, para ser leitor, nessa concepção, não é necessário ter lido uma obra inteira.

³⁶ A identidade é o que permite, em somente um mesmo movimento, ressaltar a singularidade de um indivíduo e, ao mesmo tempo, colocar-nos dentro de uma dada cultura ou sociedade parecida a algumas outras. O fato de que a identidade adote, às vezes, uma linguagem intimista e particular não deve, no entanto, deixar de considerar, em nenhum momento, suas dimensões sociais e culturais. (MARTUCCELI, 2007, p. 289)

O leitor pode ser aquele que lê uma obra completa ou lê uma obra e não a finaliza ou, em outras situações, lê várias obras ao mesmo tempo e finaliza todas elas ou lê várias obras ao mesmo tempo e não finaliza nenhuma. De todo modo, percebemos que estamos diante de um leitor extensivo, diferente do leitor intensivo, que lia uma mesma obra várias vezes, assim classificados em vários estudos sobre a história da leitura, principalmente nos de Roger Chartier. Provavelmente, o leitor de hoje não seria considerado leitor até o início do século XX, pois até esse período a leitura intensiva era a prática mais frequente. Assim, a identidade de leitor acompanha as práticas de leitura que são definidas pela sociedade e, conseqüentemente, muda ao longo dos tempos, pois as práticas mudam e/ou se ressignificam.

Quanto à definição de jovem, ela pode ser direcionada para a vertente psicológica ou para a sociológica. Para a análise do objeto desta pesquisa, direcionamos para uma perspectiva sociológica, que propicia uma base sócio-histórica do construto do que é ser jovem. Inicialmente, é preciso buscar uma definição da faixa etária que identifica os jovens. Cadermatori (2009) buscou nos conceitos da Organização Mundial da Saúde a diferença entre adolescência e juventude.

O adolescente é definido como um indivíduo entre 10 e 20 anos, que passa por modificações corporais e por adaptações a estruturas psicológicas e ambientais, que irão conduzi-lo à vida adulta. Já a definição de juventude parte de um enquadramento social e engloba parte da adolescência e o início da vida adulta. (CADERMATORI, 2009, p.61).

Como podemos observar, a autora não define uma faixa-etária para a juventude, assim como Peralva (2007, p.25) conceitua a juventude [...] associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. Mas, como é a adolescência que define a entrada na juventude (DAYRELL, 2007), buscaremos delimitar a idade inicial dos jovens a partir dos limites etários estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que compreendem a adolescência, respectivamente, de 12 a 18 anos incompletos e dos 15 aos 24 anos.

Por essa delimitação, compreendemos a juventude como a fase que tem início aos 12 anos de idade e fim aos 24. Conforme Dayrell (2007), a definição de como a sociedade representa a juventude é sócio-histórica. Isso implica que

a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também nas regiões geográficas, entre outros aspectos. (DAYRELL, 2007, p. 157).

Nessa perspectiva, para compreendermos as práticas de leitura literária digital dos leitores jovens, é necessário analisarmos o contexto histórico e social desses sujeitos que se encontram em momentos de transformações físicas, psicológicas e de inserção social diferenciadas. Suas singularidades intra-individuais relacionadas à origem social, já que pertencem a estratos socioeconômicos diferentes, poderão constituir um envolvimento maior ou menor com a leitura literária, seja ela digital ou não, implicando, provavelmente, níveis diferenciados de capital literário, termo utilizado por Bourdieu (1984).

Quando analisamos as condições históricas, sociais, econômicas, o capital cultural e literário, entre outras categorias, estamos buscando também conhecer os suportes, termo definido por Martuccelli (2007) para indicar os elementos internos e externos ao indivíduo que sustentam suas ações frente ao mundo. Conforme o autor pontua:

La noción de soporte tiende, por lo tanto, a contar con ese conjunto heterogéneo de elementos, reales o imaginarios, tejidos a través de las relaciones con los demás o consigo mismo, pasando por una internalización diferencial de las situaciones y de las prácticas, gracias a las cuales el individuo se tiene porque es tenido, y es tenido porque él se tiene, dentro de la vida social.³⁷ (MARTUCELLI, 2007, p. 63).

³⁷ A noção de suporte tende, por tanto, a contar com esse conjunto heterogêneo de elementos, reais ou imaginários, tecidos através das relações com os demais ou consigo mesmo, passando por uma internalização diferencial das situações e das práticas, graças às quais o indivíduo se tem porque é tido e é tido porque ele se tem, dentro da vida social. (MARTUCELLI, 2007, p. 63).

Para Martuccelli (2007, p. 52) “[...] el individuo no existe sino en la medida, y solamente en la medida, en que es sostenido por un conjunto de soportes”³⁸. O autor prossegue definindo os tipos de suportes:

materiales ou simbólicos, cercanos o lejanos, conscientes o inconscientes, activamente estructurados o pasivamente sufridos, siempre reales en sus efectos, y sin los cuales, a decir verdad, no subsistiría prácticamente.³⁹ (MARTUCCELLI, 2007, p. 52).

Podemos compreender que os suportes irão significar essa rede de recursos que sustenta o indivíduo, do ponto de vista particular e social. No entanto, o sujeito pode ter determinado suporte e não usufruí-lo ou não considerá-lo. Nesse sentido, podemos verificar situações nas quais o jovem tem o suporte material, dinheiro, por exemplo, mas não possui uma prática e uma leitura literária digital, porque, a despeito do capital literário herdado, ele não o usufrui ou não o considera.

No entanto, apesar de todos os elementos externos ao indivíduo, Martuccelli (2007) considera que este não perde a autonomia, pois, segundo o autor, ser autônomo é ser capaz de dar a si a sua própria lei a partir de elementos externos que, após um exame de consciência, se convertem em regras pessoais. Na pesquisa, os leitores jovens possuem uma rede de sociabilidade literária na Internet na qual uma das ações desta rede são os comentários em redes sociais, livrarias *on-line*, blogs e outros ambientes de compartilhamento de informações sobre os obras lidas.

A despeito dos comentários, elementos externos, o leitor jovem não perde a autonomia na escolha da obra, pois, conforme apontado pelos dados da pesquisa, os comentários somente serão levados em consideração após uma análise pelo leitor jovem de fatores, como: quantidade, qualidade dos comentários, gostos parecidos entre quem está comentando e o leitor jovem – isso é possível, por exemplo, quando os comentários estão em redes sociais e o leitor jovem pode conhecer a página do dono do comentário ou se o comentário é feito por um amigo que tem as mesmas preferências literárias.

³⁸ O indivíduo não existe a não ser na medida, e somente na medida, em que é sustentado por um conjunto de suportes. (MARTUCCELLI, 2007, p. 52)

³⁹ Materiais ou simbólicos, próximos ou distantes, conscientes ou inconscientes, ativamente estruturados ou passivamente sofridos, sempre reais em seus defeitos, e sem os quais, para dizer a verdade, não subsistiria praticamente. (MARTUCCELLI, 2007, p. 52)

Outro elemento externo ao leitor jovem diz respeito à socialização, no espaço doméstico, de práticas de leitura literária digital. Possuir ou não uma ambiência familiar em torno dessas práticas por meio do acesso a dispositivos digitais, à Internet, ao incentivo, desde a infância, em realizar leituras literárias no suporte impresso e digital, em presenciar práticas de leitura literária dos pais no espaço doméstico, na aquisição de obras pelos pais, desde a socialização primária, entre outras ações, pode favorecer ou não o nível de capital literário dos leitores jovens.

A produção, posse, apreciação ou consumo de um bem cultural, quando advindo das experiências e vivências no espaço doméstico, é conceituada por Bourdieu (1984) como capital cultural herdado, construído nas relações com os pais, irmãos, avós, tios, enfim, os familiares, que mobilizam os sujeitos desde muito pequenos para o consumo de objetos culturais de vários campos de produção simbólica, algo diferente do capital cultural adquirido, que o autor define como aquele construído tardiamente a partir das socializações secundárias oriundas do grupo em que o sujeito vive e pela aprendizagem efetuada no percurso escolar.

Por compreendemos a literatura como objeto cultural e como uma espécie de capital cultural, utilizaremos o termo capital literário para designar o interesse dos leitores jovens pela leitura literária digital e impressa, pela aquisição de obras digitais e impressas, pelo conhecimento sobre autores, obras, estilos, gêneros e também sobre suas ideias quanto à qualidade das obras. Para que a literatura seja considerada como capital e, por conseguinte, ser legítima culturalmente, é necessário que ela (Lahire, 2004) seja considerada por uma pessoa ou por um grupo de pessoas ou por uma comunidade como um bem cultural superior e mais importante que outros. Quando os leitores jovens foram questionados sobre o gosto para leitura literária, a resposta de G_F_17_B1 reitera o valor que ler literatura tem, em meio às demais atividades realizadas por ela.

G_F_17_B1: ah não sei...eu acho que...primeiro é a aprendizagem mesmo... que eu gosto muito de conhecer coisas novas...gosto muito de aprender... e outra que é mais um refúgio assim...quando...quando você quer buscar coisas novas... ou histórias novas...alguma coisa...ao invés de você ficar à toa fazendo outras coisas se lê um livro...eu acho...eu gosto de ler...

Já a prática frequente de leitura literária por toda a família, inclusive a indicação de que “até” o filho João gosta de ler indicia o capital cultural literário da família e a

importância dada por M_F_17_B2 em apreciar e consumir esse bem cultural altamente desejável socialmente.

M_F_17_B2: Desde pequena. Até o João lê. Ele pega o livrinho e fica vendo a leitura visual. Porque desde pequena a minha mãe sempre trouxe muito livro para mim ler. E então eu, ela e a minha irmã, a gente sempre lê muito. Eu gosto de ler.

O capital literário, por ser gerado por um conhecimento e uma prática ainda restrita entre as pessoas, em especial, entre os jovens, ganha uma crença de legitimidade cultural e se torna desejável socialmente. Conforme, Lahire (2004, p. 39): “A noção de cultura legítima dominante decorre fundamentalmente de uma sociologia da crença e da dominação”, embora não possamos dizer que os critérios de legitimidade que qualificam o tipo de leitura para os acadêmicos coincidam com o que os jovens consideram em suas classificações culturais, no sentido de suas escolhas e preferências. Podemos dizer que, enquanto o capital literário for uma forma de distinção social, por ser raro entre os jovens e ser altamente desejável, estaremos longe da democratização da leitura literária no país. A identificação da leitura literária como um capital cultural, as disposições favoráveis à leitura literária acrescentada da frequência com que os jovens realizam leituras literárias podem caracterizar o leitor ávido e o seu nível de capital literário.

Encontramos nos dados da pesquisa, tanto entre os seis leitores jovens oriundos de estratos socioeconômicos mais altos quanto dos estratos socioeconômicos mais baixos, uma herança de um capital literário (BOURDIEU, 1984) oriunda da socialização primária. Pertencem a uma família detentora de uma ambiência familiar literária, há mais de uma geração, que vivencia práticas frequentes com a cultura escrita. Haja vista D_F_16_D , M_F_17_B2 e G_F_17_B1, de estratos socioeconômicos que vão do mais baixo até o mais alto, dentro do *corpus* estudado, possuem uma disposição favorável para a leitura literária devido a uma socialização primária explícita, no espaço doméstico, de práticas de leitura literária desde a infância. Há, também, fatores que desfavorecem esse acúmulo de capital específico, como a ausência de ambiência literária e de uma condição socioeconômica mais favorável de uma família.

No entanto, as famílias que possuem condições socioeconômicas menos favoráveis podem criar, também, modos de disponibilizar acesso aos bens culturais

desejáveis socialmente, como a literatura. Os leitores jovens M_M_17_B2, P_M_17_C1 e R_M_15_C1, de estratos socioeconômicos medianos, dentro do *corpus* estudado, não possuem uma ambiência familiar que favoreça a construção de um capital cultural literário herdado, mas sim de um capital cultural literário adquirido tardiamente em outras instâncias, em especial, com os colegas e com a mídia. A diferença de ambiência literária familiar nos dois grupos pode ter imprimido nos leitores jovens um nível diferente de capital literário em relação aos leitores jovens de estratos socioeconômicos mais baixos, mas não observamos, nos dados, uma discrepância no capital literário entre eles, ou seja, seus discursos sobre as obras literárias, sobre autores, formas de acesso à literatura, a capacidade de discernir qualidade e estilos de obras não foram muito distintos.

Provavelmente, essas diferenças de capital literário possam ficar mais evidentes se tivéssemos no *corpus* da pesquisa herdeiros de estratos socioeconômicos A1. No entanto, partindo de uma perspectiva sociológica individual, não serão apenas as categorias macrosociológicas, como nível socioeconômico, que irão definir as ações dos leitores jovens frente ao mundo, mas também as variações intraindividuais. Isso implicaria termos jovens do mais alto estrato socioeconômico, mas que não possuem uma disposição para práticas de leitura literária digital, como também, no outro polo, jovens de estrato socioeconômico mais baixo que possuem disposições para práticas de leitura literária. Para Lahire (2006, p.110), [...] não apenas os polos não caracterizam os indivíduos de maneira permanente, mas também esses indivíduos raramente são definíveis por apenas um desses polos ou atribuíveis a apenas um desses polos.

O ideal-tipo composto por dois polos de categorias, por exemplo, nível socioeconômico e leitores, é oriundo de uma sociologia quantitativa que não tinha um olhar para as especificidades, ou melhor, para as dissonâncias e as variações individuais. Pois, como apontado acima, nos dados dos seis leitores jovens pesquisados, encontramos uma diversidade de disposições para leitura literária dentro da grande categoria, estrato socioeconômico. Mas isso não nos permite analisar apenas por esse viés, pois também temos que buscar outros fatores que irão contribuir para demonstrar as propensões, inclinações, hábitos presentes nas práticas de leituras literárias digitais dos leitores jovens.

Nesta pesquisa, ganha destaque a importância dos colegas, da sociabilidade literária na Internet e da indústria cultural que, por meio das séries de TV, do cinema

e dos jogos, se configuram como mediadores na formação dos leitores jovens, pois suas práticas de leitura literária digital passam ao largo da família e da escola. Para Lahire (2004, p. 17), “o mais íntimo, o mais particular ou singular dos traços da personalidade ou do comportamento de uma pessoa só pode ser entendido se reconstituirmos o ‘tecido de imbricações sociais com os outros’”.

2 Leitura literária digital

Neste capítulo, buscaremos, inicialmente, situar o campo de estudo sobre leitura literária digital para podermos discutir categorias centrais na pesquisa, sobretudo no que se refere aos aspectos intrínsecos da cultura digital que repercutem nas obras e nas práticas de leitura literária digitais. Assim também os gêneros lidos e a cultura literária digital que os jovens partilham, as formas de acesso às obras, sociabilidades, modos de ler e ambientes de leitura decorrentes do uso de suportes digitais e modos de ver as leituras feitas em suporte impresso e digital. Aspectos internos à obra e suas formas somente serão descritos, caso seja necessário para a compreensão da análise de práticas de leitura literária literária.

2.1 Obras literárias digitais

Com a ampliação do acesso à Internet e, concomitantemente, da literatura, algumas relações entre textos e leitores são modificadas, ampliadas e ressignificadas. Inicialmente, destaca-se uma mudança referente à experiência sensorial, na qual o leitor não toca no objeto lido, folheando as páginas com a mão, sentindo o cheiro e visualizando o suporte por completo, mas necessita ligar o dispositivo digital e, com um toque na tela, passa as páginas do texto, não permitindo visualizar toda a dimensão da obra, o que demanda novos gestos e comportamentos do leitor. Isso não ocorre apenas nos suportes digitais, conforme os diferentes estudos da história do livro e da leitura divulgados por Roger Chartier, mas o fenômeno da materialidade digital traz novos elementos para pensarmos sobre seus gestos e comportamentos.

Nos textos literários impressos, embora o leitor possa fazer a leitura de forma não linear, geralmente não está na intenção do escritor a iniciativa de mobilizar o leitor na escolha de vários caminhos. No entanto, mais recentemente, há iniciativas de produção de obras para uma leitura “interativa” no impresso, cujos caminhos podem ser escolhidos pelo leitor. Na cultura digital ampliam-se as possibilidades dos criadores⁴⁰ de criar obras literárias com a intenção de estabelecer uma interação

⁴⁰Marcelo Spalding; Samir Mesquita; Sergio Caparelli, Ana Claudia Gruszynski, Alckmar Luiz dos Santos, Chico Marinho, entre outros.

com o leitor. Em tese, potencializando os recursos hipertextuais, o leitor poderá reescrever a obra a partir desse recurso que o leva para narrativas com início, meio e fim diversos, algo diferente das culturas manuscrita e impressa, nas quais os escritores tradicionalmente não têm essa intencionalidade. Nas poesias digitais, em geral, a interação do leitor por meio de acionamento de links, captura de movimentos, entre outros recursos, é importante para que a leitura se realize.

Outra faceta inaugurada pela Internet é a ampliação do compartilhamento das produções e das leituras de obras, literárias ou não, ou seja, uma alteração da sociabilidade do mundo do livro e dos leitores, tornando os sujeitos, simultaneamente, escritores e leitores dos *blogs*, dos *vlogs*, do *Twitter*, dos dicionários construídos coletivamente, como a Wikipédia, das comunidades variadas que se organizam em torno de diversas temáticas. Na literatura criada em meio digital, destacam-se as *fanfics*, ficções criadas a partir de textos originais pelos fãs de determinado obra, filme, série, história em quadrinhos, personagens, cantores, entre outras motivações. As *fanfics* criam comunidades de leitores/escritores por meio da Internet, oportunizando mais um ambiente digital de produção e de divulgação de obras literárias, em especial narrativas, que podem mobilizar a formação de leitores e de escritores.

Por fim, amplia-se também o acesso a uma variedade de gêneros textuais, literários ou não, alguns já velhos conhecidos dos leitores, uns inéditos e outros com uma “roupa” nova, mas com características muito semelhantes aos velhos. Conforme Bakhtin (2003, p. 262), “ cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados [...]” (grifos do autor). Como exemplo, a carta e o diário, na cultura escrita manuscrita, têm, respectivamente, o *e-mail* e o *blog* como análogos na cultura digital. Para Marcuschi (2010, p. 15), “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas muitos deles têm similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita.” Todos eles emergem nessa nova cultura, ampliando e instigando o leitor a se mobilizar em torno da leitura.

2.2 Literatura digital

As obras literárias disponíveis na cultura digital, denominadas por literatura digital, são definidas por Torres (2004b) como ciberliteratura. Segundo o autor, obras dessa natureza podem, também, ser designadas de

literatura algorítima, generativa ou virtual. A ciberliteratura designa aqueles textos literários cuja construção assenta exclusivamente em procedimentos informáticos: combinatórios, multimidiáticos ou interactivos”. Para Pedro Barbosa, seu maior teorizador em Portugal, “[n]a ciberliteratura o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação. (TORRES, 2004b, p. 117).

A literatura gerada por computador, infoliteratura, literatura algorítima, literatura generativa, entre outras denominações, segundo o autor, são obras exclusivas do meio digital. Exclui-se, neste caso, o simples armazenamento e a transmissão de informação, como acontece na literatura digitalizada que iremos discutir adiante. Ressalta-se que o trecho de Pedro Barbosa, citado por Torres (2004b), foi publicado originalmente em 1996 e direciona o conceito apenas para o uso de manipulação de signos verbais, ou seja, a utilização de palavras escritas ou faladas para a produção de obras literárias por meio de programas de computador, com combinações variadas de algoritmos. Treze anos depois, em publicação datada de 2009, Barbosa utilizou o termo literatura eletrônica e elaborou a seguinte definição:

Consideraremos a literatura eletrônica a “criatividade informática na infinita ‘generatividade’ utilizando o computador como ‘telescópio de complexidade’” (conceito de Abraham Moles): Ou seja, como máquina que simula e amplifica os nossos procedimentos mentais, entre eles, os criativos. É dentro deste âmbito que vamos encontrar textualidades não compatíveis com o suporte estático do papel como sejam o texto generativo, o texto automático, a literatura algorítmica, o texto virtual, a literatura combinatória variacional, a poesia animada por computador, o texto multimídia ou a hiperficção interactiva. (BARBOSA, 2013, p. 20).

Nesse conceito, o autor enfatiza a complexidade das obras criadas em meio digital, pois elas possibilitam o uso das tecnologias digitais para elaborar obras literárias que seriam impossíveis de serem construídos sem as máquinas. Reafirma, ainda, a diferença entre a literatura eletrônica e a literatura impressa e a amplia

indicando formatos outros de obras de literatura eletrônica. Hayles (2009) denominou a literatura digital como literatura eletrônica. Para a autora, ela é

geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é, por contraste, “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e geralmente lido em uma tela de computador. (HAYLES, 2009, p.20).

Destaca-se, nesse conceito também, assim como Rui Torres e Pedro Barbosa, a diferença entre a literatura criada em meio digital e a literatura impressa e, por vezes, transposta para o computador. O conceito de literatura digital, segundo Hayles (2009, p. 43), “tem uma presença visível há apenas cerca de duas décadas (embora seus antecessores datem, pelo menos as poesias para o computador, do inícios dos anos 1960 e de muito antes na tradição impressa)”. A diversidade de termos para designar as obras literárias digitais e as limitações do que seria este tipo de obra demonstra que o campo encontra-se ainda em construção e, por isso, definir se uma obra literária é considerada literatura digital não é tarefa fácil e não é nosso objetivo fazê-lo neste trabalho.

Outra faceta relacionada ao conceito é a categorização das obras, pois definir de que tipo ou gênero é uma obra, seja ela literatura digital ou não, sempre foi um tema polêmico, já que a diversidade de obras, suas multidimensões, os níveis de complexidade e suas rápidas transformações, devido aos avanços das tecnologias utilizadas para produzi-las, podem gerar categorizações duvidosas de obras de literatura digital. Além disso, as categorias criadas e tomadas como referência para análise das obras podem se tornar obsoletas em um curto prazo de tempo.

Buscando contribuir para uma reflexão, Santos (200..?) critica dois modelos. O primeiro seria o essencialista, que proporia categorias mais universais para a classificação das obras, buscando a essência do literário sem relacionar as obras à sua materialidade e concretude, assumindo o modelo dedutivo. O segundo modelo, alicerçado no indutivismo, seria baseado na descrição de cada obra, considerada em sua singularidade, sendo “o tipo do objeto entendido automaticamente como um gênero” (SANTOS, 200..?, p.2). Defendendo a possibilidade de alguma categorização que fuja desses dois polos e, a despeito de estar ciente de muitos estudiosos da área desistirem da tentativa de categorização, o autor defende a importância das “categorizações e discriminação tipológica” das obras de literatura

digital. Parte de três dimensões multifacetadas que se entrecruzam para definir regiões tipológicas em que podem predominar elementos das três dimensões em níveis semelhantes. Quando um conjunto de obras de literatura digital fosse agrupado no mesmo tipo, ter-se-ia o que o autor denominou de “região de gênero literário digital”.

Nos limites do que venho pensando e no que vejo possível desenvolver neste trabalho, também são três as perspectivas ou dimensões que me permitiriam descrever criações literárias digitais, a partir de tipologias que se poderiam propor com esse modelo de análise. Temos, assim, três dimensões que se definem a partir de três elementos fundantes das literaturas digitais: o literário-verbal; o semiótico; o informático ou computacional. (SANTOS, 200?., p.6).

A dimensão literário-verbal possui “elementos de classificação literária vindos da tradição oral/impressa” (SANTOS, 200?, p.8). A segunda dimensão, semiótica, seria “composta também por elementos heterogêneos, [como] [...] o som, a imagem, a palavra, o filme, o ícone” (SANTOS, 200?, p.8), entre outros, e para cada um desses recursos semióticos é necessário o uso de um determinado tipo de arquivo. Esses elementos multimodais estariam mais presentes nessa dimensão. Por fim, na dimensão computacional, o elemento fundante, mas não exclusivo, será o programa computacional no qual a obra foi criada. Santos (200?) aponta alguns possíveis elementos que estão presentes nessa dimensão e que devem ser considerados: os dispositivos digitais, a interface, a linguagem de programação, os modos de leitura possíveis definidos pelo autor, a interatividade, as estratégias de acesso aos dados e os modos de execução como elementos de análise contidos na dimensão computacional.

O autor buscou indicar as dimensões *sinequa non* de obras criadas em meio digital que permitissem organizá-las pelos elementos das dimensões que teriam em comum e pelo nível de propriedade que cada obra possui das três dimensões, pois, para ele, a literatura digital não poderá ter apenas uma das dimensões. O autor informa que “essas regiões ou dimensões são dinâmicas, ou seja, têm um pequeno grau de mutação e de deslocamento, dependendo do objeto, do leitor e da leitura” (SANTOS, 200?, p.7). Para ele, “um gênero não seria, então, um dado ponto nesse espaço vetorial, mas uma região arbitrariamente limitada em torno da qual vários tipos muito semelhantes de criações digitais se aglomerariam” (SANTOS, 200?, p.7).

Propondo um espaço de diálogo e comparação, para compreender as dimensões sempre em relação às outras e, por que não, de uma obra em relação à outra, o autor defende a possibilidade de criar modelos analíticos que operem com múltiplas relações. Assim, “um conjunto de várias obras literárias digitais com tipos muito próximos definiria uma região de gênero digital” (SANTOS, 200?, p.14). Hayles (2009), de forma mais prescritiva, categorizou em oito gêneros as obras de literatura digital, a despeito de considerá-las não como um repertório finito, mas um esboço das possibilidades das criações literárias em meio digital. Para a autora, as obras podem ser categorizadas “abarcando todos os tipos associados com a literatura impressa e acrescentando alguns gêneros únicos ao meio eletrônico em rede e programável” (HAYLES, 2009, p. 23). Poderíamos exemplificar as associações entre os gêneros impressos e digitais, com o conto e o romance, no impresso, e o hiperconto e o hiper-romance no digital.

Estes possuem as características de forma e conteúdo daqueles, acrescentados de recursos multimodais, hipertextualidade e uma interatividade que permite a participação dos leitores na construção do início, meio e fim da história. Poderíamos categorizá-los como do gênero ficção narrativa, caracterizado pela autora como obras que possuem elementos de um texto narrativo, como tensão, conflito e desfecho, mas incluem a interatividade através da qual o leitor é convidado a participar da construção da história por meio de *links* que levam para diferentes percursos.

A ficção em rede possui elementos textuais da narrativa, podendo ser um romance, um conto, um miniconto ou outro gênero existente no impresso, mas possui sons, imagens em movimento e outros recursos multimodais, fazendo “uso da tecnologia do hipertexto a fim de criar narrativas emergentes e recombinaórias” (HAYLES, 2009, p.25). A primeira geração desse gênero foi a ficção em hipertexto, que, segundo a autora, tinha somente a hipertextualidade como característica. A ficção interativa possui elementos de jogos no qual o jogador não pode prosseguir a narrativa/jogo ou jogo/narrativa sem sua participação. Segundo Hayles (2009), o limite entre jogo e literatura digital ainda é confuso entre os pesquisadores da área.

O gênero narrativa locativa compreende desde “histórias curtas enviadas por capítulos a telefones celulares até narrativas com localização específica, ligadas às tecnologias GPS” (HAYLES, 2009, p.27). É a tentativa de relacionar ações em dispositivos digitais móveis com situações reais. Já na categoria instalações estão

as obras literárias fixas, em que o leitor precisa ir até o local para ter acesso, ou seja, museus, galerias e outros espaços nos quais os autores as disponibilizam. Hayles (2009, p.28) aponta que “Assim como o limite entre jogos de computador e literatura eletrônica, a delimitação entre arte digital e literatura eletrônica é, na melhor das hipóteses, evasiva, muitas vezes mais uma questão da tradição crítica em relação às obras que estão sendo discutidas do que algo intrínseco a estas.” No Brasil, temos alguns espaços⁴¹ que vêm abrindo as portas para esse tipo de obra, fomentando as produções artístico-literárias no país e, principalmente, ampliando o acesso dos leitores à literatura digital.

As *codework* são obras criadas em ambiente CAVE (Automatic Virtual Environment), ou seja, um ambiente de realidade virtual. Por ser um programa com alto custo, esse tipo de obra geralmente não é muito acessível aos leitores, ficando restrita aos centros universitários que as produzem. Outro gênero categorizado pela autora é a arte generativa, “em que um algoritmo é usado para gerar textos de acordo com um esquema aleatório ou para misturar e reorganizar textos preexistentes; é atualmente uma das mais inovadoras e fortes categorias de literatura eletrônica” (HAYLES, 2009, p. 33). A autora cita Jean-Pierre Balpe e Philippe Bootz como alguns dos escritores desse tipo de literatura digital.

O gênero poema em *flash*, construído por meio do programa Flash, cria texto não narrativo com uso de combinações de algoritmos. A autora limita a um tipo de programa as possibilidades de poema/poesia digital, pois existem tipos de poesias digitais que utilizam não somente os algoritmos para a criação dos textos, mas uma diversidade de tecnologias, como as poesias criadas com a tecnologia de captura de imagem (*Kinect*) com a qual o leitor constrói a obra no ato da leitura. A despeito de a poesia eletrônica ter recebido várias denominações, Antonio (2003) a define como

um tipo de poesia contemporânea— formada de palavras, imagens, sons e animação, que constituem um texto eletrônico — que se realiza no espaço simbólico do computador, da Internet e da *web*, tendo como forma de comunicação poética os meios eletrônicos digitais que se vinculam a esses componentes. De um modo geral, ela só existe nesse meio e só expressa, em sua plenitude, através dele. (ANTONIO, 2003, p.18)

⁴¹ Oi Futuro - Instituto de responsabilidade social da Oi que, por meio do uso das tecnologias da informação e da comunicação, cria oportunidades de produção e divulgação de conhecimento na área de educação, culturas nacionais e sustentabilidade.

Percebemos a diversidade de tipos de obras consideradas como literatura digital, algumas compreendendo gêneros integrados às obras literárias do suporte impresso, mas com uso de redes, como as *fanfictions*, que consideramos, neste trabalho, um tipo de literatura digital construída coletivamente, e também os textos de *RPGs – Roleplaying Games on-line*, que possuem elementos de jogos, produção de narrativa ficcional e construção coletiva em rede. Pereira (2007) realizou estudos sobre as relações de proximidade e de distanciamento entre os campos da literatura e do *RPG* e buscou analisar, ao longo do seu trabalho, o fato de que uma obra literária, apesar de, por vezes, unir vários campos artísticos, pode ser considerada não literária em determinado tempo ou por um determinado leitor. Segundo Pereira (2007):

o campo literário determina, através das convenções estabelecidas, o que é e o que não é literário; assim, o texto de teatro, o roteiro do cinema e os textos de RPG podem ser considerados literatura. Contudo, teatro, cinema e RPG não são literatura. A aproximação entre estes campos se dá pelos diferentes modos de narrar que, apesar de diferentes, são modos de narrar. Cada modo, seja cinema, teatro ou RPG, possui uma especificidade. (PEREIRA, 2007, p. 47)

Outras obras de literatura digital inauguram gêneros literários novos ou com características diferentes dos encontrados na cultura impressa, elaborados por meio de hipertextos, recursos multimodais e uso de programas de computador, como as hiperficções e a poesia digital. Essa literatura apresenta elementos literários verbais e semióticos, trazidos de outros suportes, que são associados à dimensão computacional, dimensões necessárias para a compreensão e a análise dos textos literários digitais, conforme nos indica Santos.(200?).

É importante ressaltar, como já apontamos acima, que a literatura digital possui níveis de uso de recursos multimodais, de hipertextualidade e de programas de computador, alguns de simples utilização e disponíveis livremente, outros mais complexos e, inclusive, com tecnologia avançada, a que poucos podem ter acesso.

2.3 Literatura digitalizada

As obras de literatura digitalizada possuem o formato idêntico ao do impresso e podem ser compradas, acessadas livremente na Internet ou baixadas em qualquer

dispositivo digital por meio de *sites* ou bibliotecas digitais. Poesias, romances, biografias, contos e uma diversidade de gêneros literários digitalizados estão disponíveis isoladamente em *sites*, *blogs* e redes sociais. A obra digitalizada se tornou o formato mais amplamente divulgado da literatura digitalizada. Quando disponibilizados em *PDF* e *HTML*, são obras mais fáceis de ler em dispositivos com telas maiores, pois não se adequam a telas menores, como as dos *smartphones*, demandando do leitor movimentar a barra de rolagem e ampliar a visualização com o *zoom*.

O formato *epub* se adequa ao tamanho da tela do dispositivo digital e possui vários recursos para facilitar a leitura. Outra forma de ter acesso a obras digitalizadas é via *Application software (apps)*, disponibilizados somente para *tablets* e *smartphones*. O leitor jovem baixa o aplicativo e pode acessar ou baixar milhares de obras digitalizadas, muitos deles gratuitos e, quando pagos, têm valores geralmente mais baixos que as das obras impressas. Conforme Oliveira (2013), o precursor do que chamamos hoje de leitores digitais foi lançado em 1992 pela Sony: o *DataDiscman*, um suporte específico para a leitura em modo *off-line*.

Esses leitores digitais foram evoluindo com os avanços tecnológicos e com o desenvolvimento da Internet e, em 2007, a Amazon, empresa de comércio eletrônico, lançou um dos leitores digitais mais famosos, o *Kindle*, que possui uma tela sem brilho e com contraste, acesso à Internet e outras funcionalidades para a leitura. Esses dispositivos digitais específicos para a leitura se diferenciam dos *tablets* por possuírem, além da função de leitor digital, outras funções iguais às do computador, mas em um dispositivo móvel e com uma tela maior do que a dos *smartphones*.

As obras digitais se diferenciam das obras digitalizadas, apesar de serem tratados sem distinção por livros eletrônicos ou *e-books*. A obra digital deve ser assim considerada por ter sido produzido, desde sua origem, com o uso de tecnologia digital e com recursos específicos da cultura digital. Mas, também, demandam, para a sua leitura, acionar estes recursos.

A produção ainda deve sofrer muita mudança, especialmente se o livro digital for pensado com funcionalidades características do digital. Há formatos, no entanto, que fogem completamente do impresso. São aplicativos para diferentes *tablets*, por exemplo, que usam funcionalidade do digital, impossíveis numa versão física. Nesse caso, o livro será bastante transformado em relação a sua

versão impressa (se tiver um equivalente impresso). (PINSKY, 2013, p. 347).

A obra digital apresenta-se com níveis diferentes de multimodalidade, interatividade e possibilidade de participação do leitor. Os recursos, como os sons, podem estar apenas em uma voz que lê a história ou em barulhos que surgem à medida que a história vai se desenvolvendo. Podem ainda fazer uso de imagens em movimento, como, por exemplo, um personagem passando de um lado para o outro na tela ou fazer algum movimento a partir do clique do leitor. Mas há, também, obras digitais com imagens em 3D, animações que possuem níveis mais altos de interatividade, de participação do leitor e de multimodalidade. Caso o leitor desejasse imprimir um texto literário contido em uma obra digital, perderia o sentido, pois ela é uma obra criada em meio digital e, por conseguinte, o leitor conseguirá lê-la em dispositivos digitais. Exceções como as *fanfictions* podem ser impressas, inclusive, alguns *sítes* disponibilizam um *link* de obras concluídas para impressão.

Quanto à obra digitalizada, assim como a literatura digitalizada, ela se apresenta apenas como uma transposição da obra impressa para o suporte digital. Geralmente estão em formato *PDF*, possuindo alguns o recurso de passar a página com um gesto que simula o do leitor na obra impressa com um clique no canto superior ou inferior da página da obra digitalizada. Destaca-se, ainda, que os dispositivos digitais específicos para leitura digital, como o *Kindle*, possuem uma interface que permite geralmente apenas a leitura de literatura digitalizada e de obras digitalizadas por não ter na sua concepção recursos tecnológicos que suportem obras com níveis mais avançados de elementos multimodais, recursos em 3D e animações.

2.4 Práticas de leitura literária digital

O termo cultura digital, ainda em fase de construção, é entendido como uma junção entre o suporte digital, a cultura e a técnica. Lévy (2000) se refere à cultura digital por meio do termo cibercultura e a define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2000, p.17). Este compreende, para o autor, não somente a rede mundial de

computadores, mas também o mar de informações que ela disponibiliza e os sujeitos que produzem, utilizam e fomentam essas informações.

Pensar em cultura digital significa, desse modo, correlacionar as tecnologias de informação e comunicação, como, por exemplo, computadores, *smartphones*, *tablets*, televisões digitais, máquinas fotográficas digitais, entre outras, com as funcionalidades e os procedimentos de uso de cada um desses suportes, bem como quem são os usuários que os utilizam, como, para quê e quando fazem uso desses suportes, como se apropriam dos conhecimentos sobre os suportes, funcionalidades e procedimentos, quais são os comportamentos desses usuários e suas preferências nos usos, enfim, as práticas que os sujeitos se envolvem por meio dos suportes digitais.

Segundo Levy (2000), a cultura digital é essencialmente construída pelas pessoas que a utilizam e isso implica dizer que somente com os suportes e com os efeitos deles na sociedade não poderíamos caracterizar a cultura digital, pois a cultura e os usuários são condição *sine qua non* para sua existência. Para Alfredo Manevy (2009):

alguns tratam a cultura digital só como uma tecnologia, só como uma técnica, como uma novidade, esse conjunto de transformações da tecnologia que dos anos 70 para cá vem transformando o mundo analógico neste mundo do bit, algo invisível, mágico, que o digital engendra. Agora, se pensarmos como cultura e não só como suporte, acredito que captamos a essência desta transformação, que é a cultura das redes, do compartilhamento, da criação coletiva, da convergência. São processos vivos de articulação, processos políticos, sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e de formulação. E que encontra no digital não um suporte, mas um modo de elaboração. (MANEVY, 2009, p. 36).

O autor aponta características da cultura digital como compartilhamento, criação coletiva e convergência. Costa (2003) indica também três qualidades por meio dos termos interatividade, atenção e interconexão. O atributo “criação coletiva”, utilizado por Manevy (2009), relaciona-se com o termo “comunidade de conhecimento” de Jenkins (2009). A condição elementar da comunidade de conhecimento é o compartilhamento de informações, pois elas

formam-se em torno de interesses intelectuais mútuos; seus membros trabalham juntos para forjar novos conhecimentos, muitas vezes em domínios em que não há especialistas tradicionais; a

busca e a avaliação de conhecimento são relações ao mesmo tempo solidárias e antagônicas. (JENKINS, 2009, p.48).

A ideia de compartilhar está intrinsecamente relacionada à colaboração. Esta é vista, também, como uma qualidade importante da cultura digital, em que os sujeitos compartilham informações com o intuito de colaborar para a construção de algo, seja um site, um *blog*, um *flog* ou qualquer outro espaço de disseminação de informações possível na cultura digital. A *Wikipédia*, considerada uma enciclopédia livre e gratuita, é um exemplo. `A princípio, qualquer pessoa no mundo pode compartilhar informações a respeito de um assunto sobre o qual tenha conhecimento, e o texto é construído de forma colaborativa por todos aqueles que se sentem em condições de participar dessa construção, formando uma comunidade de conhecimento.

Ressalta-se que não serão todos os membros que compartilharão informações pertinentes e confiáveis, havendo a necessidade de uma auto-regulação pela comunidade de conhecimento. Aquelas que conseguem um maior controle das informações compartilhadas terão, frente à comunidade externa, maior credibilidade. Isso não significa que acreditemos que todos têm a mesma condição de acessar e de participar e que possam participar de comunidades sem determinadas hierarquias e práticas sociocomunicativas próprias de determinado grupo.

Por outro lado, a disponibilização dos aspectos técnicos apenas não garante que se produzam significados próprios da cultura digital se o sujeito não compartilha dos valores e atitudes dessa cultura. Por fim, ainda há muita desigualdade e interesses de consumo na distribuição desses bens simbólicos e materiais, o que necessita de uma crítica radical em termos de pesquisa e utilização de novas tecnologias digitais.

O atributo interatividade é considerado por Costa (2003, p. 13) como a “capacidade de relação dos indivíduos com os inúmeros ambientes de informação que os cercam”. Isso significa que a interatividade se refere ao modo como o suporte, seja ele o computador, o *smartphone*, o *tablet* ou qualquer outro dispositivo digital, foi desenvolvido para ser utilizado pelos usuários. Segundo Jenkins (2009):

refere-se ao modo como as novas tecnologias foram planejadas para responder ao feedback do consumidor. Pode-se imaginar os diferentes graus de interatividade possibilitadas por diferentes tecnologias de comunicação, desde televisão, que nos permite

mudar de canal, até videogames, que podem permitir aos usuários interferir no universo representado. (JENKINS, 2009, p.189).

Mas não basta que o dispositivo digital seja interativo. É necessário que haja ação efetiva do usuário, ou seja, que haja participação para que as possibilidades de interação sejam utilizadas. A participação, para Jenkins (2009), é cultural e social e, desse modo, “é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia.” (JENKINS, 2009, p. 190). São os usuários que definem como será sua participação dentro das possibilidades de interatividade disponíveis nos dispositivos digitais.

Nesse sentido, vão se construindo modos e estratégias de participação da cultura digital que vão se disseminando nas sociedades, e em cada grupo essa participação pode se diferenciar, dependendo dos objetivos, da classe social, do nível de escolaridade, dos interesses pessoais e, em especial, do nível de letramento digital do usuário, entendido por Soares (2002, p.151) como “um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela”.

Para essa participação ser eficiente, o usuário tem que se concentrar nas ações realizadas na cultura digital. Ao escrever em uma rede social ou trocar mensagens com amigos em aplicativos de mensagens instantâneas, os sujeitos, em geral, imergem nesse evento de letramento e não percebem o que está acontecendo ao seu redor. Esses exemplos aludem ao atributo atenção da cultura digital, que

se refere ao poder das interfaces de prender nossa atenção. O que já era conhecido, no caso da televisão, tornou-se ainda mais evidente com o computador e toda a família de telas e terminais que o acompanham: as janelas luminosas exercem uma atração especial sobre nós. (COSTA, 2003, p. 13).

Os dois últimos conceitos apontados por Manevy (2009) e Costa (2003) como características da cultura digital são, respectivamente, interconexão e convergência, conceitos que podem ser considerados análogos, visto que a interconexão, para Costa, se refere à interligação de funções entre os diversos dispositivos digitais por meio da Internet. Costa (2003) aponta que

o principal fator que impulsiona essa interligação é certamente a comunicação, e não apenas aquela que se estabelece entre indivíduos, mas também a que envolve os indivíduos e uma série de serviços que podem circular entre os dispositivos. (COSTA, 2003, p.15).

A convergência se refere, inicialmente, à ideia de múltiplas funções em um mesmo dispositivo digital, por exemplo, os celulares, que, na atualidade, possuem usos cada vez mais multifuncionais, com vídeos, rádios, acesso à Internet, entre outras funções. No entanto, Jenkins (2009) amplia esse conceito e define convergência como:

fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. (JENKINS, 2009, p. 29).

Os usuários buscam em diversos meios, como, por exemplo, a televisão, a Internet, o jornal, o rádio, os conteúdos sobre os quais desejam informações. Nesse sentido, a convergência está nos sujeitos e não nos meios. No entanto, observamos uma tendência dos meios em indicar as conexões com outros. É o que acontece quando, ao assistir a uma reportagem de um telejornal, o telespectador é sugestionado pelo âncora a ir até o *site* do jornal para buscar mais informações sobre a reportagem ou acessar as redes sociais de um programa para participar de uma enquete sobre um tema específico. As práticas e o pensamento dos sujeitos com a cultura digital são mobilizados para serem convergentes. Percebemos uma retroalimentação entre a característica convergente da cultura digital e as práticas e os pensamentos convergentes dos usuários.

Por fim, destaca-se a multimodalidade, conceito que se refere ao uso de vários recursos semióticos para produção de sentido, utilizado em diversos tipos de comunicação humana, da linguagem falada à escrita, mas que é intensificado pela cultura digital. Esse conceito não foi explorado pelos dois autores citados, apesar de ser fundamental para compreendermos os modos pelos quais essa cultura se apresenta para o usuário. Como ela é essencialmente um espaço de leitura e escrita, encontramos a linguagem audiovisual, os elementos elaborados com a linguagem computacional e também o uso de elementos verbais, visuais e imagens

em movimento, entre outros, que imprimem significados diferentes para o usuário, dependendo de como são utilizados nos diversos ambientes e gêneros presentes na cultura digital.

Os criadores dos diversos ambientes digitais, como, por exemplo, os fóruns de discussão, os *sites*, os aplicativos, que abarcam uma diversidade de gêneros digitais, como os *chats*, *e-mail*, endereço eletrônico e os *blogs* (Marcuschi, 2010), fazem uso de uma diversidade de recursos semióticos, escolhidos de forma criteriosa, que saltam aos olhos do usuário nas telas digitais e contribuem na construção do sentido da leitura.

Ressalta-se que a literatura, independente da materialidade e do suporte, sempre utilizou da multimodalidade na elaboração de obras. Na literatura oral, os recursos semióticos utilizados eram o uso de “sonoridad/suavidad (intensidad de la energía), el tono y sus variaciones – la entonación – (frecuencia de vibración de las cuerdas vocales), calidad tonal/calidad vocal, longitud, silencio.”⁴² (KRESS Y BEZEMER, 2009, p. 67). Já na literatura manuscrita, impressa e digital, temos os usos de recursos “sintácticos, gramaticales, léxicos y textuales; cuenta con recurso gráficos como el tipo de fuente, sutamaño; y [...] puntuación y el uso del sitio en cual aparece la escritura.”⁴³ (KRESS y BEZEMER, 2009, p. 67). Além dos recursos da fala e da escrita, Kress e Bezemer (2009) citam também o som, as imagens estáticas e em movimento.

La imagentiene recursos tales como la posición de los elementos en un espacio delimitado, tamaño, forma, color, diversos tipos de iconos – líneas, círculos – al igual que recursos tales como las relaciones espaciales entre los elementos representados y, en caso de las imágenes con movimiento, la sucesión temporal de las mismas, el “movimiento”, así como las relaciones cambiantes con cada uno de los demás elementos de una imagen⁴⁴. (KRESS y BEZEMER, 2009, p. 68).

⁴² Sonoridade / suavidade (intensidade da energia), o tom e suas variações – a entonação – (frequência da vibração das cordas vocais), qualidade tonal / qualidade vocal, longitude, silêncio. (KRESS e BEZEMER, 2009, p. 67).

⁴³ Sintáticos, gramaticais, léxicos e textuais; conta com recursos gráficos como o tipo de fonte, seu tamanho; e [...] pontuação e o uso do local no qual aparece a escrita. (KRESS e BEZEMER, 2009, p. 67).

⁴⁴ A imagem tem recursos tais como a posição dos elementos em um espaço delimitado, tamanho, forma, cor, diversos tipos de ícones – linhas, círculos – da mesma forma que recursos como as relações espaciais entre os elementos representados e, no caso das imagens com movimento, a sucessão temporal das mesmas, o “movimento”, assim como as relações mutantes com cada um dos demais elementos de uma imagem. (Kress eBezemer, 2009, p. 68)

O interesse do autor na utilização de determinados signos e da materialidade irá determinar, segundo Kress e Bezemer (2009), as possibilidades, as potencialidades e as restrições dos recursos semióticos no processo de criação. Ao leitor cabe definir quais são os tipos de obras que possuem os recursos semióticos que mais lhe interessam para a leitura literária. Isso implica escolhas tanto da materialidade na qual a obra foi produzida, ou seja, manuscrita, impressa ou digital, quanto dos gêneros literários que serão lidos. Um romance em uma obra impressa terá recursos semióticos diferentes de um romance criado em meio digital. Mas, para que o leitor consiga ler e compreender a obra, é necessário que ele entenda/usufrua/sofra/aprecie os efeitos dos recursos semióticos utilizados pelos criadores/escritores.

Essas especificidades da cultura digital estão presentes nesses ambientes e gêneros nela construídos em diferentes níveis de utilização, mas, em geral, todos têm um ou mais atributos da cultura no qual estão imersos. As práticas de leitura literária digital, por conseguinte, também, terão os elementos constitutivos da cultura digital. Atributos como multimodalidade, interatividade, convergência e comunidade de conhecimento estão presentes nas práticas de leitura literária digital, ou seja, os usos, os manuseios e as formas de apropriação da literatura lida em meio digital possuem essas características.

Para além da escolha da experiência estética e literária que mais lhe agrada, o leitor, em especial, deverá ponderar sobre o tipo de leitor que ele se considera, pois ler uma obra literária mais fragmentado, que possui um maior nível de interatividade e de multimodalidade requer gestos, comportamentos e atitudes diferentes das de um leitor de uma obra literária em que o escritor/criador tenha tido uma intenção de uma leitura mais linear, pouco interativa no sentido tecnológico, menos multimodal. Depende também se esse é um leitor contemplativo, movente ou imersivo, categorias essas definidas por Santaella (2004) para leitura de obras diversas presentes na cultura digital.

Segundo a autora, o leitor contemplativo é aquele que imerge na leitura solitariamente e pode ficar horas lendo sem se preocupar com tempo e com outras situações externas ao ato de ler, pois se concentra totalmente na leitura. O leitor movente é aquele que surge após a Revolução Industrial e realiza a leitura de forma fragmentada, prestando atenção aos elementos externos à leitura que fazem com que ele se desconcentre facilmente. Por fim, o leitor imersivo, surgido após o

advento da cultura digital, realiza a leitura conforme as características dessa cultura, ou seja, clicando em vários *links* e navegando em várias informações ao mesmo tempo. Precisa lidar com os vários recursos multimodais que surgem na tela para poder compreender e realizar a leitura com eficiência.

As práticas de leitura literária digital demandam dos leitores as habilidades, os gestos e os comportamentos necessários a uma literatura, em geral, mais multimodal, interativa, que possibilita a participação dos leitores na construção do texto e, em alguns casos, construindo o texto literário colaborativamente no momento da leitura. A obra e a relação que o leitor estabelece com ela definirá o tipo de comportamento e os modos de leitura do leitor, se contemplativo, movente ou imersivo, necessários para atender as demandas das leituras literárias digitais.

Nesse tipo de leitura literária existem diversos níveis de interatividade, sendo algumas obras construídas para que o leitor jovem apenas clique em um *link* e a página passe adiante, como as obras de literatura digitalizada. Outras, como as obras de literatura digital, demandam ações mais elaboradas, nas quais o leitor irá definir, a partir das opções disponíveis, o começo, o meio e o fim do texto, e esses recursos podem se apresentar apenas com elementos verbais ou com imagens em movimento e sons, aumentando a complexidade nas decisões do leitor para participar da construção da obra literária.

O atributo convergência da cultura digital se faz presente nas práticas de leitura literária digital por meio da busca dos leitores jovens por filmes, obras, jogos e outros materiais disponíveis em outros meios sobre as obras literárias que os interessam. Esse movimento em torno de vários meios com o intuito de ter experiências literárias diversificadas e que possam abarcar todas as formas de apresentação da obra literária é uma prática recorrente entre os leitores jovens na cultura digital. As sagas, como *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson*, são exemplos de obras que são disponibilizadas em vários formatos. O filme pode levar o leitor jovem à leitura da obra ou o contrário, a obra pode levá-lo a consumir filmes, jogos e outros materiais literários sobre o mesmo conteúdo.

O leitor jovem, quando se interessa por uma obra literária, em geral, cogita as outras possibilidades de oferta do mesmo conteúdo em formatos diferentes. Isso implica uma busca frenética de outras obras, jogos, filmes, comunidades de discussão em redes sociais e todo o conteúdo possível que ele ainda não conhece e que porventura esteja disponível para leitura.

Observa-se, nesse contexto de práticas de leituras literárias digitais convergentes, uma construção coletiva de informações sobre obras literárias. Ou seja, as possibilidades de criação de comunidades de leitores extrapolam o texto propriamente lido e são inúmeras. Nas redes sociais que possuem páginas sobre obras, criadores/escritores e sagas, os leitores jovens trocam informações, dão dicas de leitura, conjecturam sobre as possibilidades de futuras publicações, constroem coletivamente obras literárias a partir de outras obras lidas, elaboram vídeos explicativos, enfim, buscam “arquivar e comentar conteúdos, apropriar-se deles e colocá-los de volta em circulação de novas e poderosas formas” (JENKINS, 2009, p. 45), criando uma comunidade de conhecimento na qual são recebidos, criados e recriados coletivamente os conteúdos sobre as práticas literárias digitais. Jenkins (2009) afirma que:

essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem mudar de um grupo a outros, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio de produção mútua e troca recíproca de conhecimento. (JENKINS, 2009, p. 57).

Nesse processo de compartilhamento de informações em torno das práticas literárias digitais, os leitores jovens se tornam especialistas em determinada (o) obra ou escritor/criador e são considerados pela comunidade da qual participam como *spoiler*, ou seja, aquele leitor que sabe tudo sobre a obra e que pode antecipar informações para aqueles que não leram ou ainda estão nos primeiros capítulos da obra. A essa ação, repudiada pelos fãs de uma obra, dá-se o nome de *spoiling*.

Inicialmente, este termo referia-se a qualquer revelação sobre o conteúdo de uma série de televisão que talvez não fosse do conhecimento de todos os participantes de uma lista de discussão na Internet. Gradualmente, *spoiling* passou a significar o processo ativo de localizar informações que ainda não foram ao ar na televisão. (JENKINS, 2009, p. 387).

Fazer um *spoiling* de uma série de televisão, de um filme ou de uma obra literária é considerado pela comunidade dos fãs desses conteúdos uma participação não muito bem vista, mas, segundo o autor, “se o *spoiling* não fosse divertido, as

peças não o fariam”. (JENKINS, 2009, p.59). Vê-se, portanto, que a produção cultural em torno de uma obra abre um vasto panorama que extrapola sociedades literárias legitimadas e até mesmo o modo como a instituição literária é posta em funcionamento, tanto na produção, divulgação e recepção quanto nos fatores de legitimação da qualidade de obras.

3. Percurso Metodológico

Apresentaremos, neste tópico, o percurso metodológico realizado durante a coleta de dados da pesquisa de campo. Por ser uma pesquisa que partiu de uma perspectiva quantitativa e qualitativa, e por considerarmos-la do tipo exploratória, pois o objeto de estudo, práticas de leitura literária digital, foi pouco estudado no Brasil, decidimos descrever com detalhes o método por meio dos instrumentos de coletas utilizados, seus objetivos, o processo de elaboração e os limites encontrados na aplicação dos instrumentos e na análise para alcançarmos resultados fidedignos.

Segundo Flick (2009), quando combinados os métodos de coleta quantitativos e qualitativos em uma pesquisa, inicia-se, em geral, com o primeiro, que buscará aspectos estruturais e, em seguida, com o segundo, que tem por finalidade a busca por aspectos processuais do objeto estudado. Nesta pesquisa, realizamos a primeira fase de coleta de dados a partir da abordagem quantitativa, por meio de questionário fechado. Em seguida, mesclamos a quantitativa e a qualitativa com um questionário fechado e aberto e, por fim, utilizamos a abordagem qualitativa com as entrevistas semiestruturadas. Para Flick (2009, p. 43), os “métodos qualitativos e quantitativos devem ser vistos como complementares e não rivais”.

A escolha de jovens se justifica devido à maior probabilidade de terem mais liberdade de acesso à Internet pelos pais do que as crianças ou por terem uma posição de poder burlar as tentativas de controle ao uso da Internet. Segundo Araujo (2007), na investigação de práticas de uso envolvendo a cultura digital nas famílias de classe média e na escola, os pais e os professores criam várias estratégias de limitação de uso de computadores para as crianças de classe média, dentre elas:

as obrigações escolares como condição para o uso, criando pastas com os *sites* dos filhos, desmobilizando-os a vivenciar práticas da cultura digital, estimulando a prática de diversas atividades e [...] a rotina estabelecida pelas famílias impõe um limite “natural” aos usos do computador no espaço doméstico. Já na escola a professora de informática limita os [...] *sites* para pesquisa e jogos até caminhar pela sala observando se estão acessando os *sites* indicados por ela. (ARAUJO, 2007, p. 77; p. 177).

A escolha dos jovens passou inicialmente pela concepção sobre o local onde estavam disponíveis obras literárias digitais, entendendo que era o acesso a determinadas tecnologias digitais pagas que determinaria mais o uso e o perfil de

leitores, mas alargamos nosso universo ao nos reposicionarmos, entendendo que não queríamos literatura em suportes controlados por empresas/editoras que visavam fins comerciais, pois há uma configuração cultural, sobretudo a que é possibilitada pela própria cultura digital, que rompe com estes controles, alargando tanto a produção/autoria quanto a forma de circulação das obras.

A pesquisa qualitativa “leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados” (FLICK, 2009, p. 24). Com base nessa prerrogativa, buscamos leitores jovens pertencentes a estratos socioeconômicos diferentes, tanto em condições socioeconômicas mais altas quanto nas mais baixas. A escolha do primeiro grupo se deve ao fato de ser, em geral, constituído por jovens que podem ser considerados imersos na cultura digital por ter fácil acesso a Internet e a vários dispositivos digitais, como *tablets*, *Kindle* e computadores, e também por terem condições econômicas de adquirir obras, sejam impressas ou digitais.

A escolha do segundo grupo, de leitores jovens de estratos socioeconômicos mais baixos, deve-se ao fato de que a diminuição do acesso aos dispositivos digitais e de aquisição de obras poderia ou não ser um limitador de práticas literárias digitais. Esses jovens poderiam possuir outras vias de acesso livre à literatura digital ou digitalizada que não demandem altos custos econômicos. Nosso escopo de sujeitos permitiria conhecer e analisar as práticas de leitura literária digital, também, pelo fator socioeconômico.

3.1 Questionário 1

O questionário 1 (**Apêndice 1**) tinha o objetivo de fornecer um quadro mais geral do perfil de leitura literária digital dos jovens, contribuindo para verificar seus interesses e motivações pela leitura de literatura digital e digitalizada e evidenciar como são suas práticas de leitura literária digital. Além disso, o questionário possibilitaria selecionar os leitores jovens mais ávidos, para podermos realizar a coleta de dados da segunda etapa da pesquisa, que teve um cunho qualitativo.

3.1.1Elaboração do questionário

O questionário foi elaborado para ser autoaplicado. Por esse motivo, inserimos na introdução desse instrumento, além do objetivo da pesquisa, o conceito de literatura digital e literatura digitalizada que estávamos utilizando. Os sujeitos também informaram, no cabeçalho do questionário, o seu nome e o nome do responsável, caso fossem menores de idade, além dos telefones de contato, para que, se fossem selecionados para a segunda etapa da pesquisa, pudéssemos convidá-los.

Com relação às questões, precisávamos de dados que evidenciassem o nível socioeconômico, o acesso e as práticas de usuários de tecnologias digitais e, por fim, dados que nos revelassem se os sujeitos conheciam a literatura digital e digitalizada e as práticas literárias digitais, assim como as práticas de leitura com gêneros literários típicos desse universo. Desse modo, fizemos três módulos de questões: perfil socioeconômico, perfil de usuário de tecnologias digitais e perfil de leitor de literatura digital, apresentados no instrumento nessa sequência e perfazendo um total de 35 questões fechadas. Sabemos que o modo como definimos o formato da questão pode gerar um “efeito na resposta”, pois, segundo Simões e Pereira (2007):

parte do que medimos pode ser efeito do nosso modo de coleta do dado. No caso do *survey*, isso significa mais do que a maneira como formulamos a pergunta ou a terminologia empregada, isto é, do modo como a questão é apresentada, a sequência em que aparece, formato da questão, se antecipamos para o entrevistado a possibilidade de dizer “não sei” e muitas outras coisas. (SIMÕES E PEREIRA, 2007, p. 3):

Para a análise dos dados, se fez necessária uma vigilância epistemológica para verificarmos e considerarmos as limitações e os efeitos dos instrumentos e das respostas e assim não realizarmos inferências tão rigorosas que pudessem prejudicar o construto final de sua apreciação. Nessa perspectiva, apresentaremos algumas considerações quanto à elaboração do questionário, a despeito das diversas revisões teóricas e empíricas que tivemos que realizar após a aplicação do pré-teste.

O primeiro elemento a ser observado se refere à terminologia “literatura digital” e “literatura digitalizada”, conceitos-chave para os sujeitos responderem com pertinência o questionário, em especial, o módulo perfil de leitor de literatura digital. Tendo em vista outras pesquisas, pode-se dizer que questões referentes a dificuldades de entendimento de conceitos se dão, principalmente, em níveis de escolaridade diferentes. Segundo Simões e Pereira (2007), o nível de escolaridade e de informação são os fatores que mais interferem no entendimento das questões. No caso desta pesquisa, temos sujeitos com o mesmo nível de escolaridade, mas pertencentes a estratos socioeconômicos diferentes, com experiências culturais diferentes e que frequentavam instituições de ensino também diferentes.

Quanto à diferença de instituição escolar, esse fator pode ou não incidir sobre a qualidade de processos de ensino/aprendizagem, de acesso à informação, do tipo de trocas de experiência etc. Como essa questão não é foco desta pesquisa, não podemos aferir sobre a qualidade dos processos educacionais formais e informais das escolas e, conseqüentemente, dos processos de aprendizagem dos alunos ou das informações que possuem. Assim, também não podemos afirmar que o entendimento das questões seria diferente nos dois grupos de sujeitos.

Outro aspecto a ser considerado na categoria terminologia se refere ao acesso às tecnologias digitais. Caso o acesso à tecnologia digital (posse de dispositivos digitais e acesso à Internet) pelos jovens pesquisados fosse baixa, poderia haver dificuldades de entendimento dos termos referentes à cultura digital, pois, quanto maior o acesso, maior a probabilidade de o sujeito se envolver em diversas práticas de letramento digital, inclusive de leituras literárias digitais.

O segundo elemento se refere aos modos como as questões foram elaboradas: as escalas, a sequência das questões e dos itens nas questões. Quanto aos modos de elaboração das questões, o questionário apresenta três tipos: a) questões em que os sujeitos poderiam optar por mais de uma resposta; b) questões em que eles tiveram que escolher apenas uma resposta entre mais de uma opção apresentada; e c) questões em que tiveram que escolher apenas uma resposta entre duas opções, ou seja, o item era relacionado a uma resposta forçada.

Quanto às escalas, buscamos elaborar questões (Q19, Q23, Q27) com itens que disponibilizassem uma progressão alta, média e baixa para o entrevistado. Acredita-se que aqueles que ainda não se sentem muito à vontade sobre algumas questões são mais suscetíveis a uma resposta intermediária. Em geral, pode-se

recomendar a inclusão de uma categoria média, a menos que haja razões convincentes para a não inclusão. Para Sudman, Bradburn e Schwarz (2004):

Research shows that including a middle alternative does in fact increase the size of that category but does not affect the ratio of “pro” to “con” responses or the size of the “don’t know” category. As has generally been believed, those who do not feel very strongly about the issues are most susceptible to the effect of a middle alternative.⁴⁵ (SUDMAN, BRADBURN E SCHWARZ, 2004, p. 141)

No entanto, como já mencionado acima, elaboramos também questões de resposta forçada (Q25, Q35), pois precisávamos de precisão na resposta dos entrevistados. Não poderíamos, nessas questões, incluir uma categoria média. Em relação à sequência das questões e dos itens nas questões, um dos limites observados foi quanto à sequência dos módulos. O ideal seria que o módulo “perfil de leitor de literatura digital” fosse o primeiro da sequência, por estarem presentes nele as perguntas-chave da pesquisa. Sendo o último, corremos o risco de os entrevistados terem respondido com menos atenção ou mais rapidamente para finalizar o preenchimento.

Com o objetivo de facilitar a resposta pelo entrevistado, a questão 35, “*Você se considera leitor*”, foi alocada como a última questão do módulo “perfil de leitor de literatura digital”, para que ele construísse, ao longo do módulo, sua opinião a partir das questões anteriores de comportamento e de atitudes de leitor. Caso ela fosse posta no início do módulo, o entrevistado poderia dar uma resposta negativa à questão sem ter oportunidade de realizar a tarefa cognitiva (Simões e Pereira, 2007), de resgatar informações na memória sobre seus valores, crenças e suas práticas de leitura. Temos que considerar, também, apesar da estratégia de alocação da questão 35, a possibilidade de o entrevistado ter editado a resposta por ser socialmente desejável que ele seja leitor. No entanto, como o questionário foi autoaplicado, podemos também considerar que o entrevistado não se sentiu constrangido ou diminuiu o seu eventual constrangimento de responder negativamente.

⁴⁵ Pesquisas mostram que a inclusão de uma alternativa intermediária aumenta de fato o tamanho da categoria, porém isto não tem efeito sobre a proporção entre as respostas pró e contrária, ou sobre o tamanho da categoria do “não sabe opinar”. Como de modo geral se admitia, aqueles que não se relacionam fortemente com as questões são mais susceptíveis ao efeito da alternativa intermediária

Em geral, organizamos a sequência com questões atitudinais, que são assim conceituadas por Sudman, Bradburn e Schwarz (1996, p. 251): “attitude questions essentially ask respondents to convey an evaluative judgments require mental representations of the target and of a standard against which the target is evaluated”⁴⁶ e, em seguida, comportamentais, a exemplo: Q23 e Q24, ou com questões de conhecimento e, em seguida, as comportamentais, como: Q29 e Q30.

Com relação à sequência de questões, obtivemos um falso negativo na questão 25 (“Você conhece obras de literatura digital?”), devido à sequência da questão. Alguns entrevistados responderam negativamente, mas, ao responder a questão 26 (“Quais os tipos de obras de literatura digital você já leu?”), eles apontaram os gêneros que já tinham lido. Responderam, ainda, na questão Q28, que haviam lido alguma obra em determinado tempo. Por esses motivos, ficou claro que o entrevistado conhecia obras de literatura digital e/ou digitalizada. Em relação à intensidade, alocamos os itens em uma sequência que iniciava do positivo para o negativo: “gosto muito” a “não gosto” ou “muita habilidade” a “nenhuma habilidade”.

Quanto ao módulo perfil socioeconômico, tomamos como referência o questionário socioeconômico do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, e as orientações do Critério de Classificação Econômica Brasil, elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP e publicado em 2014, que possuem questões que se referem à posse de itens de eletrodomésticos, à presença de empregada mensalista, à quantidade de banheiros e ao grau de instrução do chefe de família. A partir da soma da pontuação para cada item respondido por questão, obtivemos as classificações de estratos socioeconômicos dos respondentes. Os cortes são os seguintes: A1(42 – 46 pts), A2 (35 – 41pts), B1(29 – 34pts), B2(23 – 28pts), C1(18 – 22pts), C2(14 – 17pts), D (8 – 13pts) e, por fim, o estrato E (0 -7pts).

Acrescentamos, também, a questão sobre a renda familiar. No entanto, como as respostas foram dadas pelos dependentes, não obtivemos respostas fidedignas, pois a maioria dos jovens disse durante a aplicação do questionário não saber a renda familiar e selecionou qualquer item da questão como resposta.

⁴⁶ Questões de atitude, essencialmente, requerem respostas avaliativas com representações mentais do alvo e do padrão com respeito ao qual o alvo está sendo avaliado.

3.1.2 O pré-teste

O pré-teste foi aplicado na escola pública no mês de maio de 2014, em uma turma de 2.º ano do Ensino Médio. Apesar da necessidade de aplicação do pré-teste em uma amostra que contemplasse todas as categorias da amostra final, obtivemos um resultado válido por termos sujeitos com o mesmo nível de escolaridade que a amostra final. Essa categoria era importante para o pré-teste, pois os jovens iriam responder questões que tinham uma nova terminologia. No entanto, um dos limites do pré-teste, ao aplicá-lo apenas na escola pública, se refere a possíveis práticas de leituras literárias digitais que esses jovens não apontaram e que porventura os jovens da escola privada poderiam realizar devido às diferenças de níveis de estrato socioeconômico dos alunos das duas escolas.

3.2 A aplicação do questionário 1

Decidimos aplicar o questionário 1 no espaço escolar por ser um local no qual teríamos facilidade em encontrar um número considerável de jovens na idade entre 15 e 17 anos que poderiam participar da pesquisa. Também a partir da localização do bairro e da categoria da escola, se pública ou privada, teríamos indícios do estrato socioeconômico da sua clientela, categoria importante de análise dos dados nesta pesquisa.

A aplicação ocorreu em duas escolas, uma pública e outra privada, nas turmas do Ensino Médio matutino, para 342 alunos. A aplicação aconteceu em períodos diferentes devido ao fato de o processo de aceite das instituições ter ocorrido em momentos distintos.

3.2.1 Escola Estadual

A escola estadual, localizada no bairro Milionários, na região do Barreiro, atende 1652 alunos, sendo 873 no Ensino Médio e 779 nos anos finais do Ensino Fundamental. Dos 263 alunos do Ensino Médio noturno, 191 estão distribuídos em cinco turmas do Ensino Médio regular, e 72 alunos em duas turmas do Ensino Médio de Educação de Jovens e Adultos. No turno matutino, os 610 alunos estão

distribuídos em dezesseis turmas, do 1.º ao 3.º ano. Segundo informações da escola, os alunos residem tanto em seu entorno quanto nos bairros próximos.

Fomos recebidos pela direção da escola, que prontamente aceitou a realização da pesquisa. Fizemos o contato com a escola no mês de abril de 2014 e conseguimos aplicar o questionário no mês de maio. Como não iríamos aplicá-lo para todos os alunos do Ensino Médio matutino, foram selecionadas pela escola, aleatoriamente, duas turmas de cada ano, para que aplicássemos o questionário 1, perfazendo um total de 189 respondentes.

3.2.2 Escola Particular

A escola particular, localizada no bairro Lagoinha, na região da Pampulha, atende 981 alunos, sendo 165 no Ensino Médio e os demais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. O questionário 1 foi aplicado em cinco turmas do Ensino Médio, sendo duas turmas do 1.º ano, duas do 2.º ano e uma turma do 3.º ano do Ensino Médio, perfazendo um total de 153 respondentes.

Fomos muito bem acolhidos na escola pela supervisora, que passou nas salas informando os alunos sobre a pesquisa e a aplicação do questionário. Fizemos o contato com a escola no mês de maio e a aplicação se deu no início do mês de junho.

3.3 Seleção dos jovens por meio do questionário 1

Após a aplicação do questionário, fizemos o filtro do *corpus* por meio dos seguintes critérios: a) gosta ou gosta muito de literatura; b) conhece literatura digital; c) leu literatura digital nos últimos um, dois ou três meses; d) se considera leitor. Após a inserção dos outros três critérios, o *corpus* final ficou representado apenas por jovens que indicaram ter realizado leituras literárias em um período de, no máximo, dois meses.

Como obtivemos um falso negativo na questão Q25, como mencionado anteriormente, decidimos incluir no *corpus* todos os jovens que indicaram “não” na Q25 e responderam a Q26 e Q27, caso contrário, estaríamos excluindo jovens que tinham práticas de leitura literária digital, mas não haviam compreendido a questão

por não conhecerem a terminologia. Após esse recorte, obtivemos um *corpus* com 68 leitores jovens. Desses, buscamos selecionar seis leitores jovens para a etapa qualitativa, elencando itens que nos permitissem ter um grupo de características diversas. Assim, definimos quanto: a) ao gênero; b) à raça⁴⁷; c) à idade e d) aos estratos socioeconômicos diferenciados, pois partíamos da concepção de que os leitores jovens estão inseridos em estratos socioeconômicos, também, diversificados.

Ao inserirmos os critérios (gênero, raça, idade, estrato socioeconômico) com algumas das combinações que elaboramos, não conseguíamos sujeitos que se encaixassem exatamente no que predeterminamos. Como exemplo, para a escola pública, na combinação feminino, branco, estrato socioeconômico C1, escolaridade 3.º ano, não havia sujeitos, somente na escola privada, mas apenas no estrato socioeconômico B2. Também na escola privada, na combinação masculino, negro, classe social A2, escolaridade 1.º ano, havia apenas um jovem, que não aceitou participar da pesquisa. Nesses casos, refizemos as combinações até conseguirmos a quantidade e a diversidade de sujeitos que queríamos. Como não havia leitores jovens no estrato socioeconômico E e A1, não inserimos esses níveis nas combinações

3.4 Questionário 2

Resolvemos aplicar um segundo questionário, com questões abertas e fechadas, para os sessenta e quatro sujeitos dos sessenta e oito pré-selecionados com os critérios da pesquisa. Essa decisão foi adotada após as primeiras entrevistas em profundidade com os quatro jovens selecionados ao suscitarem dúvidas referentes à validação da questão Q25 (“Conhece literatura digital?”). Três jovens haviam marcado “sim” para a questão Q25 e indicado na questão Q26 alguns tipos de obras de literatura digital que liam; no entanto, ao serem questionados nas entrevistas sobre essas questões, disseram que não conheciam e que tinham marcado aleatoriamente a questão 26 ou entendido de outra forma o termo/conceito, conforme o seguinte trecho da entrevista com um dos jovens:

⁴⁷ Termo empregado no questionário do IBGE que foi utilizado como modelo para a elaboração do primeiro módulo do questionário 1. No entanto, o termo étnico-racial seria o mais adequado.

E: Todo tipo de literatura que você leu foi esta digitalizada?

M_M_17_B2: Isso.

E: Todas?

M_M_17_B2: Acho que sim.

E: Nada do que você leu tinha *links* que você clicava e entrava em outra coisa?

M_M_17_B2: Não. Nunca. Entendi o conceito errado.

E: [...] Tipos de obras de literatura digital, e eu pergunto se você leu algum destes tipos de obras de literatura digital, e aí você colocou que leu hiperficção e ficção interativa. Você conhece este tipo de obra?

M_M_17_B2: Quando você falou em ficção eu lembrava, por exemplo, de *Ladrão de Haymes*, foi isto que me passaram, não me passaram o conceito direito. Por isto que eu coloquei ficção aí.

E: E hiperficção?

M_M_17_B2: Ficção maior que eu pensei então, ficção, é uma coisa de tecnologia, entendeu?

A partir desses dados das entrevistas, decidimos aplicar o segundo questionário para verificarmos se, quando indicaram “sim” para a questão Q25 sobre o conhecimento de obras de literatura digital, estavam se referindo a obras literárias digitalizadas. Por ser um conceito novo, sabíamos que essa dificuldade de entendimento poderia ocorrer, conforme apontamos no item sobre o questionário 1. Para validarmos os dados, repetimos no questionário 2 as questões Q25 e Q26 do questionário 1, referentes à leitura de literatura digital, e elaboramos questões para podermos coletar mais dados sobre suas práticas de leitura literária e, assim, aprofundarmos o conhecimento sobre as práticas literárias desses sessenta e quatro jovens. O questionário 2 também iria nos auxiliar na seleção de mais dois sujeitos para a fase qualitativa da pesquisa, pois decidimos realizar essa etapa com seis jovens, conforme indicamos anteriormente.

O questionário 2 (**Apêndice 2**) apresentava onze questões, sendo quatro fechadas e sete abertas. Elaboramos questões cognitivas (Simões e Pereira, 2007) para verificarmos o entendimento dos jovens sobre literatura digital e literatura

digitalizada. Buscamos também verificar se os gêneros de literatura digital apresentados no questionário 1 eram conhecidos e também se os sujeitos já os tinham lido. Para verificarmos do que eles estavam falando, solicitamos que descrevessem as obras que tinham lido e/ou conhecido. Por fim, na última questão, buscamos coletar dados que explicitassem com mais detalhes as práticas de leitura literária digitais dos jovens.

A aplicação ocorreu no mês de outubro. As escolas receberam a lista dos alunos antecipadamente e organizaram uma sala para que todos, juntos, pudessem responder ao questionário. Dessa forma, 52 alunos responderam ao questionário 2 e apenas aqueles que não estavam presentes no dia ou que haviam saído da escola não participaram dessa etapa.

3.5 Seleção final dos leitores jovens

Como já tínhamos selecionado quatro sujeitos por meio do questionário 1, buscamos nos dados do questionário dois jovens com perfis diferentes dos que já havíamos selecionado. Assim elencamos critérios como idade, mas, principalmente, que tivessem práticas de leitura literária digitais, tanto com literatura digitalizada quanto com literatura digital. Ao final da aplicação dos dois questionários, selecionamos os seguintes jovens:

Tabela 1 - Leitores jovens selecionados

Sigla (inicial do nome, gênero, idade, estrato socioeconômico)	Gênero	Raça	Idade	Extrato socioeconômico
D_F_16_D	Feminino	Parda	16	D
G_F_17_B1	Feminino	Branca	17	B1
M_M_17_B2	Masculino	Branco	17	B2
M_F_17_B2	Feminino	Preta	17	B2
P_M_17_C1	Masculino	Pardo	17	C1
R_M_15_C1	Masculino	Branco	15	C1

Fonte: Corpus da pesquisa

3.6 Entrevista em profundidade

Nesta etapa qualitativa da pesquisa, o objetivo foi acompanhar as práticas de leitura literária digital desses jovens durante sete meses, por meio de entrevistas em profundidade semiestruturadas realizadas nas casas dos sujeitos. Corroboramos com Flick (2009, p. 28): nas entrevistas semiestruturadas existe uma “expectativa de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”. Por esse motivo, escolhemos esse instrumento para esta etapa. Iniciamos as sessões no mês de setembro de 2014 e finalizamos em abril de 2015 com os seis sujeitos selecionados. Também realizamos entrevistas em profundidade semiestruturadas com os colegas indicados pelos jovens.

3.7 Entrevista com os leitores jovens selecionados

As entrevistas com os jovens selecionados pelo questionário 1, D_F_16_D, M_M_17_B2, M_F_17_B2 e P_M_17_C1, iniciaram-se no mês de setembro de 2014. Foram realizadas quatro sessões, com duração de 30 a 60 minutos, a partir das questões elaboradas para a entrevista (**Apêndice 3**). A proposta inicial era fazermos um intervalo de um mês entre as sessões, então fizemos a primeira em setembro e a segunda em outubro. Após a segunda sessão, analisamos a necessidade de alongar o intervalo para dois meses, devido à hipótese de as práticas de leitura literária digital dos jovens serem condicionadas a outras atividades de suas rotinas e, por esse motivo, um mês era um tempo curto para obtermos mais dados.

Fizemos a terceira sessão em dezembro de 2014, exceto com o P_M_17_C1, pois não conseguimos marcar uma data devido a várias situações familiares do jovem. A terceira sessão dele foi realizada em fevereiro de 2015. Já a quarta sessão foi realizada em fevereiro de 2015 para D_F_16_D e M_M_17_B2. Como M_F_17_B2 não pôde conceder a entrevista, pois seu filho estava hospitalizado no período marcado, esta foi realizada em março de 2015. A quarta sessão de P_M_17_C1 foi realizada em abril do mesmo ano. Quanto às entrevistas com os

dois jovens selecionados por meio do questionário 2, G_F_17_B1 e R_M_15_C1, as sessões ocorreram em novembro e dezembro de 2014 e fevereiro e abril de 2015. Em síntese, temos:

Tabela 2 - Mês das sessões de entrevistas com os leitores jovens

Leitor Jovem	Sessões de entrevistas			
D_F_16_D	1ª setembro	2ª outubro	3ª dezembro	4ª fevereiro
G_F_17_B1	1ª setembro	2ª outubro	3ª dezembro	4ª fevereiro
M_M_17_B2	1ª setembro	2ª outubro	3ª dezembro	4ª março
M_F_17_B2	1ª setembro	2ª outubro	3ª fevereiro	4ª abril
P_M_17_C1	1ª novembro	2ª dezembro	3ª fevereiro	4ª abril
R_M_15_C1	1ª novembro	2ª dezembro	3ª fevereiro	4ª abril

Fonte:Corpus da pesquisa

3.8 Entrevista com os colegas dos leitores jovens selecionados

Foi realizada apenas uma sessão de entrevista com cada um dos colegas indicados pelos jovens a partir das questões elaboradas para a entrevista (**Apêndice 4**). Os indicados eram aqueles com os quais eles conversavam e trocavam informações e recomendações sobre leitura literária digital. No entanto, após tentarmos realizar a entrevista com um colega da G_F_17_B1 e outro do P_M_17_C1 e não obtermos sucesso, percebemos que não estavam interessados em colaborar com a pesquisa e decidimos desistir para não constrangê-los. Na tabela abaixo, temos a lista dos seis jovens pesquisados e dos respectivos colegas identificados pela sigla com a letra inicial do nome,o gênero e a idade.

Tabela 3 - Colegas dos leitores jovens

Leitor Jovem (sujeito da pesquisa)	Colega
D_F_16_D	S_F_19
G_F_17_B1	Não conseguimos
M_M_17_B2	S_M_19
M_F_17_B2	L_F_18
P_M_17_C1	Não conseguimos
R_M_15_C1	L_M_15

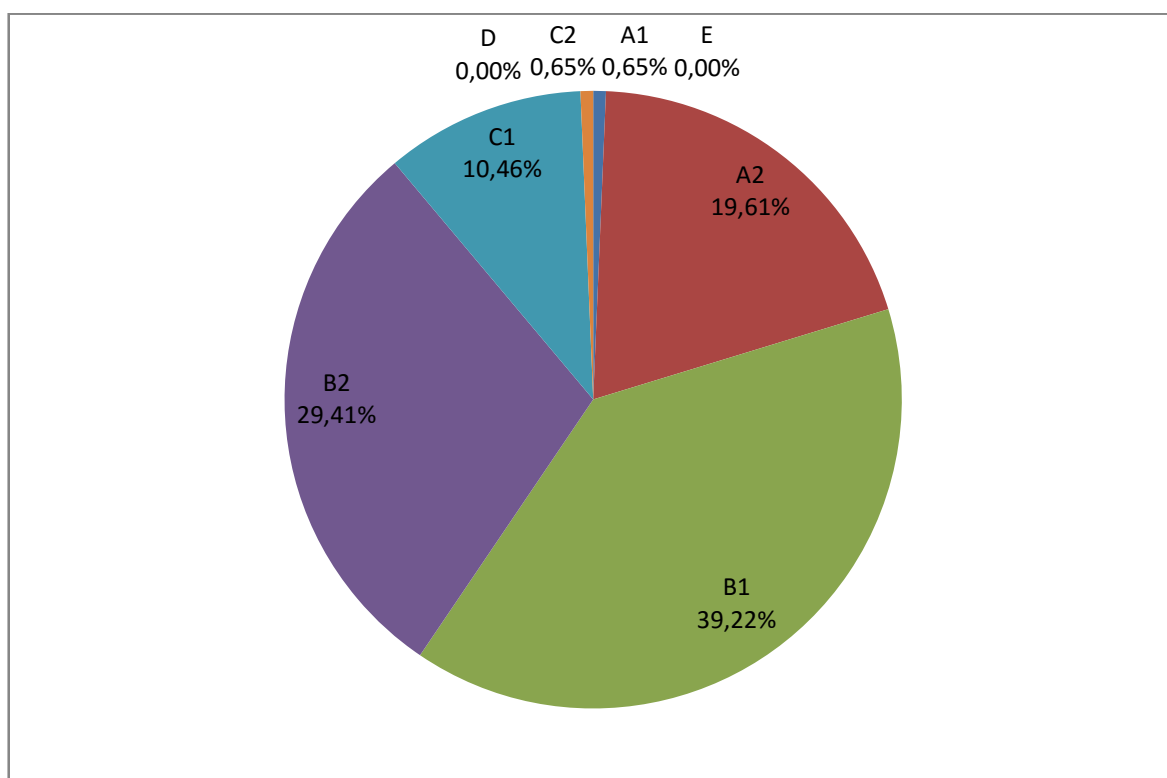
4. Leitura literária digital - Perfil dos jovens e dos leitores jovens

Apresentamos, neste tópico, o perfil dos 342 jovens a partir dos dados gerais dos respondentes ao questionário 1, o perfil dos 68 leitores jovens recortados dos dados gerais do questionário 1 após a inserção dos critérios de seleção da pesquisa, quais sejam: gosto pela literatura, frequência de leitura literária, conhecimento sobre literatura digital e autodeclaração como leitores. Destacamos, ainda, os dados do questionário 2 aplicado para 64 dos 68 leitores jovens, sendo que os quatro retirados desta etapa foram aqueles selecionados para a etapa qualitativa. Exibimos, também, os perfis dos seis leitores jovens selecionados para a pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevista durante sete meses. O repertório de obras e *sites* lidos pelos leitores jovens se contrapõem ao mapeamento das obras e *sites* disponíveis no Brasil.

4.1 Dos jovens

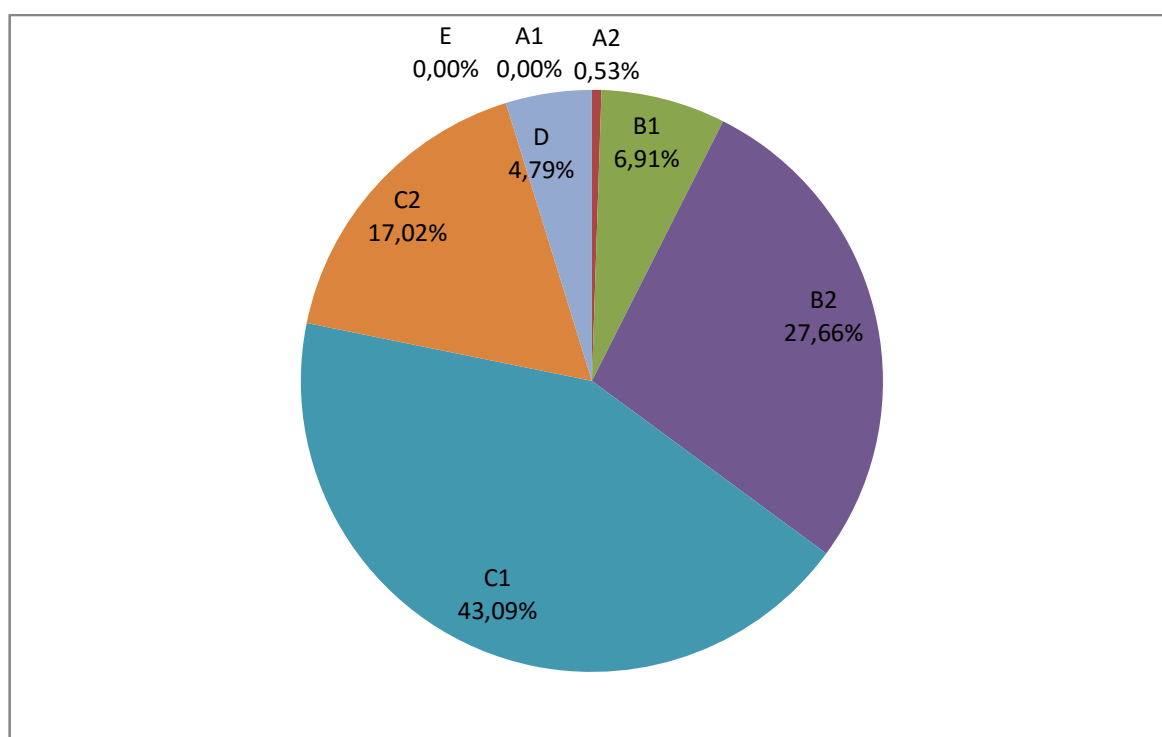
Buscando identificar o perfil dos 342 jovens pesquisados a partir do *corpus* geral do questionário 1, identificamos quanto ao estrato socioeconômico que 49,86% se encontram no estrato socioeconômico B, 38,13% no C, 2,64% no D e apenas 9,38% no estrato A. Com relação ao tipo de escola, 55,26% dos jovens respondentes são da escola pública e 44,74% da escola privada. Ao observarmos, nos gráficos abaixo, os dados do estrato socioeconômico das duas escolas participantes da pesquisa, ficam evidentes as diferenças.

Gráfico 2 - Níveis dos estratos socioeconômicos dos jovens na escola privada



Fonte: *Corpus* geral do questionário 1

Gráfico 3 - Níveis dos estratos socioeconômicos dos jovens na escola pública



Fonte: *Corpus* geral do questionário 1

Os dados apontam a quase inexistência dos estratos socioeconômicos mais elevados na escola pública, A1, 0% e menos de 1% no estrato A2, concentrando a porcentagem de jovens no estrato C, 60,11%, índice que supera em 49% em relação ao mesmo estrato na escola privada. Nesta, inexistem alunos no estrato D e encontramos 19,61% de jovens no estrato A2, índice muito acima em relação ao da escola pública. A decisão da escolha das duas escolas com o objetivo de encontrar sujeitos de estratos socioeconômicos diferenciados foi fundamental para uma seleção de leitores jovens, também, diversificada. Mas foi propício para desmitificar a ideia de que a escola pública possui apenas jovens de estratos socioeconômicos mais baixos, e a escola privada de estratos socioeconômicos mais altos.

Quando lançamos nosso olhar para vislumbrarmos as práticas de leitura literária digital, temos que considerar, além da categoria socioeconômica, as possibilidades de acesso à Internet e aos dispositivos digitais pelos jovens e pela população brasileira. Os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia/PBM 2015⁴⁸ indicam que 48% da população brasileira usam a Internet. Desses, 37% usam todos os dias. No entanto, quando observados os dados por faixa etária, esse índice sobe para 80% de jovens que usam a Internet, dos quais 65% acessam a Internet todos os dias.

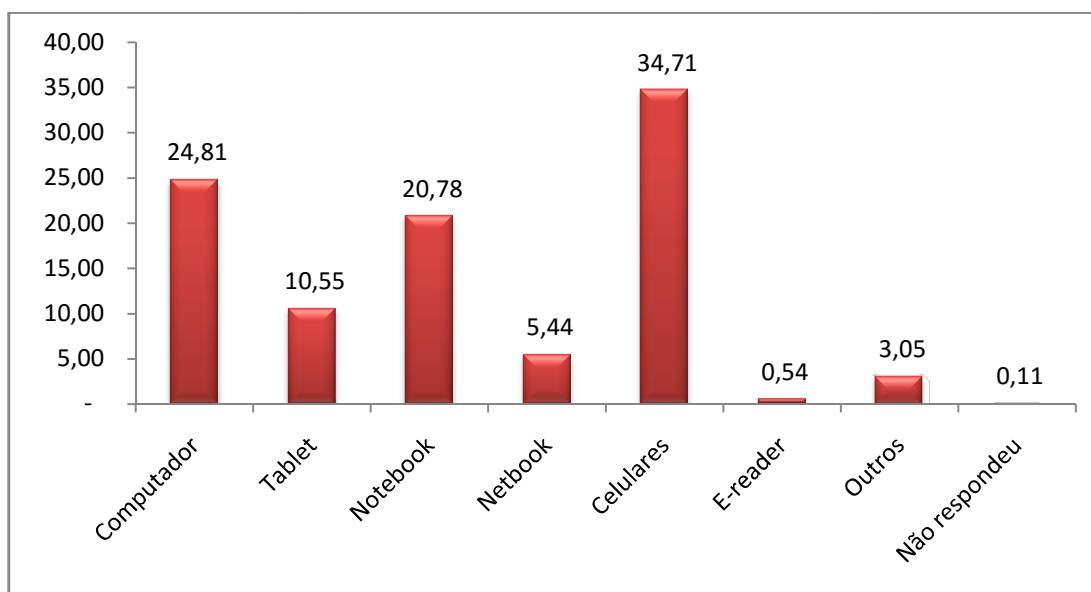
Comparando esses dados com o *corpus* dos 342 jovens respondentes à pesquisa, concluímos que 89,77% deles têm acesso à Internet todos os dias, índice acima dos dados nacionais. É importante ressaltar que nos dados da PBM 2015 estão inclusos os jovens da zona rural e/ou dos municípios de pequeno porte, locais de baixos índices de acesso à Internet em relação às outras regiões e municípios do país. Como os jovens pesquisados moram em Belo Horizonte, apesar da diferença dos bairros onde residem e, conseqüentemente, das condições socioeconômicas, o alto índice reflete a importância de residirem em uma capital onde existe uma maior facilidade de acesso à Internet.

Com relação aos dispositivos digitais, a PBM 2015 apresenta apenas dados de tipos de dispositivos utilizados pela população brasileira. O computador ainda é mais utilizado pela população brasileira (71%) do que os dispositivos móveis, como o celular (66%). Mas o crescimento exponencial dos usos de dispositivos móveis de

⁴⁸ Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2014 e publicada em 2015, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República e executada pelo IBOPE com 18 mil entrevistas nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal.

26 pontos percentuais entre a pesquisa de 2014 e a de 2015 demonstra uma tendência para as próximas décadas. Com os jovens pesquisados não foi muito diferente, conforme apresentado no gráfico abaixo: os celulares e os *tablets* apresentaram juntos 45,26% dos usos pelos jovens da pesquisa.

Gráfico 4 - Dispositivos digitais utilizados pelos jovens



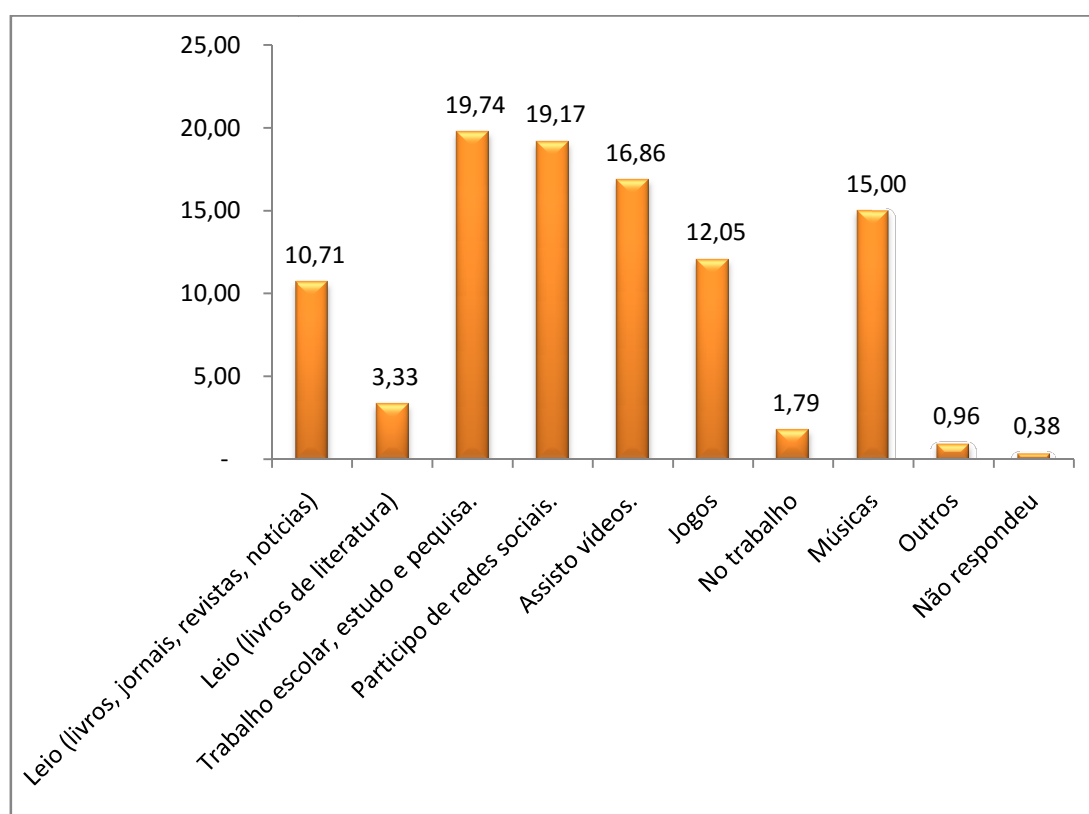
Fonte: *corpus* geral do questionário 1

O acesso à Internet e a dispositivos digitais pelos jovens da pesquisa é alto, o que também facilita o possível acesso desses sujeitos às obras de literatura digital e digitalizada disponíveis da Internet. Quando perguntados se já leram literatura digital, 21,35% dos entrevistados apontaram que leram inteira ou parcialmente alguma obra no último mês do período da aplicação do questionário e 60,53% não leram. Já em relação à leitura de obras de literatura digitalizadas, 28,36% leram inteira ou parcialmente alguma obra no último mês e 52,63% não realizaram nenhuma leitura. Ou seja, a maioria não leu nem obras de literatura digital nem obras de literatura digitalizada no último mês do período de aplicação do questionário, apesar de os índices de resposta positiva serem expressivos, acima dos 20%.

Podemos questionar o interesse dos jovens em relação à literatura para que possam ter práticas de leitura literária digitais. Os dados apontam que 60,52% gostam ou gostam muito de literatura, mas, quando perguntados se conhecem literatura digital ou digitalizada, 52,63% responderam negativamente. Consideramos

esse índice alto, visto que eles gostam de literatura, têm muito acesso à Internet e a dispositivos digitais e, por fazerem parte, provavelmente, da faixa etária que mais pesquisa conteúdo na Internet. No entanto, conseguimos compreender esses índices quando os relacionamos com os seguintes dados referentes: a) à difusão da literatura digital e digitalizada, que ainda é muito restrita; b) à preferência pela leitura literária em suporte impresso; e c) aos usos de dispositivos digitais apresentados no gráfico abaixo, em que os índices de leitura e leitura literária encontram-se abaixo de 15% das atividades realizadas em dispositivos digitais.

Gráfico 5 - Usos dos dispositivos digitais pelos jovens



Fonte: *corpus* geral do questionário 1

Podemos aferir que o suporte digital, para os jovens, ainda é pouco visto como um suporte de acesso à leitura literária, mas como um espaço para atividades de entretenimento, que, somadas, chegam a 63,08% do uso. Já a busca de informações como realização de trabalho escolar, estudos e pesquisas (19,74%) e informações para uso no trabalho (1,79%) têm índices bem mais baixos. Esses dados demonstram que, no aspecto cultural, a literatura como produto de consumo

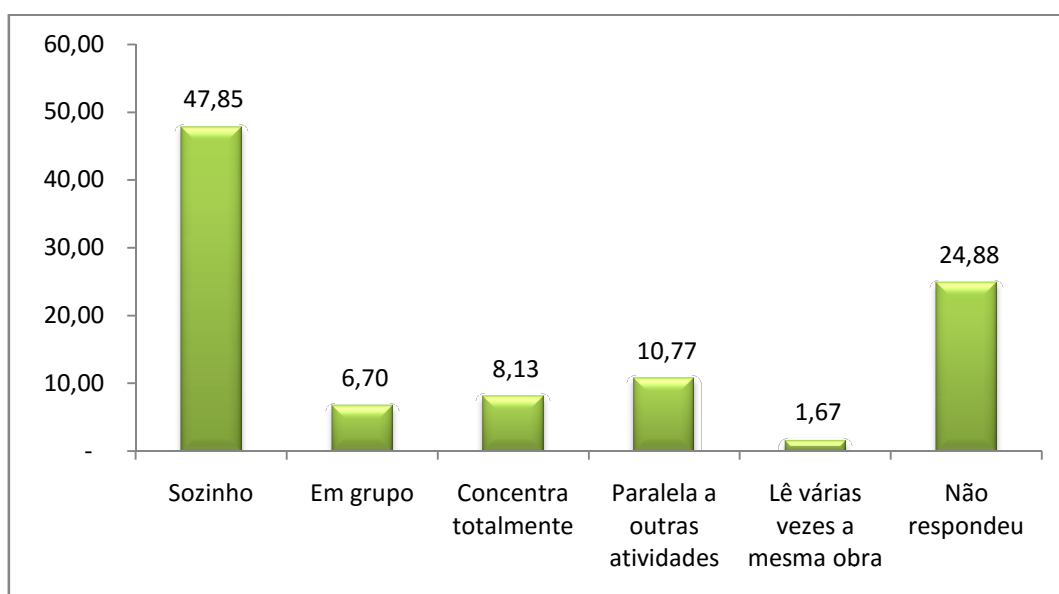
dos jovens se faz presente em suas práticas literárias em 22,81% no suporte digital, e 74,27% deles apontam uma preferência pelo suporte impresso.

A baixa difusão de literatura digital e digitalizada no Brasil pode corroborar com a preferência por obras impressas pelos jovens em conjunto com a representação que possuem dos dispositivos digitais e da Internet como instrumento de entretenimento. Alia-se a esses dados o fato de o *boom* da Internet no país ter atingido um maior número de pessoas nos anos 2000, e os jovens pesquisados, provavelmente, não tiveram uma ambiência digital desde a infância, pois tiveram mais acesso à cultura impressa do que à digital na década de noventa, período marcado como o início da expansão das tecnologias digitais no país. Esse conjunto de elementos indicia os baixos índices de leituras literárias digitais realizadas pelos jovens pesquisados.

Com relação às formas de acesso às leituras literárias digitais, os jovens apontaram, em sua maioria, 37,78%, realizarem a leitura por meio de acesso livre. Em contrapartida, 26,70% deles indicaram baixar as obras para serem lidas, e apenas 11,09% indicaram a compra como o modo de acesso à literatura. Esses resultados nos indiciam que baixar a obra e adquiri-la não são práticas recorrentes. Podemos aferir que isso ocorre devido ao alto custo das obras literárias digitais disponíveis para serem compradas e, conseqüentemente, baixadas e, ainda, mesmo aquelas que podem ser baixadas gratuitamente pelo jovem, devido ao risco de terem algum tipo de vírus, mas também por não terem sempre disponível Internet para baixar as obras. Além disso, por não terem espaço suficiente em seus dispositivos digitais, tendem a ler apenas as obras *on-line*.

Quando perguntados como realizavam as leituras literárias digitais, os jovens apontaram a preferência por ler sozinho e em paralelo a outras atividades, conforme gráfico abaixo.

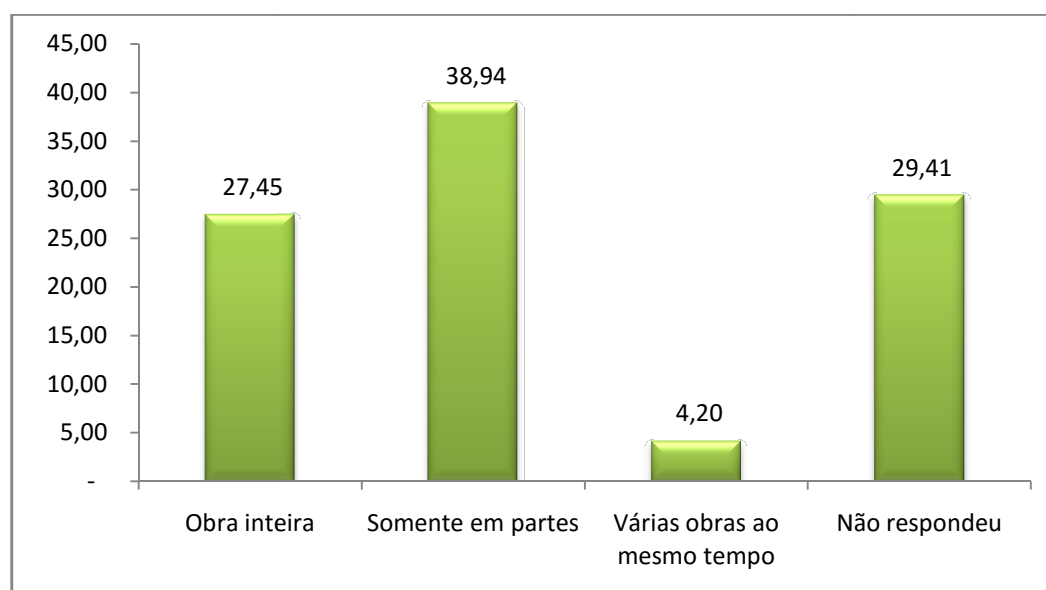
Gráfico 6 - Modos de ler obras de literatura digital e/ou literatura digitalizada



Fonte: *corpus* geral do questionário 1

Essa inquietação em relação à realização de várias atividades ao mesmo tempo faz com que o jovem faça leituras das obras somente em parte, não as finalize. Ler a obra literária inteira e depois escolher outra foi indicado por 27,45% dos jovens, assim como ler várias obras de literatura digital ou digitalizada ao mesmo tempo não é uma prática recorrente entre eles.

Gráfico 7 - Modos de ler obras de literatura digital e/ou literatura digitalizada



Fonte: *corpus* geral do questionário 1

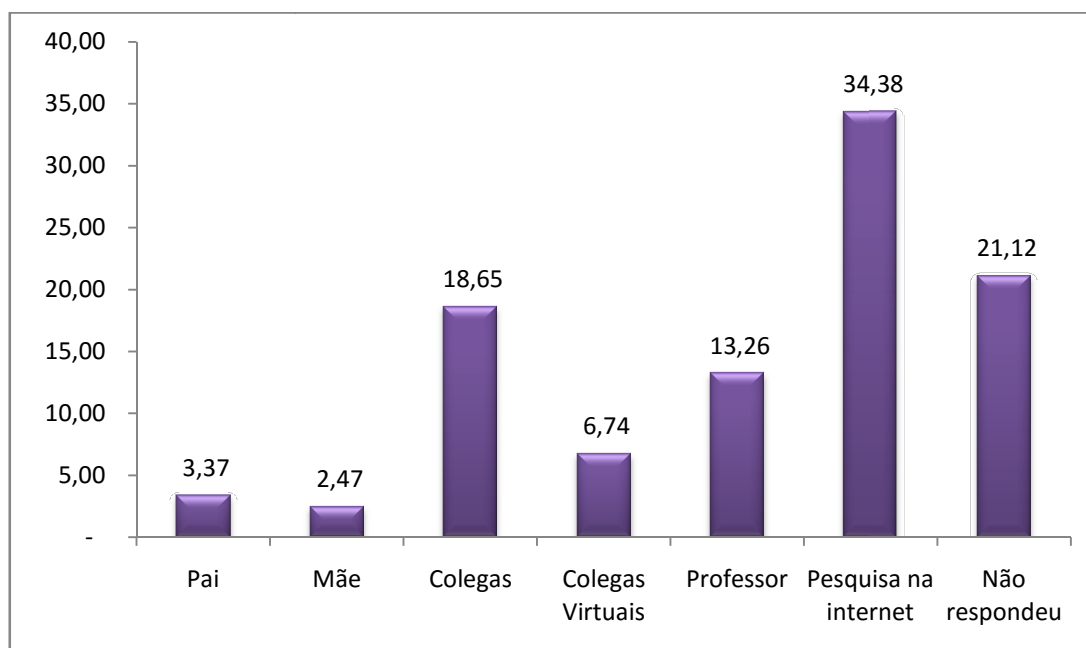
Ressalta-se que o índice “não respondeu” foi alto devido a esses dados serem dos jovens que não fazem leitura literária digital, pois nos dados do recorte dos 68 leitores jovens, que apresentaremos na próxima sessão, o índice “não respondeu” encontra-se em 0% em todas as questões.

Quando perguntados o que fazem após a leitura literária digital, 25,96% apontaram realizar buscas de obras semelhantes, 16,83% pesquisam obras do mesmo escritor/criador, em seguida, 16,35% buscam obras semelhantes em suporte impresso e 10,34% divulgam algo sobre a leitura literária nas redes sociais. O interesse em realizar pesquisas sobre as obras, seja no mesmo suporte ou em suporte diferente, ou sobre o escritor/criador, é uma prática dos jovens que lhes permite localizar novas obras literárias de seu agrado, afinal, são semelhantes. Como bem sabemos, o acesso às obras literárias digitais é restrito, e esse tipo de estratégia de busca de novas obras é importante para a ampliação das práticas de leitura literária digital dos jovens.

Embora haja um dado expressivo de preferência do digital para prática de leitura literária, há outros fatores que determinam ou o acesso ou a leitura propriamente dita em suporte digital. As instâncias e os mediadores têm um papel importante na formação de leitores. A escola e a família são, historicamente, aquelas instâncias que definem as leituras literárias consideradas de qualidade, ditando o que os jovens devem ou não ler. Suprimidos da sala de aula na maioria das escolas, em geral, são limitados ao máximo em seu tempo de uso no espaço doméstico pelos pais.

Observando os dados do gráfico abaixo, os jovens indicaram que em 34,38% das situações são eles próprios que buscam informações sobre as práticas de leitura literária digital que realizam, seguidos dos colegas reais e virtuais, em 25,39% dos casos. Os demais mediadores, pais e professores, nesse campo da leitura literária digital, são menos citados.

Gráfico 8 - Como os jovens conheceram as obras de literatura digital e/ou literatura digitalizada que leram



Fonte: *corpus* geral do questionário 1

Esse dado nos mostra a especificidade do papel dos mediadores e das instâncias nas práticas de leitura literária digital entre os jovens. São eles próprios e colegas, virtuais ou não, que compartilham informações, orientam, dão dicas sobre leitura literária digital. Os pais e professores são coadjuvantes na formação de leitores literários digitais e isso ocorre pelo fato de eles, provavelmente, não se envolverem muito com a cultura digital, o que pode ocasionar certo estranhamento em relação às práticas literárias digitais. Destacamos o índice de 86,84% dos jovens que responderam não participarem de comunidades de leitores. Em contrapartida, apenas 11,99% mantêm essa prática. Assim, no que tange às práticas de leitura literária digital, parece que temos um fenômeno mais recente relacionado aos mediadores, que precisa ser mais explorado.

Sabemos da importância dos pares, dos familiares e dos professores como sujeitos mediadores na formação de leitores jovens, pois, segundo Lahire (2004, p.17), “o mais íntimo, o mais particular ou singular dos traços da personalidade ou do comportamento de uma pessoa só pode ser entendido se reconstituirmos o ‘tecido de imbricações sociais com os outros’”. Mas se a escola e a família são, socialmente, as instâncias privilegiadas do ensino da leitura literária e, na contemporaneidade, passam ao largo da maioria dessas instâncias, o uso de

dispositivos digitais e Internet, logo podemos compreender um dos motivos pelos quais os jovens vislumbram ainda muito pouco o suporte digital como um ambiente para práticas de leitura literária.

Temos observado uma crescente ampliação das instâncias de fomento à leitura e consequentemente uma maior possibilidade de acesso à leitura literária pela sociedade, via programas do governo federal de compra de obras de literatura para as bibliotecas escolares, pelas grandes feiras de livros, que se tornaram frequentes no país, pelas produções cinematográficas que impulsionaram a divulgação das obras, como *Harry Potter*, e se tornam “febre” entre jovens, mas também pelo acesso inaugurado pela Internet e pelas comunidades de leitores, que criam mais um espaço de difusão da literatura.

Percebemos não somente o crescimento da disponibilização de obras, mas também de campanhas que atuam em outras vertentes, como a ampliação de instâncias que fomentam a leitura literária, a formação de professores e de outros mediadores de leitura. Esse novo contexto possibilita às famílias um maior envolvimento em um ambiente literário. No entanto, conforme Colomer (2007, p. 105):

sem livros não há leitura. Porém aí se perpetua a ideia de que basta dar livros às novas camadas sociais que não as possuem, como se estas estivessem conscientemente ansiosas por tê-los, tal como se dizia nos discursos sociais do século XIX. Bem ao contrário, não basta incrementar a oferta na sociedade atual. Sabemos da importância dessa espécie de capital cultural que se deve possuir para que se produzam situações de leitura. (COLOMER, 2007, p. 105)

Desse modo, segundo a mesma autora, “a leitura compartilhada é a base da formação de leitores” (COLOMER, 2007, p. 106). Assim, professores, colegas de sala, pais, irmãos, avós, tios, amigos virtuais ou não são os mediadores que impulsionariam o capital cultural nas instâncias e “que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais” (GALVÃO, 2010, p. 221). A cultura digital é mais um suporte para a obra literária; nela as criações de obras podem ter níveis diversificados de multimodalidade, interatividade, convergência, uso de linguagem de programação e redes. A facilidade de acesso e de compartilhamento de obras literárias permitiu aos leitores jovens mais um ambiente de sociabilidades literárias.

Mas se os principais mediadores, em geral, se furtam ao ensino de práticas de leitura literária digitais, diminuimos as possibilidades de mais um espaço de difusão da literatura para os jovens e para as novas gerações que pretendemos que se tornem leitores. E podemos verificar, enfim, que é no âmbito do próprio grupo de leitores jovens que se encontra a potencialidade para a divulgação de obras digitais e digitalizadas.

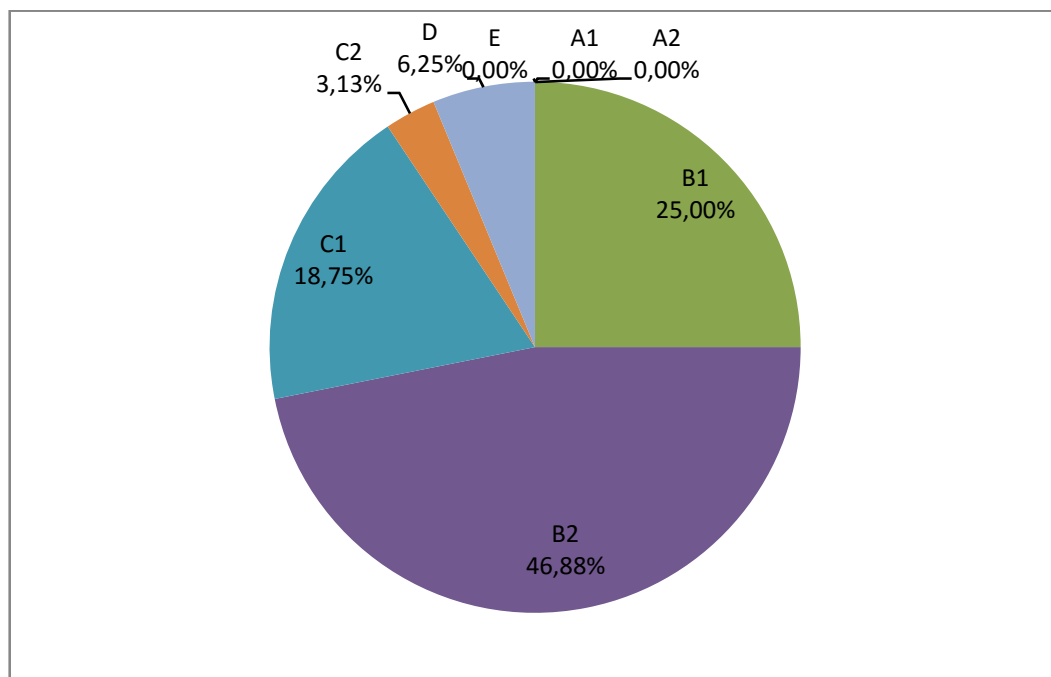
4.2 Dos Leitores Jovens

Analisando o perfil dos leitores jovens – dados recortados a partir do filtro daqueles jovens que gostavam ou gostavam muito de literatura, conheciam literatura digital, leram literatura digital nos últimos um, dois ou três meses da aplicação do questionário da pesquisa e se consideravam leitores –, o *corpus* filtrado do questionário 1 apontou que o perfil dos leitores jovens referente ao estrato socioeconômico chega a 67,65% no estrato B, 23,53% no C, 5,88% no estrato A e apenas 2,94% no estrato D. Observa-se um aumento de 17,79 pontos percentuais no estrato socioeconômico B e uma diminuição de 14,6% no estrato C em relação ao *corpus* geral do questionário 1.

Quando analisamos os dados dos leitores jovens por escola, observamos que 52,94% são da escola privada e 47,06% são da escola pública, índices diferentes dos dados gerais apresentados no tópico anterior. Quando analisamos o *corpus* de dados gerais, ele possui mais jovens de escola pública, mas quando inserimos as categorias de corte (gostavam ou gostavam muito de literatura, conheciam literatura digital, leram literatura digital nos últimos um, dois ou três meses), o quantitativo de leitores jovens da escola privada se sobrepõe ao da escola pública.

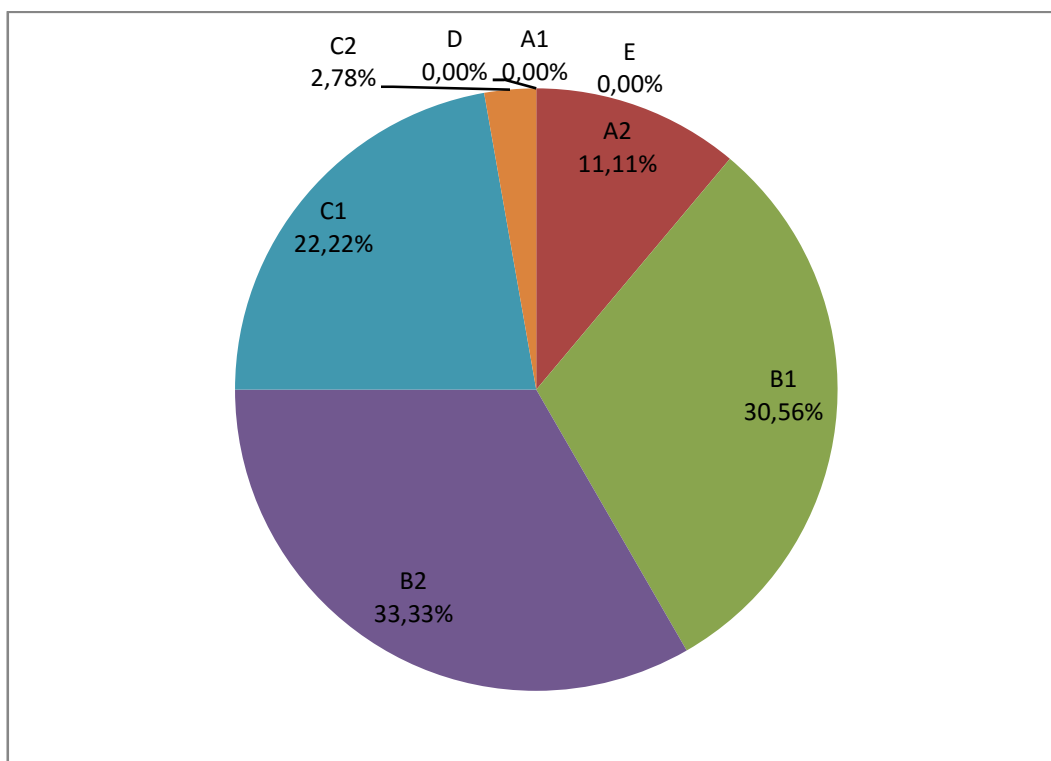
Observando os gráficos abaixo sobre estrato socioeconômico por escola, verificamos que no estrato C, temos 21,88% de leitores jovens da escola pública e 25% na escola privada, uma diferença pequena de 3,12%. No estrato B, verificamos a diferença de quase 8% a mais de leitores jovens na escola privada em relação à escola pública. Observando apenas o estrato B2, a diferença chega a 13,55 pontos percentuais a mais de leitores jovens na escola pública.

Gráfico 9 - Níveis dos leitores jovens de estrato socioeconômico na escola pública



Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Gráfico 10 - Níveis dos leitores jovens de estrato socioeconômico na escola privada



Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Esses dados nos permitem apontar que, mesmo na escola pública, a maioria dos leitores jovens, 71,88%, está no estrato socioeconômico B, o mais alto. Já na escola privada, os leitores jovens estão, em sua maioria, 75,01%, nos estratos mais altos, ou seja, B e A. O que diferencia é a existência de leitores jovens de um estrato mais baixo na escola pública, D, e em contrapartida, a existência de leitores jovens de um estrato mais alto, A2, na escola privada.

Constata-se que os leitores jovens estão distribuídos dos estratos mais baixos, D, aos mais altos, A2, que possuem um nível socioeconômico mais elevado em relação à maioria da população de jovens pesquisados e, em sua maioria, estudam na escola privada. Podemos afirmar a importância do estrato socioeconômico para que os jovens se envolvam em práticas de leitura literária digital, no entanto, os índices expressivos de leitores jovens nos estratos mais baixos (C e D), que somados alcançam 26,47%, demonstram que os leitores jovens, mesmo em condições socioeconômicas menos favoráveis, se envolvem e possuem disposições para práticas de leitura literária digital.

Conforme aponta Lahire (2006), uma categoria macrosociológica, como a socioeconômica, não permite analisar as variações intra-individuais que demonstram as inclinações dos leitores jovens dos mais variados estratos socioeconômicos para a realização de práticas de leitura literária digital. O viés quantitativo é limitado, quando se analisa por meio do ideal-tipo, ou seja, parte-se de oposições culturais, por exemplo, brasileiros e americanos, ou de polos de categorias, por exemplo, estrato socioeconômico alto e baixo. Nesse sentido, Lahire (2006) aponta nuances nos indivíduos, que passam despercebidas neste tipo de pesquisa, alertando para

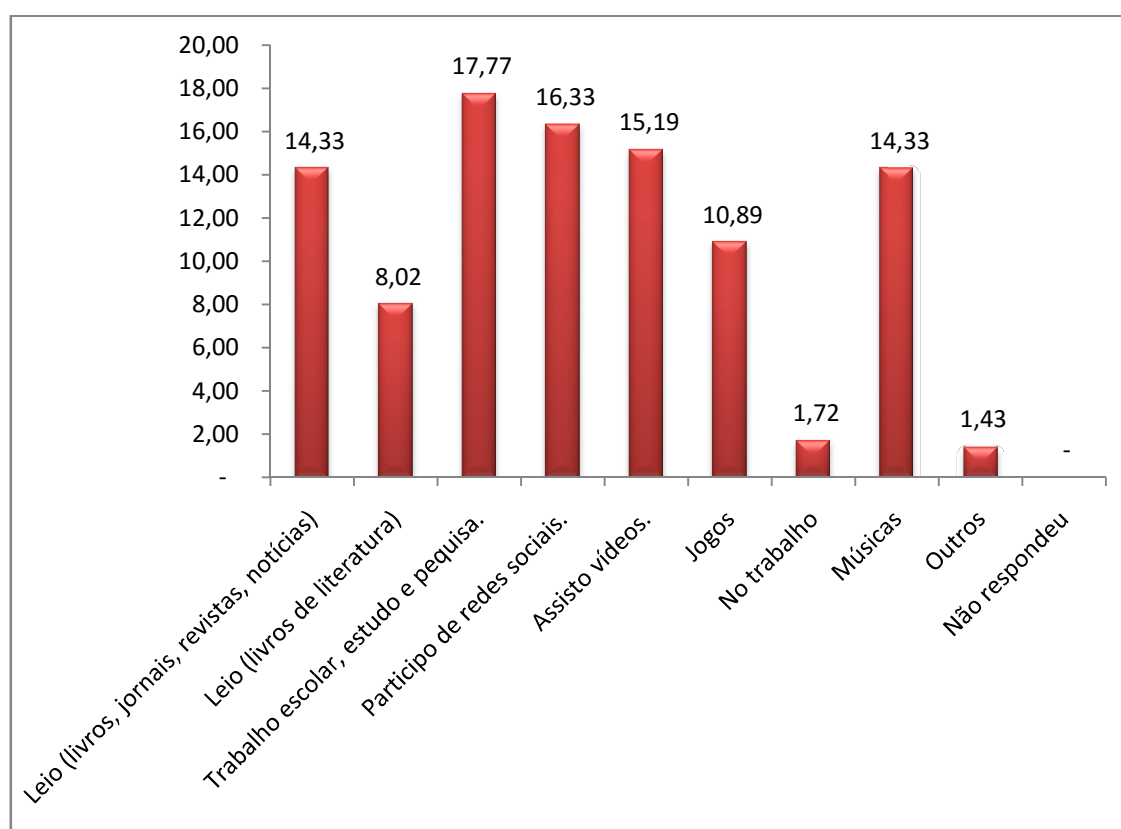
todas as situações intermediárias, médias ou contraditórias, todos os casos mais atípicos (levando em conta as tipificações utilizadas), para as quais nem sempre dispomos de palavras para nomear, de imagens para evocar, de exemplos célebres para ilustrar. (LAHIRE, 2006, p. 108).

Não são somente os polos de categorias, estrato socioeconômico alto e baixo, que irão definir, respectivamente, maiores ou menores disposições para as práticas de leitura literária digital. Como observamos nos dados, o estrato socioeconômico mais elevado, A1, não possui leitores jovens com o perfil que buscamos, a despeito de termos localizado um jovem neste estrato no *corpus* geral do questionário 1. Entretanto, verificamos um índice considerável de leitores jovens no estrato mais

baixo D. Daí a importância da verticalização da pesquisa para conhecermos as variações intra-individuais desses leitores jovens, dos estratos socioeconômicos mais baixos aos mais altos, e compreendermos as dissonâncias e as variações das propensões, inclinações e hábitos presentes em suas práticas de leituras literárias digitais.

No aspecto cultural, a literatura como produto de consumo dos leitores jovens se faz presente em suas práticas literárias em 67,65% no suporte impresso, a despeito de 32,35% deles apontarem o suporte digital como preferido para a leitura, dado expressivo de preferência do digital para prática de leitura literária. Ressaltam-se os dados referentes aos usos dos dispositivos digitais, em especial os índices de leitura, apresentados no gráfico abaixo, que somados chegam a 22,35%, diferença 8,33% superior em relação aos dados do *corpus* geral.

Gráfico 11 - Uso dos dispositivos digitais pelos leitores jovens

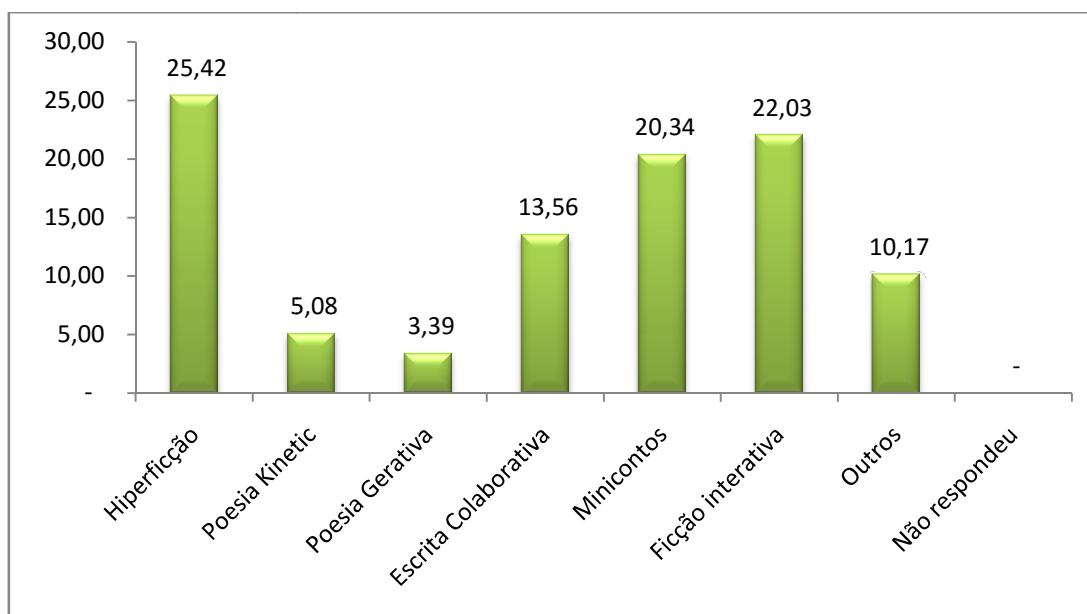


Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Quanto à diversidade de tipos de obras de literatura digital lidas pelos leitores jovens, destacam-se a hiperficção, a ficção interativa e os minicontos,

respectivamente, como os tipos mais lidos, seguidos da escrita colaborativa, como as *fanfictions*, com 13,56% da preferência.

Gráfico 12 - Tipos de obras de literatura digital lidas pelos leitores jovens



Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Nos dados do questionário 2, aplicado aos leitores jovens, exceto os quatro primeiros selecionados para a etapa qualitativa, podemos observar uma prática de leitura literária digital intensa por alguns leitores jovens e, para outros, um pouco menos, indicando uma variação de intensidade de práticas de leitura literária digital dentro da categoria leitores e uma diversidade de níveis de estratos socioeconômicos nos dois grupos. Como, por exemplo, AMM_F_16_C1⁴⁹ iniciou suas práticas de leitura literária digital com leituras de *web* novelas na antiga rede social *Orkut*. Há três anos começou a utilizar a rede social *Tumblr* para escrever sobre sentimentos e um conto intitulado “Ana e Bernardo”. Segundo ela, já “tive mais de 1000 leitores e *likes* nos meus textos, é fascinante!”. A leitora jovem aponta que, no decorrer dessas práticas de leitura literária digital, conheceu as *fanfictions*.

Durante esses anos acabei conhecendo o *fanfic obsession* e me tornei voluntária beta do site, onde corrigia a gramática das histórias que seriam postadas. Com isso a minha participação na leitura literária digital se tornou ainda mais efetiva. Eu passava horas e mais

⁴⁹ Utilizaremos as letras iniciais do nome completo dos leitores jovens respondentes do questionário 2, seguido do gênero, idade e estrato socioeconômico.

horas lendo no computador e até os meus pais se preocuparam, mas posso afirmar que esses meios apuraram meu vocabulário e meu conhecimento. (AMM_F_16_C1).

Ser voluntária beta significa ter o compromisso de contribuir com os escritores das obras que são enviadas para o site de *fanfic*. Essa contribuição pode ser apenas na gramática, mas também na construção da obra. Evidencia-se a progressão das práticas de leitura literária digital da AMM_F_16_C1, que de leitora passa a ser escritora e, em seguida, colaboradora de outros escritores de literatura digital. Provavelmente os pais conhecem pouco de suas práticas de leitura literária e por isso sentem-se preocupados com o tempo de uso dos dispositivos digitais.

GCBS_F_18_B1 realiza leituras de *bestsellers* digitalizados pelo celular todos os dias.

Já li várias obras literárias através do celular, entre elas, estão: a trilogia de Cinquenta tons de cinza, Harry Potter, Belo Desastre, Desastre Iminente, Crepúsculo, etc. Leio todos os dias, divido meu tempo com literatura digital e com um livro estruturado com folhas de papel. Estou sempre lendo dois livros ao mesmo tempo. [...] Gosto de histórias fantasiosas e peço para que tenha ao menos um pouco de romance. Na minha opinião, romance sempre deixa a história mais interessante. Leio na escola, ônibus, rua, antes de dormir, sempre que posso. Leio rápido e sempre volto para ler minhas personagens favoritas. (GCBS_F_18_B1).

Outros dois leitores jovens relatam realizar leituras literárias digitais com frequência, mas com um pouco menos de intensidade que as duas leitoras jovens anteriores. No entanto, quando verificamos os estratos socioeconômicos a que pertencem, constatamos os dois pólos, o mais alto e o mais baixo.

Eu não leio com frequência livros digitalizados, mas contos, minicontos, artigos, dentre outras coisas que são encontradas na Internet eu leio com frequência, como resumo de um filme, histórias fictícias ou reais, poesias com animação, dentre outros. Já livros impressos leio uns cinco livros por ano, ou se eu achar a coleção interessante, leio mais. (PPFD_M_15_D).

As obras que eu pratiquei minha leitura em dispositivos digitais eram mangás e *fanfiction*. Eu leio toda vez que minha obra que acompanho é atualizada. (VLV_M_16_A2).

Percebemos uma variação de frequência de leitura em relação às práticas de leitura literária digital e impressa e, dentro das práticas de leitura literária digitais, também, existem diferenças, pois para PPF_{D_M_15_D}, ler obras literárias digitalizadas grandes é menos frequente em relação a ler outros tipos de obras literárias pequenas, digitais ou digitalizadas. Essa nuance de comportamentos a partir de contextos de uso diferentes nos oferece a possibilidade de observar as variações intra-individuais das práticas de leitura literária digital dos leitores jovens. Nesse contexto, Lahire (2006) destaca a importância de conhecer as variações individuais, mas também as intra-individuais e isso é importante para conhecermos os detalhes das práticas de leitura literária digital.

A melhor maneira de ter acesso à inacessível “interioridade” é de fato objetivar o mais finamente possível os comportamentos individuais e, mais do que isso, objetivar os comportamentos de um mesmo indivíduo em contextos diferentes da vida social: a “verdade individual” não se encontra como encerrada ou encapsulada nos limites de um cérebro e de um corpo, mas revela-se no desenvolvimento e na variedade (diacrônica e sincrônica) das ações e de práticas do indivíduo em questão. (LAHIRE, 2006, p. 20).

Na outra ponta temos um perfil de leitores jovens pertencentes a estratos socioeconômicos de um nível mais alto até o mais baixo e que relataram uma prática de leitura literária digital menos frequente, demonstrando as variações individuais existentes dentro da categoria leitor, relacionada ao estrato socioeconômico. Os trechos do questionário 2, transcritos abaixo, revelam essas nuances.

mas normalmente leio textos, como contos, ou no celular ou computador. O primeiro [referindo-se ao celular] normalmente na rua ou antes de dormir, o segundo [referindo-se ao computador] é o mais frequente. Não costumo ler muito frequentemente, apenas quando estou interessado em um tema ou texto específico apresentado a mim por amigos ou *podcasts*. (ATS_M_15_A2).

Minha frequência de leitura é um livro por mês, cada mês eu tento escolher gêneros diferentes, como: romance, suspense, contos e terror). (BSAF_M_16_B2).

Leio raramente, uma vez ou outra encontro este tipo de obra, como a esportiva que citei. (ESG_M_16_C2).

Constatamos as diversidades de leitores jovens com práticas literárias digitais menos intensas e pertencentes a estratos socioeconômicos alto, médio e baixo, bem como leitores jovens com práticas literárias digitais mais intensas pertencentes a estratos alto, médio e baixo. Destacamos, no relato de ATS_M_15_A2, um modo de intensificar suas práticas de leitura literária digital por meio não só de recomendações de amigos e por iniciativa própria, mas também pela escuta de *podcasts*, um tipo de arquivo criado por um programa de áudio e vídeo que pode ser disponibilizado em *blogs*, *sites* entre outros meios, com conteúdos diversos.

Outro modo de sociabilidade literária na Internet foi relatado por VHSP_M_15_B2. Esse leitor jovem menciona ter lido uma obra literária publicada por *youtubers*, pessoas que possuem um canal de vídeos no *youtube*. Recentemente alguns *youtubers* mais famosos se tornaram escritores, publicando obras literárias, muitos dos quais convidados a participar da Bienal do Livro em São Paulo, em 2016.

Li uma obra de um “youtuber” que apresentava um motivo alternativo para as atitudes de Adolf Hitler durante a 2ª guerra, onde a raça ariana era para Hitler o que os ETs precisavam para fazer contato. (VHSP_M_15_B2).

Os modos de obter informações sobre obras literárias são cada vez mais diferenciados, mas para os leitores jovens lerem as obras, tanto as de literatura digital quanto as de literatura digitalizada, de seu interesse, o fazem acessando-as em 45,28% on-line pela Internet. 41,51% baixam as obras em seus dispositivos digitais antes da leitura, indicando uma prática em que a aquisição de obras literárias não é muito recorrente, haja vista que apenas 11,32% deles têm esse hábito. A decisão do leitor jovem em ler on-line ou baixar a obra dependerá da capacidade de memória do dispositivo digital que possui, do local em que será realizada a leitura, se no espaço doméstico ou fora dele, do tipo de acesso à Internet, se móvel ou fixa ou, conforme (LMF_F_16_A2), que prefere baixar a obra para quando voltar a lê-la não buscá-la novamente na Internet. Segundo ela, “antes de ler o livro, tenho que baixá-lo no dispositivo para que eu possa sair a hora que eu quiser e depois retornar quando eu quiser”.

Essa variedade de possibilidades de acesso à obras literárias na cultura digital ampliou a difusão da literatura, possibilitando ao leitor o acesso a uma infinidade de

obras disponíveis na tela. Mas será que estamos caminhando para o fim do uso do livro? Os pesquisadores dizem que não. Segundo Lajolo e Zilberman (2009, p. 30), “não se trata de uma opção, livros e computadores não se excluem, nem o PC põe necessariamente em risco o universo do livro”. Como já apontamos acima, as formas de acesso às obras literárias digitais são diversificadas. Podemos observar, nos trechos abaixo, as respostas sobre as práticas de leitura literária digitais dos leitores jovens respondentes ao questionário 2, em que os ambientes mais frequentes de acesso são os blogs, redes sociais, os aplicativos e os sites de busca e de bibliotecas on-line. Esses relatos qualificam os modos de acesso dos 45,28% de leitores jovens que acessam as obras literárias de forma livre pela Internet e dos 41,51% daqueles que baixam as obras.

Já li em uma página no *facebook* que se chama “Ir à lua”; são poesias feitas por pessoas desconhecidas. (LSC_F_3º_C1).

A primeira história eu a acompanho por um blog. O nome da história é *Lost*, ela não é uma história completa, ou seja, cada dia é postado um capítulo desta história. [...] O segundo livro é a saga de *Games of Thrones*. Eu baixei no site do *e-book*, então eu posso ler quando quiser e de graça, já que o site não é pago. (CPDS_F_15_B2).

Geralmente eu baixo os livros disponíveis em bibliotecas online. Os livros que baixo são contos clássicos. Fico sabendo por sites que oferecem esses livros. (JKS_F_16_B1).

Quando quero apenas praticar a leitura, escrevo na Internet, por exemplo: contos pequenos, então assim aparecem vários. Tenho um aplicativo de celular de livros digitalizados (on-line) grátis, então muitas vezes é só entrar no aplicativo assim então escolher o que mais me interessa, lendo comentários, o que tem mais comentários eu baixo e leio. (JFG_F_17_B1).

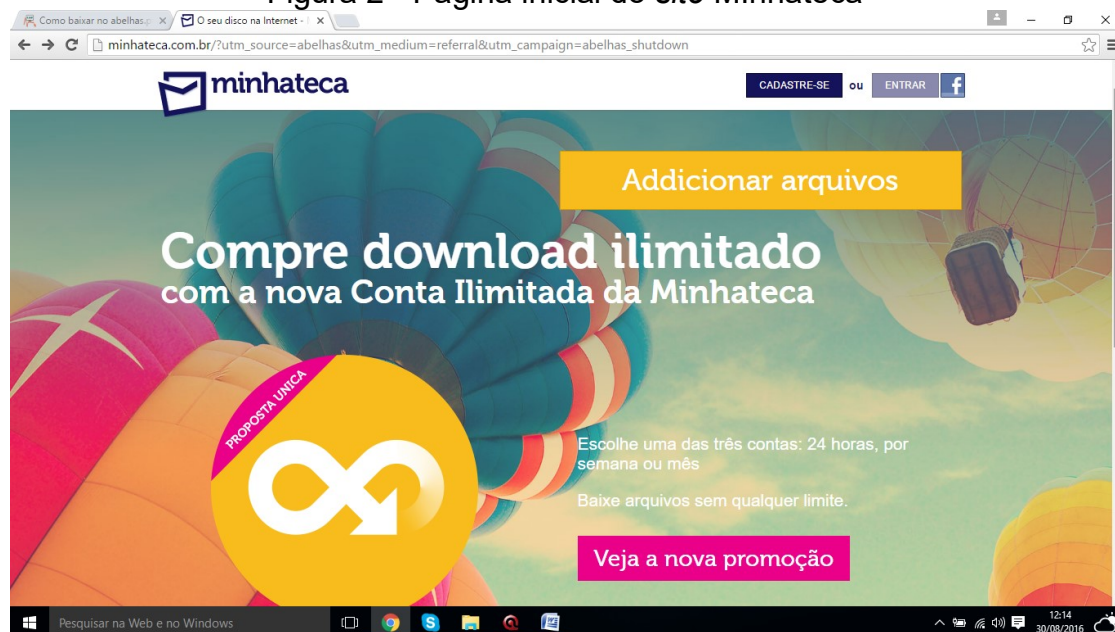
Baixo livros no meu computador pra formato *PDF*, e alguns pelo celular por um aplicativo chamado *e-book*, a maioria é paga, mas existem alguns gratuitos em outros aplicativos. (DAS_F_16_B2).

Alguns leitores jovens, ao responderem ao questionário 2, indicaram os sites que acessam para realizar suas práticas de leitura literária digital. Um dos sites citados foi o Abelhas, que disponibiliza, por meio de compras de créditos, baixar obras literárias digitalizadas e vários outros tipos de arquivos, como música, vídeos, documentos.

Figura 1 - Página inicial do *site* Abelhas

Fonte: <http://abelhas.pt/>

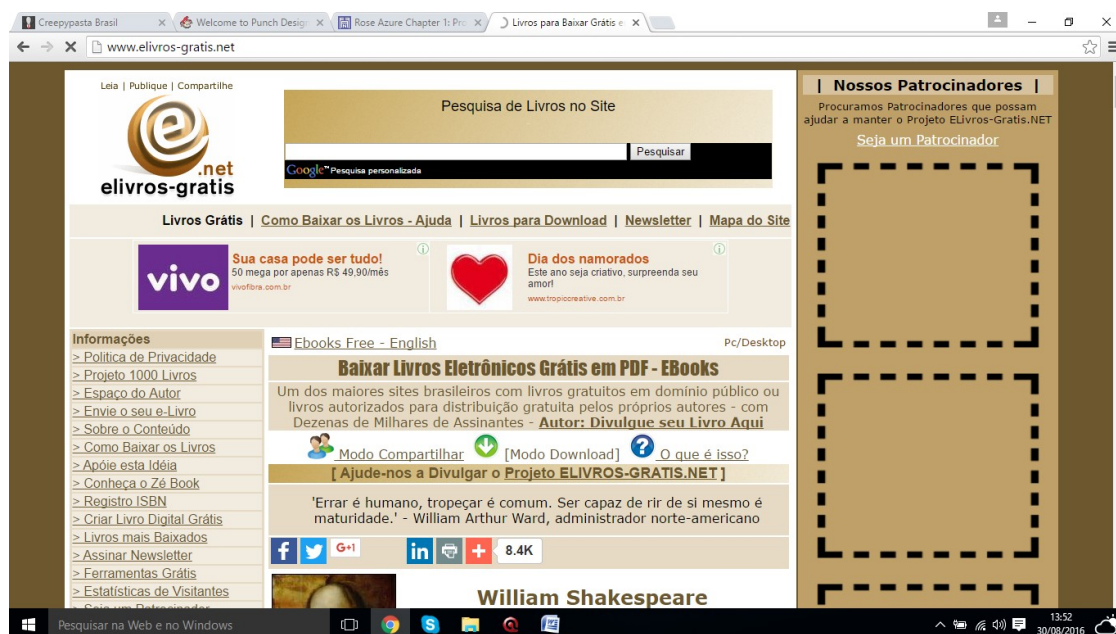
No entanto, ao acessar a página do *site*, encontramos a informação de seu fechamento e uma indicação de outro site, o Minhateca, que oferece os mesmos serviços. Interessante, mais uma vez, indicar a efemeridade do que está disponibilizado, característica a que os jovens devem estar acostumados, mas que possivelmente nos inquieta, pois exige mudanças mais rápidas de estratégias.

Figura 2 - Página inicial do *site* Minhateca

Fonte: <http://minhateca.com.br/>

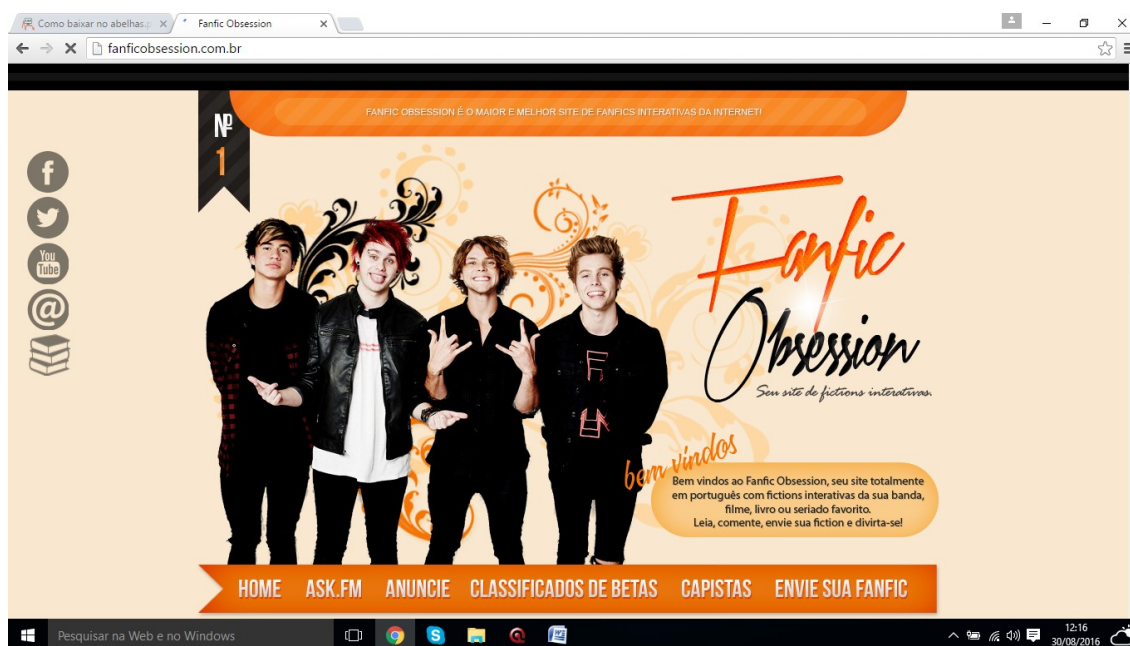
O leitor jovem poderá adquirir, nesse site, pacotes de *download* limitados ou ilimitados, dependendo do valor que deseja pagar. Outro *site* citado pelos leitores jovens foi o E-livros grátis, como o próprio nome indica, as obras literárias digitalizadas podem ser baixadas gratuitamente.

Figura 3 - Página inicial do *site* E-livros grátis



Fonte: <http://www.elivros-gratis.net/>

O *site* de *fanfictions* “*Fanfic Obsession*” foi o único *site* citado no questionário 2, apesar de vários leitores jovens citarem a leitura de *fanfiction* como prática recorrente.

Figura 4 – Página inicial do *site* Fanfic Obsession

Fonte: <http://fanficobsession.com.br/>

Um tipo distinto de *site* citado foi o *Creepypaste* Brasil, criado em 2010, que disponibiliza uma coletânea de histórias de terror e de suspense. Segundo o *site Creepypastas*, “são contos de terror (geralmente de autores anônimos) que se originaram na Internet e são passadas entre fóruns, *blogs* e outros *sites*”. Podem ter imagens estáticas e em movimento, sons, vídeos e outros elementos multimodais. O termo “creepy” significa “arrepiaante” ou “assustador”, e “copypaste”, que quer dizer “copiado e colado”.

Figura 5 – Página inicial do site Creepypaste Brasil



Fonte: <http://creepypastabrazil.blogspot.com.br/>

Como podemos verificar nos relatos dos leitores jovens e nos *sites* citados por eles, a cultura digital permitiu a ampliação do acesso às obras literárias, mas também notamos usos de elementos que, na cultura escrita impressa, eram limitados, enriquecendo as obras literárias com sons, imagens em movimento, interação em rede e linguagem de programação. Mas essas diferenciações entre as obras na cultura escrita impressa e digital, pelo menos no universo dos leitores entrevistados, ao invés de qualificarem mais as digitais, mobilizam os leitores jovens a realizarem leituras nos dois suportes.

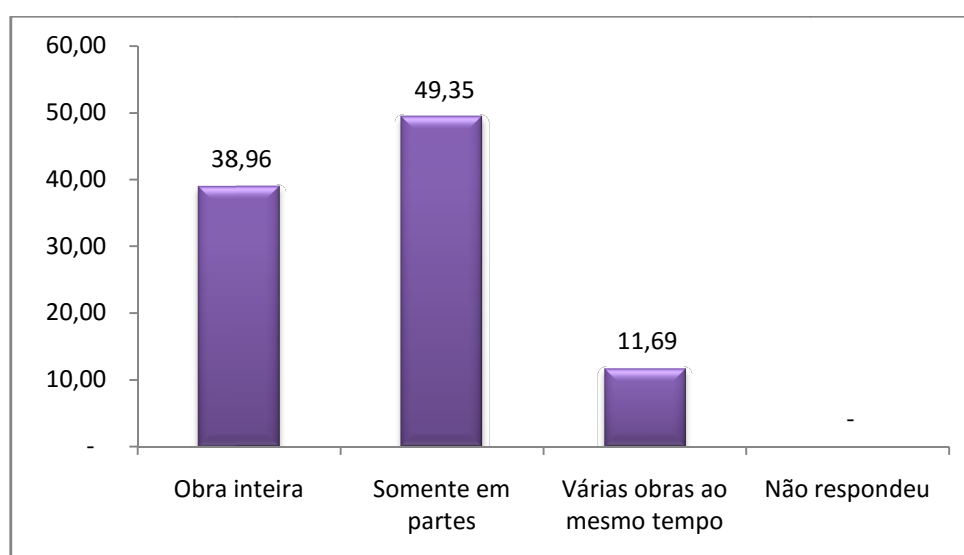
Verificamos que 23,3% dos leitores jovens, após realizarem leituras literárias digitais, leem obras semelhantes impressas, 25,24% buscam obras do mesmo escritor/criador lido e 41,75% pesquisam obras semelhantes. Apesar do temor do fim da obra impressa, o que se evidencia com os dados acima é a existência de uma relação entre as práticas de leitura literária digital e impressa. Reiterando esses dados, BCL_F_16_B1 relata procurar leituras literárias no suporte digital após suas leituras literárias no suporte impresso: “Quando acabo de ler um livro (impresso) ou ver um filme que gostei, procuro informações ligadas a eles na Internet, *blogs* com críticas, análises, resumos de obras parecidas[...]”.⁵⁰

⁵⁰ Sobre as relações impresso e digital, abordaremos esta categoria com maior detalhamento em outro tópico.

Com diferentes nuances e consequências, esse receio do advento de uma nova tecnologia de leitura e escrita pode ser comparado aos temores existentes nas grandes mutações entre o oral e o escrito ou entre suportes e ofertas de leitura, entre outras, como a passagem da cultura oral para a cultura manuscrita, com questionamentos referentes à perda da memória dos leitores. Em seguida, os livros impressos também provocaram mudanças que trouxeram preocupações referentes ao que as pessoas estavam lendo e o que iriam fazer com a leitura, devido à quantidade de material impresso disponível. Segundo Chartier R.(1997), na segunda metade do século XVIII a proliferação do livro foi considerado como uma ameaça à ordem política.

Conforme já apontamos, o Instituto Pró-Livro, em pesquisa publicada em 2016, considerou leitor aquele sujeito que havia lido, nos últimos três meses da aplicação da pesquisa, uma obra inteira ou parte de uma. Daí pode-se concluir que o conceito de leitor está intimamente ligado à frequência de leituras realizadas e que, para sê-lo, não é necessário ler a obra inteira. Podemos observar, no gráfico a seguir, que, entre outras práticas de leituras fragmentadas, os leitores jovens pesquisados também possuem a prática de ler obras inteiras no ambiente digital.

Gráfico 13 - Modos de leitura literária digital realizada pelos leitores jovens



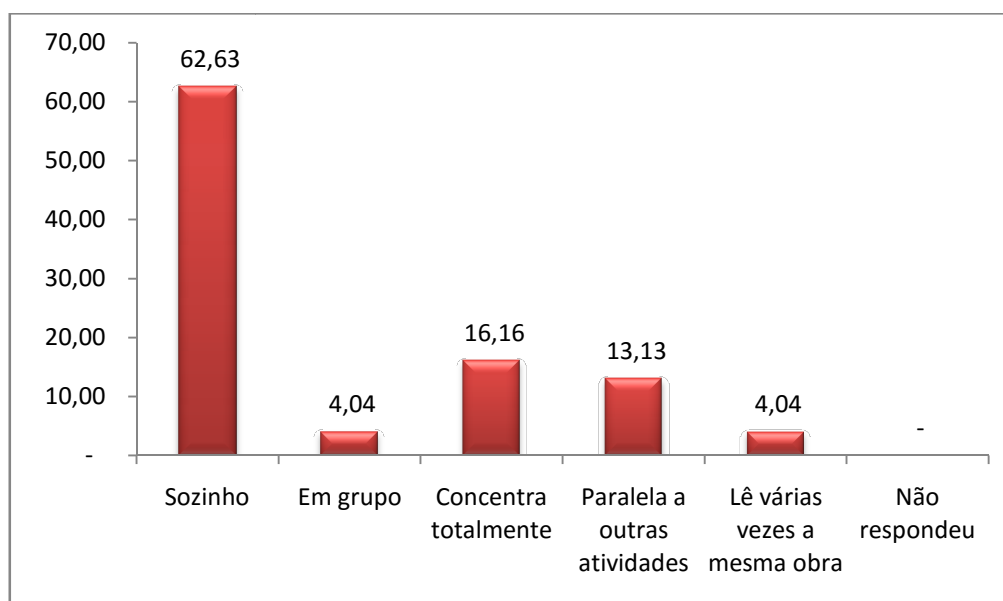
Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Fica evidente que o leitor jovem realiza leituras extensivas, pois, ao mesmo tempo em que pode ler uma obra inteira em um momento, também realiza leituras de várias obras ao mesmo tempo ou lê em partes e pode até não finalizar.

CPDS_F_15_B2 confirma esse dado, ao relatar que realiza leitura de mais de uma obra ao mesmo tempo: “Agora eu estou lendo 3 histórias diferentes, sempre as leio pelo celular, por um aparelho que apenas eu uso e é mais fácil de usar, já que nele eu posso baixar quantos obras eu quiser sem gastar muito ou ocupar muito espaço”.

Esse comportamento não a desqualifica como leitora, pois estamos diante de um novo tipo de leitor. A identidade de leitor acompanha as práticas de leitura, e estas, por serem definidas pela sociedade, mudam ou são ressignificadas ao longo dos tempos. O gráfico abaixo aponta que os leitores jovens possuem uma diversidade de modos de ler leitura literária digital, mas sua prática se dá, na maioria das vezes, lendo sozinho, paralelo a outras atividades e lendo várias vezes a mesma obra.

Gráfico 14 - Modos de leitura literária digital realizada pelos leitores jovens



Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Os relatos dos leitores jovens apontam esses modos de realizarem leituras literárias e, também, os locais nos quais desenvolvem essas práticas.

Leio na escola, ônibus, rua, antes de dormir, sempre que posso. (GCBF_F_18_B1).

Faço as leituras quando tenho um tempo livre, sentada, geralmente leio sozinha e em casa [...] (LSAF_F_16_B2).

Costumo ler em meu *tablet*, gosto de lugares calmos como meu quarto ou uma biblioteca. (LSS_F_16_C1).

A frequência dessa leitura é diária, feita principalmente nas manhãs pelo celular, no caminho para o colégio (carro ou a pé) nas tardes pelo computador e à noite pelo celular antes de dormir. A leitura é muitas vezes feita sozinha. (ALMO_F_16_B2).

O caso da leitura de livros grandes e extensos, a leitura é mais concentrada, procuro ler pelo computador, em casa, não entro em nenhuma rede social e me dedico somente à leitura. (MSVJ_F_16_B2).

As obras que leio geralmente são lidas por mim em minha casa no computador ou às vezes no meu celular voltando de casa no ônibus. Eu leio estas obras geralmente escutando música, eu faço minha leitura no meu computador, faço minha leitura sozinha ou às vezes com um colega. (VLV_M_16_A2).

Com os dispositivos digitais móveis, os leitores jovens leem por toda parte, no ônibus, no caminho para a escola, na rua, no carro, em casa, em lugares silenciosos ou ouvindo música. Ressalta-se que o uso da escolha do dispositivo digital para a leitura literária se relaciona com o local de leitura. Os dispositivos móveis são utilizados para a leitura literária, na maioria das vezes, fora do espaço doméstico ou quando se quer ler em casa de uma forma mais descontraída. No espaço doméstico, a preferência é pelo computador ou obra impressa. Destaca-se a importância dos dispositivos digitais e da Internet para a leitura literária digital apontada por duas leitoras jovens.

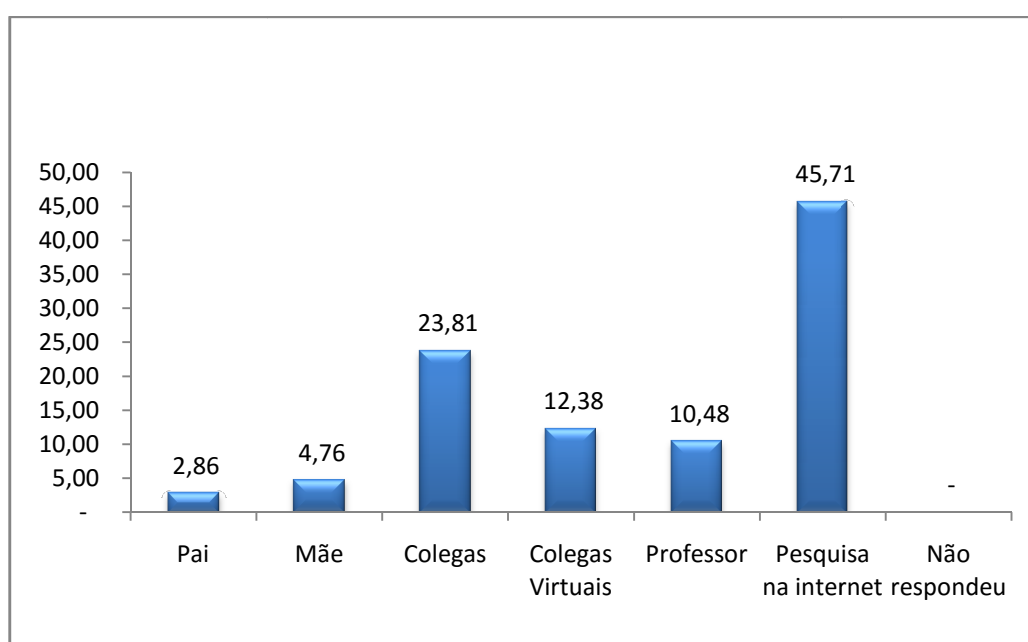
Desde pequena preferi ler livros impressos do que livros digitais, mas há um, ou dois anos tomei um certo gosto por ler em meu celular, por ele ser leve, prático e me disponibilizar vários tipos de textos em um mesmo “lugar”. (BB_F_16_B1).

Com as redes sociais fica muito mais fácil de encontrar algo que nos interessa, então sempre no *twitter*, por exemplo, fico sabendo de textos famosos que estão “rodando” pela Internet e pesquiso sobre. (MSVJ_F_16_B2).

Está colocada aí uma grande diferença: enquanto uma obra impressa possui paratextos e elementos internos relativos à própria obra, no ambiente digital ela pode estar em concorrência com outras obras, conectadas aos comentários e tudo no mesmo suporte, disponibilizando “vários tipos de textos no mesmo lugar”.

Também observamos que os mediadores de leitura, nesse campo da cultura digital, são mais restritos. Os leitores jovens indicaram que em 45,71% das situações são eles mesmos que buscam informações sobre as práticas de leitura literária digital que realizam, percentual bem acima, em 11,33%, em relação ao *corpus* geral. Observa-se, também, um índice referente à indicação de colegas e colegas virtuais, mais elevado, 10,8%, em relação ao *corpus* geral dos jovens pesquisados.

Gráfico 15 - Como os leitores jovens conheceram as obras de literatura digital e/ou digitalizada que leram



Fonte: *corpus* filtrado do questionário 1

Esses dados nos apontam que os leitores jovens possuem mais iniciativa para buscar por leituras literárias digitais e possuem uma maior rede de sociabilidade em torno das práticas de leitura literária digital do que a população geral do *corpus* de jovens pesquisados. Ou seja, os suportes dos leitores jovens, tanto os invisíveis quanto os visíveis (Martucelli, 2007), estão mais presentes em suas práticas literárias digitais do que dos demais jovens do *corpus*. Outra hipótese é a de que o próprio ambiente digital reforça essa possibilidade. Quanto aos pais e professores, eles continuam coadjuvantes na formação de leitores literários digitais.

No entanto, observamos um leve acréscimo de 2,29 pontos percentuais dos leitores jovens que foram orientados pelas suas mães, bem como os dados sobre participação em comunidades de leitores apontam um acréscimo de 11,54 pontos

percentuais dos leitores jovens em relação aos dados do *corpus* geral. Já em relação aos dados dos professores, observamos uma diminuição da indicação de 2,78 pontos percentuais em relação aos dados dos jovens do *corpus* geral.

Essas diferenças entre os mediadores dos dois grupos demonstram a importância deles para a formação de leitores de leituras literárias digitais. São os leitores jovens os que possuem os maiores índices de colegas, mães e uma maior participação em grupos de leitores, que lhes oportunizam situações de trocas de recomendações e conversas sobre leituras literárias digitais. O índice de indicação por professores, maior no grupo de jovens do *corpus* geral do questionário 1, demonstra a pouca influência desses mediadores na formação de leitores de leitura literária digital, a despeito da tentativa de orientações de leitura literária, provavelmente, realizadas em sala de aula. Podemos verificar isso nos relatos abaixo, transcritos do questionário 2.

A maioria das obras que leio eu fico sabendo da sua existência através de amigos e redes sociais. (BSAF_M_16_ 1º ano B2).

Fico sabendo da obra através de amigos. Só leio recomendações e de gente da minha confiança. (GCBF_F_18_B1).

geralmente escuto dicas de amigos. Ou em sites com listas de procura [...] (DAS_F_16_ B2).

Me interessei na leitura por influência de uma amiga, embora eu não gostava de ler e odiava todo tipo de leitura, os trabalhos escolares me cobravam isso, em certa ocasião peguei um livro emprestado com a tal amiga e me apaixonei pela leitura, fui lendo cada vez mais. (PKMS_F_14_ C1).

Geralmente, eu baixo obras que meus amigos me indicam ou eu mesma pesquisei e me interessei (RCM_F_16_ B2).

Fico sabendo das obras pela Internet ou indicações e amigos [...] (CHT_F_16_ C2).

Fico sabendo da existência das obras por amigos ou dicas nos blogs que acesso (CVR_ 2º ano B2).

Escolho as obras por já ter ouvido falar por alguém, eu vou procurando e lendo as sinopses até achar uma que goste. (BFM_F_17_B2).

Verificamos que não existe menção aos professores e pais, mas somente aos amigos dos leitores jovens ou eles próprios que buscam por meio de recomendações em sites, blogs, aplicativos e outros ambientes de sociabilidade na Internet, como os *podcasts* e os canais dos *youtubers*, já relatados anteriormente.

4.3 Dos seis leitores jovens

D_F_16_D é uma jovem tímida e durante as sessões de entrevistas falava pouco quando respondia às perguntas propostas pela pesquisadora. Morava com os pais e uma irmã mais nova em uma casa espaçosa da periferia de Belo Horizonte. É a jovem pertencente ao estrato socioeconômico mais baixo dos seis leitores jovens entrevistados. Estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola pública e cursava um curso pré-enem (Curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio) nas primeiras sessões de entrevista e não trabalhava. Nas últimas sessões havia terminado o Ensino Médio e começado a trabalhar em um depósito de materiais de construção cujo proprietário era amigo do seu pai.

Possui acesso à Internet somente em casa em um computador de mesa, mas cinco meses antes do início da pesquisa possuía um *tablet* que estragou e ela não o mandou para o conserto. Segundo ela, tem muita habilidade com o manuseio de dispositivos digitais e ao ser perguntada se sabia “mexer em tudo”, disse enfaticamente: “sei!”. Usa os dispositivos para se divertir e distrair. Acessa *facebook*, *youtube*, *sites* de curiosidades e de busca, *sites* de jogo e trabalhos escolares, mas não utiliza para ler jornais, revistas, somente para obras literárias. Gosta de ler literatura desde pequena, pois sua mãe levava livros para ela ler em casa.

Os gêneros de literatura preferidos são os de ficção científica, romance, os de literatura americana “Os mais recentes assim” e não gosta da literatura clássica brasileira. Gosta de ler livros que viram filmes “só que eu gosto de ler o livro primeiro depois assistir o filme.” Gosta de ler *fanfiction* de filmes e de animes. As obras digitalizadas lidas até o final da pesquisa foram *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, *Divergentes*, de Verônica Roth e metade da obra *A culpa é das estrelas*, de Jonh Green. Já as obras impressas lidas, mais recentes, foram *Insurgente* e *Convergente*, de Verônica Roth, *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins. Finalizou a leitura de *A culpa é das Estrelas*, de Jonh

Green e *Belo Desastre*, de Jamie McGuire. Tinha a pretensão de ler as sagas *Instrumentos Mortais - Idade dos Ossos*, de Cassandra Clare e *Fallen*, de Lauren Kate. D_F_16 se considera leitora e quando questionado o porquê, ela logo respondeu:

D_F_16_D: “Porque eu tenho o gosto por ler e sempre que eu tenho algum livro disponível eu tenho o costume de ler. Tenho bastante gosto.”

E: E como você considera ser leitor?

D_F_16_D: Ser leitor é sempre que possível ter um livro em mãos e estar lendo.

Quanto ao futuro do livro e da leitura, não considera que teremos somente leitura literária no suporte digital e afirma que continuará lendo impresso no futuro, mas o digital complementar. Provavelmente lerá “os dois juntos porque ... nem sempre eu vou ter impresso, e ... e aí eu vou pro virtual”.

G_F_17_B1 é uma jovem extrovertida e falava muito nas sessões de entrevistas. Morava com os pais e um irmão mais velho em um apartamento confortável em um bairro de Belo Horizonte. Estudava em uma escola privada na qual sua mãe era professora. É a jovem pertencente ao estrato socioeconômico mais alto dos seis jovens pesquisados. No início das sessões das entrevistas, cursava o segundo ano do Ensino Médio e no ano seguinte foi para o terceiro ano regular, mas resolveu estudar à noite na Educação de Jovens e Adultos da escola e fazia cursinho pré-enem durante o dia.

Possui acesso à Internet em casa e no celular, mas não gosta muito de utilizar o celular fora de casa, pois para ela nas situações que está com colegas e na escola não acha que deve ficar “mexendo” no celular, somente quando precisa conversar algo importante com a família por meio de aplicativos de conversas instantâneas. Para G_F_17_B1 ficar conversando com um colega e mexendo no celular não é legal: “ah...acho ruim...porque...você tá ali com a pessoa... e aí a pessoa, ao invés de aproveitar sua companhia ali...ela tá mexendo no celular...distráida com outras coisas e...tipo...velho...eu estou aqui...”. Em casa tem o *notebook* do irmão e da mãe à sua disposição e um computador de mesa que não é utilizado muito pela família, mas o que mais ela utiliza é o celular. Quando questionada sobre a habilidade de uso dos dispositivos digitais, ela diz que sabe pesquisar na Internet e baixar o que precisa, mas quem sabe mexer mesmo é o seu irmão, se referindo, provavelmente,

a habilidades mais avançadas com as tecnologias digitais. Usa o celular para conversar, acessar as redes sociais, assistir filmes e séries. Mesmo tendo à sua disposição outros dispositivos digitais para realizar leituras literárias, prefere o celular. Segundo a jovem, quando questionada sobre o motivo pelo qual não utiliza os outros dispositivos, ela responde: “é muito difícil porque... a partir do momento que ganhei meu celular...tem um mundo aqui dentro dele...então...assim...não precisa de ficar abrindo...mas quando eu tô mexendo no computador, eu também leio[...]”.

Considera gostar muito de ler literatura e seus pais, em especial, sua mãe comprou livros para ela desde criança: “eu tenho uma memória boa de quando eu lia esses livros, de quando minha mãe comprava” e na escola ela recorda da biblioteca que era muito bonita e chamativa. Não gosta muito das obras de literatura clássicas, pois para ela a leitura é muito difícil e são pouco interessantes, pois prefere ficção científica.

G_F_17_B1: Nossa, eu gosto muito, e ... ah, tem ... muitos livros que eu gosto, assim, eu gosto de tudo, desde livro de terror, é ... que são os mais fraquinhos, na minha opinião, até um romance, assim, meloso, e tal, mas o que eu mais gosto é ficção científica.

Justifica a preferência por esse tipo de obra literária, por gostar de ler temas que são diferentes do seu cotidiano. Não gosta de textos literários muito descritivos e poéticos, prefere uma leitura “direta” “[...] eu não gosto quando fica explicando muito, a cena, eu acho que fica uma leitura cansativa”. Já leu *fanfiction* e leituras literárias criadas de forma compartilhada por meio de redes sociais. A obra digitalizada que leu foi *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol e as obras impressas mais recentes lidas foram a *Bíblia*, *Mil e Uma chaves de Sabedoria*, de Mike Murdock – está sempre no carro da mãe-, *A hospedeira*, de Stephenie Meyer, *A Culpa é Das Estrelas*, de Jonh Green, *One Day*, de David Nicholls. G_F_17_B1 se considera leitora e quando questionado o porquê, ela respondeu: “sim...sempre estou lendo e sempre estou buscando coisas novas e...leio...gosto muito de ler de tudo...então sim...”. Quanto ao futuro do livro e da leitura, não considera que teremos somente leitura literária no suporte digital, mas “talvez eu comece a ler mais no digital, porque é muito mais acessível, né? Mas é... não, não abandonar, assim, o impresso.”

M_M_17_B2 é um jovem um pouco tímido e nas sessões de entrevistas falava com tranquilidade sobre suas práticas de leitura literárias digitais. Morava com os pais e uma irmã mais nova em uma casa localizada em um bairro da periferia de Belo Horizonte. Cursava o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola pública e fazia um curso técnico. No final das sessões das entrevistas, já havia ingressado na Universidade privada.

Possui acesso à Internet em casa em um *notebook* e no celular quando compra créditos. Já fez um curso de informática, mas considera que tem habilidade no uso dos dispositivos digitais. Sobre seus usos mais frequentes, ele diz:

M_M_17_B2: Olha... eu leio jogos *on-line*, né!? E agora dei uma parada. Leio de vez em quando.... Tenho... vejo vídeos no *youtube* e converso com as pessoas. Eu tenho uma namorada e mantenho contato com ela principalmente pelo *notebook*. Porque ela não mora tão perto aqui, né!? É... é eu uso mais para isto. Leio artigos no *baixaki*, curiosidades, notícias de futebol, acompanho futebol e etc.

Seu gosto pela leitura literária iniciou há uns dois anos e meio, antes do período da pesquisa. Não considera que gosta muito de ler literatura, pois para ele precisaria ler bastante e, segundo o jovem, não tem muito tempo. Seus pais não tinham por hábito incentivá-lo a ler e um amigo que indicou a primeira obra, *A Batalha do Apocalipse*, de Eduardo Spohr, que, a despeito de ter sido publicado em 2007, segundo o jovem, “é um livro bastante antigo e eu lembro que gostei bastante, juro pela minha vida que eu gostei bastante dele.” Não leu nenhum tipo de obra de literatura digital, mas lê com frequência literatura digitalizada. As obras mais recentes lidas na tela são *Ladrão de Raio*, de Rick Riordan, *Anjos e Demônios*, de Dan Brown, *Código Da Vinci*, de Dan Brown, *Silent Hill The Lost Memories*, da Konami, *Uma Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking e *A Menina Que Roubava Livros*, de Markus Zusak. Já as obras impressas recentemente lidas foram todas as quatro obras da saga *Assassin’s Cree*, de Mary Gaymore e *Mais Pesado Que o Céu*, de Charles R. Cross.

Segundo M_M_17_B2, sua preferência é por obras de ficção científica e obras baseadas em jogos. “Igual, *Código da Vinci*, é... *Anjos e Demônios*, *A batalha do Apocalipse*, *O Assassin’s Creed*, de Mary Gaymore, que eu li e gostei bastante dessa história por jogar, é... eu gosto de livro famoso mesmo, *A menina que roubava livros* e... famosos.”. Quando perguntado se considera leitor, responde,

M_M_17_B2: Digitalizado sim. Igual você falou que tenho os livros na Internet eu me considero sim.

E: Considera por quê?

M_M_17_B2: Porque eu leio pelo menos 1 ou 2 livros a cada 2 meses e quando eu tenho tempo sempre estou procurando ler[...]

Quanto ao futuro do livro e da leitura não considera que teremos somente leitura literária no suporte digital,

M_M_17_B2: Acho que vou ficar nos dois a não ser também que eu tenha vontade de e ter condições, né, um dia, de pensar em ter uma biblioteca em casa. Tipo... ter umas estantes de livro, e tal, aí eu vou optar por ter o livro, aí eu poderia estar ligado aí, aí eu preferiria ler o impresso, obviamente, mas, não vai fazer diferença, não. Igual, eu posso trabalhar em escritório, ou trabalhar, eu posso escolher ir pro, pro digitalizado também, ler no computador.

M_F_17_B2 é uma jovem extrovertida e falava muito nas sessões das entrevistas com a pesquisadora. Morava com os pais e seu filho de seis anos de idade em uma casa simples da periferia de Belo Horizonte. Segunda ela, tinha um “namorado ...marido... sei lá”, que não morava com ela, mas era o pai do seu filho. Cursava o segundo ano do Ensino Médio em uma escola pública. Havia repetido um ano, no Ensino Fundamental, devido à gravidez e os problemas de saúde que o filho tinha e demandava dela cuidados especiais. Nas últimas sessões de entrevistas já cursava o terceiro ano, mas havia mudado de escola.

Possui acesso à Internet em casa no computador de mesa, *notebook*, *tablet* e celular e quando é disponibilizado acesso gratuito nos espaços públicos. Considera possui habilidade com os dispositivos digitais e quanto aos usos ela usa redes sociais, aplicativo de conversas instantâneas, leitura literária, assiste séries, dentre outros usos,

M_F_17_B2: Eu faço pesquisas, eu olho a Globo.com, mexo com e-mail e faço estes negócios para a minha mãe, relatórios e estas coisas.

...

M_F_17_B2: Eu vejo filme. Eu procuro as coisas... igual eu sou muito curiosa, e às vezes tipo eu fico com dúvida em uma palavra tanto em inglês quanto em português e aí eu vou no Google e vejo. Eu vejo foto de famoso. E estas coisas de adolescente mesmo.

Gosta muito de literatura e desde pequena sua mãe levava livros da biblioteca da escola em que ela trabalhava para que lesse. Prefere obras de suspense e drama e diz não ter paciência com obras de romance “não...aquele nhemnhemnhem...ah não...eu gosto mais de suspense...que aí...eu fico assim...tipo assim...o quê que vai acontecer...aí aquilo me interessa mais ali...igual *Pretty Little Lies*, por exemplo...”. A jovem, durante as sessões de entrevistas se interessou pela literatura digital e começou a buscar na Internet obras dessa natureza. Começou a ler trechos da obra *A culpa é das Estrelas* digitalizado por não ter encontrado a obra inteira disponível na Internet. As obras digitalizadas lidas recentemente foram *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, as quatro obras da série *Pretty Little Liars*, de Sara Shepard. Durante a pesquisa não leu nenhuma obra impressa.

Considera-se leitora e entende que, para ser leitora, “Tem que ler e tem que gostar de ler. Tem que entender. Porque não adianta você ler um livro assim, ah, vou ler um livro para ler. Você tem que gostar daquilo”. Quanto ao futuro do livro e da leitura, assim como os outros jovens, não considera que teremos somente leitura literária no suporte digital “porque eu gosto dos dois, mas eu também gosto do livro, gosto de... pegar nele, de sentir o cheiro, dele, eu gosto do cheiro do livro.

P_M_17_C1 é um jovem tímido e durante as sessões de entrevista conversa com a pesquisadora com desembaraço. Morava com os pais e um irmão mais novo em uma casa confortável em um bairro tradicional de Belo Horizonte. Cursava em uma escola particular o terceiro ano do Ensino Médio e nas últimas sessões das entrevistas havia ingressado na Universidade Federal.

Possui acesso à Internet em casa no computador de mesa, *tablet* notebook e celular, mas quando está fora do espaço doméstico, possui Internet móvel no celular e quando utiliza precisa de Internet no *tablet*, roteia da Internet móvel do celular. Considera ter uma habilidade “de média para alta” com os dispositivos digitais, “porque todas as vezes que alguém precisa de alguma coisa me chama e eu resolvo.” Com relação aos usos, além de ler obras de literatura, usa redes sociais, entre outras atividades.

P_M_17_C1: Eu converso bastante com meus colegas pela Internet. O meu colega que não mora próximo, por exemplo tem um que mora em Porto Alegre, em São Paulo. Deixa eu ver... estudo música para aprender algumas músicas. Para ouvir música é mais fácil no computador. Para procurar alguns jogos e alguns livros, para fazer pesquisa para a escola e pesquisas por curiosidade e é mais por isto

mesmo. E para ver vídeos sobre os jogos que eu quero comprar também. é mais isso.

Considera gostar bastante de literatura e prefere obras de fantasia e literatura medieval. Gosta também de “livro que tem luta, gosto muito de livro que fala de conflito...ah, pode ser conflito familiar, conflito de um grupo, países, guerras...acho muito legal.” Já leu bastante *fanfiction*, mas hoje, período da pesquisa, não tem lido muito. Já fez leituras de trechos de obras literárias digitalizadas que são disponibilizados pelas livrarias on-line, mas não leu uma obra inteira na tela. A última obra impressa lida foi *A tormenta da Espada*, de George R.R. Martin, da saga *As Crônicas de Gelo e Fogo*. Considera-se leitor e justifica: “porque eu tenho interesse em várias obras, de estar lendo, leio várias obras”. Quanto ao futuro do livro e da leitura, não considera que teremos somente leitura literária no suporte digital.

P_M_17_C1:Acho que não. Porque ... quando você tem tempo, é muito melhor ... você pegar o livro e ler assim, e também o ... talvez se com ... o suporte digital ficando mais seguro e ... acho que talvez diminua bastante os livros, porque ... o digital às vezes tem um risco de dar um erro e você perder o livro.

Mas ressalta que suas práticas de leitura literária serão somente digitais.

P_M_17_C1:Questão de tempo, mesmo, mas eu não acho que vou parar de comprar os livros, acho que eu sempre vou estar comprando o ... o impresso, continuar colocando na prateleira

E: (Risos)

P_M_17_C1:E ainda que eu não tenha lido uma página dele no impresso, ter lido todo no digital, eu compro.

R_M_15_C1 é o jovem com a menor idade entre os demais pesquisados. Falava pouco durante as sessões de entrevistas e era muito direto nas respostas. Morava com os pais e uma irmã mais nova em uma casa grande e confortável em Belo Horizonte. Cursava o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola privada. Possui acesso à Internet em casa, no computador de mesa, *tablet*, *notebook* e em um Nintendo DS. Possui celular, mas, segundo ele, “é só para ligar mesmo”, pois não é um dispositivo digital de última geração que acessa a Internet e tem outras funções. Considera fazer o uso com habilidade e utiliza o Nintendo DS (*Dual Screen*) mais para ler, conversar em *chat* com colegas, acessar alguns *sites* como o Google

e às vezes jogar. No computador assiste a vídeos e ouve músicas e o *tablet*, como não gosta muito, usa raramente.

Reconhece que gosta muito de ler literatura e começou a ler por volta dos dez anos de idade. Quando criança não se interessava em leitura literária e quando lia era revistinhas em quadrinhos. Os pais começaram a comprar livros para ele recentemente. E seu interesse começou quando viu um colega lendo uma obra e pediu emprestado. Prefere ler ficção, suspense e romance só se ele estiver “misturado” com outro gênero. Quanto à literatura clássica, diz não gostar muito devido à linguagem. Não gosta de obras baseadas em história real, pois, segundo ele, esse tipo de obra exagera nas emoções e a história se aproxima muito da sua realidade.

R_M_15_C1: Tenta colocar tanta emoção na história que exagera e aí estraga o livro.

E: Entendi. Por isso para você ficção é mais interessante.

R_M_15_C1: É, porque dá para controlar um pouco.

E: É verdade. Gostei, R_M_15_C1, dessa sua observação.

R_M_15_C1: Você pode... pode colocar elementos na história para cortar o negócio se ele estiver exagerado demais.

Tem uma prática diária de ler *fanfiction* em língua inglesa e, também, joga e lê RPG – Role Play Games. Não tem por prática ler obras digitalizadas, mas leu partes de uma das obras da saga do *Percy Jackson e Os Olimpianos*, de Rick Riordan. As últimas obras impressas lidas foram as nove obras das duas séries do *Percy Jackson* e *Matilda*, de Roald Dahl, indicado pela escola. Quando perguntado se considera ser leitor, responde que sim e justifica “ah...que eu leio bastante coisa...e eu leio diferentes tipos de texto...”. Quanto ao futuro do livro e da leitura, considera muito difícil que teremos somente leitura literária no suporte digital, mas é possível. No entanto, quanto às suas práticas de leitura literária, afirma: “Tipo ... Pode até mudar um pouquinho, mas eu ainda prefiro o impresso”.

4.4 Mapeamento dos sites e obras disponíveis no Brasil

A pesquisa em *sites* e obras disponíveis no Brasil fez parte da análise dos dados e se justificou pela necessidade de compreensão sobre as oportunidades de acesso à literatura em ambiente digital e pelo conhecimento sobre parte da oferta

cultural e dos gêneros emergentes na cultura digital. Além disso, há grupos de pesquisa brasileiros que também produzem, catalogam e disponibilizam obras. O balanço das ofertas também possibilitará verificar até que ponto essa oferta dialoga com os acessos e as preferências dos leitores jovens do grupo investigado.

Quanto aos *sites* e obras de literatura digital e digitalizadas disponíveis no Brasil, localizamos trinta e três *sites*⁵¹ de obras literárias digitais, vinte são *sites* de literatura digital,⁵² dos quais seis são de *fanfictions*, oito de poesia digital, três de ficção narrativa/hiperconto, um de miniconto e dois com obras diversas. Observamos que muitos desses *sites* disponibilizam uma, duas ou três obras de literatura digital. Mesmo tendo um número considerável de *sites*, a quantidade de obras ainda é pequena, indicando uma provável dificuldade de produção e publicação de obras dessa natureza.

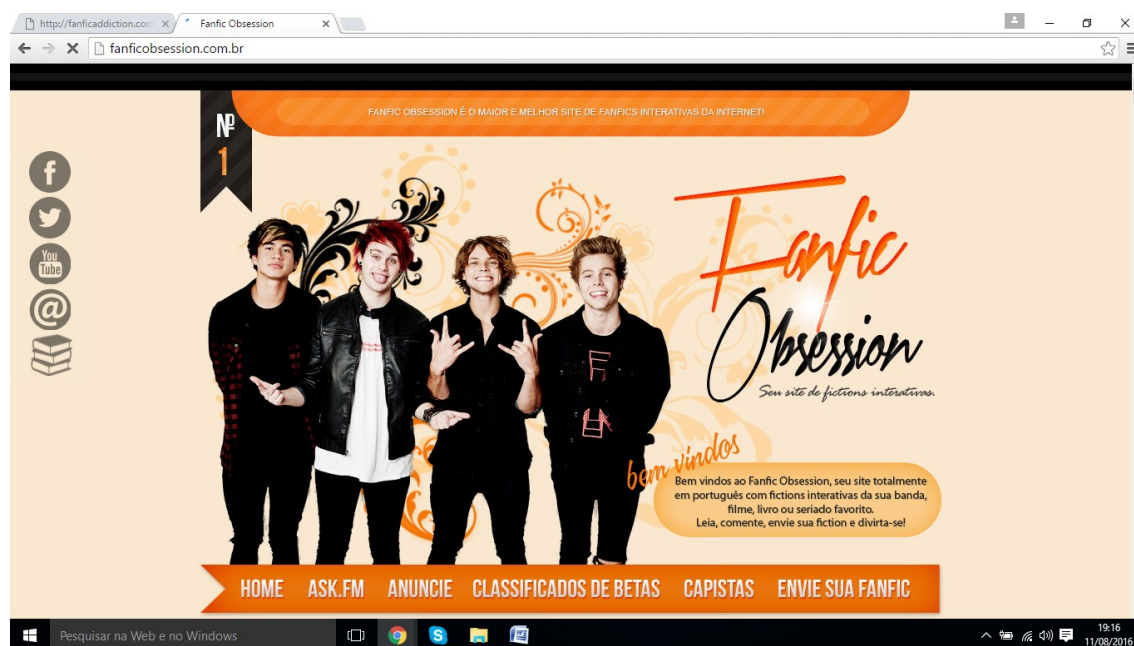
Dos *sites* de literatura digital localizados no mapeamento, destacamos o *site* de *fanfiction* “Fanfic Obsession”. Criada em 2009, intitula-se como um site de *fanfictions* interativas definidas como aquelas histórias em que o autor pode inserir ele próprio e quem desejar como personagens. Disponibiliza dois tipos de *fanfics*, as *short-fics*, de até 25 páginas e sem divisão de capítulos, e as *long-fics*, maiores que 25 páginas. São localizadas por categorias, por *rankings* mensais e anuais, as apostadas do mês, que são as indicadas pelo site, entre outras categorias. Os leitores podem ser *beta-readers* e avaliar as *fanfics* que são postadas no *site* e, ainda, possui uma sessão de premiação na qual histórias, autores e leitores são premiados pelo *site*.

⁵¹ Não catalogamos *blogs* e páginas de redes sociais que disponibilizam informações e dicas sobre literatura por ser uma prática privada de publicação tanto de criadores como de pessoas comuns, podendo, assim, ter uma quantidade inestimável de *blogs* e páginas pessoais em várias redes sociais.

⁵² *Sites* de literatura digital:

- | | |
|--|---|
| 1. http://www.ociocriativo.com.br/poesiadigital/mostra/ | 12. http://fanfics.com.br/ |
| 2. http://www.refazenda.com.br/aleer/ | 13. https://fanfiction.com.br |
| 3. http://fanficaddiction.com.br/ | 14. http://literaturadigital.com.br |
| 4. http://onlyanimenes.net/fanfics/ | 15. http://marcelospalding.com |
| 5. http://culturadigital.br/ciberliteratura/ | 16. http://www.ciclope.art.br |
| 6. http://www.fanficobsession.com.br/ | 17. http://ciberpoesia.com.br |
| 7. http://www.floreioseborroes.net/ | 18. http://www.samirmesquita.com.br |
| 8. http://www.hiperconto.com.br/?pg=2593; | 19. http://nomuque.net |
| 9. http://labirintos-sazonais.com | 20. http://marcosletramento.wix.com/hipercontos |
| 10. http://www.pauloaquarone.com/projeto.html | |
| 11. http://www.angela-lago.net.br/ | |

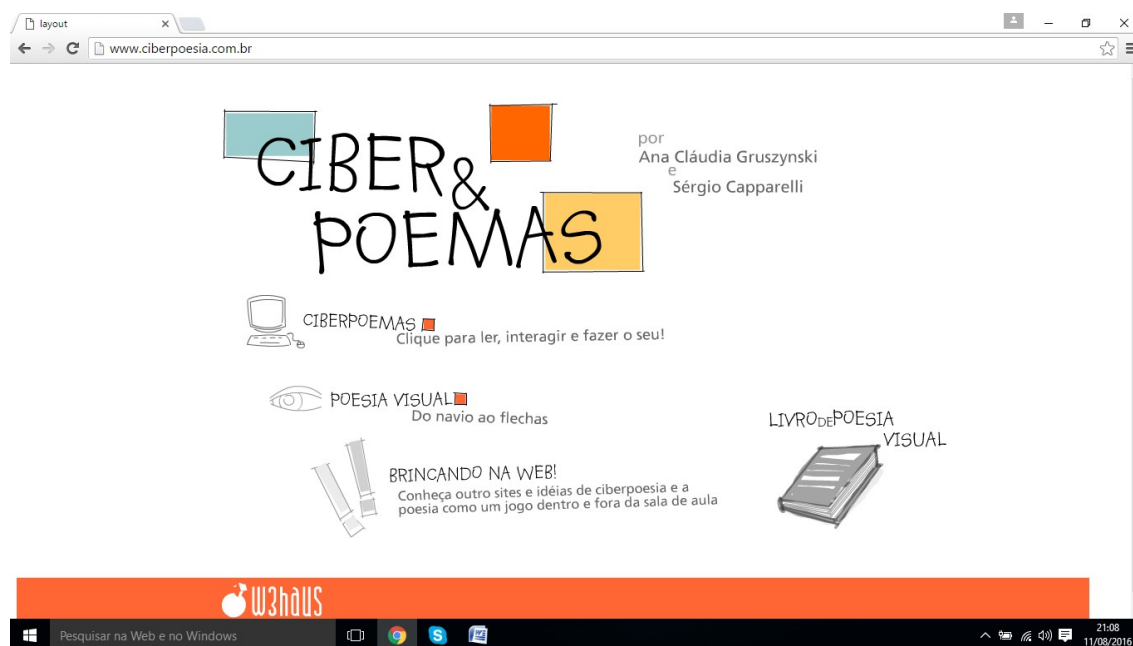
Figura 6 - Página inicial do site Fanfic Obsession



Fonte: <http://fanficobsession.com.br/>

No *site* Ciber& Poemas, de Sergio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski, o leitor terá a oportunidade de conhecer a poesia digital, ou, como os criadores/escritores intitulam as obras, ciberpoemas. O uso de recursos multimodais e a necessidade de interação fazem com que surjam na tela imagens em movimento, *links*, sons, entre outras ações que contam com o clique do leitor para a leitura da poesia.

Figura 7 - Página inicial do site Ciber& Poemas



Fonte: <http://www.ciberpoesia.com.br/>

Ao clicar no *link* “Ciberpoemas”, o leitor poderá ler vários poemas digitais, entre eles, o poema “Chá”. Nele o leitor deverá seguir as instruções e inserir ingredientes no chá para poder ler o poema, que aparecerá ao final em forma de fumaça.

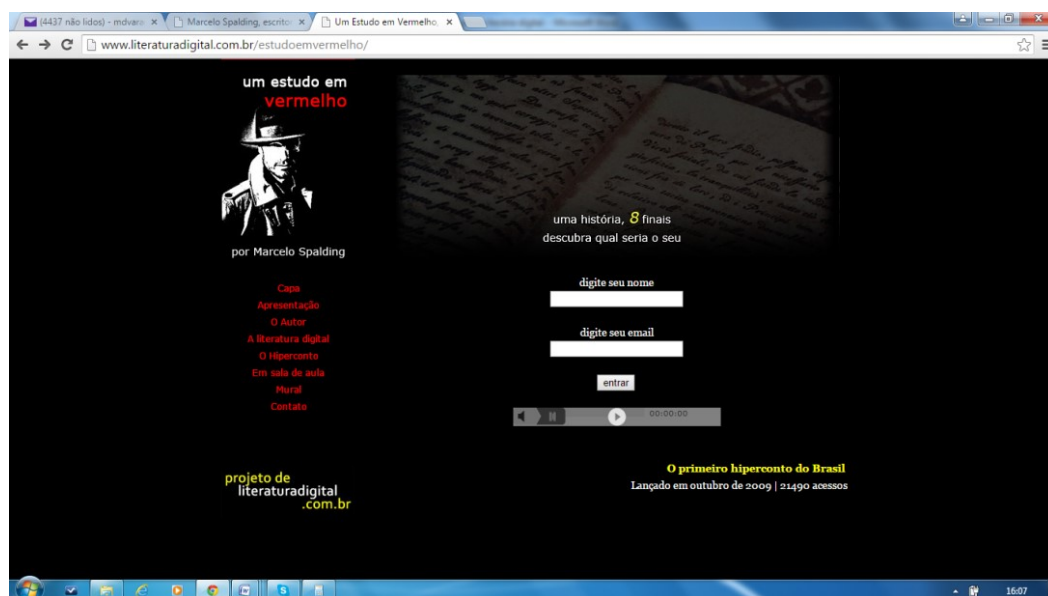
Figura 8 - Poema digital Chá



Fonte: <http://www.ciberpoesia.com.br/>

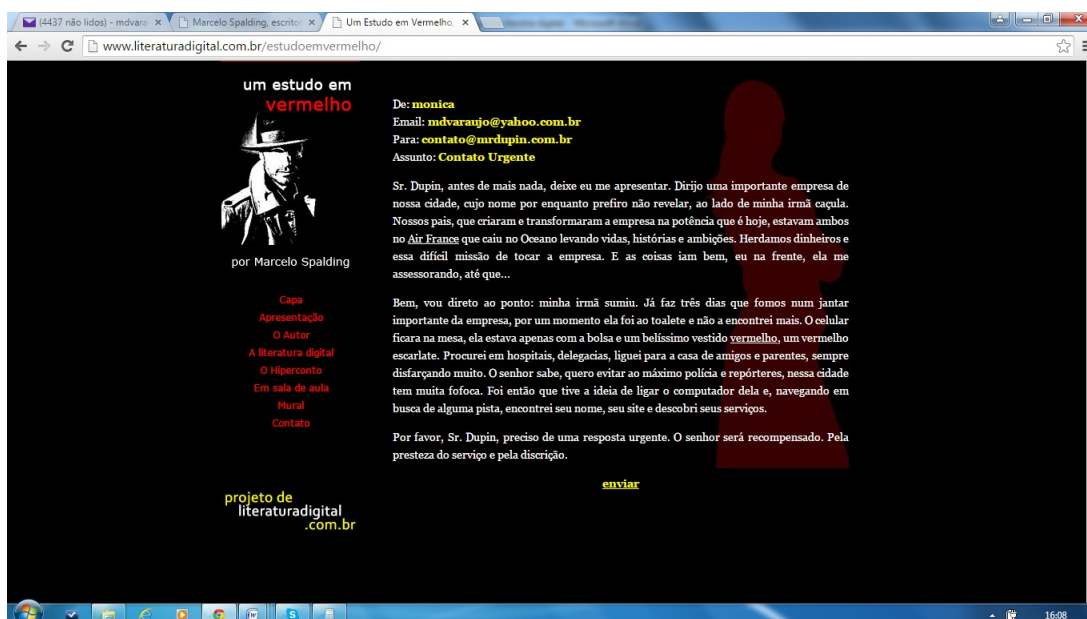
Neste outro exemplo de ficção narrativa, Marcelo Spalding cria o hiperconto *Um estudo em Vermelho*, projeto do site Literatura digital, no qual o leitor deve inserir na primeira página seu nome e *e-mail* e, em seguida, dar início a uma história em que irá participar e decidir como se desenvolverão o seu meio e o seu fim.

Figura 9 - Página inicial do Hiperconto Um estudo em Vermelho



Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/estudoemvermelho/>

Figura 10 - Segunda página do Hiperconto Um estudo em Vermelho

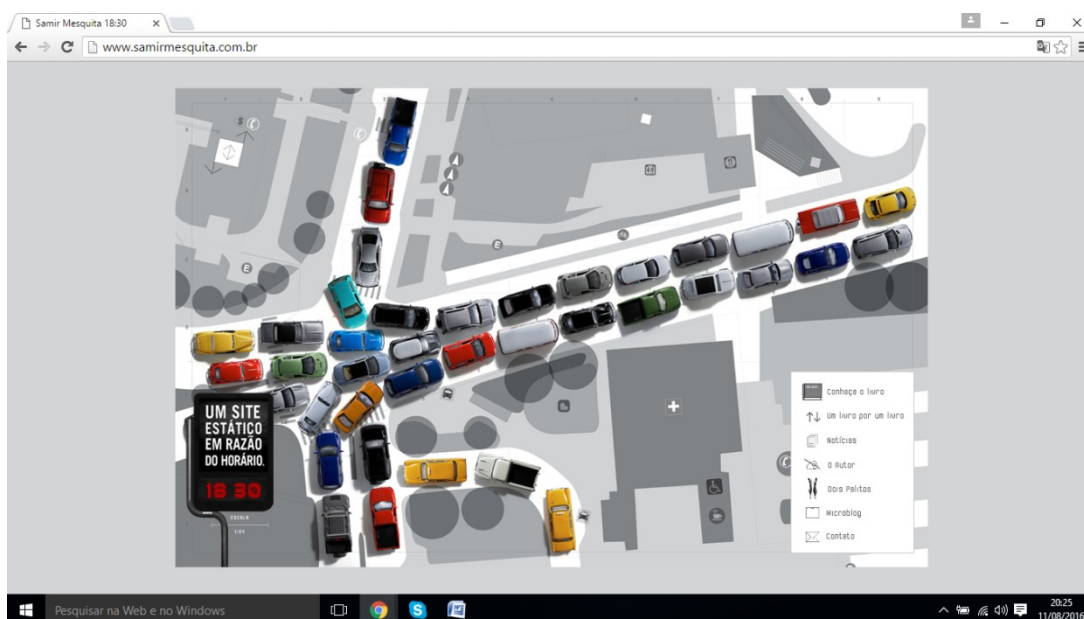


Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/estudoemvermelho/>

Como podemos observar nas figuras 9 e 10, o leitor envia o *e-mail* para o Sr. Dupin, um detetive, e, em seguida, terá que seguir as orientações e tomar as decisões necessárias para finalizar o hiperconto, que poderá ter diferentes versões, na medida em que o leitor fizer escolhas diferentes durante o percurso de leitura e a cada nova entrada no *site*.

O *site* de minicontos do autor Samir Mesquita possui minicontos na página inicial e, também, um *link* para a obra do autor intitulada “Dois Palitos”, que apresenta elementos multimodais e interativos para a leitura dos minicontos. Além disso, o leitor pode trocar livros com o autor e visualizar a obra “Dois Palitos” no formato impresso.

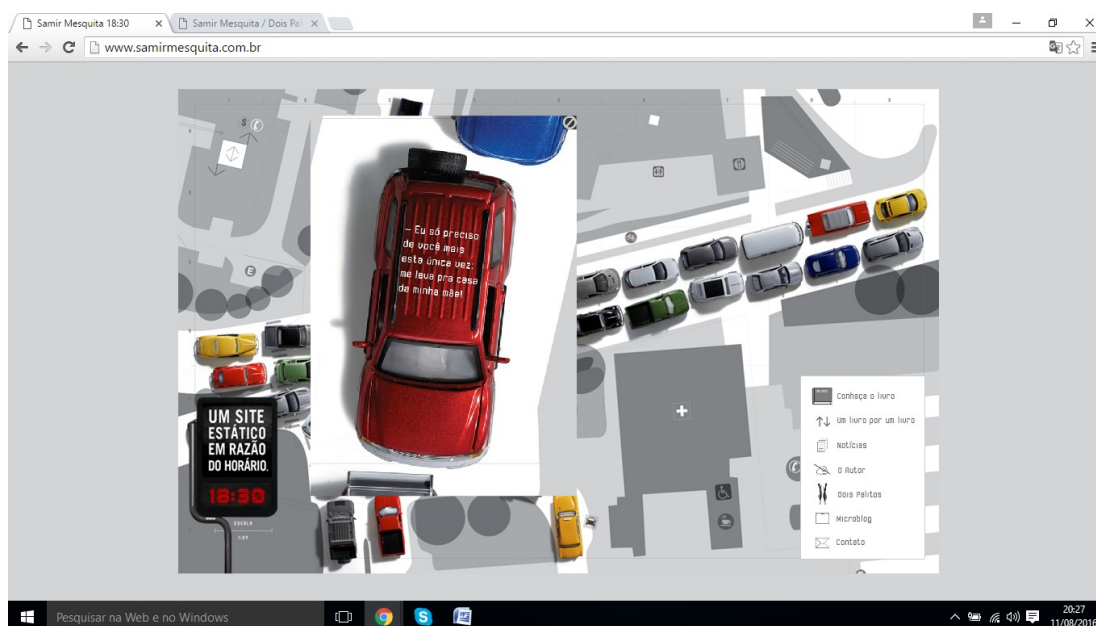
Figura 11 - Página inicial do miniconto Dois Palitos



Fonte: <http://www.samirmesquita.com.br/>

Quando o leitor clica em um dos carros, ele é ampliado e aparece na parte superior um miniconto.

Figura 12 - Página do miniconto Dois Palitos



Fonte: <http://www.samirmesquita.com.br/>

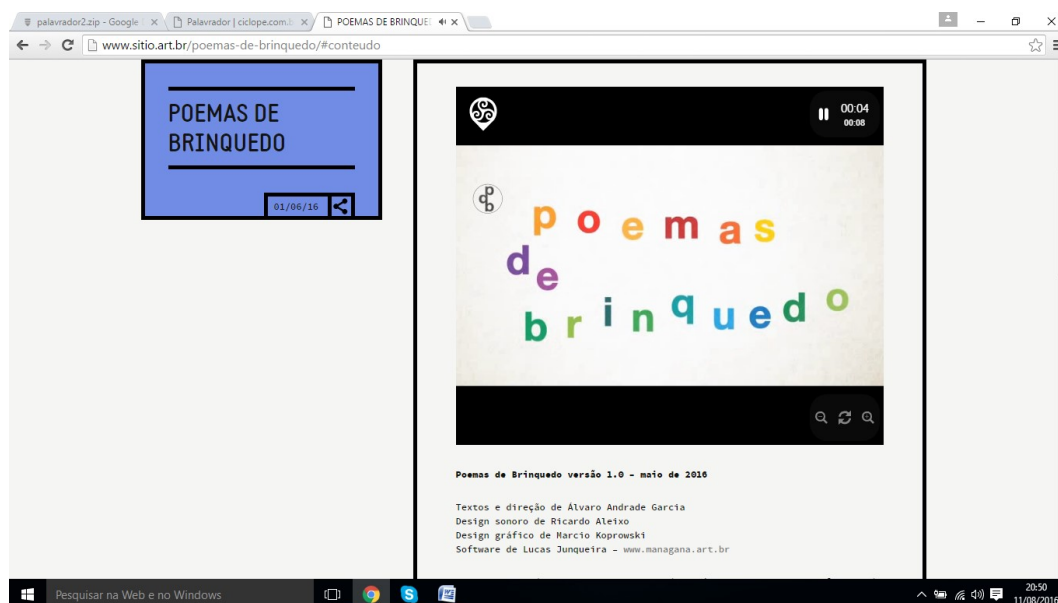
Um dos *sites* que disponibiliza poemas e outros tipos de obras criadas em meio digital é o ateliê de obras digitais, Ciclope, criado em 1992. Segundo o *site*, desenvolve produtos culturais e instalações multimídias.

Figura 13 – Página inicial do *site* Ciclope

Fonte: <http://www.ciclope.com.br/>

No *link* Poemas de Brinquedos, de Álvaro Andrade Garcia, o leitor é convidado a interagir com a obra. Ao clicar em uma das letras da palavra, surgem palavras e poemas na tela que são pronunciadas de forma ritmada por um narrador, vídeos e histórias.

Figura 14 – Página Poema de Brinquedo do *site* Ciclope



Fonte: <http://www.sitio.art.br/poemas-de-brinquedo/#conteudo>

Ao clicar na letra “e”, surge a letra “a”; dentro dela, palavras aparecem e são pronunciadas pelo narrador e um cronômetro surge na tela à direita, informando ao leitor o tempo para finalizar aquela apresentação.

Figura 15 - Página Poema de Brinquedo do *site* Ciclope



Fonte: <http://www.sitio.art.br/poemas-de-brinquedo/#conteudo>

Em relação às obras de literatura digitalizadas, encontramos treze *sites* brasileiros de bibliotecas de obras digitalizadas.⁵³ Provavelmente, o mais difundido nacionalmente é o *site* governamental Domínio Público, citado pelos leitores jovens, em que o leitor poderá acessar um banco de obras literárias clássicas digitalizadas, vídeos, músicas, entre outros materiais. Não repertoriamos *blogs* e redes sociais que também disponibilizam obras de literatura digitalizadas.

Dentre os *sites* que disponibilizam obras de literatura digitalizadas, encontramos *sites* com obras de vários escritores, mas também outros com acervos de um autor específico, como é o caso do site do Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística/Nupill da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵³ Sites de literatura digitalizada:

1. <http://www.dominiopublico.gov.br>

2. <http://www.bbm.usp.br/>

3. <http://www.livros-digitais.com/>

4. <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>

5. <http://www.portalcatarina.ufsc.br/>

6. www.machadodeassis.ufsc.br

7. <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>

8. www.biblio.com.br

9. <http://www.gutenberg.org/>

10. <http://www.bbm.usp.br/node/1>

11. <http://www.fundaj.gov.br/>

12. <http://bndigital.bn.br/>

13. <http://nupill.ufsc.br>

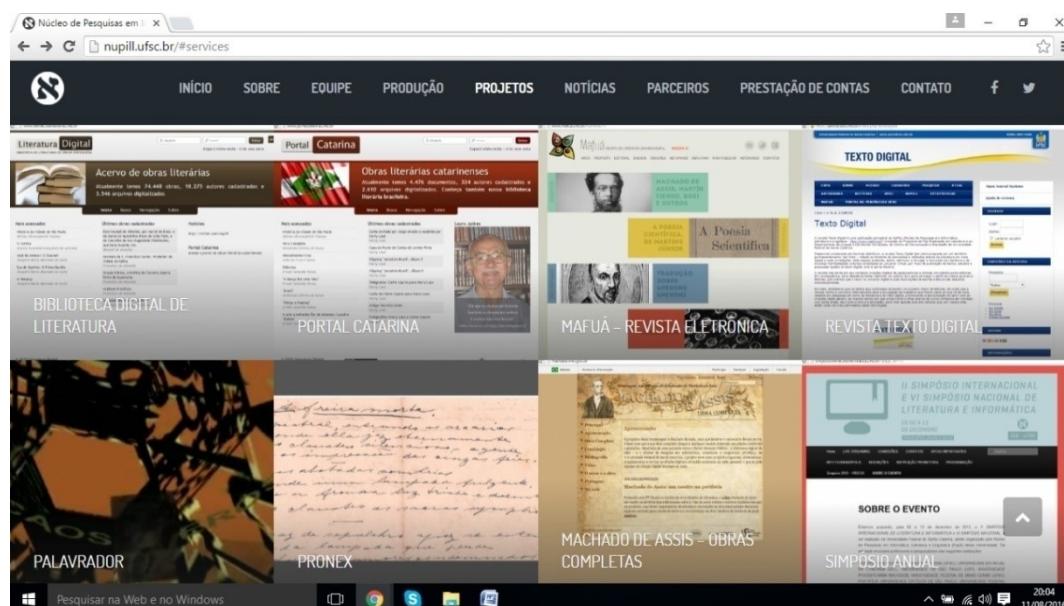
Figura 16 - Página inicial do *site* do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística/Nupill



Fonte: <http://nupill.ufsc.br/>

Quando o leitor clica no *link* “projetos”, são apresentados *links* para acesso a sete *sites* de projetos do Nupill, nos quais, três são de bibliotecas de obras digitalizadas, dois de revistas científicas, um de evento e um *site* de um projeto intitulado *Palavrador*, considerado pelos criadores, como uma criação poética computacional interativa.

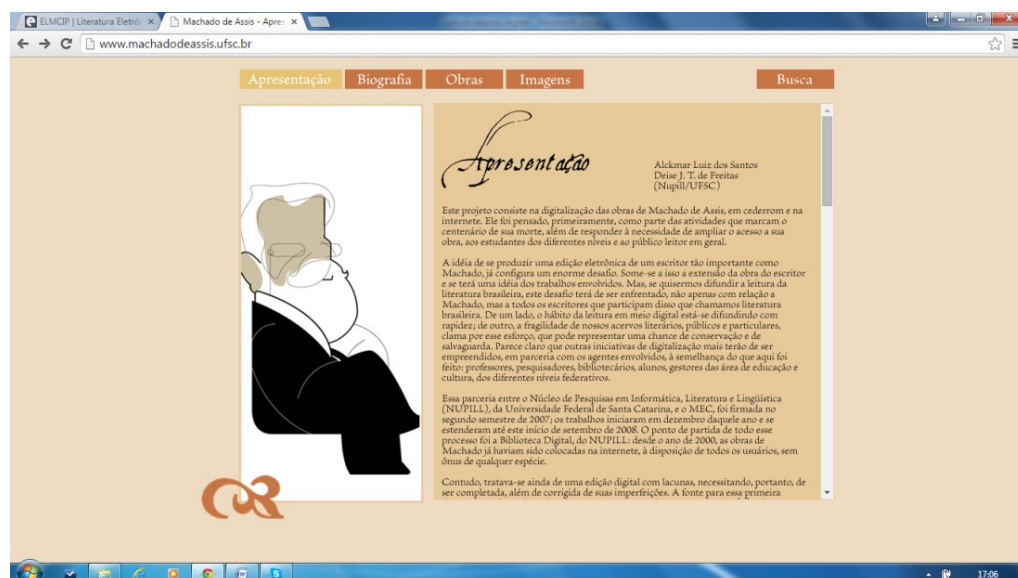
Figura 17 - Página inicial do *site* do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística/Nupill



Fonte: <http://nupill.ufsc.br/>

Em um dos projetos do Nupill, um *site* dedicado a Machado de Assis, o leitor jovem encontrará as obras, biografia, fotos e outras informações sobre o escritor.

Figura 18 – Página inicial do *site* Machado de Assis



Fonte: www.machadodeassis.ufsc.br

Outro *site* que dispõe de um acervo de obras digitalizadas é o “Biblio”, que disponibiliza acesso a obras literárias em domínio público pelas categorias autor, biografias e contos. As obras do acervo são lidas em *HTML*, não sendo possível baixá-las.

Figura 19 - Página inicial do *site* Biblio



Fonte: <http://www.biblio.com.br/>

É importante ressaltar que, a princípio, pode nos parecer considerável o número de *sites* que disponibilizam obras de literatura digital, no entanto, para serem localizados, conforme destacado anteriormente, é necessário que o jovem conheça criadores/escritores, *sites* de grupos de pesquisa, de projetos de literatura digital ou o nome de algum gênero ou obra de literatura digital, dificultando a difusão das obras para os leitores iniciantes nessa forma de ler. Ou seja, há uma série de conhecimentos que são exigidos e que partem da suposição de que o leitor partilha de um universo específico que o permita transitar nessa oferta.

4.5 Repertório de ambientes digitais de literatura digital e digitalizada acessados pelos leitores jovens

Para que os leitores jovens possam se envolver em práticas de leitura literária digital, é necessário que as obras dessa natureza estejam facilmente disponíveis para serem apreciadas. Os dados destacados a seguir representam os ambientes digitais acessados pelos seis leitores jovens participantes das sessões de entrevistas e seus colegas. O repertório nos ajuda a configurar quais são esses ambientes digitais de leitura e escrita que utilizam e possibilita verificar o que fazem ou podem fazer neles. Essas práticas giram em torno da leitura e escrita literária e compõem o quadro dos gêneros utilizados para o antes da leitura (acessar *sites*, comentários) e depois da leitura (produção escrita sobre as obras), colocando em diálogo as obras, os paratextos e os locais para sua hospedagem.

Observamos que, quando relatam sobre as práticas de leitura literária digitais, os leitores jovens citam os nomes das obras de literatura digitalizadas e impressas lidas, mas quando são obras digitais, fazem referência apenas aos sites acessados, não se referindo ao tipo ou nome da obra ou do escritor/criador. Entretanto, também não se recordam de muitos sites que acessam para realizar leituras literárias digitais. Somente no caso da leitura de *fanfiction* que existe menção ao tipo de obra e, em raros casos, o nome do tema preferido, do personagem e do título da *fanfiction*.

Os espaços de socialidade literária na Internet citados pelos leitores jovens podem se organizar nas seguintes categorias: a) redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Tumblr*, *Wattpod* e *Orkut*); b) *blogs*; c) *sites* que disponibilizam literatura digital e digitalizada; d) loja de aplicativos dos *smartphones*; e) salas de bate-papo; f)

pesquisa em *site* de busca; g) aplicativos de mensagens instantâneas e h) *site* de *podcasts* e *videocasts*. Cada uma dessas categorias são utilizadas pelos leitores jovens com um objetivo específico para as práticas de leitura literária digitais.

As redes sociais são ambientes, por excelência, de interação entre os leitores jovens. Nelas, eles compartilham informações de leituras literárias, fazem recomendações, publicam resenhas, enviam imagens das obras de literatura digitalizadas lidas e *links* para acessá-las. Mas também realizam nesses ambientes produções de obras compartilhadas, como *fanfiction* e leituras compartilhadas indicadas por uma das leitoras jovens na extinta rede social *Orkut*. Nos *blogs*, as recomendações de leitura literária, resenhas e a possibilidade de baixar ou ler *on-line* as obras digitalizadas estão presentes em algumas das práticas de leitura literária dos leitores jovens nesse ambiente.

Nos *sites* de literatura digital, as experiências de leitura são variadas, mas somente é possível ler as obras digitais e nos sites de literatura digitalizada os leitores jovens encontram obras digitalizadas para ler *on-line* e/ou baixá-las. Nas lojas de aplicativos pode-se ler as amostras das obras e, caso tenha interesse na leitura, o leitor jovem poderá comprar ou ler gratuitamente as obras digitalizadas. O uso da sala de bate-papo pelos leitores jovens tem como finalidade encontrar pessoas *on-line*, jogar *RPG*, achar *sites* de buscas. O *Google* é utilizado para pesquisar informações diversas sobre literatura, desde encontrar *sites* e *blogs* para baixar obras digitalizadas até um determinado tipo de obra digital, como as *fanfictions*. Por fim, o aplicativo de mensagens instantâneas, *Wattsapp*, é utilizado para participar de grupos de leitura ou compartilhar com amigos as informações sobre as leituras literárias realizadas pelos leitores jovens.

Na outra ponta estão os sites e as obras brasileiras disponíveis para a leitura literária. Fizemos, então, um mapeamento desses sites e obras de literatura digital e digitalizada, utilizando palavras-chave⁵⁴ em *sites* de busca, mas também em alguns *sites* referenciados no levantamento que realizamos de teses e dissertações de pesquisas sobre leitura literária digital. Buscamos também em *sites* de núcleos de pesquisa sobre literatura digital e, inclusive, no *site* do projeto Literatura Eletrônica

⁵⁴*Fanfiction*, poesia digital, *fandon*, narrativa digital, biblioteca digital, literatura digitalizada, literatura digital, hipertexto, romance digital, hiperficção, arte digital, literatura digitalizada, *fanfics*, cordel digital, literatura em meio digital, *site* de literatura digital.

como Modelo de Criatividade e Inovação na Prática - ELMCIP,⁵⁵ que busca repertoriar obras e criadores/escritores de literatura digital na Europa e possui um levantamento do Brasil com referências de criadores/escritores de obras literárias digitais no país. As obras e os sites lidos pelos leitores jovens, em suas práticas de leitura literária digital, em alguns casos, são os mesmos encontrados no levantamento de obras e sites brasileiros, mas a maioria não são conhecidos pelos leitores jovens ou não foram citados por eles durante as entrevistas.

Nas indicações dos leitores jovens na categoria rede social, a página “livros On-Line”, sediada na rede social *facebook*, foi citada por ser um espaço para busca de obras de literatura digitalizada para serem lidos na íntegra e, também, um modo de obter informações sobre obras, recomendações e comentários. A ferramenta “receber notificações” da página possibilita ao leitor jovem receber avisos a cada nova publicação da comunidade de leitores.

Figura 20 – Página “Livros On-line” da rede social *Facebook*



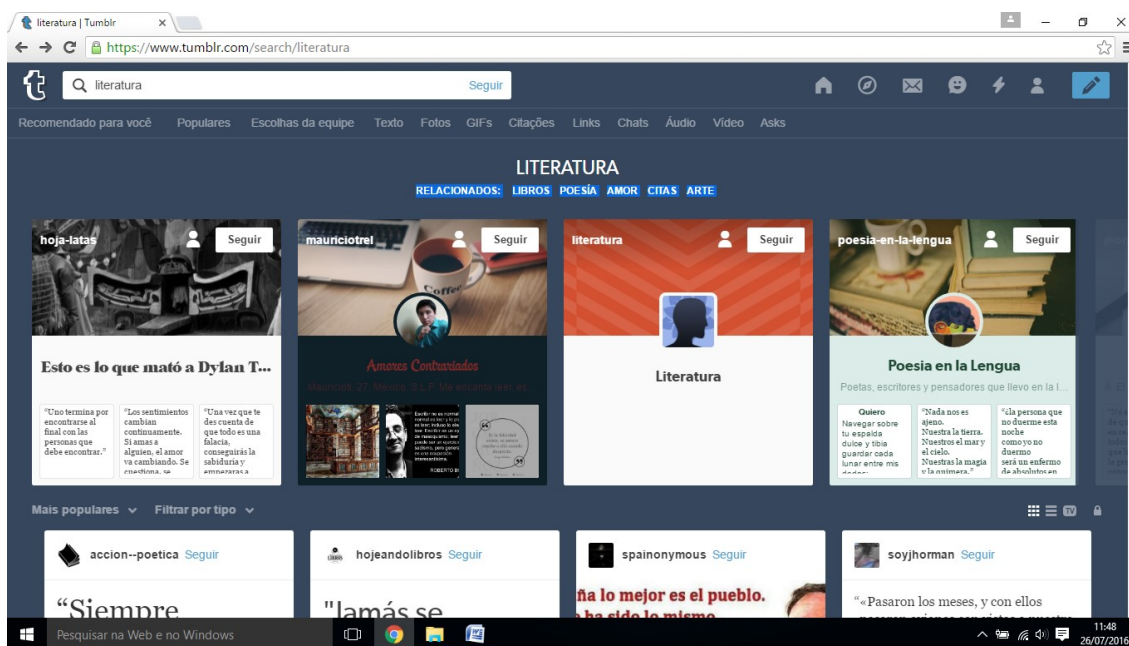
Fonte: <https://www.facebook.com/bloglivrosonline/>

A página *Tops do New York Times*, pertencente à rede social *Facebook*, também é fonte de informações sobre obras literárias. Outra rede social muito utilizada pelos leitores jovens é a *Tumblr*, que permite a busca por blogs de usuários que discutem sobre variados temas, dentre eles, literatura, obras, literatura digital e

⁵⁵<<http://www.elmcip.net>>. Acesso em 07 mar. 2016.

outros relacionados. O leitor jovem poderá seguir os usuários por tema e receber notificações das postagens dos usuários da sua rede de contatos. Os leitores jovens da pesquisa relatam utilizar essa rede social para ler trechos de obras e citações que podem mobilizá-los para a realização da leitura da obra indicada na referência.

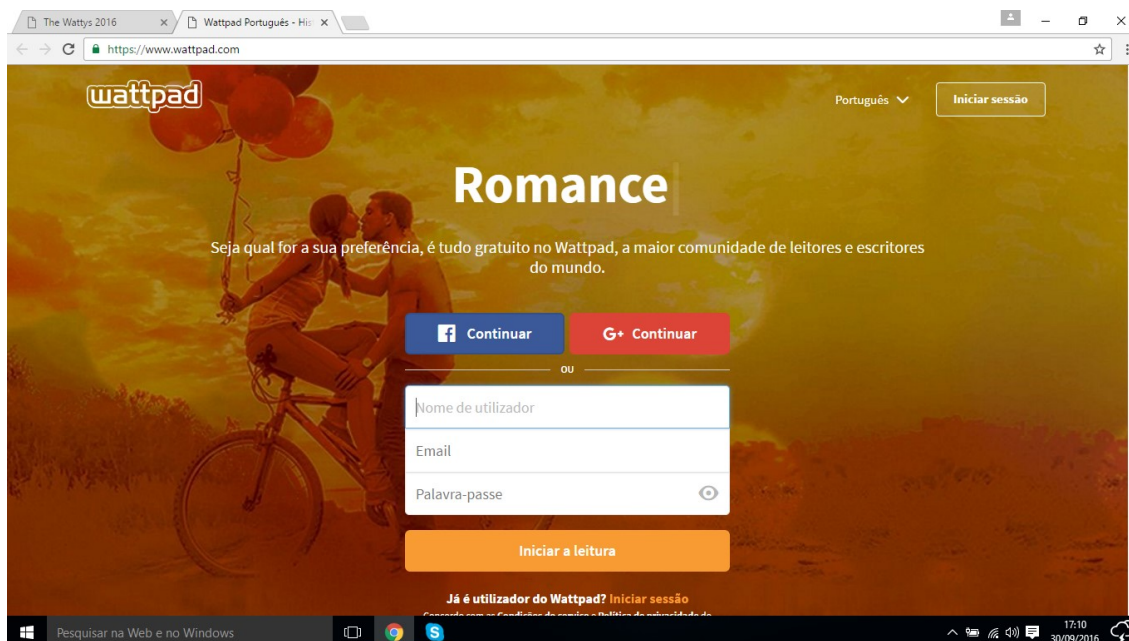
Figura 21 – Página “Tops do New York Times” da rede social *Facebook*



Fonte: <https://www.tumblr.com/search/literatura>

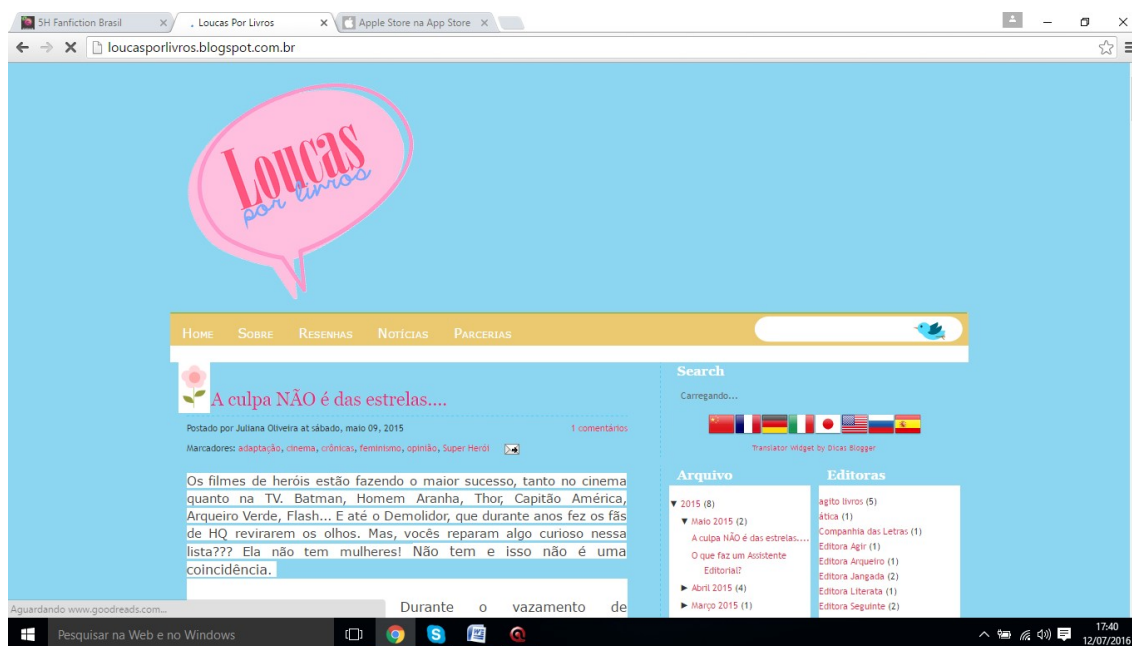
A rede social, ou comunidade de leitores e escritores *Wattpad*, foi criada em 2006 e pode ser lida pelo site ou pelo aplicativo. Possui publicações nacionais e internacionais de criadores/escritores desconhecidos e conhecidos. As obras disponíveis variam entre *fanfics*, artigos, histórias, poemas, entre outros. O site promove concursos de escrita. Os leitores podem votar, comentar e criar histórias. O site informa ter cerca de 45 milhões de pessoas conectadas mensalmente e, em sua maioria, são jovens com idade entre 13 a 30 anos.

Figura 22 - Página inicial da rede social Wattpad



Fonte: <https://www.wattpad.com/>

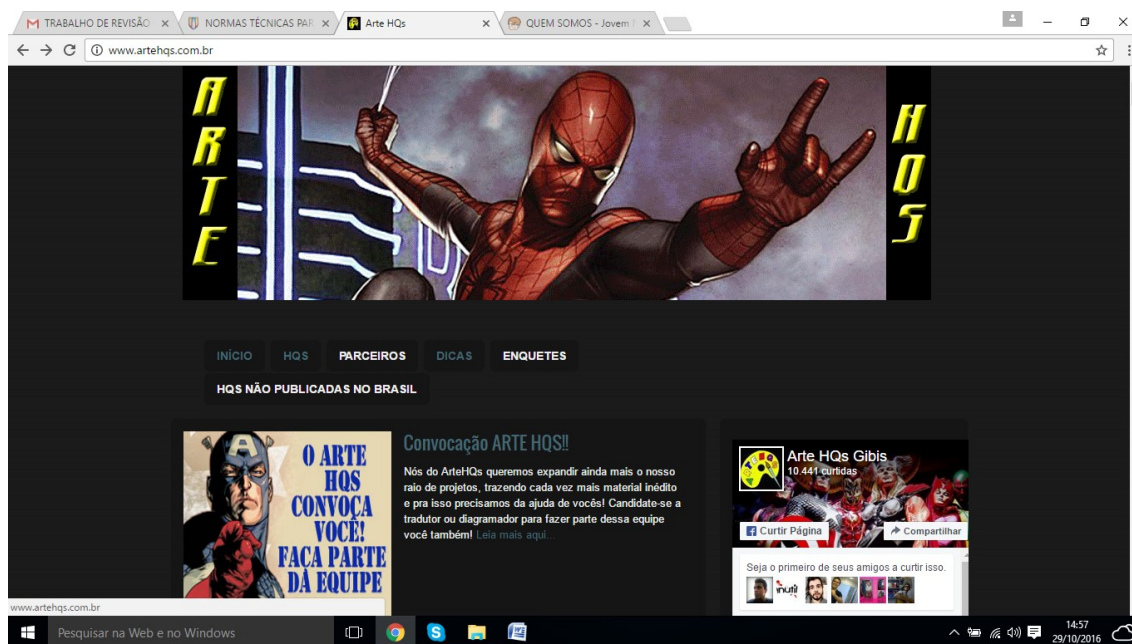
Na categoria *blogs*, foi citado o *blog* “Loucas por Livros”, que disponibiliza resenhas, notícias e outras informações sobre obras de literatura digitalizadas.

Figura 23 - Página inicial do *blog* “Loucas por Livros”

Fonte: <http://loucasporlivros.blogspot.com.br/>

Por fim, foi citado o *blog* “Arte HQs” que disponibiliza histórias em quadrinhos nacionais e internacionais para serem lidos *on-line*. Possui um acervo específico de *HQs* publicados fora do Brasil.

Figura 24 — Página inicial do *blog* “Arte HQs”



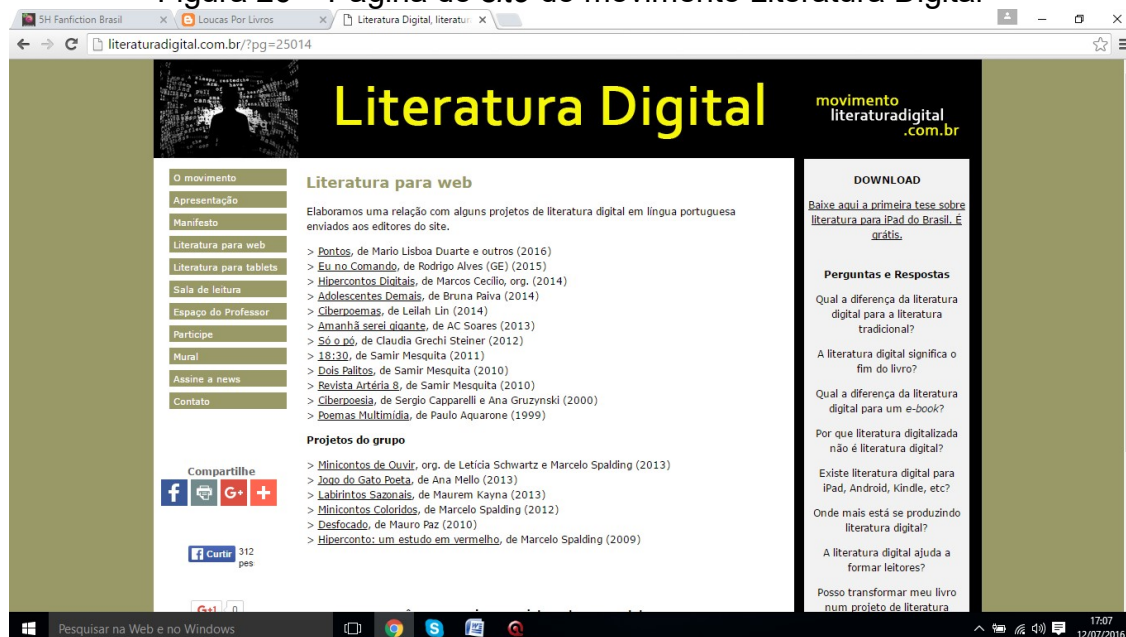
Fonte: <http://www.artehqs.com.br/>

Na categoria *sites* de literatura digital, o *site* do movimento Literatura Digital, criado em 2012, com fins acadêmicos e criativos, visa fomentar a leitura e a literatura digital. Disponibiliza vários *sites* e obras dessa natureza, propostas de atividades pedagógicas para o professor, textos teóricos sobre a temática e indicações de obras digitais.

Figura 25 – Página inicial do *site* do movimento Literatura Digital

Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br>

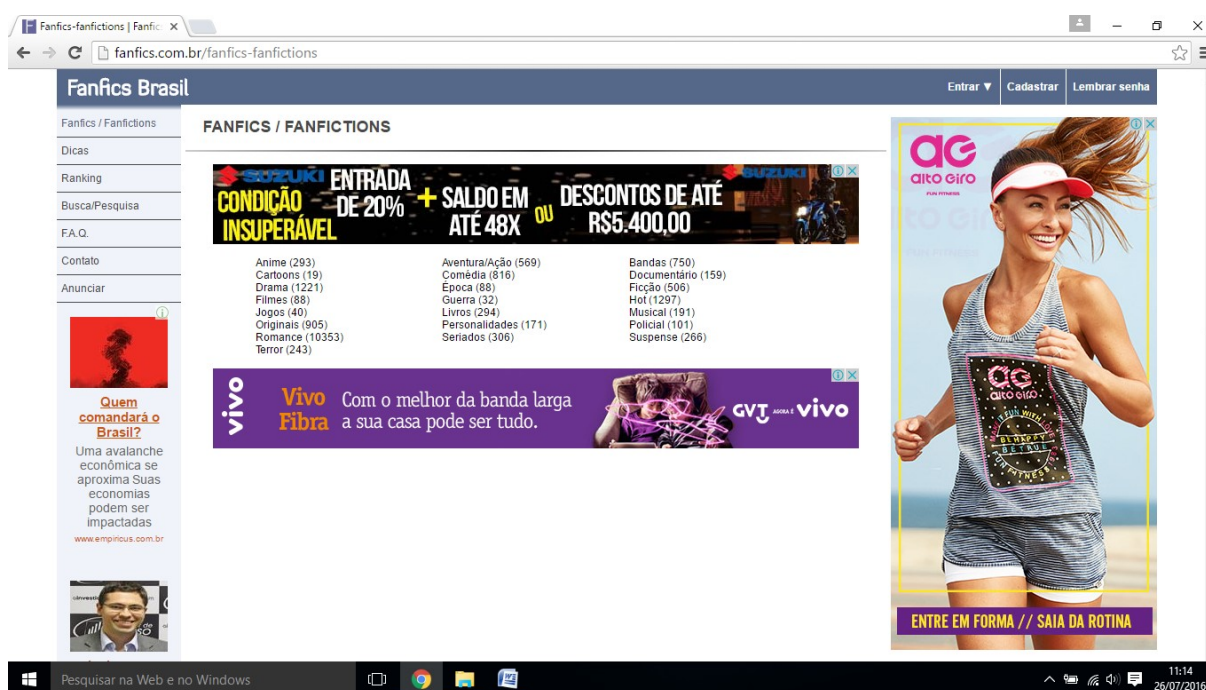
Quando o leitor clica no *link* do menu *literatura para web*, serão disponibilizados vários *links* que levam para *sites* e obras diversas, como se pode observar na imagem abaixo. Obras como hipercontos, minicontos, poesia digital de criadores/escritores, como Marcelo Spalding, Samir Mesquita, Sergio Capparelli estão indicados nos *sites*.

Figura 26 – Página do *site* do movimento Literatura Digital

Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br>

No entanto, o tipo de obra de literatura digital lida por um maior número de leitores jovens da pesquisa foram as *fanfictions*. Estas não são citadas no site do movimento Literatura Digital, mas durante as entrevistas os leitores jovens citaram alguns *sites* que realizam as leituras desse tipo de obra. O *site* Fanfic Brasil disponibiliza *fanfiction* de várias temáticas, como animes, bandas, obras, músicas e, ao lado de cada tema, informa a quantidade de obras daquele assunto. Não é necessário cadastro para ler as *fanfiction*, mas se o leitor desejar indicar sugestões para os criadores, ele precisará se cadastrar no *site* que pode ser realizado, também, por meio do mesmo cadastro do *facebook*. O *site* indica o *ranking* mensal e geral das *fanfiction* indicadas pelos leitores cadastrados como favoritas.

Figura 27 - Página inicial do *site* Fanfic Brasil



Fonte: <http://fanfics.com.br/>

Ao clicar em um dos temas, o leitor é direcionado para uma página que terá o nome das obras, o tema, quando foi a última atualização do criador, quantos capítulos possuem e o nome dos criadores. Poderá selecionar obras que estão finalizadas ou em andamento, bem como recomendar ou curtir por meio das redes sociais. Ao escritor/criador das obras, o *site* possui um *link* que contém dicas de produção e divulgação das *fanfictions* e, após criada, ele terá a opção de divulgar em várias redes sociais indicadas pelo *site*.

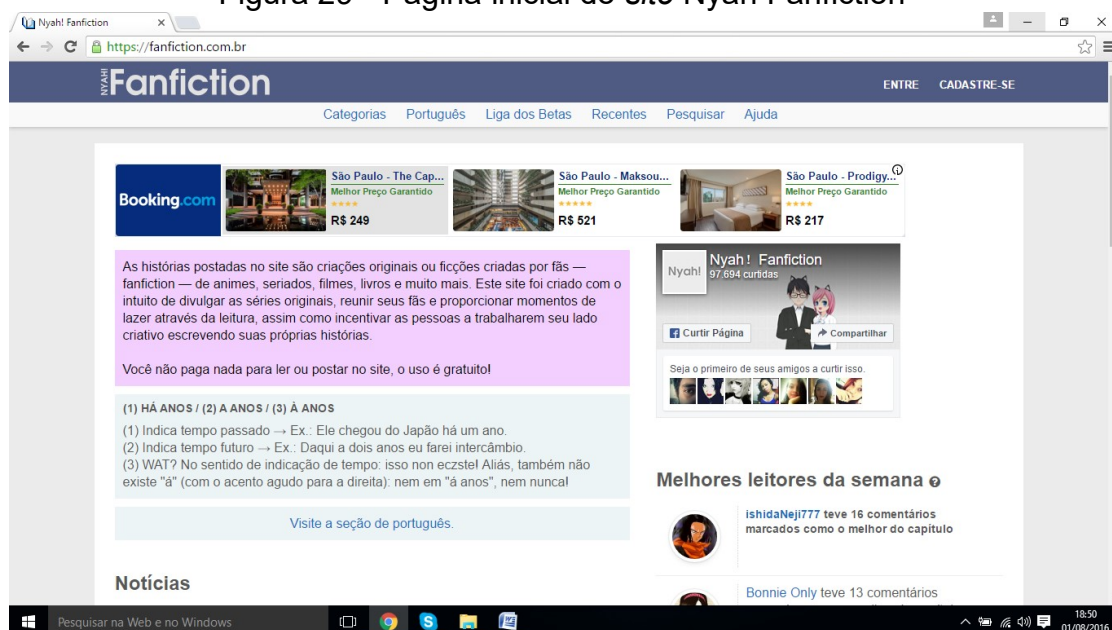
Figura 28 - Página do site Fanfic Brasil



Fonte <http://fanfics.com.br/?q=categoria&id=21>

Outro site de *fanfiction* citado pelos leitores jovens foi o *Nyah Fanfiction*, que também disponibiliza *fanfiction* por temas. mas oferece dicas da língua portuguesa para os escritores, possui um grupo de leitores críticos das *fanfictions*, denominado Liga dos Betas, e um *link* para as últimas *fanfictions* postadas no site.

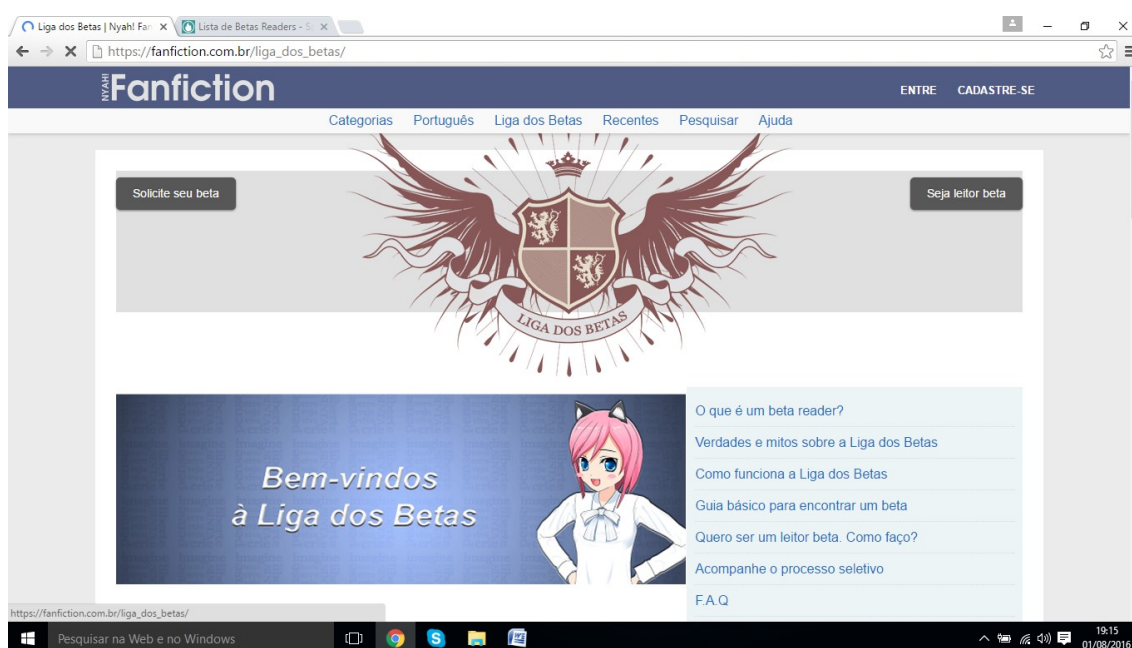
Figura 29 - Página inicial do site Nyah Fanfiction



Fonte: <https://fanfiction.com.br/>

Segundo o *site*, o nome “Liga dos betas” remete ao termo beta reader, que são os primeiros leitores da *fanfiction* e auxiliam os criadores/escritores nos aspectos gramaticais e na construção da história. Quando o leitor clica no *link* Liga dos betas, ele encontra informações sobre o que é um *beta reader*, como funciona, como participar da liga.

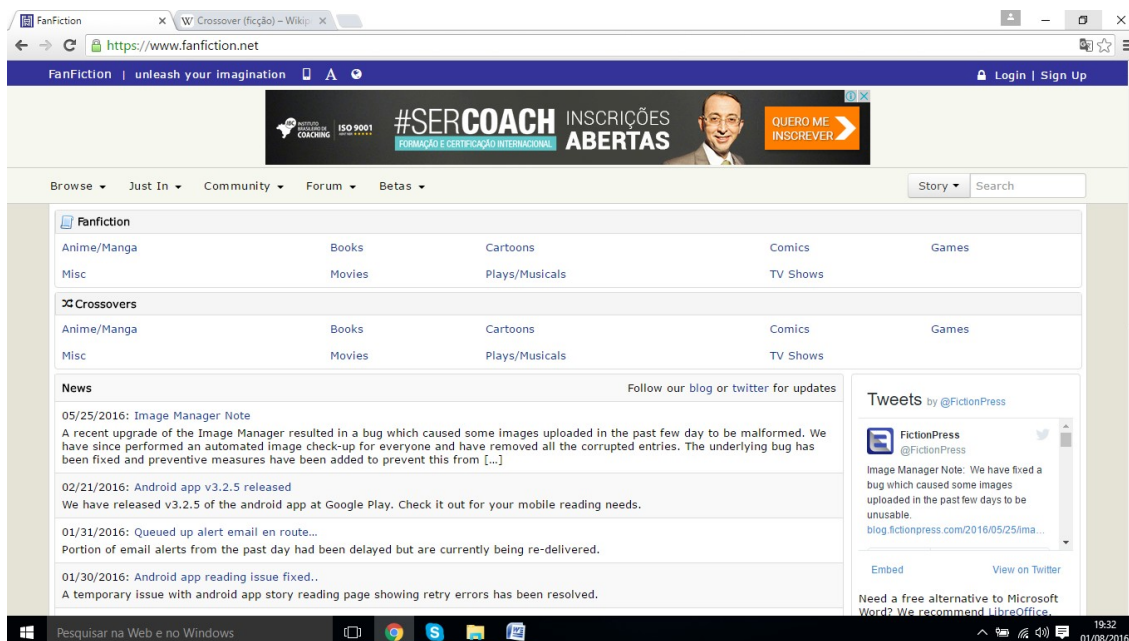
Figura 30 - – Página do *site* Nyah Fanfiction



Fonte: https://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/

Outro *site* indicado para leitura de *fanfiction* é o site Californiano Fanfiction.net, que disponibiliza *fanfiction* em inglês, crossover, que são produções nas quais se misturam personagens de histórias diferentes e notícias sobre o site, tecnologia digital. Na página principal, os leitores poderão buscar as *fanfictions* e *crossovers* por tema. No *link* “Jut in” estão disponíveis as obras que foram atualizadas e as recém-postadas no site, uma lista de comunidades e fóruns de discussão sobre os temas das *fanfictions* e dos crossovers e uma lista com o nome dos leitores críticos do site, os *beta readers*.

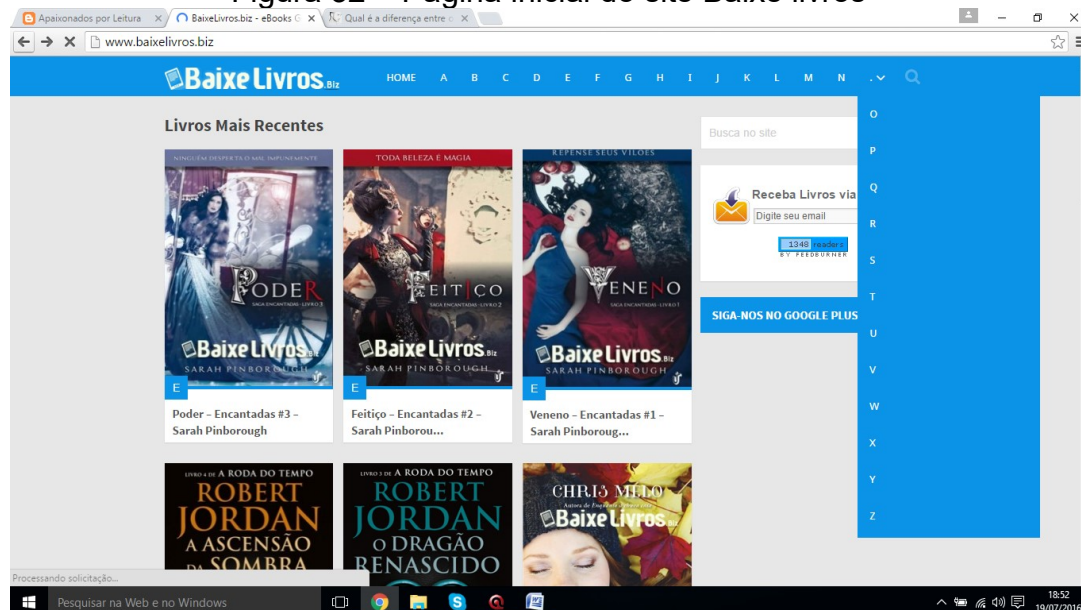
Figura 31 – Página inicial do site Fanfiction.net



Fonte: <https://www.fanfiction.net/>

Para a leitura de literatura digitalizada, existem *sites* que possibilitam baixar e ler *on-line* a obra ou somente baixar e somente ler *on-line*. Um dos *sites* citados para baixar obras é o *Baixe livros*, que possibilita a busca por título, por escritor e pela letra inicial do título. Na página principal são divulgados as obras mais recomendadas.

Figura 32 – Página inicial do site Baixe livros



Fonte: <http://www.baixelivros.biz/>

Mas se o leitor jovem não deseja baixar a obra digitalizada, ele poderá acessar *sites* específicos. Um deles citados pelos sujeitos da pesquisa foi o *Livros On-line Grátis*. Criado em 2012 e, segundo o *site*, disponibiliza obras, em sua maioria, em domínio público, e também obras ou trechos de obras que possuem licença por parte dos titulares. Na página principal, o leitor poderá realizar busca por temas e gêneros literários e acessar um *link* que o encaminhará para a página do *site* no *Facebook*. O leitor poderá ler a sinopse da obra, receber notificações por *e-mail* e, também, escrever resenhas das obras lidas e enviar para o *site*.

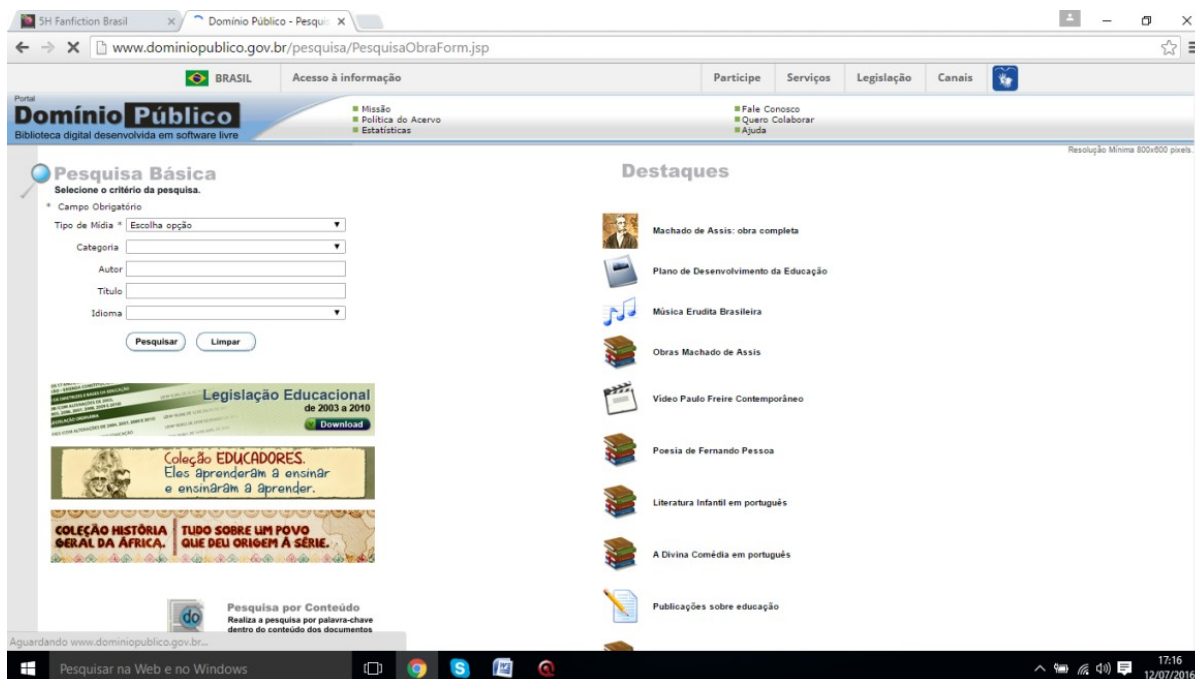
Figura 33 - Página inicial do *site* Livros On-line



Fonte: <http://livrosonlinegratis.net/>

O *site* governamental Domínio Público, lançado em 2004, com o objetivo de divulgar obras literárias, científicas e artísticas, foi citado pelos leitores jovens como um local para buscar obras literárias clássicas digitalizadas em formato *PDF*.

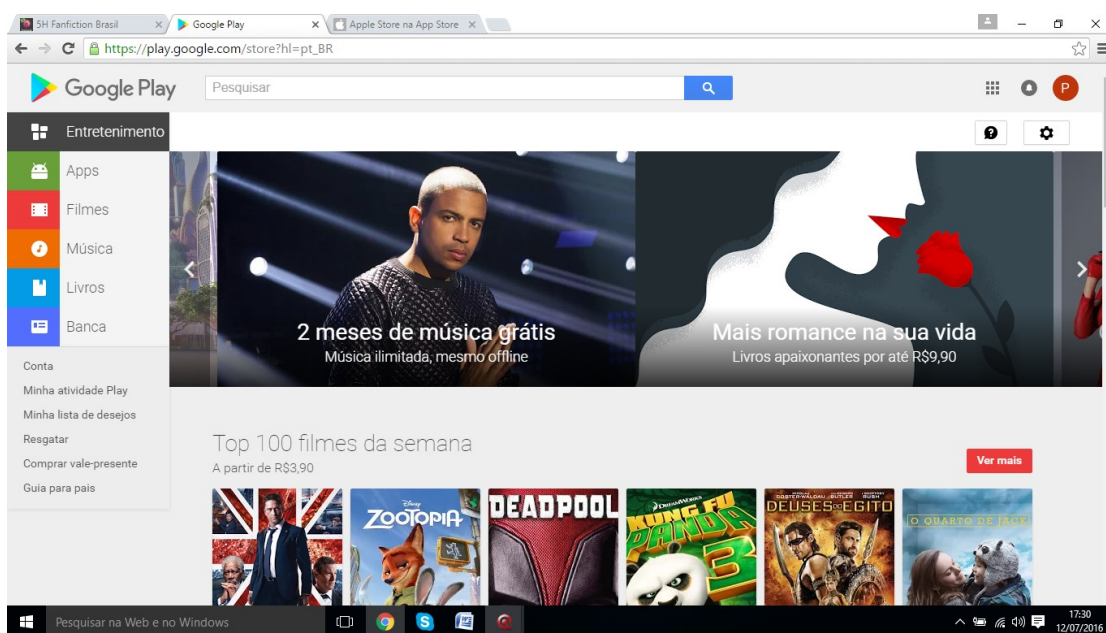
Figura 34 - Página inicial do site Domínio Público



Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br>

Na categoria loja de aplicativos, temos várias lojas que disponibilizam produtos, dentre eles, obras que podem ser comprados ou são disponibilizadas gratuitamente. O *Google Play* é uma das alternativas e pode ser acessado pelo computador ou pelo *Smartphone*.

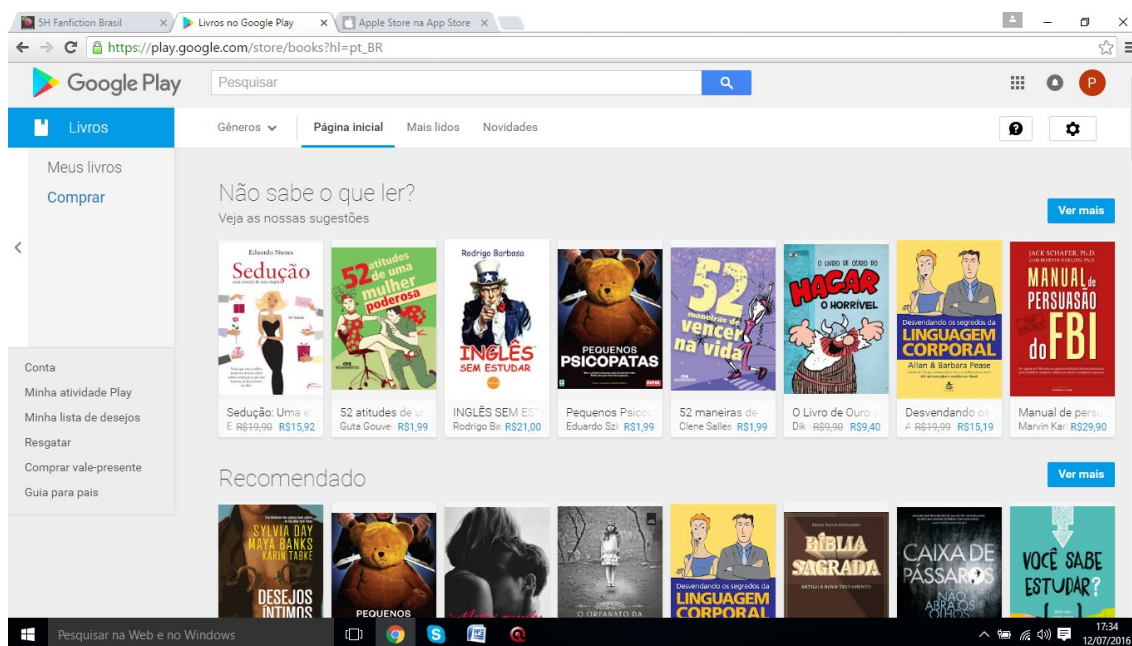
Figura 35 - Página inicial do Google Play



Fonte: https://play.google.com/store?hl=pt_BR

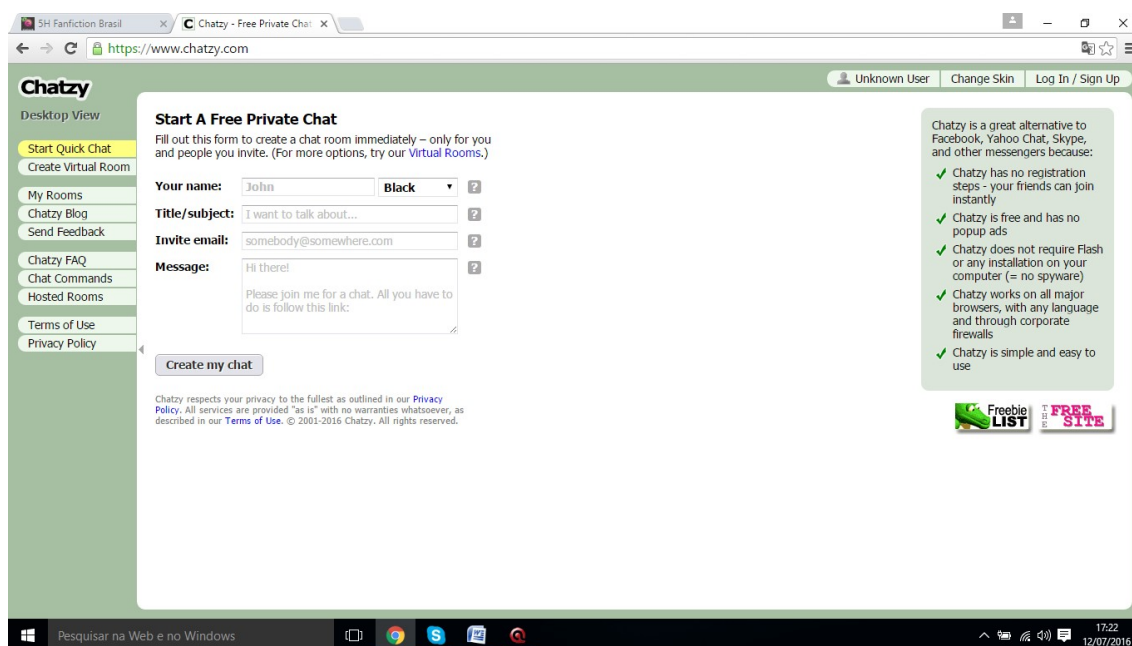
Quando o leitor clica no *link* Livros do menu, irá ter acesso a uma diversidade de obras em formato *epub* e ao leitor é disponibilizada uma amostra gratuita com um determinado número de páginas para a apreciação antes da compra, mas também são disponibilizadas obras gratuitas.

Figura 36 – Página do *link* Livros do Google Play



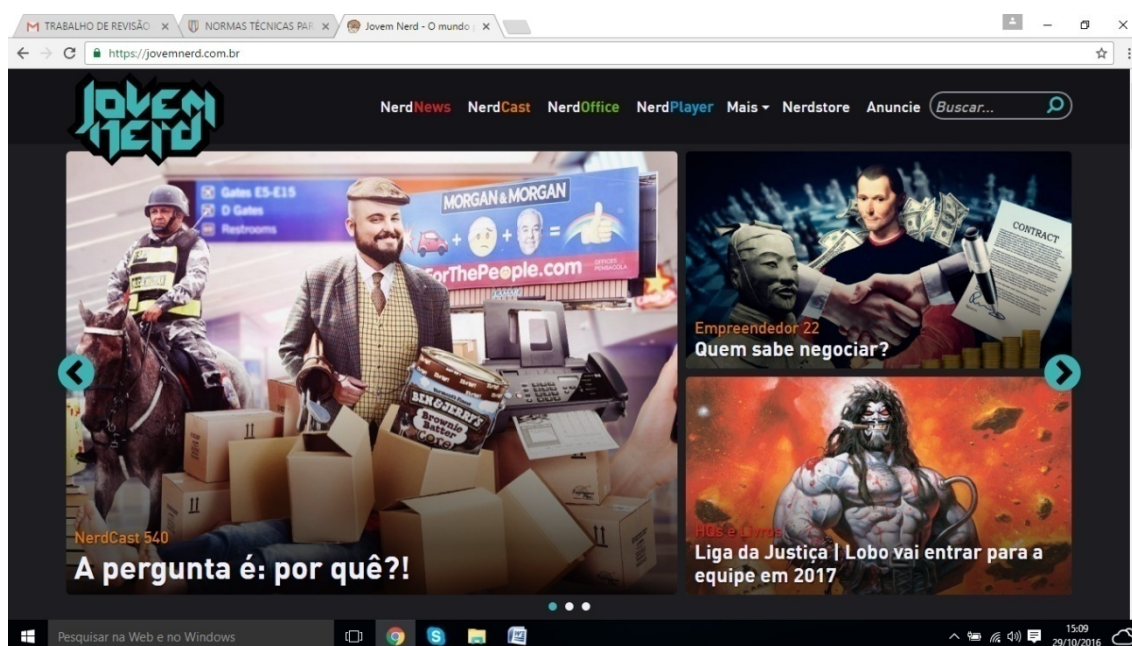
Fonte: <https://play.google.com/store/books>

Na categoria salas de bate-papo, o *site* “Chatzy” foi citado como um espaço que se joga *RPG on-line*. O leitor jovem se cadastra e espera aparecer outra pessoa *on-line* para iniciar o jogo que pode ser finalizado ou parado a qualquer momento.

Figura 37 - Página inicial do *site* Chatzy

Fonte: <https://www.chatzy.com>

Na categoria *site* de *podcasts* e *videocasts* foi citado o *site* “Jovem Nerd” que disponibiliza podcasts, videocasts, notícias sobre campeonatos de jogos, resenhas e críticas sobre cinema *games* e séries

Figura 38 – Página inicial do *site* Jovem Nerd

Fonte: <https://jovemnerd.com.br/>

Comparando o mapeamento de *sites* brasileiros que disponibilizam obras de literatura digital e digitalizadas com as indicações dos leitores jovens, observamos uma diferença quantitativa expressiva: foram oito sites indicados pelos leitores jovens, sendo quatro de literatura digital, destes, três de *fanfictions* e um *site* com obras diversas, três de literatura digitalizada e um com obras de literatura digital e outros tipos de obras. Ressalta-se que os caminhos percorridos pelos leitores jovens perpassam, também, por redes sociais, *blogs*, *chats* e aplicativos, totalizando oito indicações nessas categorias. E um *site* no qual os leitores jovens buscam informações sobre literatura por meio de *podcasts* e *videocasts*.

5. Práticas de leitura literária digital de leitores jovens

Neste capítulo, iremos apresentar os dados da pesquisa qualitativa realizada nas sete sessões de entrevistas com os seis leitores jovens e, também, os dados das entrevistas com os colegas dos jovens, as quais foram realizadas em sessão única. As categorias de análise das práticas de leitura literária dos jovens emergiram dos dados e abarcam elementos individuais e sociais, entretanto, alguns correlacionam com os dados quantitativos, outros não, pois não foram objeto de investigação no questionário 1. Apontamos, também, os dados que fundamentam a tese da pesquisa, qual seja, a existência de uma relação entre as práticas de leitura literária digital e impressa.

A apresentação exaustiva de dados das entrevistas se justifica, a nosso ver, pela importância que esses apresentam na descrição das práticas, foco maior desta tese. Embora a prática de leitura não deixe rastros, pelo menos podemos ter acesso ao que os leitores de um determinado tempo e com determinados dispositivos/tecnologias têm a dizer sobre ela. Os conceitos teóricos que deram base a este trabalho aparecerão de forma mais ampla na articulação que é realizada na análise e, em determinados casos, alguns autores serão mencionados.

5.1 Compreensão conceitual dos leitores jovens sobre leitura literária digital

A leitura literária digital realizada por meio de obras de literatura digital e digitalizada é um conceito importante para a compreensão e a análise das práticas de leitura literária digital realizadas pelos leitores jovens, embora para eles isso não seja tão importante para a prática de leitura literária digital. Para que pudéssemos confrontar os dados do questionário 1 em relação ao entendimento dos seis leitores jovens sobre esses termos, fizemos, na primeira sessão de entrevista, uma questão cognitiva sobre o que os leitores jovens entendiam do termo literatura digital. Essa pergunta era importante para que pudéssemos compreender quando relatassem suas práticas de leitura literária digital durante as entrevistas, sobre o que estavam tratando. Os dados abaixo mostram como a própria entrevista e o tipo de pergunta pode acabar conduzindo a um modo de pensar sobre o tema, mas seus discursos indicam as relações que eles estabelecem entre os tipos de leitura e seus suportes.

Dois leitores jovens relacionavam o termo literatura digital a literatura digitalizada, ou seja, os livros literários digitalizados baixados ou lidos *on-line* e que não possuem diferença das obras lidas no suporte impresso.

E: O que é que você entende, quando eu falo literatura digital? O que é que você entende?

M_F_17_B2: Eu penso nos livros que eu leio pela Internet atualmente.

....

M_F_17_B2: Para mim a literatura digital é esta que eu faço.

E: Que é o quê?

M_F_17_B2: Que é a que eu pego o livro de uma série que eu gosto ou que eu quero ler e coloco lá e leio.

E: E você conhece obra de literatura digital?

M_M_17_B2: Como assim, você fala livros ou o quê?

E: O que é que você entende quando eu falo obra de literatura digital?

M_M_17_B2: Você ler livros na Internet, por exemplo, baixar livros, é isso.

Ressalta-se que M_M_17_B2 e M_F_17_B2 possuem práticas de leituras literárias digitais voltadas apenas para livros literários digitalizados. Os demais leitores jovens compreendiam o que deveria ser obras de literatura digital com um pouco mais de amplitude.

E: E você conhece obras de literatura digital?

D_F_16_D: Hum-hum.

E: O que é que você entende por literatura digital?

D_F_16_D: Digital, eu entendo como algo que uma pessoa escreva e publique na Internet.

....

E: Tem diferença da impressa, você acha que tem alguma diferença entre a digital e a impressa, a literatura digital e a impressa?

D_F_16_D: Não. Não muita.

...

E: Quando você colocou aqui que conhecia obra de literatura digital, você se refere a quê, quando eu pergunto para você, você conhece literatura digital, você pensa em quê?

D_F_16_D: Literatura digital é qualquer texto, qualquer coisa que estiver disponível na Internet.

E: Você conhece obra de literatura digital?

P_M_17_C1: Que seja só digital?

E: O que é que você entende, quando eu falo obra de literatura digital? Você entende o quê?

P_M_17_C1: É algo que eu posto na Internet e é o meio mais fácil dele divulgar aquilo. Ao invés de ter que procurar uma editora e ter que publicar o livro. Eu conheço só de amadores assim, pessoas que pegam uma história que existe e criam outra paralela... eu lia bastante *fanfiction* também.

E: É...e...você conhece obras de literatura digital?

R_M_15_C1 : Qual? Obras famosas ou...

E: Obras de literatura digital...você conhece?

R_M_15_C1: Ah...não...assim de obras conhecidas não...é que eu leio mais *fanfic*, aí eu...

E: Mas isso também é considerado uma obra de literatura digital...

R_M_15_C1: Ah...então eu conheço...

...

R_M_15_C1: Ah eu...o livro...o livro que já é impresso quando ele...quando ele tá lá no digital...conta como texto digital?

E: Aí eu vou te perguntar... você até escreveu aqui...mas vou te perguntar... quando a gente fala assim...ah você conhece obra de literatura digital? Quê que você entende por literatura digital? Ou literatura digitalizada? E na verdade literatura digitalizada...quê que você entende por um e por outro?

R_M_15_C1: Digital é que foi só escrito assim...nos/ na Internet assim...sem ser físico...

E: humhum...

R_M_15_C1: É...digitalizado acho que foi escrito físico e passado pro...pela Internet...essa ()...

E: [...] E você conhece obra de literatura digital...G_F_17_B1?

G_F_17_B1: Nossa...conheço...mas te falar uma eu não sei...eu sempre abro...que nem eu te falei...eu sempre abro o site...às vezes assim...eu gosto de uma série...uma *fanfic* daquela...daquela...daquela pessoa que você gosta e daí você lê...você sai rapidin...eu.. eu sempre assim sabe?

E: aham...

G_F_17_B1: Eu nunca paro mesmo pra ler...às vezes eu baixo algum livro ou outro pelo celular pra poder ler mas nada assim...que me chamou muita atenção, sabe?

E: Aham...mas quando você fala assim que conhece literatura digital...quê que você entende por literatura digital?

G_F_17_B1: O que eu entendo são livros mesmo...que...que... tem na Internet...disponível na Internet e... ou/ pra mim né...eu não sei se está certo...ou livros que você acha na Internet... assim...pra você baixar e tal... ou então... pessoas mesmo que escrevem...porque é muito mais fácil você chegar na Internet e escrever...que você publicar um livro,né? [...]

Os trechos acima revelam que três leitores jovens indicam, sem hesitar, as *fanfics* como um tipo de literatura digital, mas, ao mesmo tempo, apontam, também, os livros digitalizados. No entanto, os quatro leitores jovens compreendem que toda leitura literária realizada em dispositivos digitais e Internet é considerado por eles como literatura digital. D_F_16_D, que realizava leitura de *fanfics* e durante a pesquisa voltou a ler, não percebe diferenças significativas entre as *fanfics* e as obras impressas. Provavelmente isso ocorre devido ao fato de que esse gênero de literatura digital apresenta somente recursos típicos da linguagem verbal e a leitora jovem não se atém ao modo como aquela é construída. No entanto, como adverte Hayles (2009, p.45), “textos eletrônicos não podem simplesmente ser empurrados para dentro da mesma tenda que os textos impressos sem levar-se em conta seus diferentes modos de funcionamento.” A questão que devemos levantar é: para o leitor jovem, isso faz diferença? Como se instituem suas práticas de leitura literária com essas configurações que aparecem na cultura digital?

R_M_15_C1 possui práticas frequentes de leitura de *fanfics* e G_F_17_B1 e P_M_17_C1, quando mais novos, liam esse tipo de obra. Essas práticas de leitura literária digital contribuíram para o entendimento do termo com maior ou menor amplitude. Ou seja, para aqueles que leem apenas um tipo de obra, somente essas são consideradas literatura digital, e para aqueles que leem mais de um tipo de obra, o conceito é estendido para toda obra literária que está disponível na Internet e em dispositivos digitais. M_F_17_B2, após a primeira sessão de entrevista, pesquisou sobre o conceito de literatura digital, mostrando como a pesquisa interfere nos sujeitos.

E: E o quê que te intrigou quando te perguntei sobre literatura digital, você falou “ah não é isso” o quê que, porque você teve que sentir essa necessidade de...

M_F_17_B2: É porque eu achei que a literatura digital era tipo essa literatura que a gente, tipo, era o *Ebook*, que é o livro só que...

E: Digitalizado.

M_F_17_B2: É, dá pra você ler em *tablet*, celular, qualquer coisa assim. Eu achei que era isso, que por ser virtual significava ser digital, porque não era de papel normal, aí eu peguei e fui olhar, aí eu falei “ué mas não é disso que ela tá falando, porque ela perguntou se eu ouvia som, se eu via alguns links”, aí eu falei “não é isso”, então eu tô errada.

E: Chamou a atenção.

M_F_17_B2: É, deixa eu ir lá ver o que tá acontecendo...

E: O que tá falando...

M_F_17_B2: É.

E: rsrsrs

M_F_17_B2: Como assim ela tá falando...eu tô falando verde, ela tá falando azul, num entendi.

Como M_F_17_B2 percebeu que, em suas práticas de leitura literária digital, não havia obras com elementos multimodais, linguagem de programação ou possibilidades de interatividade, decidiu conhecer sobre esse tipo de obra que a pesquisadora havia mencionado. A pesquisa, por utilizar conceitos novos, que ainda não estão difundidos na sociedade, ou termos específicos ao objeto de investigação, causa este tipo de efeito nos sujeitos participantes, mobilizando-os a investigar sobre os termos não compreendidos. M_F_17_B2, após realizar as buscas sobre o novo termo, iniciou práticas de leitura de literatura digital.

Indagamos aos quatro colegas dos leitores jovens, que concederam entrevista, o que compreendiam sobre o termo literatura digital e digitalizada. Percebemos, nos trechos abaixo, que para eles, S_F_19, L_F_18, S_M_19, todas as obras disponíveis em dispositivos digitais e Internet são literatura digital e digitalizada, entretanto, não fizeram distinção entre os dois termos. Já L_F_18 define como sendo os livros literários digitalizados. Ao confrontarmos com o que os leitores jovens M_M_17_B2, D_F_16_D e M_F_17_B2, respectivamente, colegas dos jovens, observamos que somente a concepção dos amigos S_F_19 e M_M_17_B2 não são semelhantes. L_M_15 coaduna com a mesma compreensão de R_M_15_C1, indicando claramente diferenças entre os dois conceitos.

E: [...] você conhece obras de literatura digital ou de literatura digitalizada?

S_F_19: Como assim digitalizada?

E: Quando eu falo isso, o quê que você entende?

S_F_19: Internet...

E: é L_F_18.....é...você conhece obra de literatura digital? Ou digitalizada?

L_F_18: Não...não...

E: Quando eu falo isso você entende o quê?

L_F_18: Tipo de Internet de...computador...alguma coisa assim...on-line né? Tipo lê...tem livro que é on-line né...que dá pra você ler...no celular esses trem...eu entendo isso...

E: Você conhece obras de literatura digital/digitalizada?

S_M_19: Algumas...eu faço leitura de mangá e HQ...e é na Internet...leio digital...

E: L_M_15: Você conhece obras de literatura digital ou digitalizada?

L_M_15: Olha...é meio complicado dizer isso porque...você quer dizer as obras só na área digital ou...obras que existem em livros e foram passadas para...

E: As duas coisas...

L_M_15: As duas coisas?

Essa constatação reafirma a importância dos mediadores para as práticas de leitura literária digital, pois evidencia as semelhanças de concepções dos leitores jovens e de seus colegas que, por sua vez, geram práticas culturais semelhantes. Para o fenômeno da leitura em si, essas distinções precisam ser compreendidas na prática de ler e não na existência de conhecimento sobre termos, mas a distinção se aplica à ideia de repertório. Se o leitor jovem não conhece a possibilidade, não buscará este tipo de obra. Destaca-se que os leitores jovens relataram nas sessões de entrevistas que não fazem essa distinção quando conversam com seus colegas sobre suas práticas de leitura literária digital. Resta saber se não fazem distinções com relação ao suporte e suas interferências na leitura.

Verificamos que os leitores jovens que relataram possuir, no período da pesquisa, práticas de leitura literária digital apenas de literatura digitalizada realmente não haviam realizado leituras literárias digitais com obras diferentes das usuais ou que tivessem elementos multimodais. Os trechos transcritos abaixo confirmam essa ideia:

E: Os tipos de textos literários que você leu no computador, eles são todos parecidos com o texto impresso, ou você já teve acesso ou leu alguma obra de literatura que tinha algum elemento com links ou com alguma coisa que era diferenciada. Você já leu alguma coisa do tipo?

P_M_17_C1: Não, todas as experiências eram bem próximas do impresso mesmo.

E: Agora eu estou falando de literatura mesmo, você já leu alguma outra obra de literatura que não se parece com o impresso? Que o formato que ela apresenta no computador ela não aparece com o impresso, que ela é diferente?

M_F_17_B2: Não, a maioria é praticamente quase tudo igual. Não faz tanta diferença do livro não.

E: Estas obras de literatura digital, geralmente elas têm links, elas são feitas por programas de computador, uma linguagem de programação. Ela é diferente, o formato dela de apresentação, ela tem alguns elementos diferenciados desta literatura que é digitalizada. Você já teve contato com alguma coisa do tipo?

M_M_17_B2: Não.

E: Nada diferente?

M_M_17_B2: Não. Nada diferente.

E: Todo tipo de literatura que você leu foi esta digitalizada?

M_M_17_B2: Isso.

E: Todas?

M_M_17_B2: Acho que sim.

E: Nada do que você leu tinha links que você clicava e entrava em outra coisa?

M_M_17_B2: Não. Nunca. Entendi o conceito errado.

Outro conceito que se tornou importante na pesquisa foi referente aos tipos de literatura digital lida pelos jovens. Constatamos que os leitores jovens, em sua maioria, compreendiam que as *fanfics* não eram consideradas como escrita colaborativa, pois, ao discorrerem sobre quais obras de literatura digital conheciam, se referiram às duas como obras distintas. Somente P_M_17_C1 compreendia as *fanfics* como um tipo de escrita colaborativa. No entanto, quando elaboramos no questionário 1 a questão 26(Quais os tipos de obras de literatura digital você leu?), inserimos a escrita colaborativa, compreendendo as *fanfics* como um dos tipos de escrita colaborativa. Provavelmente, se houvésssemos indicado no questionário 1 as *fanfics* na lista dos tipos de obras de literatura digital, os índices referentes à escrita colaborativa teriam sido um pouco maiores. Dos seis leitores jovens, somente M_M_17 não conhece esse tipo de literatura digital.

E: Escrita colaborativa, já fez?

D_F_16_D: Não.

E: Escrever colaborativamente. Nada? *Fanfiction*, já ouviu falar?

D_F_16_D: Já.

E: [...] Escrita colaborativa?

M_M_17_B2: Como que ela é?

E: Ela é uma escrita de texto literário feito pela Internet e então várias pessoas vão escrevendo sobre um tema literário, fazem uma produção literária em conjunto pela Internet.

M_M_17_B2: Então vai juntando as partes?

E: Isso.

M_M_17_B2: Então também não.

E: *Fanfiction*, já ouviu falar?

M_M_17_B2: Não.

E: E...escrita colaborativa?

G_F_17_B1: Quando... várias pessoas na Internet vão escrevendo...é...eles criam...eles escrevem um texto...e aí geralmente em dois...eles escrevem um título...e aí a pessoa que criou o título aí escreve o primeiro parágrafo...aí vem outra pessoa que tá lendo o blog...e escreve o segundo parágrafo...aí uma terceira pessoa que nem sabe do que está acontecendo...vai e escreve o outro parágrafo...

E: Cê já participou disso?

G_F_17_B1: Já participei há uns trezentos anos atrás...não de verdade...eu tinha uns treze anos quando eu conheci isso...achei super legal e comecei escrever assim mas...

...

E: E... a *fanfiction*?

G_F_17_B1: É...eu acho que eu já citei isso...que é quando um fã...você assiste por exemplo uma série...

E: Aham...falou...

G_F_17_B1: Aí você...você assiste uma série... e tem um personagem que você gosta...você procura sobre ele...e acaba achando a *fanfiction*, que é uma história com base nesse personagem...mas e que...com os personagens que giram em torno dele...mas não uma história que vai acontecer na série...essas coisas...

P_M_17_B1: A escrita colaborativa, por exemplo, eu lembro da *fanfiction*, que tinham algumas que começavam e eram os fãs que decidiam, tipo, escolher alguém com uma votação e esta pessoa que fazia o próximo capítulo da história.

Após a verificação de como compreendiam os principais conceitos utilizados na pesquisa, tivemos que informá-los sobre qual definição estávamos empregando. Esse entendimento era essencial para o desenvolvimento das próximas sessões de entrevistas, quando os leitores jovens relatariam suas práticas de leitura literária digital de forma a compreendermos a que estavam se referindo. Haja vista que não iríamos observar, mas, sim, ouvi-los narrar suas práticas de leituras literárias digitais.

Podemos verificar que, para dois leitores jovens (M_M_17_B2 e M_F_17_B2), que leem somente literatura digitalizada, suas concepções de leitura literária digital se restringem ao tipo de obra que leem. Mas, para três leitores jovens (D_F_16_D, G_F_17_B1, P_M_17_C1 e R_M_15_C1), que leram ou leem literatura digital e digitalizada, suas compreensões sobre leitura literária digital não se restringe a literatura digitalizada. Ou seja, existe uma relação entre práticas de leitura literária

digital e concepções sobre o que deva ser conceitualmente a leitura literária digital, mas também incide sobre essas concepções o conhecimento a respeito de outros tipos de obras literárias digitais.

5.2 Disposições favoráveis para a cultura digital e suas repercussões em práticas de leitura literária digital

Possuir computador, *tablet*, *smartphones* e ter acesso à Internet foi considerado com primordial para a ampliação e uma maior frequência das práticas literárias dos leitores jovens. Essa prática parece abrir possibilidades pela própria ação de se envolver cada vez mais com a cultura digital.

P_M_17_C1: Acho que o suporte digital me faz querer ler mais, me dá, igual eu falei, mais opções, eu posso ver o que eu...eu vou gostar, me dá mais segurança de ... de ler alguma coisa, mas, vou ver, quando eu gosto de alguma coisa, eu gosto de comprar o .../

E: Impresso

P_M_17_C1: /O impresso.

E: Hum rum.

P_M_17_C1: Porque é mais isso, não tem o que ... o que eu prefira, mas é, mas encontrar algo, eu prefiro no digital.

...

P_M_17_C1: Mais no digital, é, porque tem até o costume, às vezes, eu tava fazendo uma coisa, aí eu leio, só abro a janela e vou ler.

E: Hum rum.

P_M_17_C1: Porque a gente acostuma estar sempre mexendo com dispositivo digital, te faz ler mais, uma pessoa que ... nunca mexeu no dispositivo digital, é muito difícil ela ler, pela primeira vez assim, acostumar com isso, agora se ela tá acostumada com, ler várias coisas, é tranquilo ler um livro.

E: Entendi.

P_M_17_C1: Hum

E: Então você acha que é ... o suporte digital ele favorece/

P_M_17_C1: Favorece

E: a leitura, para você?

P_M_17_C1: Hum rum

E: Você acha que-

P_M_17_C1: Se ela está acostumada com isso, favorece você ler mais nele.

E: Você acaba, você acha que começou a ler mais, depois que você mexeu, que começou a mexer mais com computador/

P_M_17_C1: Hum rum

E: /com Internet?

P_M_17_C1: Interessei, porque quando eu comecei a ler lá, eu comecei a mexer mais com isso.

S_F_19: Ó...ano passa/esse ano eu tô...primeiro semestre eu fui mas pela faculdade que muita coisa...mas no ano passado que eu tinha mais tempo...lia de Harry Potter até Vidas secas...porque com a Internet fica tudo mais fácil né? qualquer hora que você senta... você pega...porque ficar comprando também...fica muito caro...eu li...só pra vestibular...sessenta livros na Internet... (Colega da D_F_16_D)

Mas são os dispositivos digitais móveis que possuem um espaço significativo para as práticas de leitura literárias digitais se destacando como fonte de informações sobre literatura em relação ao computador de mesa ou *notebook*. O celular possibilita o acesso mais fácil e rápido pelo leitor jovem aos seus interesses literários, pois ir até o local em que está o computador, ligá-lo para depois acessar a Internet e buscar as informações desejadas é muito mais demorado do que acessá-las pela Internet do celular, tanto pelos *sites* de busca quanto pelas redes sociais. Além disso, parece que o celular agrega mais informações e promove maior convergência, devido aos aplicativos e programas que são mais próprios dessa mídia/tecnologia.

E: Mas o celular é diferente/quando/ você falou que mudou a vida com celular...é... no que diz respeito a esse acesso...no computador não era a mesma coisa?

G_F_17_B1: Ah...eu acho que era menos porque...no computador...o que dá pra fazer nele é *facebook*...então...desculpa...então se você quisesse procurar...você procuraria entendeu? Você... no *facebook* você só curtia as páginas e assim...que tem indicações de livro...mas assim...fã clube do autor...aí...conta sobre a vida do autor...não diz o que você quer saber sobre leitura... eu acho que...tornou mais fácil é...você vê as coisas sem querer...do que você...é... ter que procurar por aquilo...

E: Mas porquê? Como é isso? Qual a diferença do celular pro computador nesse sentido.

G_F_17_B1: Não sei...eu acho que...assim...em questão de você já ter ele já na mão...porque no computador se cê entrar rapidinho você sai...você tem que fazer suas coisas né?

E: Aham...

G_F_17_B1: E aí quando você tá com o comp/com o celular... é muito mais fácil você ter ele na mão ali...fazer uma pesquisa...por exemplo...uma amiga sua te fala sobre um autor...aí cê já tá com o celular na mão ce já procura...quando cê vai chegar em casa...você vai ligar o computador...pra pesquisar sobre o autor...cê já esqueceu...

E: [...] Você acha que...Qual é a sua sensação de ler no celular? [...]

M_M_17_B2: Olha, eu acho que no livro é até melhor né, mas aqui é muito mais prático. No livro você se envolve mais na história, no livro você vai pegar, igual minha namorada fala, livro tem cheiro né? É aquela coisa de só o livro tem, entendeu? É...eu, mas vou mais pela questão de praticidade mesmo, você pode levar para qualquer lugar, não ocupa muito espaço, tem como colocar vários livros no cartão, aí depois você vai lá e descarta do cartão, não tem que comprar livro ou pegar emprestado da biblioteca, porque é seu entendeu, você vai lá e baixa rapidinho.

...

E: Então, aí você falou uma coisa que eu tô pensando aqui, que eu tô pensando agora. Você falou que faz dois anos e meio mais ou menos, e que você não tinha celular, não tinha e-book, não sei o quê, não sei o quê...Então você acha que tem a ver com isso?

M_M_17_B2: Tem, tem até a praticidade né. Tem a ver mesmo com a facilidade de conseguir ler. Porque muitas vezes pra você conseguir o livro físico, você tem que comprar, tomar emprestado, ter cuidado porque o livro é de outra pessoa. A biblioteca tem dia pra devolver aí você tem que eu ir lá renovar. Aqui é prático, você baixa, lê, a hora que você quiser parar de ler você para, a hora que você quiser devolver, quando você quiser excluir você exclui, entendeu?

...

M_M_17_B2: Olha, eu peguei o gosto pela leitura já com o livro físico, só que eu acho que não leria tanto hoje se não fosse o *e-book*, porque não ia ter como ficar comprando, ia ter que ficar pegando emprestado. Com o *e-book* eu posso ler mais do que eu já leria, entendeu? [...]

E: É? E por que você começou a ler *fanfic*? Por que você começou a ler depois que, é ... comprou o celular, começou a ler *fanfiction*?

D_F_16_D: Ah porque ... eu gosto, só que ler no computador eu não, eu acabo fazendo outras coisas no computador, eu acabo não lendo, e quando eu tô no celular eu já, e eu estiver à toa, eu já interesse e leio.

Pelos dados acima, uma questão interessante se ressalta: há leitores jovens que não confundem o prazer do impresso com a praticidade digital. Além disso, uma grande diferença está em buscar ou ser interpelado por alguma informação que faz o leitor chegar à obra. Mas ter os dispositivos digitais e não ter um acesso à Internet banda larga, em casa, ou um plano de dados móveis com alta velocidade e com estabilidade de transmissão dificulta o acesso às obras literárias digitais e a uma experiência de leitura literária sem restrição técnica. Ou seja, o leitor jovem poderia ler a obra e ao mesmo tempo acessar um dicionário para tirar dúvidas sobre palavras desconhecidas, buscar informações sobre o contexto da história, assistir a um *vlog* de um *youtuber* ou ouvir um *podcast* com comentários sobre a obra. Enfim,

uma diversidade de leituras que complementaríamos a leitura literária, já que outros gêneros, vídeos e áudios agregados à obra literária se tornariam acessíveis no mesmo momento e suporte, mas que demandam uma Internet de alta velocidade para comportar o uso elevado de dados.

M_M_17_B2: É que não tenho Internet o tempo todo, né?

E: Ah, tá.

M_M_17_B2: E sem Internet/

E: Você tem Internet móvel, não?

M_M_17_B2: Tenho, mas é muito ruim, entendeu? É muito ruim mesmo.

E: É mesmo?

M_M_17_B2: É antigo, nem é beta, a qualidade é muito ruim.

E: É lento.

M_M_17_B2: É, é muito lento.

E: Entendi, mas você não faz esse tipo de, de busca, por exemplo, você tá lendo no digital, lendo ele no celular.

M_M_17_B2: Hum

E: Você não faz, tá com alguma dúvida, você não faz, essa busca, não?

M_M_17_B2: Não, se eu não tivesse, se eu estiver com uma Internet ruim, muito ruim, depois eu faço, eu pesquiso, se eu lembrar ... ou eu deixo (em branco) para depois eu saber

E: Mas geralmente, você já fez essa busca alguma vez? No celular? Ler, tá lendo no celular, aí, acha alguma coisa diferente, não sabia, e fez a busca no celular, ou não?

M_M_17_B2: Não, no celular, não.

E: Hum.

M_M_17_B2: Não que eu lembre. Acho que faço no computador mesmo, que é mais rápido, mais fácil e ... entendeu?

Verificamos, no trecho acima, que M_M_17_B2 deixa de utilizar uma possibilidade existente, a de buscar na Internet algo que solucione suas dúvidas durante a leitura, por não ter uma Internet de alta velocidade no seu *smartphone*. Buscar a informação desejada no celular do colega ou de quem está próximo, na biblioteca da escola, ou perguntar para alguém que esteja próximo não são, em geral, as alternativas escolhidas pelos leitores jovens que estão imersos na cultura digital. Sua primeira opção, segundo os dados coletados nas entrevistas, é a Internet, ademais, a leitura ainda é, em geral, um ato solitário e as demandas desse ato também são realizadas pelo próprio leitor jovem.

S_M_19, colega de M_M_17_B2, destaca a importância de um dispositivo digital específico para a leitura de literatura digitalizada, como dispositivos digitais chamados “leitores digitais”, que possuem uma tecnologia que oferece mais conforto

aos olhos durante a leitura. Para o jovem, a aquisição de um dispositivo de leitor digital ampliaria suas leituras literárias.

E: Ah...não quis comprar...entendeu?

S_M_19: Mas a partir do momento...que eu precisar fazer mais leituras e tudo mais...tendo o *kindle* por exemplo...já mata um problemão...pra você não ter que ficar carregando livros...entendeu?

E: Você acha...que você iria migrar pro...digital...pra ler literatura...livros de literatura...

S_M_19: Não...tranquilamente...porque é um aparelho específico pra leitura...entendeu?

E: Entendi...

S_M_19: Então não é nocivo à visão...então é bem tranquilo...

E: Entendi...acha que o dispositivo atrapalha um pouco...por exemplo...ler no celular ou ler no computador?

S_M_19: Ler no computador... atrapalha...

Os chamados leitores digitais são comercializados por valores diferenciados, dependendo das funções que possuem, mas, se comparados com os valores comercializados dos *smartphones*, o preço não é tão distinto, o que indicia que a aquisição de um dispositivo de leitor digital não é um objeto de desejo dos leitores jovens por possuir poucas funções em relação aos *smartphones*. Ademais, estes fazem as vezes do leitor digital e, ainda, possibilitam o acesso às informações do universo literário, obras, autores, recomendações, livrarias via seus *smartphones* ou computadores, sem a necessidade de deslocamento a espaços físicos que ofertam esse tipo de bem cultural, como as bibliotecas e as livrarias.

As redes sociais, os *posts* de colegas via aplicativos de mensagens instantâneas, os *blogs*, *vlogs*, *sites* e toda a rede de sociabilidade literária na Internet impulsionam as práticas de leitura literária digital. Os leitores jovens apontam, nos trechos abaixo, a importância da Internet para conhecer as possibilidades de leitura literária e os lançamentos de obras; para ler os comentários e as resenhas dos livros de interesse; para baixá-los ou ler on-line digitalizados; para adquiri-los na livraria ou conhecer obras semelhantes relacionadas aos seus interesses.

E: Começou a ... a ler mais literatura por causa disso? Você acha? Ou não?

P_M_17_C1: Não, eu acho que, não, eu comecei a me interessar mais.

E: Interessar mais por literatura?

P_M_17_C1: Hum rum, eu posso ... agora eu tenho muito livro em mente, que eu quero ler.

E: Ah ...

P_M_17_C1: É tipo por isso, entro lá na loja para comprar um, e tô sempre passando, ah, esse aqui me interessa, esse me interessa também.

E: Hum rum

P_M_17_C1: Agora quando no ... no digital, no ... no impresso é meio difícil, que eu vou lá na loja comprar, eu simplesmente vou lá, pego o meu livro e vou embora.

E: Ah, você não fica andando, perambulando pela livraria.

P_M_17_C1: Até fico, mas eu olho as capas, e ... só isso, às vezes eu abro um pouquinho e leio pouco do livro.

E: Ah

P_M_17_C1: Muitos livros eu não tenho ideia de por onde-

E: Começar.

P_M_17_C1: É, de seguir, por onde, o que me, para eu ir olhar lá dentro.

E: Mas o digital, mas aí ... eu tô querendo entender.

P_M_17_C1: O digital, isso acontece.

E: É.

P_M_17_C1: Eu entro na ... por exemplo, o *The Game of Thrones*, eu entro lá na página, para comprar o livro.

E: Hum rum

P_M_17_C1: Aí tem lá, quem leu *The Game of Thrones* também leu ...

E: Isso.

P_M_17_C1: Aí tem lá as opções, aí eu entro nesse outro livro, leio um pouquinho.

E: Mas você não acha que é muito ... tem muito mais possibilidades na Internet? Ou não? Ou na livraria, fisicamente.

P_M_17_C1: Porque na livraria eu vou pegar o livro *The Game of Thrones* e vou falar, qual desses outros livros aqui, também ... vou gostar, sendo que eu gosto desse? Só se tiver alguém lá para me falar.

E: Entendi.

P_M_17_C1: Alguém lá que tá muito preocupado, alguém lá do meu lado, ó, eu li esse livro também e gostei desse aqui.

E: Entendi.

P_M_17_C1: Enquanto que eu tenho várias pessoas falando isso, entendeu?

E: Entendi, facilita.

P_M_17_C1: Se eu leio bastante, aí vou encontrar, mais livros, que estou interessado.

E: Ah ...

P_M_17_C1: Eu acho que me fez ler mais, mas, fez eu me interessar mais por

E: Opções de literatura.

P_M_17_C1: É, bem mais.

E: Fez você ter interesse em outros livros,

P_M_17_C1: Os Pilares da Terra eu conheci assim, na página do *The Game of Thrones*, tava lá, todos os livros do *Game of Thrones*, quem gostou desse livro, também gostou...

M_F_17_B2: Olha, no computador, eu acho mais fácil, né, porque aí, eu posso procurar alguns sites, tem, para mim poder ... ler de graça, agora, igual, tem bastante livro, que... que eu quero ler, vamos supor que não tenha na biblioteca na escola, aí tem que comprar.

E: Hum rum

M_F_17_B2: Então é mais difícil, se eu não tiver dinheiro na hora.

E: Hum rum

M_F_17_B2: Se eu não tiver dinheiro

E: Hum rum

M_F_17_B2: no mês

E: Hum rum

M_F_17_B2: Então é mais difícil.

E: Hum rum

M_F_17_B2: Internet, não, você não tem que ter aqui mesmo.

E: Então a Internet é um local pra você...importante pra você pra leitura?

G_F_17_B1: Sim...com certeza...

E: Porquê?

G_F_17_B1: Porque...às vezes você vai numa biblioteca...você procura a biblioteca inteira e...acha coisa interessante...mas não acha aquilo que te chama atenção assim...e aí quando você vê na Internet...por exemplo...desse autor que eu gosto...aí eu vejo na Internet que saiu algum livro dele...aí eu vou na biblioteca já na intenção de pegar esse livro...sabe? aí você mesmo lá na Leitura por exemplo...aí tem pessoas que tão olhando o mesmo livro e fala...ai...porque eu gosto muito desse livro...você vai gostar de tal com o livro...aí na/na.. Leitura mesmo você conhece as pessoas...as pessoas te indicam outros livros... e aí a partir de uma coi/de um comentário na Internet...de uma postagem de alguém...de alguma coisa assim...sabe?

E: Você acha que é melhor? O espaço da Internet pra... é melhor para...pra...ter acesso? Assim...aos livros...

G_F_17_B1: Acho que sim...porque gosto muito de tá na Leitura mesmo que eu não for comprar nada...tenho uma amiga que ela tem a mesma loucura que eu...ela chama Jéssica...ela se formou agora...e ela chega assim na Leitura e assim...brota lá...mesmo que não seja/não seja pra comprar nada e tal...a gente sempre tá indo lá...sempre quando a gente vai no shopping a gente passa na Leitura...

E: aham...

G_F_17_B1: e aí...às vezes a gente procura alguma coisa assim...que nem eu te falei...num chama a atenção aqueles livros que você olhou...porque que aí você dá uma passadinha rápida...aí você lê umas resenhas...que acompanha... você tá com pressa...aí você sai tipo sem...sem um livro que você tá com vontade de ler sabe...e quando já olha na Internet...você já vê a resenha daquele livro...você já conhece a história...você já vai com a ideia de que você quer comprar aquele livro...

E: Ah...entendi...legal isso...

G_F_17_B1: É mais...é mais interessante selecionar assim os livros...pela Internet...é...é uma rede mesmo...é uma rede que te leva a outra...que te leva a outra...que te leva a outra...

...

G_F_17_B1: Então, quando você tá na mão é muito mais prático...e outra que...eu acho que...quando você tem mais redes porque...por exemplo...no computador tem site e tem *facebook*...no celular tem *instagram*...tem *twitter*...tem site...tem *facebook*...tem *whatsapp*...tem tudo...então é muito mais...mais áreas pra você procurar...muito mais fácil de achar outras pessoas...

....

E: Quê que mudou assim...no que diz respeito a leitura, por exemplo?Ou acesso a essa rede aí que você está falando de informações sobre a leitura?

G_F_17_B1: Ficou... nó... muito mais fácil... mas parece que cai na sua mão assim...porque... é...vou voltar ao ponto inicial...porque...você sempre vai conhecendo outras pessoas que gostam...e tem também...tem muitos sites...muito....enfim...muitos grupos que tem... por exemplo...você gosta de tal livro...aí eles fazem um grupo na Internet... Você conhece o *whatsapp*, né?

R_M_15_C1: Mas comprar ele *on-line* eu acho que também é um pouquinho melhor por causa que você compra ele na hora... você já pode começar a ler... o impresso você tem que ir lá no lugar pra comprar... aí vai lá você chega e o preço não é o mesmo que você esperava... você não tem dinheiro... você não pode comprar...

S_F_19: Geralmente quando era impresso eu via na mão dela na escola...aí eu queria tomar dela mas...aí quando era na Internet a gente passava o *link* uma pra outra...eu acho que por isso que a Internet é legal...porque...não é uma coisa material...não é só seu...você pode compartilhar com várias pessoas...(Colega da D_F_16_D)

MSVJ_F_16_B2: Com as redes sociais fica muito mais fácil de encontrar algo que nos interessa, então sempre no *twitter*, por exemplo, fico sabendo de textos famosos que estão “rodando” pela Internet e pesquiso sobre. (Dado obtido do questionário 2).

Leveratto e Leontsini (2008) destacam a importância da Internet para essas “conversas estéticas”. Para os autores, essa rede de sociabilidade literária na Internet cria uma comunidade de escrita que antes era possível apenas nos espaços destinados à circulação da literatura, como bibliotecas e teatros. O espaço doméstico ou qualquer outro local é utilizado para as “conversas literárias”.

Comme le cercles des bibliothèques municipales, comme lès théâtres, Internet peut être le lieu où “l’écrit se vit dans la communauté”. Il suffit de voir le nombre de sites et de revues en ligne où l’internaute discute de ses goûts littéraires, recommande les livres que lui tiennent a coeur, dresse l’inventaire de sa bibliothèque idéale... Ainsi, la littérature n’est plus assimilée à une “actualité culturelle et commerciale que l’on subit, que l’on consomme passivement.”⁵⁶ (LEVERATTO E LEONTSINI, 2008, p. 26.)

Se o leitor jovem possui um maior acesso aos dispositivos digitais e à Internet, isso ainda não é suficiente para desenvolver disposições favoráveis às práticas de leitura literária digital. Será necessário o interesse pela cultura digital, ou seja, no cotidiano da vida dos jovens, os usos recorrentes da cultura digital, em práticas de leitura e escrita diversas e em atividades de entretenimento, podem levá-los a práticas de leitura e escrita literárias digitais. Essas práticas mais frequentes estão relacionadas, também, conforme os trechos abaixo, às habilidades relativas ao uso de dispositivos digitais.

E: Você acha que isso influencia você ler mais, ler mais no impresso, você acha que ... essas práticas digitais que você tem influenciam você ler, mais, é, ou ler, em dispositivo digital? Então, por exemplo, se você não tivesse, fosse uma pessoa que fosse, gostasse de mexer em computador, em celular, que não ... tivesse, não soubesse mexer muito nisso.

G_F_17_B1: Ah, sim.

E: Você iria ler, no digital? Você iria ter essas práticas digitais?

G_F_17_B1: Não.

E: Ou você ia continuar no impresso? O que você acha?

G_F_17_B1: Eu acredito que não, porque ... antes de começar a entrevista, eu sabia mais ou menos o quê que era leitura digital.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Mas assim, é ... não tinha acesso ... não conversava com pessoas que tinham, é ... tanto que até depois da entrevista, os meus amigos que não tem muito, que nem a Stéfane, ela me deu várias dicas, mas ela mesmo não sabia tanto que ela buscou com outros amigos.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Então é ... assim a gente não conversa muito sobre onde pegou o livro, como faz...

E: Hum rum

⁵⁶ Como o círculo das bibliotecas municipais, como os teatros, Internet pode ser o lugar onde “o escrito se vive dentro da comunidade”. Basta ver o número de sites e de revista online onde o internauta conversa sobre seus gostos literários, recomenda os livros que são importantes por ele, monta o inventário da sua biblioteca ideal... dessa forma, a literatura não está mais assimilada a uma “atualidade cultural e comercial que recebemos, que consumemos passivamente. (LEVERATTO E LEONTSINI, 2008, p. 26.)

G_F_17_B1: Para conseguir esse livro no digital, então se eu nem eu sei, que mexo tanto, se eu fosse uma pessoa que não tivesse, é ... costume de ler, e tal, eu não iria

E: De entrar na Internet, mexer no computador.

G_F_17_B1: É, eu não ia ter a mínima ideia, que, existiam livros.

E: Hum rum, então,

G_F_17_B1: Eu acho que isso é muito pouco divulgado, assim.

E: É? Você acha?

G_F_17_B1: Hum rum, os, os professores, que nem você, me fez, uma ... pergunta e eu parei tipo, nossa, realmente, eles não indicam nenhum livro na Internet.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Eles falam, olha, é ... você pode procurar em sebo, por exemplo, tem muitos livros lá e tal, mas nunca na leitura digital, olha, tem esse site, que tem um tanto de livro, nunca.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Eu acho que é muito pouco conhecido, é muito pouco divulgado.

M_F_17_B2: Olha, eu acho, assim, para quem, gosta, tipo assim, mesmo quem não sabe mexer e gosta, tipo ... de ler, e se interessar por aquilo, igual, a literatura digital é muito bacana, é muito interessante, é uma coisa bem diferente, eu nunca tinha visto,

E: Hum rum

M_F_17_B2: Então assim, se a pessoa gostar, mesmo se ela não saber mexer, eu acho que ela pode se interessar, agora tem gente que não gosta mesmo de mexer, aí eu acho que ...

E: Hum rum

M_F_17_B2: Aí eu não acho que deve se interessar muito não ...

E: Entendi, mas você acha que, é... quem tem mais prática, com tecnologia, acaba tendo, uma... uma...

M_F_17_B2: Uma vontade maior de mexer? Eu acho que sim.

E: [...] Você acha que essa prática de ... fazer leitura no ... com os jogos de ficção interativa, você, é... isso acontece porque você, é... tem acesso a dispositivos digitais, tem uma prática com Internet, você acha que tem a ver ... uma coisa com a outra?

R_M_15_C1: Tem.

E: Tem? Por quê?

R_M_15_C1: Hum...

E: Vamos supor, você usa muito Internet.

R_M_15_C1: Hum.

E: Você usa muito dispositivo digital. Qual é a relação disso, que você acha, o que você vê, por que você acha que isso tem a ver com os seus jogos, suas leituras de ficção interativa? Você acha que não fizesse muito, você jogaria?

R_M_15_C1: Acho que se eu não, assim, não jogasse, muito, esse jogo, eu não acho que eu teria interesse assim, não.

E: Em quê?

R_M_15_C1: Em jogar, ficção interativa, porque tipo ... eu ia ficar olhando para aquilo, o que eu faço?

E: Hum rum.

R_M_15_C1: Qual que é o objetivo desse jogo? Como é que eu ganho?

E: Hum rum.

R_M_15_C1: Então?

E: Você que quem mexe com computador, com Internet, com dispositivo digital, acaba tendo um pouco mais de interesse?

R_M_15_C1: Sim.

E: É? Para você foi importante?

R_M_15_C1: Foi.

E: É? Você sempre gostou? De mexer em computador, Internet, como é que foi esse ... interesse seu?

R_M_15_C1: Eu sempre gostei, depois que eu descobri um jogo lá, aí eu comecei a mexer mais, aí acabei gostando.

E: Entendi. Mas você acha, por exemplo, quem não tem ... não joga muito, tem algum colega seu que não gosta de Internet, de computador, você conhece alguém?

R_M_15_C1: Hum ...

E: Existe alguém que não goste (risos)?

R_M_15_C1: Não ... o Mateus ali da frente, ele só joga mancraft e é muito difícil/

E: E mais nada

R_M_15_C1: /Ele jogar

E: Hum rum. E, mais nada.

R_M_15_C1: É, mais nada.

E: Ele, por exemplo, você acha que ele vai se interessar, por ficção interativa?

R_M_15_C1: Nunca.

E: (Risos)

R_M_15_C1: Ele, ele é o cara, que mais, toda é toda terça aqui tem um negócio na rua, aí eu vou lá para a casa do meu vizinho, para jogar com ele, que eu gosto de jogar com ele.

E: Hum rum .

R_M_15_C1: Aí o Mateus, ele também vai lá para ficar sabe, ah, vamos jogar bola, para, sai daí, desse computador, vai jogar bola, aí ele fica a noite inteira, falando.

E: Falando no ouvido de vocês.

R_M_15_C1: É.

E: Que você não sai da frente do computador e ele fica lá.

R_M_15_C1: Se não, se a gente não for, aí, só, vai ter a Laura ali para jogar com ele.

E: (Risos)

R_M_15_C1: Aí não tem muita graça, ela e o Artur daqui do lado.

E: Tô vendo.

R_M_15_C1: Aí não tem muita graça, aí ele fica lá, falando para jogar bola, com ele.

E: Vocês não vão de jeito nenhum.

R_M_15_C1: Não ...

E: (Risos)

R_M_15_C1: Só se o pai, o pai e a mãe dos meninos ali da frente falar

E: Sai.

R_M_15_C1: O Mateus, ele também vai lá para ficar sabe, "ah, vamos jogar bola!", "Para!", "Sai daí, desse computador!", "Vai jogar bola!", aí ele fica a noite inteira, falando isso!

E: Falando no ouvindo de vocês! E vocês não saem de frente do computador e ele fica lá...

...

E: Mas fora então... Mateus não é então... o tipo então, né, que nem ia gostar muito?

R_M_15_C1: Não.

E: Então você, você acha que tem a ver, então, essa relação com, você mexer muito, com a Internet, computador, e acabar jogando mais com ficção interativa ... talvez mexendo, igual você fez, você ... olha, é... "eu vi, eu li o livro Percy Jackson, e fui lá e dei uma olhadinha no blog!", você acha que uma pessoa que, tem ... que mexe com Internet, aliás, que não mexe com Internet, que, que ... é, é ... não mexe com computador ia fazer isso? Por exemplo?

R_M_15_C1: Não. Eu também não, é só por causa de ... mexer com computador que eu gosto, eu também gosto de digitar em inglês.

E: Ah, tá.

R_M_15_C1: Eu acho melhor.

E: Entendi, por isso você ... por isso você ... joga ficção interativa? Ah... tem a ver com a língua inglesa.

R_M_15_C1: É.

E: [...] você acha que as suas práticas de... com ... o dispositivo digital ... é ... o que você faz na Internet, é ... o que você faz com o computador, com o celular, com o *tablet*, você como usuário de tecnologia, é ... isso ... faz com que você, leia mais é ... ou se interesse por literatura em dispositivos digitais ou não?

D_F_16_D: Eu acho que sim porque ... quando a pessoa tem facilidade de ... em procurar alguma coisa, ela acaba... ela acaba lendo, agora se a pessoa tiver dificuldade em achar, ela vai desistir.

E: Entendi.

D_F_16_D: Entendeu?

E: E você? E você em relação a isso? Você acha que, por você ter, uma ... desenvoltura maior ... uma prática maior com tecnologia, você se mobiliza mais para ler, em dispositivo digital? Ou isso não tem nada a ver?

D_F_16_D: Eu acho que sim.

E: É? Por quê?

D_F_16_D: Porque, se eu não tivesse essa prática com tecnologia, talvez eu não leria virtualmente.

E: Você acha que não?

D_F_16_D: Eu acho que sim.

E: Faz diferença?

D_F_16_D: Faz.

E: Saber um pouco mais ...

D_F_16_D: Hum rum

E: Como é que você, eu lembro que você disse para mim, por exemplo, para ... achar as *fanfiction*, tem que ter algum conhecimento, você acha? De tecnologia?

D_F_16_D: Não tanto, você só tem que ... entrar na Internet, digitar a fanfic que você quer e ... baixar lá.

E: Você acha que quem não tem uma prática muito grande com computador, Internet, com celular, com o que for, com o dispositivo digital, ela vai procurar menos?

D_F_16_D: Vai ... ela vai ... provavelmente ela vai procurar um site ruim,ela vai acabar desistindo, não vai acabar gostando.

E: Ah... tá

D_F_16_D: Então ela vai ter dificuldade de achar uma fanfic boa.

E: O que você faz no seu celular, assim, por exemplo, é, você acha que, por exemplo, a sua, ter mais habilidade, hum...mexer no computador, mexer com celular, mexer com dispositivos digitais faz com que você leia mais no dispositivo digital? Ou você acha, por exemplo, se não mexesse muito no computador, não mexesse muito no celular, não fosse tão assim...não gostasse tanto, você leria, menos, no digital, ou leria mais no impresso?

M_M_17_B2: Eu acho que sim, né? Porque eu conheço gente, por exemplo, que não tem muito conhecimento de computador, gente que provavelmente não conhece, é, que teria como baixar o livro. E eu usei computador por muito tempo e não sabia que tinha como fazer isso.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: É...às vezes a pessoa não gosta muito de computador, não gosta e prefere só ler o impresso, porque o digital é mais difícil de ler.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: A minha vista não dói, então não faz diferença.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: E...eu acho que não tem muita diferença não, né!

E: Não.

E: Mas tem, como você gosta muito de tecnologia, de dispo/, de mexer muito em computador, Internet, igual você falou, você tem mais, acaba indo, um pouco, tendo uma relação com essa literatura, lendo na... na tela. Fazendo essa leitura na tela.

M_M_17_B2: Isso.

E: Talvez, se você não tivesse essa relação muito, não gostasse muito, talvez você não leria? Você acha?

M_M_17_B2: É, acho que sim.

Os leitores jovens apontam diversas limitações para jovens que não possuem muitas habilidades com os dispositivos digitais ou têm pouco conhecimento sobre a cultura digital: pouca divulgação das obras literárias digitais;pouco acesso, visto que os professores não recomendam leituras literárias digitais;desconhecimento de como localizar as melhores obras e sites e de como jogar. Esses são alguns dos obstáculos com que um leitor jovem iniciante de leitura literária digital pode se deparar.

Para Hayles (2009), os diferentes níveis de experiências literárias, oriundas de prática de leitura no suporte impresso e de conhecimentos e habilidades em torno dos dispositivos digitais, não são obstáculos para a compreensão das obras de

literatura digital. No entanto, os efeitos que essas obras irão provocar nos diversos leitores serão diferentes. Assim, a literatura digital em que esses vários níveis sejam acionados gera novos tipos de apreciações.

Alguns usuários podem chegar à literatura eletrônica com estratégias de leitura sofisticadas desenvolvidas na tradição impressa, mas com expectativas ingênuas sobre o código de computador e pouca experiência com jogos de computador, sites de realidade persistente e outras formas de arte mediadas por computador; outros usuários podem chegar a isso com as qualificações inversas, tendo experiência considerável com formas mediadas por computador, mas pouca experiência com a leitura e a compreensão de literatura impressa. [...] Essas diferenças longe de serem obstáculos para a compreensão, constituem o terreno irregular no qual a literatura eletrônica joga, com seus efeitos sendo intensificados pelos diversos conhecimentos que ela mobiliza e as conexões nascentes que ela forja. (HAYLES, 2009, p. 145).

Um dos caminhos mais divulgados para acessar literatura digitalizada e que possibilita transpor uma das barreiras de acesso apontadas pelos leitores jovens advém das estratégias de marketing dos sites de livrarias e dos aplicativos de venda de livros literários que disponibilizam algumas páginas do livro de amostra para o leitor, que permitem que, de qualquer lugar, ele possa conhecer os livros do seu interesse. Essa possibilidade não é nova, as bibliotecas e as livrarias também permitem ao leitor ler as primeiras páginas, quiçá, o livro inteiro. A inovação se dá no âmbito da praticidade de o leitor jovem poder realizar a leitura sem sair de casa.

E: Você fez assim, e você ... desses que você leu, primeiro, você acha importante ter, você acha que é legal isso de ter, esse acesso a essas dez páginas para você ler/

G_F_17_B1: Eu acho que eu leria//

E: /os livros?

G_F_17_B1: //o livro inteiro, porque, seria nossa, seria muito mais fácil de ler livro, imagina, cê ter um livro a hora que você quisesse, disponível quando quisesse, ler onde você quisesse, mas é... eu acho importante, sim, ter ... essas primeiras páginas, porque... às vezes você vai, a pessoa não gosta tanto de ler assim, mas aí, eu recomendo um livro para ela, aí, ela vai pegar, pra ler, e acha aquele livro um saco e aí quando não tem o livro ali, e ela pode ler as dez primeiras páginas, ela vai encontrar alguma coisa, não é possível que, entre milhões de livros, ela não vai encontrar, sabe?

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Alguma coisa que ... ela goste, alguma coisa que ela siga interessada, e aí ela vai buscar saber

E: Entendi.

G_F_17_B1: Talvez ela ... comece a gostar, né? E crie o hábito.

P_M_17_C1: Igual no *Kindle* que eu uso para ler. A maioria dos livros que eu gosto tem lá uma versão de amostra para você ler, sei lá, de umas 20 páginas. E aí eu começo a ler e vejo se eu estou gostando... igual eu baixei a versão de amostra da série *O Guia dos Mochileiros das Galáxias*, que são três livros, e eu baixei uma amostra do primeiro e são umas 25 páginas, e aí se eu gostar eu vou comprar a versão digital dos três.

Há um aspecto que precisa ser ressaltado: enquanto a leitura de obras literárias no impresso parece exigir um compromisso com a continuidade da leitura, o acesso fácil a trechos das obras digitalizadas, que já é em si uma forma de leitura, não exige esse mesmo compromisso. Tendo em vista essa prática, estariam os leitores jovens que têm acesso às tecnologias digitais lendo mais trechos e menos obras inteiras? Quando cruzamos com dados quantitativos sobre os modos de leitura literária digital, constatamos uma primazia de leituras literárias somente de partes das obras do que das obras inteiras.

As condições relacionadas ao envolvimento na cultura digital elencadas pelos leitores jovens, que possibilitariam que eles tivessem disposições favoráveis para as práticas de leitura literária digital, podem dificultar a ampliação das experiências literárias dos jovens. A despeito dos diversos níveis de experiência literária de jovens leitores no suporte impresso, não se pode desconsiderar as produções cada vez mais presentes de literatura digital e digitalizada para a formação dos leitores jovens. Afinal, segundo Hayles (2009, p. 185), “os livros não vão desaparecer, mas também não vão escapar dos efeitos das tecnologias digitais que os interpenetram. Mais que um modo de produção material (embora o seja), a digitalidade tornou-se a condição textual da literatura do século XXI”.

5.3 Preferência de suporte

Ler em suporte digital ou em suporte impresso demanda gestos, comportamentos e disposições diferentes, conforme já indicado em várias obras de Roger Chartier sobre a relação entre impressos e formas de ler e leitura e, em cada tempo, como convivem os modos de ler com as mutações tecnológicas e culturais. O suporte escolhido pelo leitor jovem para ler literatura será aquele que lhe trará mais

conforto no ato de ler, mais facilidade de acesso às obras desejadas, além do gosto específico pelo digital ou pelo impresso, dentre outros fatores. Quando perguntados sobre a preferência em ler literatura, se em suporte impresso ou em suporte digital, os seis leitores jovens se dividiram igualmente entre aqueles que preferem ler no impresso e os que optam por realizar leituras literárias em suporte digital, diferentemente dos dados quantitativos, que apresentaram índices bem superiores de preferência dos jovens pela leitura literária em suporte impresso, tanto no corpus geral do questionário 1 quanto no corpus filtrado.

Os três leitores jovens, M_F_17_B2, D_F_16_D e G_F_17_B1, indicaram a preferência pelo suporte impresso. Quando questionados sobre o motivo pelo qual optam pelo impresso, as justificativas são relacionadas ao desconforto que a luminosidade dos dispositivos digitais causa no ato da leitura e também à distração advinda das notificações das redes sociais.

M_F_17_B2: Porque às vezes me dá dor de cabeça ficar lendo porque dependendo de onde que a gente acha o livro, porque não são todos também que tem *online*, às vezes a escrita não está muito boa, às vezes, dependendo do horário, a luz do computador incomoda um pouco a visão. E também eu prefiro o mais prático, que é o livro.

M_F_17_B2: É, e eu foco mais ali porque no computador eu acho que a luz atrapalha e às vezes eu paro de ler e entro numa outra coisa, no *Facebook*, e aí no livro não, eu fico ali e imagino mais as coisas.

D_F_16_D: Porque o digital você acaba cansando mais rápido, tanto as vistas quanto...quanto... eu acho mais confortável ter em mãos o livro.

P: Mas é por uma questão física que você... confortável por que, como assim confortável?

D_F_16_D: Física. Porque com o livro, você pode... escolher um ambiente melhor, uma iluminação melhor. Agora, no computador ou no *tablet*... tanto a... ilumi... a... a claridade que sai do computador é um pouco meio que... dá desconforto na visão, sabe?

G_F_17_B1: Eu acho muito melhor... eu acho muito mais gostoso você ter um livro... o cheiro do livro... você... eu gosto muito mais do impresso... mas eu não ligo de ler pelo celular, sabe? Mas quando eu leio pelo celular eu acho que eu distraio muito... aí alguém manda mensagem, aí você vai responder... aí você para de ler... aí você perde... aí você volta... aí você está nem mais... prestando atenção na história... aí a pessoa te responde... aí você vai e responde ela de novo... então... nunca que dá certo... eu gosto do livro mesmo... de tirar um espaço... de tirar um tempo pra poder ler...

Esses depoimentos mostram que existe um ambiente da obra impressa ou um ambiente digital/tela que podem ajudar a focalizar ou a dispersar, ou seja, um movimento entre o que se pode fazer com a tela (inúmeras coisas) e o que se pode fazer com uma obra impressa (a focalização e um tipo de imaginação), embora citem, também, o ambiente externo ao suporte como uma das condicionantes da forma de leitura.

Os colegas dos leitores jovens apontam, também, o suporte impresso como preferido para a leitura literária. Essa opção se refere a uma relação com o objeto livro, por usufruírem de uma ambiência de leitura em suporte impresso que ainda envolve outro tipo de sentido, como o olfato, ou por sentirem um maior desconforto nas vistas quando leem obras maiores. Daí observa-se uma preferência relacionada ao tipo de obra lida.

S_F_19: Eu acho mais confortável papel...tanto por um problema de visão...tanto...sei lá...eu gosto da folha bege...lá...tem cheiro do livro assim...eu gosto...só que as condições econômicas não permitem...ficar comprando livro demais... minha mãe também não gosta de ficar comprando muito não coitada...ela compra um livro pra mim...no outro dia eu já terminei ele...ela falou assim que ela nem terminou de pagar o livro eu já li...

...

E: [...] você prefere...ler no impresso ou no digital...no final das contas...

S_F_19: Eu prefiro impresso...

L_F_18: Sim...eu gosto de ler...mais convencional...eu gosto de ler mais livro normal...

E: Impresso...

L_F_18: É...[...]

...

L_F_18: Ah...é porque aqui ó...é igual...se você quiser eu até te mostro...ali é cheio de livro...minha tia lê muito...então tem muita influência sabe? Tem uma estante assim cheia de livro...aí eu já acostumei...acho que como ela já...eu é mais influência de ler...livro normal.

S_M_19: Ah...eu tinha...eu buscava/já... já li alguns...esse aqui mesmo que eu tô com ele na mão eu...já procurei a versão dele digitalizada e achei...só que...por ser livro...é uma leitura que demanda mais tempo...aí se eu ficar na frente do celular ou...do computador muito tempo...eu não gostava...

E: Entendi...

S_M_19: Entendeu...aí...por isso...quando se trata de livro...aí eu pego o físico...

E: Você pega o...prefere impresso?

S_M_19: Prefiro impresso...

Ressalta-se, conforme apontam G_F_17_B1 e P_M_17_C1, que o valor do livro digitalizado ainda é caro em relação ao impresso, e essa informação diz respeito a edições comerciais com controle de acesso, o que desmotiva aqueles que gostam do suporte impresso a adquirir obras literárias digitalizadas.

E: Você não tem interesse nenhum em comprar pela Internet?

G_F_17_B1: Ah... não sei... eu realmente gosto do impresso, sabe? Se fosse, sei lá..., um preço muito barato... tivesse uma promoção assim... eu até investiria e tal... mas é... geralmente é a metade do preço... aí você junta o resto... aí você compra seu livro impresso... por exemplo... pra você ter ele pelo resto da vida assim... eu prefiro...

E: É mais barato do que o impresso ou não?

P_M_17_C1: Tipo este aqui [mostrando o livro no *site* de compra pelo *tablet*, ele impresso é 50, e, tipo assim, este aqui está vendendo bastante, parece porque eu já achei promoção dele de 20 a 50. E no digital eu não gostei muito porque na hora que eu fui na *Amazon* comprar, ele estava o mesmo preço do impresso, o que me desanimou um pouco.

E: Desanimou o digital?

P_M_17_C1: Me desanimou o digital, eu não comprei ele ainda porque ele está o mesmo preço do impresso. Se ele fosse mais barato eu já teria comprado.

...

P_M_17_C1: O digital eu acho que devia ser mais barato...porque...ia vender muito mais. Tenho essa ideia de que tinha que ser mais barato. Não ter que ficar gastando dinheiro com papel...só ter que fazer um e disponibilizar para todo mundo.

E: Humhum...

P_M_17_C1: Eu preferia que fosse mais barato. Mais barato dá muito mais vontade de comprar do que...

Em contrapartida, considerando não o ato de leitura, mas o peso do suporte ou facilidade de acesso, P_M_17_C1, M_M_17_B2 e R_M_15_C1 indicaram preferir os suportes digitais para a leitura literária. O acesso e a praticidade em ter a obra digitalizada nas mãos quando desejar são as justificativas pela preferência do suporte digital.

E: Mas por que é que você prefere o digital?

P_M_17_C1: Porque é mais prático de levar, por exemplo, se eu quero estar lendo três livros ao mesmo tempo e quero ter eles a qualquer momento, é mais fácil ter no *tablet* os três livros lá, do que

eu ter que carregar os três livros. Uma questão de praticidade mesmo, para onde eu quero levar. Igual, livro é bem pesado e ter que levar outros ainda... fica difícil.

M_M_17_B2: Internet, no *site* mesmo, procuro no *book*, às vezes eu baixo no meu celular, o meu celular tem suporte. Eu consigo ler pelo celular mesmo e baixo as pastas.

E: Mais rápida a leitura ou mais rápido o acesso?

M_M_17_B2: O acesso.

E: O acesso?

M_M_17_B2: O acesso.

E: Por isso é melhor?

M_M_17_B2: Isso, é melhor, eu acho.

M_M_17_B2: Pela facilidade de conseguir ler sem ter que comprar ou sem ter que se locomover até a biblioteca e etc. Acesso mais fácil, como você disse.

L_F_18, colega de M_F_17_B2, acrescenta que o valor comercial do livro digitalizado e os espaços para armazená-lo são atrativos para realizar leitura literária digital.

L_F_18: É diferente...é mais prático...é acesso pra todo mundo...é mais...em conta né? Porque um livro...é caro...é legal...tem várias opções...né? Questões de...espaço...que você não gosta...tipo minha tia gasta um espaço enorme pra guardar livro...tem...é bem mais bacana digital...nessas questões...

A preferência pelo digital de R_M_15_C1 também parece estar relacionada ao gênero específico da literatura digital e às sociabilidades decorrentes dele. Para ele, ler literatura digital, como gêneros colaborativos que possibilitam uma participação do leitor durante a produção da obra literária, ocorre somente com o suporte digital. Mas quando é para ler um livro, sua preferência recai sobre o suporte impresso. No entanto, ele tem clareza da efemeridade que ameaça o armazenamento. Mas, há leitores que argumentam até pelo contrário, nesse caso, alegando fragilidade do impresso ao manuseio. L_M_15, colega de R_M_15_C1, corrobora com a premissa de que a escolha do suporte dependerá do tipo de obra que lhe interessa ler.

R_M_15_C1: Ah é... que tipo... eu não gosto muito do texto impresso que... é... o texto impresso pra você... fez ele acabou... você não pode mais editar ele... no texto digital... aí você faz um negócio... aí você pode... você pode ler os comentários do leitor... aí você pode... você pode pegar alguns comentários e você pode utilizar no seu próximo... no seu próximo texto assim...

...

R_M_15_C1: É... assim... eu prefiro um pouco ler o impresso quando é uma... um livro assim... eu prefiro um pouco impresso... que você pode ler ele sem precisar da Internet... assim...

E: Entendi...

R_M_15_C1: Mas... eu acho que o digital é um pouquinho melhor...

R_M_15_C1: Prefiro ler no digital... mas também eu gosto de comprar o livro... que comprar aí o livro é seu... aí você não corre o risco de perder ele assim pra sempre... mas no digital... se o seu dispositivo der algum problema... você vai perder o negócio...

L_M_15: Depende do que você quer...por exemplo...um livro...eu prefiro ler ele impresso...o mangá não...porque mangá são caros...são difíceis de se encontrar...assim...que você encontra na ordem certa...e é muito chato cuidar de um mangá...

E: Por quê?

L_M_15: Ele é muito...as capas geralmente são bem finas...o papel...se acontecer qualquer coisinha...se você jogar daqui...corre o risco de rasgar...é bem chato o negócio...dependendo do mangá...por exemplo...eu tinha um exemplar de Naruto...ele...eu peguei...folhee o negócio...rasgou...eu literalmente folhee...ele rasgou...

Existe uma relação de afeição com o objeto livro e com os gestos e os comportamentos relacionados ao ato de leitura literária nesse suporte. E que esses leitores jovens ambientados, desde pequenos, com o impresso, sentem prazer e nostalgia por essas experiências literárias por estarem muito envolvidos, também, com leitura de literatura digital. O toque no objeto, seu cheiro, o passar as páginas são alguns dos gestos e comportamentos da leitura literária de livros evocados pelos leitores jovens.

D_F_16_D: Mas eu não, perdi a vontade de ler virtualmente, assim, eu tô precisando de contato com o livro

E: Hum... tá. Mas como assim, perdeu a vontade?

D_F_16_D: Ah, eu não sei, eu desanimei. Faz tempo que eu não leio assim, no livro, mesmo.

E: No livro.

D_F_16_D: É.

E: Impresso.

D_F_16_D: Hum rum, o impresso.

E: Aí você tá com vontade de ler no livro.

D_F_16_D: Isso.

E: (Risos)

D_F_16_D: Isso, vontade de ler no livro.

E: Mas você não pensou em procurar ele, para dar uma olhada, como é que ele é ...

D_F_16_D: Não.

L_M_15: É porque eu gosto de passar página por página...devo ser muito chato...porque eu gosto de passar página por página...é só do mangá que eu não gosto por causa desses motivos mas...tirando isso...por exemplo...eu tava lendo...o Tarzan...eu não terminei ele...

M_M_17_B2: O mais legal, é igual eu te falei, a questão de ter mesmo, né

E: Hum ... Vamos ficar aqui, conversando. Como assim, de ter?

M_M_17_B2: Ah ... um ... ter um livro físico, igual tem alguns que eu mais gosto, eu comprei, pra ter mesmo.

E: Ter ele impresso.

M_M_17_B2: Isso.

L_F_18: Não...eu mexo bastante...só que...eu gosto de parar e ler o livro sabe? normal assim...parar e ler...

E: Passar as páginas...

L_F_18: É...aí (...) põe no marcador de página...e depois lê de novo...

P_M_17_C1 ressalta que as diferenças entre a leitura literária no suporte digital e impressa ficam resguardadas à praticidade em relação ao peso que um livro impresso possui e, por conseguinte, a facilidade de levá-lo para qualquer lugar, sem se preocupar com o tamanho da obra. Mas quanto ao ato de ler, M_M_17_B2, G_F_17_B1 e S_M_19 corroboram com P_M_17_C1 que não tem alteração em relação ao ato de leitura no suporte impresso.

P_M_17_C1: Alguns ficam...acham mais... que aí fica mais prático de levar pra qualquer lugar e dá aquela lida e na hora que você percebe já acabou o livro.

E: Tendi...pra você não faz diferença?

P_M_17_C1: Não...assim, o digital eu acho até um pouco melhor por causa que é difícil ficar segurando...

E: É, você falou...

P_M_17_C1: Mas no geral não faz diferença.

E: Você gosta de ler, em PDF assim, ou não tem nenhum problema para você?

M_M_17_B2: Eu acho que não tem tanta diferença, não.

E: Não?

M_M_17_B2: Não, de ler, físico, ou, ler PDF.

E: Ah, tá, mas me diz aqui, aí, essa primeira vez que você leu, é ... em, em, em, no celular, o que você achou de ler, no celular?

G_F_17_B1: Eu, não ... acho que nem senti a diferença, sabe? Por, porque, quando uma leitura me interessa, não importa se é, não importa ser no celular ou se é ... no livro mesmo.

S_M_19: Não...até porque pelo menos eu mesmo faço nos dois então...pra mim é indiferente...

E: Isso não é importante...

S_M_19: Não...

E: O importante é tá lendo...

S_M_19: É...

E: Entendi...e você acha que pra ler é a mesma coisa?

S_M_19: Sim...

E: Por isso que a conversa não tem essa informação...

S_M_19: É...

E: Se é digital ou impresso...

S_M_19: Exatamente...se é digital ou impresso...porque se a pessoa tomar interesse pra ler...aí ela vai ver onde é melhor pra ela ler...no digital ou no impresso...

A efemeridade das obras literárias digitais gera uma depreciação da leitura literária digital pela G_F_17_B1, que pode com apenas um clique ter a posse de um livro quando considerar conveniente ou descartá-lo quando não desejar mais e, se caso mudar de ideia, procurá-lo novamente na Internet e incluí-lo na sua biblioteca digital ou ler on-line sem custos. Conservar ou descartar e ter ou não compromisso com a leitura tem diferentes pesos materiais e simbólicos, quando se trata da diferenciação entre impresso e digital.

G_F_17_B1: Eu só ... li, comentei, com amigas da ... entrevista, e tal, e eles disseram que iam pesquisar alguma coisa, mas como eles não pesquisaram nada, então (risos) acho que todo mundo tava muito... interessado na leitura mesmo, acho que ... por ser leitura digital, e tal, eu tenho essa impressão que as pessoas não levam a sério, que nem ... podem excluir, baixar outro, ou podem comprar, e ter o livro pro resto da vida, sabe?

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Então, eu acho que eu, não levo, também, tanto a sério assim

E: Mas como assim, levar o quê?Que é não levar a sério? É fazer o quê?

G_F_17_B1: Não ... buscar pela Internet, não, sabe, é ... tipo assim, se a pessoa leu pela Internet, ela não vai querer baixar o livro na Internet, ela vai querer ir lá, e comprar o livro, poder ler o livro,

mesmo, sabe, eu nunca... vi alguém que falasse, nossa, esse livro aqui, olha esse site de livro, que é muito interessante.

E: Não?

G_F_17_B1: Não, nunca.

E: Nunca?

G_F_17_B1: Nunca.

....

G_F_17_B1: É, exatamente, você... pode até ver o livro inteiro pela Internet, mas é assim, cinco reais, para você ... baixar.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: E aí, não é nem que é o, o dinheiro mesmo, mas é ... você tem que pegar o cartão, e tal, e eu nem tenho cartão, então ... tipo

G_F_17_B1: Então ... é... é mais complicado, você pegar pela Internet, é...e baixar pela Internet aquele livro, que depois você vai excluir dos seus arquivos, que pesa

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Do que...você juntar mais dez reais e comprar o livro, mesmo, na Leitura, ou em qualquer outra papelaria, que você vai ter o livro, e vai guardar o livro, sabe?

G_F_17_B1 indica uma aspiração em torno das obras literárias digitais serem gratuitas, desconsiderando, de certa forma, os direitos autorais. O levantamento realizado por nós de *sites* brasileiros que disponibilizam livros digitalizados, na sessão 4.4, são, em sua maioria, aqueles que estão em domínio público. Os *bestsellers*, livros de maior interesse dos leitores jovens, são encontrados na Internet, mas é necessário seguir caminhos tortuosos ou ter uma rede de sociabilidade literária que indique os locais de acesso. E adquirir um objeto que o leitor jovem não terá fisicamente parece transmitir uma ideia de que este continua não tendo o objeto. Assim a necessidade de adquirir o livro impresso está relacionada a tocar o objeto, ou seja, existe uma demanda sensorial.

Observa-se, abaixo, uma preocupação por parte do L_M_15, colega de R_M_15_C1, com a distribuição gratuita de livros digitalizados que não estão em domínio público, ou seja, parece que estamos entrando em outra ordem da difusão, em contraponto à ordem do livro, que inclui direitos autorais. Chartier R. (1997) aponta a querela da “função-autor”, na história da leitura e do livro, na qual o reconhecimento da autoria inscrito nas obras ora foi concedido, ora foi revogado e o direito ao *copyright* foi um longo processo de concessão plena. No entanto, quando é do seu interesse, o leitor jovem utiliza dessa possibilidade para realizar as leituras literárias que deseja.

E: Certo...e você acha que daqui a um tempo...a gente vai ler somente literatura em suporte digital...

L_M_15: Sim...mas eu acho que vai ser um pouco complicado de segurar isso...aliás...de segurar a pirataria...porque é muito fácil você simplesmente...pegar os dados de um livro...copiar...aí passar de graça pra todo mundo...ou...vender por mais barato quem...vai ser muito mais fácil...

E: Isso aí vai facilitar que as pessoas leiam mais e...literatura digital?

L_M_15: Mas...os autores vão perder um pouco do lucro...

E: Entendi...você se preocupa muito com isso, né?

L_M_15: Sim...

E: Porquê?...

L_M_15: Porque eu a...eu penso desse jeito...pros mangás eu ainda me sinto um pouco mal de ler on-line porque...eu estou pegando um negócio de graça sendo que é pago...é...porque...eu penso o seguinte...um autor...ele tem lá...ele gasta...um ano praticamente pra poder fazer um livro...muito bom...ele vai lá...você vende um milhão de cópias...mas só quinhentas mil que realmente você recebeu pelo que você fez? Eu acho injusto...

E: Entendi...então você acha que tinha que pagar?

L_M_15: Tinha que pagar...

E: Por isso que você não gosta muito de ler por...computador...é...literatura no computador?

L_M_15: Sim...

E: É...mas e quando dá muita vontade de ler alguma coisa?

L_M_15: Aí fico com a consciência pesada...mas eu leio...

Percebemos que a preferência pelo suporte impresso para a realização das práticas de leitura literária digital pelos leitores jovens está relacionada ao conforto das vistas no ato de leitura, a possíveis distrações por meio dos aplicativos e redes sociais e ao tamanho da obra lida. Apesar de o valor comercial do livro digitalizado ser menor, os livros impressos ainda são vistos como um objeto de desejo por existir uma afeição pelo objeto e pelos gestos e comportamentos que ele demanda do leitor, mas adquirir todas as obras desejadas custa caro e os leitores jovens pesquisados não possuem condição socioeconômica suficiente para adquiri-las, mesmo aqueles que estão em um estrato socioeconômico mais elevado.

A preferência pelo suporte digital está relacionada ao custo zero de ler uma obra literária, à praticidade de acessá-lo e de levá-lo a qualquer lugar sem se preocupar com o tamanho. Para aqueles leitores jovens que leem literatura digital, é somente no suporte digital que eles poderão realizar essas leituras. Quando a obra literária está disponível, impressa e digitalizada, a preferência pelo suporte impresso ou digital estará condicionada aos fatores elencados, acima, pelos leitores jovens.

Mas as leituras do texto, em si, no suporte digital ou no impresso, não são vistas como ações diferentes.

5.4 Formas de busca e de acesso à leitura literária digital

Ler literatura em dispositivo digital, seja literatura digital ou digitalizada, demanda do leitor jovem uma busca por caminhos nem sempre fáceis. Explorar *sites* de busca, redes sociais, blogs, entre outros ambientes digitais, e ter acesso livre às obras literárias, baixando, lendo livremente, on-line, pela Internet, comprando em *sites* de comércio eletrônico, de livrarias ou em aplicativos de *smartphones*, são alguns dos meios pelos quais os leitores jovens podem realizar e procurar as obras literárias digitais.

Assim como nos dados gerais do questionário 1, os seis leitores jovens, comumente, optam pelo acesso on-line pela Internet a obra desejada, pois baixar a obra pode acarretar uma diminuição de memória no dispositivo digital no qual realizam a leitura, em geral, os móveis. Adquirir a obra na versão impressa não é muito recorrente, e na versão digitalizada não foi citado pelos leitores jovens. Se compararmos com os dados quantitativos, o índice referente a essa forma de acesso está abaixo de 12%.

A forma de acesso tem implicações na mudança das formas de ler, tanto porque não se conserva o arquivo digital da obra lida quanto porque são necessários alguns procedimentos novos para retomar o texto de onde se parou. No impresso, usam-se os marcadores de livro, ou outras estratégias; na obra digitalizada em *PDF*, em geral, a marcação da última página lida não é possível, cabendo ao leitor memorizar a página em que parou. Assim, há gestos e comportamentos herdados do impresso, tão discutidos nas diversas obras de Roger Chartier e de outros historiadores do livro, que precisam ser reaprendidos. Assim, os escritores/criadores de obras digitais buscam retomar, simbolicamente e com outras formas materiais, algumas características do ordenamento gráfico ou físico da obra no formato livro.

Na leitura de livros digitalizados, mas, lidos em formato *epub*, o aplicativo retoma a última página visualizada, entre outras funções, semelhantes às possibilidades do impresso.

P_M_17_C1: Acesso livre. Entrava pelo *site* mesmo e tinha lá as categorias e a página de cada autor, e você ia lá e ler cada página, não precisava baixar e nem nada. [sobre leitura de *fanfiction*]

E: E os livros digitalizados, você baixa ou você compra?

P_M_17_C1: Por exemplo, o livro *O Príncipe*, do Maquiavel, já é de domínio público, e então eu baixei ele de graça mesmo. Agora para comprar eu baixo uma versão de amostra e leio para ver se interessa, e se interessar eu compro.

M_F_17_B2: Às vezes eu compro livro, ou às vezes procuro pela Internet mesmo ou às vezes peço a minha mãe porque lá da biblioteca da escola ela pode trazer. E aí eu pergunto ela se tem, e ela fala que tem, e aí eu falo com ela, “então traz para mim para mim poder ler”.

E: E o acesso a estes textos foram baixados?

D_F_16_D: Li on-line.

P: Acesso livre a Internet?

D_F_16_D: Hum-hum.

R_M_15_C1: Às vezes comprada... às vezes acesso livre...

E: [...] você...baixa...geralmente você...além de comprar...você falou que baixa...que tem essa possibilidade de baixar os livros e as obras...ou...acessar livremente pela Internet...quê que você mais faz?

R_M_15_C1: Acessar livremente...

E: É?

R_M_15_C1: Que meu computador não é bom... aí eu não vou... eu não vou ficar baixando muita coisa... se não ele vai ficar ruim...

E: Esses jogos que você joga que é jogo que é ficção interativa... você precisa baixar...

R_M_15_C1: Não... totalmente Internet...

E: Totalmente Internet? Mas você joga?

R_M_15_C1: É...

E: Em que *site*?

R_M_15_C1: Ah... qualquer *site* de bate-papo praticamente... tem gente que gosta de fazer isso?

M_M_17_B2: Não, eu leio, eu leio em PDF, e quando já terminou eu já fecho o *link*. Quando eu estou lendo, eu sempre deixo em favoritos para mim achar mais rápido, e quando eu termino de ler já tiro dos favoritos. Eu não gosto de deixar no meu computador. Alguns, quando eu termino de ler, eu deixo lá guardado e depois eu excluo porque senão fica pesando quando eu baixo. E quando eu baixo eu já leio em PDF e depois eu deleto outra vez. [...] Tenho celular, eu baixo pelo *notebook* e passo para o celular.

A qualidade do acesso à Internet pode ser o condicionante para definir se o leitor jovem irá baixar ou ler on-line a obra.

M_F_17_B2: Eu acho que é mais prático né?...porque até eu baixar...demora...e dependendo se não tiver no wi-fi...tiver na Internet...acaba com a Internet...[plano de dados da Internet]

E: entendi...

M_F_17_B2: Aí demora baixar...agora quando tem na Internet[disponível on-line]...eu prefiro...

Ressalta-se que o tipo de obra pode definir se o leitor jovem irá arquivar ou não no seu dispositivo digital. Se for obra de difícil acesso, o armazenamento com o objetivo de ter uma biblioteca digital, privada, pode ocorrer.

E: Ah tah...entendi...então você acaba tendo uma biblioteca de HQ e mangá no seu celular?

S_M_19: Tenho...no meu celular...e no computador...

E: Entendi...

S_M_19: Tudo salvo lá...

E: Você não...deleta nenhum depois que você lê...

S_M_19: Não...deixo tudo lá...igual...eu tenho esse...injustiça...já tá no seu quarto ano...então eu tenho desde o primeiro ano...

Os aplicativos de livros acabam sendo um ambiente digital de busca e uma forma de fácil acesso a uma diversidade de títulos literários digitalizados. Os leitores jovens podem ler páginas de amostra das obras vendidas e, também, ler as que estão disponíveis gratuitamente. G_F_17_B1 utiliza o aplicativo para conhecer as obras e ler as primeiras páginas do seu interesse para futuras aquisições no formato impresso.

G_F_17_B1: Mesmo sendo ruim... eu tenho esse... eu preciso ler... é... e quando tem ele... às vezes tem... quando tem ele... esqueci o nome do aplicativo... enfim... é... aí tem... tem um... chama amostra de livro... aí você lê... o resumo... tem o resumo dele... e tem as primeiras páginas...

E: É um aplicativo?

G_F_17_B1: É...é um...

E: É um *site*?

G_F_17_B1: É um negócio que já vem no *Android* já... eu esqueci o nome...

E: Ah tá... lá tem os vários livros... tem as sinopses... tem as primeiras páginas... sempre entra lá pra ler?

G_F_17_B1: Sempre... sempre, sempre, sempre... é... porque não é uma coisa que você precisa de pagar... e também é uma coisa pra você começar a ler o livro... às vezes se você não gostar você não

compra... ou... é... pela Internet mesmo assim... é uma forma mais que eu uso menos de... estar conhecendo mesmo os livros... então... busco saber sobre as obras... é... costumo ler no início delas... se eu gostar eu faço isso... se eu não gostar...

G_F_17_B1 relata como foi navegar pelo aplicativo de livros do seu *smartphone*. Mesmo quando o valor comercial das obras disponíveis no aplicativo é baixo, a leitora jovem não manifestou interesse em adquirir. Provavelmente, tanto as obras gratuitas quanto as obras com valores mais baixos não são os *bestsellers* que estão na lista dos preferidos dos leitores jovens.

G_F_17_B1: Alguns livros lá. Aí eu dei uma olhada nos, meus livros de graça.

E: No seu celular, isso no celular?

G_F_17_B1: É, no celular.

E: Hum

G_F_17_B1: Eu dei uma olhada lá, nos livros e eles têm mais livros assim, ou mais conhecido, que ... você ouve muito falar, né/

E: Hum rum.

G_F_17_B1: /ou, eles são mais antigos tipo ... Machado de Assis ... esses livros assim, foram, foram os que eu achei.

E: Aí você, olhou no celular, baixou, é, já tinha o aplicativo, ou você baixou o aplicativo?

G_F_17_B1: Não, não tem que baixar.

E: Ah tá, já vem e tá lá, é só acessar, né?

G_F_17_B1: É.

E: Aí você deu uma olhadinha em todos,

G_F_17_B1: É, eu dei uma passada assim, em todos os gratuitos.

E: Os que ele tinha gratuito.

G_F_17_B1: Sim, gratuito.

E: E tem outros que não são gratuitos, né?

G_F_17_B1: A maioria não são. Tem muitos livros para baixar, mas a maioria são pagos.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Muito livro, muito livro, mas eles, são, eles são ... tem um custo bem barato, sabe? Tipo três reais, os livros para poder baixar.

Muitas das obras obras digitalizadas não estão em domínio público, mas existe uma rede que as disponibiliza, desafiando as leis de direito autoral. Esse é um bom contraponto ao novo ordenamento de tipo mais convencional e que repercute em compras ou direitos para alguma instituição, como o Google, apontados por Darnton (2010). Essa é uma querela das práticas de leitura literária digital, mas parece haver um tipo de mutação na forma de divulgação da cultura escrita, importante para entendermos o fenômeno que vivemos (CHARTIER, 1998). Uma das redes de

sociabilidade literária na Internet que compartilham informações sobre obras de literatura digitalizadas, facilitando as buscas, é construída pelas redes sociais e a ideia de cópia manuscrita, ou melhor, digitada, reaparece no mundo digital.

M_M_17_B2: Porque eu sempre gostei muito de ler, mas tem aquele negócio de ter que comprar o livro e aí uma amiga me indicou e eu comecei a participar lá. E que também gosta de ler, leitura digital que é ler livros pela Internet e ela também participa e tem bastante gente que posta link. O link que você pode baixar se você quiser ler o livro e eu fui e entrei.

E: E geralmente você faz o que nesta comunidade?

M_M_17_B2: Eu não faço nada, eu só pego os livros e leio.

E: E vão colocando os links.

M_M_17_B2: Isso e aí vão colocando os links e que legal, gostei. E aí tem comentários. Alguém já leu este livro e gostou.

G_F_17_B1: [...] porque ... você vê o livro, uma recomendação, tem uma menina que chama... acho que o *Instagram* dela é Emi Carvalho.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Ela é uma blogueira, fala sobre unha, nada a ver, mas ela dá muita recomendação de livro, muito mesmo, assim, de livros super interessantes, que, que eu gostaria mesmo de ler, e aí ela ... só escreve assim, sobre alguma coisa, e aí você busca saber por outros lugares, sabe?

M_F_17_B2: Mas agora tá mais fácil, porque lá no face, tem essa página, que eu te falei que tem até um grupo, eles estão postando...

E: O link, do lugar

M_F_17_B2: Não, eles estão postando as páginas mesmo, do livro.

E: Digitalizada?

M_F_17_B2: Não, é digital, mesmo, é, elas digitam, e...

E: A própria pessoa digita a página?

M_F_17_B2: Hum rum.

E: Ah! Quem que faz esse trabalho todo?

M_F_17_B2: Não sei, esse povo que é doido/

E: Corajoso.

M_F_17_B2: /Consegue (Risos) Aí ela já posta lá, um tanto assim.

E: Mas a pessoa digita ou digitaliza?

M_F_17_B2: Não, di

E: Tira uma foto e coloca.

M_F_17_B2: Não, ela digita.

E: Sério?

M_F_17_B2: Porque quando é, assim da foto, aparece a foto para você clicar e abrir, só que lá, não, é o ... a letreirinha pretinha, aquela que a gente digita.

S_F_19: Mas *facebook* eu não sou muito fã por causa de vírus...então eu nunca sei quando a página é realmente séria...ou

quando é algum retardado que não tem o que fazer e fica distribuindo vírus...

E: Ah tah... tem isso também...o *facebook* é específico...do *facebook* esse tipo de situação?E *blogs*?

S_F_19: Por isso que eu olho os comentários...quando é, por exemplo, blog só de baixar que não...tem blog, por exemplo, que o título do *blog* é baixe livros on-line...aí eu vou lá...ah...não consigo baixar então...não vou mexer aqui...

Utilizar as redes sociais pode ser visto como uma forma segura de procurar leitura literária digital, mas é necessário conhecer a página por meio dos comentários dos participantes da comunidade de leitores. Ao mesmo tempo, nela o leitor jovem pode ter acesso a fontes seguras de *links* de obras digitalizadas, bem como ao texto digitado da obra desejada.

M_M_17_B2 demonstra quais os procedimentos e qual é a cadeia em que eles se inserem, depois que ele descobre a página da rede social, para acessar as informações que ele deseja obter sobre uma obra específica ou buscar recomendações. Existem várias sociabilidades literárias envolvidas nesses percursos, mas, conforme Leontsini e Levaratto (2008), devemos questionar se as sociabilidades literárias na Internet e pela Internet são oriundas de uma sociabilidade anterior, externa à cultura digital, ou é uma sociabilidade específica da cultura digital.

M_M_17_B2: Aqui, compartilhamento de livros em PDF, essa é a página pública do *Facebook*. [acessando a página da rede social]

E: Ah... um grupo?

M_M_17_B2: É um grupo que reúne muita gente, ó, tá vendo?

E: Que grupo que é esse?

M_M_17_B2: É ... Compartilhamento de Livros em PDF.

E: Ah ... Compartilhamento de Livros em PDF, que ótimo esse lugar!

M_M_17_B2: Aqui, tem *Quando Você Voltar*, tem Cristine Hannah, *Quando você Voltar*, é um livro.

E: Hum hum.

M_M_17_B2: Aqui onde tem gente, aí você vem aqui baixar, você baixa o livro.

E: Dá para ler ... online?

M_M_17_B2: Começa a baixar. [clicando no link para baixar o livro]

E: Ou não?

M_M_17_B2: Dá, aqui, visualizar. [indicando com a seta do mouse]

...

M_M_17_B2: Você encontra *Cinquenta Tons de Cinza*, um livro famoso que saiu agora, você pode baixar e usar, aí você pesquisa aqui ó, uma breve, história do tempo, PDF, ó.

...

E: Agora me diz uma coisa, essa página do *Facebook* aí ... de, compartilhamento público de PDF, é nova ou você já usava ela?

M_M_17_B2: Já usava ela já.

E: Há muito tempo?

M_M_17_B2: Sempre usei ela, é ... porque tem bastante livro legal, eles sempre postam, se você perguntar, muita gente pergunta, quer ver, ó, deve até ter uma pergunta por aqui.

E: Como é que você achou?

M_M_17_B2: Alguém tem a Coleção Sinopse para concursos?[lendo na página]

E: Ah ... tipo

M_M_17_B2: Se alguém perguntar, aí alguém vai e te responde. [Explicando como funciona as demandas de pergunta dos participantes]

E: Hum ... tá, e manda.

M_M_17_B2: Alguém tem esse livro em PDF: *Though the Inconscient*, entendeu? [lendo as perguntas dos participantes da comunidade]

E: Entendi. E você já ... já ... pediu alguma coisa, pro pessoal?

M_M_17_B2: Não, eu nunca cheguei a pedir não, geralmente eu só ... ando, vejo o que -

E: Dá uma olhadinha

M_M_17_B2: Isso.

E: Ver o que você quer, agora, quem que te indicou esse ... esse site, essa página no *Facebook*, ou como é que você achou ela?

M_M_17_B2: Eu vi, apareceu, grupos sugeridos, aí sempre ... eu vim para participar aí você começa a participar do grupo.

E: Mas, como é que apareceu em grupos sugeridos, aí? Que você gosta muito de ler, ler literatura? Será?

M_M_17_B2: Não sei, aparece muita coisa aleatória, igual Sociedade Aristocrática, nem sei o que é isso, e aparece, entendeu?

E: Ah ... tá, por acaso, então.

M_M_17_B2: Aqui, clube do livro. Ó, tá vendo! Ó, agora, participar. [mostrando uma outra página da rede e onde clica para participar]

E: Foi por acaso, então?

M_M_17_B2: Foi por acaso.

E: Ah ...

M_M_17_B2: Acervo do Conhecimento Histórico, aí você pode clicar e participar, entendeu?

E: Entendi, e tem outro ... site que você (publica), além, a, Google, esse essa página do *Facebook*, tem outro site que você busca ... é, livros ... digitais?

M_M_17_B2: Não, só por esse grupo mesmo, e ... olha lá, permitir, eles me permitiram entrar no grupo, tá vendo?

E: Ah ... você não tinha entrado ainda não?

M_M_17_B2: Cliquei em participar aqui agora.

E: Ah, é?

M_M_17_B2: Ah ... vamos ver o que tem nele, aí nele você vai ... aqui ...

E: Nesse grupo do ... compartilhamento.

M_M_17_B2: Esse aqui é outro, Acervo do Conhecimento Histórico.

E: Ah ...

M_M_17_B2: É só para mostrar um exemplo de como eu posso entrar em um grupo fácil.

E: Ah ... entendi.

M_M_17_B2: Entendeu? Lá tem muita coisa.

E: E esse grupo aqui é legal? O outro você participa/

M_M_17_B2: O outro eu participo.

E: /o de compartilhamento.

M_M_17_B2: Participo, mas eu sou, como falam, usuário fantasma, né, não posto nada, não comento nada, eu só fico lá vendo/

E: Hum.

M_M_17_B2: /o que tem de legal.

E: É só porque você quer, mas você pode comentar fazer outras coisas.

M_M_17_B2: Posso, posso comentar, posso pedir, algo, se eu não estiver achando algum livro, por exemplo é ...

E: Achando o quê?

M_M_17_B2: Se eu não estiver achando algum livro.

E: Algum livro.

M_M_17_B2: Por exemplo, eu quero achar, quero, se eu não achasse o ... Uma Breve História do Tempo, aí eu vou aqui perguntar, alguém tem ... Uma Breve História do Tempo em PDF?

E: Entendi.

M_M_17_B2: Alguém pode passar o link, aí é só entrar.

E: Entendi.

M_M_17_B2: Aqui, olha o livro, você pediu para ver se tem como baixar, aqui, eu vi sem baixar, o Kristin Hannah, *Quando Você Voltar*.

E: Mas ...

M_M_17_B2: É com as páginas certinho, tá vendo?

E: É o PDF do livro, né?

M_M_17_B2: Isso. Aí tem a numeração das páginas, até dá para você gravar a página que você tava.

Outro local que todos os leitores jovens pesquisam informações sobre obras literárias e acessa obras para ler on-line ou baixar é o site do Google. Mas os caminhos para encontrar sites sem vírus, sem spams, que sejam somente para baixar e não para comprar não é simples. É necessário que o leitor jovem tenha uma expertise sobre a cultura digital, para que a tarefa de encontrar os melhores sites se torne fácil.

E: Ou então você joga no Google, pra achar a passagem.

M_F_17_B2: É.

E: Mas tem algum site que tem algum problema? Por exemplo, tem algum site que você, pode clicar, clica, e... você jogou lá, livro tal, pra ler, e... não é o que você quer, é...

M_F_17_B2: É, tem uns que...

E: Tem vírus dentro dele, (não encontra), aliás, qual que era outra coisa, mesmo? Tem, tem ... muito spam, tem, (muita coisa)

M_F_17_B2: É, abre bastante, assim no meio, você tá lendo aí tipo abre, uma janela enorme no meio, ou senão aquelas propagandas, compre isso, compre aquilo.

E: Mas, tem, tem esse tipo de site, também.

M_F_17_B2: Tem.

E: Mas aí, qual, mas aí, é, é o primeiro que é o melhor, como é que você escolhe/

M_F_17_B2: É porque teve//

E: O que você vai ler?/

M_F_17_B2: //uma vez, que eu tinha procurado, quando eu comecei a ler o primeiro, aí eu já tinha procurado.

E: Hum.

M_F_17_B2: e aí já fica lá, quando, sabe quando a gente clica no Google, aí tem um tanto azul, aí o que você já tinha clicado fica roxo.

E: Isso.

M_F_17_B2: Aí já fica lá.

E: Ah...

M_F_17_B2: É, aí eu nunca/

E: Aí facilita para você.

M_F_17_B2: /prestei atenção no *link*.

G_F_17_B1: E por falar nisso, tem como baixá-lo em PDF.

E: É.

G_F_17_B1: Que aí você só digita o nome, do livro e

E: Mas porque você tá falando que tem como baixar? Qual é a outra opção? A outra opção é fazer o quê, além de baixar?

G_F_17_B1: Não, em PDF, porque aí você digita o nome tipo no Google, você abre o Google

E: Hum.

G_F_17_B1: E digita o nome do livro, e escreve PDF.

E: Hum.

G_F_17_B1: Aí você, você baixa o livro. Ao invés de ir no *site*, olhar os livros que tem no site.

E: Ah, tá, entendi, a opção de digitar no Google e colocar o nome do livro.

G_F_17_B1: É direto. É. Às vezes você já está com o livro na sua cabeça, ou de alguma recomendação, você vai lá e procura o livro e baixa o livro.

M_M_17_B2: Se um amigo me indicar um livro muito bom, às vezes um livro físico mesmo. Se ele falar que o livro é bom eu procuro na Internet, procuro é.... por exemplo, deixa eu falar um livro, *A Culpa é das Estrelas*. *A Culpa é das Estrelas on-line*. E aí tem lá! Entendeu? Deixa eu ver outro livro... aí ele fala que é legal eu vou e procuro.

E: E aí você consegue achar fácil ou como que é?

M_M_17_B2: Pode ser, geralmente você acha fácil.

E: Tem o livro todo na Internet?

M_M_17_B2: Tem o livro todo na Internet, muito fácil.

E: [...] E...tem esse livro na Internet?

D_F_16_D: tem.

E: É? Você deu uma olhada?

D_F_16_D: Eu inclusive achei ele só que...aí eu deixei pra depois, ler depois. E até hoje não li.

E: Ah, você já baixou? Ou você só achou?

D_F_16_D: Eu achei o *site*, on-line.

E: *On-line*. Mas você vai ler...quando você for lê-lo, ele está disponível pra baixar, ou só online que você consegue ler?

D_F_16_D: Eu achei ele online.

E: Ah tá.

D_F_16_D: Não sei se tem pra baixar.

E: Mas tem como você ler, é...não tem que pagar nada pra ler?

D_F_16_D: Não.

E: É? Que site que é? Como é que você achou esse site?

D_F_16_D: É um *site*, o nome do site é Livros *On-Line*. Aí eu procurei pelo...pelo livro, pelo nome e achei esse site. Inclusive têm vários outros livros disponíveis.

E: Ah é? Hum...e aí quando você, quando você faz essa busca pelo site, é pelo Google?

D_F_16_D: Isso.

E: Joga o nome do...do...do livro que você quer. Só assim consegue achar?

D_F_16_D: É.

E: É difícil de achar? Tem outros caminhos assim às vezes pra achar.

D_F_16_D: Foi assim que eu achei, mas tive um pouco de dificuldade, porque normalmente aparece sites que você tem que comprar, que não tem pra baixar.

E: Ah tá. E foi difícil de achar esse *site* ou...

D_F_16_D: Foi um pouquinho.

E: É mesmo?

D_F_16_D: Aham.

E: Foi de primeira que você consegue achar não.

D_F_16_D: Não.

E: Ah, interessante isso. Mas como é que...como você fez? Clicou...quero saber como foi esse processo de busca. Aí você colocou o nome no Google...

D_F_16_D: Coloquei.

E: Aparece um monte de site, não foi um dos primeiros.

D_F_16_D: Não. Os primeiros normalmente que tem é pra comprar o livro. Comprar pra eles entregar na sua casa. Normalmente é os primeiros que vem. Depois vem os pra baixar e lá no finalzinho se tiver sorte tem pra leitura *on-line*.

E: Ah tá. Mas lá na primeira página do Google. Você vai na...nas páginas, você vai seguindo, não é na primeira página não...

D_F_16_D: Não.

E: ...que cê achou esse aí.

D_F_16_D: Não. Acho que foi na segunda ou terceira.

Utilizando o *notebook*, M_M_17_B2 acessa o site do *Google* e seleciona o site da obra digitalizada que desejava ler. O leitor jovem quer demonstrar que a obra digitalizada tem as mesmas características da obra impressa, apontando a capa do livro e dizendo “Ai, tá vendo?”. Utilizar o *zoom* para visualizar melhor o texto e a necessidade de baixar a página da obra “devagarzinho” para encontrar a informação desejada assinalam a demanda de novos gestos de leitura no suporte digital.

M_M_17_B2: No Google.

E: Já aparece?

M_M_17_B2: Agora aparece *Uma Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking PDF,

E: Quanto que tem?

M_M_17_B2: Aí tem a capa

E: Quando que foi ...

M_M_17_B2: Aí tá o livro, ó.

E: Tá em PDF mesmo, né?

M_M_17_B2: Em PDF mesmo, aí você pode vir aqui, baixar, entendeu?

E: Entendi.

M_M_17_B2: Tem o *Zoom*, para você ver.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Aí, tá vendo?

E: Entendi, mas quando foi publicado esse livro? Que já tá na Internet?

M_M_17_B2: Eu achei, tá na Internet, eu pesquisei, apareceu.

E: Baixa aí para a gente ver, quando foi publicado, tem essa informação, quer ver ó, vai.

M_M_17_B2: Vou descendo?

E: Vai devagarzinho, para a gente, sobe um pouquinho, ah ... aí. Terceira edição, abril de noventa e quatro, aí faz tempo, já.

M_M_17_B2: Hum rum, entendi.

E: Talvez chegou há pouco tempo no Brasil?

M_M_17_B2: Esse livro?

E: É.

M_M_17_B2: Ah ... não sei.

E: Não né?

M_M_17_B2: Não sei te falar.

E: Mas o filme é novo.

M_M_17_B2: O filme é novo, o filme saiu, tá nos cinemas ainda, saiu ... essa semana, esse mês ainda.

Com o intuito de não ocupar a memória dos dispositivos digitais, existem serviços de hospedagem e compartilhamento de arquivos. Neles os usuários podem fazer *upload* ou *download* de diversos tipos de arquivos, inclusive obras de literatura digitalizadas. Para o envio de arquivos, o usuário recebe um *link* e pode distribuí-lo pela Internet, facilitando aos leitores jovens baixar os livros digitalizados que desejam ler. Ou seja, existe uma série de condições favoráveis para a difusão e o acesso de livros digitalizados na cultura digital.

E: Tem como baixar, mas você não baixa.

M_M_17_B2: Às vezes eu baixo, porque às vezes alguns não tem como você ficar lendo em PDF, alguns tem que baixar. As pessoas só mandam o *link*, tipo o *Shared*, as pessoas só mandam o *link* lá.

E: O que é isso?

M_M_17_B2: *Shared*. É um *site* compartilhador de arquivos.

Outras formas de busca se dão por meio de informações sobre o escritor/criador e sobre as obras que já foram lidas pelos leitores jovens. A Internet é o local em que se iniciam as pesquisas pelas obras desejadas e mesmo as obras impressas lidas são escolhidas pela Internet.

E: Ah é? Hum... estou super curiosa... R_M_15_C1, pra gente () depois... aqui... outra pergunta? É... após você ler uma obra de literatura digital ou digitalizada... que é que você faz... você pesquisa essa obra... obra do mesmo autor? Você pesquisa obras semelhantes que você leu?

R_M_15_C1: Eu pesquiso já o que tem o próximo volume da obra.

...

R_M_15_C1: Que tipo... eu gostei do livro... e às vezes eu pesquiso alguns outros livros do autor que... tem alguma coisa a ver com o que eu gostei... às vezes eu leio ele também e continuo...

...

E: E você procura na Internet?

R_M_15_C1: É... na Internet primeiro... aí se eu acho que... se eu posso às vezes ler um resumo... se eu gostar um pouco do livro... aí eu compro ele... e começo a ler...

A busca por obras literárias nas lojas das livrarias continua sendo uma das formas de conhecer os títulos e os possíveis interesses de leitura dos leitores jovens para, em seguida, procurar na Internet a versão digitalizada. A livraria é utilizada como um espaço de aquisição, mas, por vezes, somente de busca e não de aquisição.

M_M_17_B2: Às vezes também, às vezes, se eu optar por um digitalizado, porque nem todos os livros têm em todos os lugares. Igual o... o... Mais pesado que o Céu só tinha na livraria Leitura do BH Shopping, aí foi por isso que eu terminei de ler no digital.

E: Por quê?

M_M_17_B2: Porque não é todos os livros que estão em todos os lugares, entendeu?

E: Hum.

M_M_17_B2: O...*Mais Pesado que o Céu* só tinha na Leitura do BH Shopping, no Itaú eu não achei, no Via Shopping eu não achei, aí, às vezes, na Internet, qualquer livro que você procurar e tiver digitalizado, você vai achar, entendeu?

E: Entendi.

M_M_17_B2: Às vezes, você quer achar um livro, você vai na loja e na loja não tem o livro que você quer.

E: Aí você

M_M_17_B2: Não tem (cultura), não tem no estoque, aí você (perde o livro, né?)

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Mas no impresso geralmente na loja pode não ter, porque geralmente na Leitura tem que a Leitura é uma loja com muito, muito acervo mesmo.

E: Entendi. As aí você procurou em dois lugares e aí não achou.

M_M_17_B2: Hum rum.

E: E aí como você não achou, só tinha no BH Shopping, ah, vamos no BH Shopping, foi isso?

M_M_17_B2: Era tipo assim, eu já tinha procurado, mas não tinha achado.

E: Hum.

M_M_17_B2: Aí eu tava no BH Shopping, tava passando pela Leitura de lá, com a minha família e a da Daniela, que a gente saiu pra fazer não sei o quê, não lembro o quê, aí, eu vi lá, aí eu vi lá assim, nó, que legal, aí eu fui e comprei.

E: Hum. E aí você, achou vários livros na Leitura, agora você tenta dar uma olhada no ... no ...

D_F_16_D: Na...

E: Na Internet, e ver se acha?

D_F_16_D: Hum rum

E: E já tentou? Dar uma olhada?

D_F_16_D: Ainda não.

E: Em alguma coisa?

D_F_16_D: Não, eu fui ontem lá.

E: E você acha que tem?

D_F_16_D: Deve ter, sempre tem.

...

D_F_16_D: É ... eu vou lá ... pego o livro, dou uma folheada, olho atrás, é a sinopse do livro, o resuminho, aí se eu gostar, eu olho em casa.

E: Hum ... tá ...e você, aí geralmente você acha na Internet?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Hum, o que você já fez em relação a isso, que, que livro que você fez isso e você achou na Internet, você lembra?

D_F_16_D: Que livro? Deixa eu ver.

E: Você foi na Leitura, gostou...

D_F_16_D: *Divergente*, é uma ... é uma trilogia, e ...eu baixei os três livros, é ... na Internet.

E: Por esse *site*?

D_F_16_D: Isso.

O *blog* é um ambiente digital muito utilizado como ambiente de sociabilidade literária na Internet, mas também, segundo Leveratto e Leontsini (2008, p.24), citando Jenny Hatley, sociólogo britânico, esses grupos podem ser “éphémères, et divers, ils forment des communautés de parole excitées et instables”⁵⁷. Como os *blogs* são, em geral, criados por uma pessoa que assina a sua autoria, o que gera

⁵⁷ Efêmeros, e variados, eles formam comunidades de fala excitadas e instáveis. Leveratto e Leontsini (2008, p.24)

uma sensação de segurança para os leitores jovens de ser um ambiente confiável, no qual se mantém uma relação mais estável com o criador. Ademais, para que os leitores continuem visitando o *blog*, é necessário que o criador mantenha uma relação de confiança com seus leitores. Diferente das redes sociais, onde várias pessoas postam informações na comunidade de leitores. Há, ainda, outra escolha importante para utilizar o *blog*.

E: E esses livros todos estão disponíveis...S_F_19...mesmo o mais recente...disponíveis na Internet?

S_F_19:Depende...tem por exemplo...aquele mil oitocentos e quarenta e seis... mil novecentos e quarenta e seis que tava muito no auge ano passado...tinha na Internet mas...não era o livro completo...na hora que eu peguei...li o impresso...eu vi o da Internet...tinha muita coisa diferente...parece que a pessoa foi resumindo os capítulos e colocando lá...na página...

E: Ah...entendi...mas aí como é que vocês fazem pra achar o link dos livros...

S_F_19:Vai fuçando todos os links que tiver até achar...tem sites já que...tem blogs...cê já confia mais...

E: Por exemplo?

S_F_19:Tem um que chama...acho que Apaixonados por leitura...uma coisa assim...

E: É um *blog*...

S_F_19:Isso...aí você pode ler online...não tem como baixar não...tem como ler online...tem um lá que é pra baixar...que é um site...eu não sei o nome...é um site...baixe livros...uma coisa assim...que você pode baixar...inclusive baixo no celular pra ficar mais fácil...

As bibliotecas digitais não são muito conhecidas pelos leitores jovens, somente P_M_17_C1, D_F_16_D e sua colega S_F_19 conhecem esse ambiente digital, por meio do *site* governamental Domínio Público. E isso ocorre, provavelmente, porque, como essas bibliotecas digitais são criadas por instituições, grupos de pesquisa ou organizações, elas seguem as normas dos direitos autorais, por isso disponibilizam somente as obras que estão em domínio público. E como os leitores jovens têm uma preferência pelos *bestsellers*, a biblioteca digital não será um ambiente digital no qual irão buscar por leituras literárias digitais de suas preferências. Conforme P_M_17_C1 relata, o acesso a esse ambiente para buscas de obras literárias se dá somente quando a escola indica leituras literárias. Em geral, as clássicas, que estão livres dos direitos autorais, mas não são as de preferência dos leitores jovens. Essa dissonância entre o que a escola indica e o que os leitores jovens preferem restringe

as possibilidades de orientação da escola para outras redes de sociabilidade literária na Internet.

E: rsrs... Isso é ótimo, muito bom. É...você conhece sites de biblioteca digital de literatura P_M_17_C1?

P_M_17_C1: Hum...num tô lembrando um que é...ah! Domínio Público. Só conheço esse.

E: Só? E você entra lá pra...pra...

P_M_17_C1: Entro. A maioria dos livros que a escola recomenda tão lá.

E: [...]conhece]Uma biblioteca onde você, é, onde você pode baixar livremente sem pagar um site, cê tem todos, vários livros.

R_M_15_C1: Não.

E: Não? De literatura?

R_M_15_C1: De graça, assim não.

E: Não.

R_M_15_C1: Só o Google Store.

E: Nunca entrou em nenhuma biblioteca desse jeito?

R_M_15_C1: Não.

E: Entendi, é... e você conhece sites de biblioteca digital?

G_F_17_B1: Nunca ouvi falar.

E: Não?

G_F_17_B1: Só... tipo assim, site de divulgação de livro, assim, pra o livro e a, a promoção do livro para ler

E: Ah, tá, é tipo livraria.

G_F_17_B1: É, tal, hum rum.

E: Mas não ... por exemplo, site de, onde tem, é... é... livros de... que já ... estão, em domínio público, não conhece, não?

G_F_17_B1: Hum hum.

E: Não conhece?

G_F_17_B1: Não conheço.

E: E você leu e é um livro grande ou pequeno?

D_F_16_D: Não, pequeno, umas 15 páginas.

E: E você leu ele todo?

D_F_16_D: Hum-hum.

E: E como é que você fez a leitura dele?

D_F_16_D: Foi pelo Domínio Público, um *site* da Internet.

Quanto às obras de literatura digital, as formas de busca, também, não são simples. D_F_16_D relata quais os procedimentos que precisa realizar para localizar os sites de *fanfics* de confiança, os mais organizados e que possuem menos *spams* e, depois, selecionar entre as várias *fanfics* disponíveis no site aquela que irá iniciar a leitura. Essa seleção se dá por meio de alguns critérios, dentre eles, a quantidade de comentários sobre a obra.

E: E como é que acha? Uma *fanfic* boa? Um site bom? O quê que ... como é que é isso?

D_F_16_D: Ah... eu tenho meu site preferido (risos)

E: Hum rum.

D_F_16_D: Que eu gosto dele, aí eu já vou direto nele, já ... seleciono as categorias ...

E: Como é que você achou o seu site preferido? Como é que foi essa, alguém te indicou, ou você foi procurando até a achar ele?

D_F_16_D: Pedi indicação no *facebook*.

E: Ah ... tá.

D_F_16_D: De uma página do *facebook*.

E: Entendi, e ... essa página do *facebook* de quem que era? Era de alguém específico que você conhecia que tinha confiança? Como é que foi essa ... essa (pessoa)

D_F_16_D: Não, era uma ... página de anime.

E: Hum ... que você já ... lia.

D_F_16_D: Hum rum.

E: E você gostava da página?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Ah ... tá. Então tem isso né? Você tinha uma página, em que você tinha a frequência que você, mas quem ... eu quero saber isso, como é que você achou essa página no *facebook*, do anime (risos)

D_F_16_D: Ah...

E: Lembra?

D_F_16_D: Eu procurei.

E: Como?

D_F_16_D: Eu já li.

E: do anime?

D_F_16_D: É, eu já assisti.

E: Fez busca?

D_F_16_D: Eu já assisti o anime, aí ... eu procurei no *facebook* e curti a página.

E: Mas como é que você procurou lá no *facebook*? Jogou o quê para procurar?

D_F_16_D: O nome do anime.

E: Qual que era o nome?

D_F_16_D: Fairy Tail.

E: Esse. Aí você jogou, *fairy, fairy*.

D_F_16_D: *Fairy Tail*

E: *Fairy Tale, Tale?*

D_F_16_D: *Tail*.

E: *Fairy Tail*, aí apareceram vários, com certeza.

D_F_16_D: Hum rum.

E: Como é que você foi na que você gostou?

D_F_16_D: Ah ... eu peguei a que tinha ... mais curtidas

E: Ah ... tá ...

D_F_16_D: Aí eu vi que ela era boa, aí eu curti também.

E: Então quando mais curtida é uma ... é uma indicação de que é melhor?

D_F_16_D: É, eu acho que é.

E: Pra você...

D_F_16_D: Na minha opinião

E: É? Então você geralmente vai nos mais curtidos.

D_F_16_D: Hum rum.

E: Aí você foi no site, nesse site, aí quando chegou nesse site, você ... foi pro site do ... da *fanfiction*.

D_F_16_D: Hum rum.

E: Eles indicavam algumas *fanfictions*, alguns sites?

D_F_16_D: Isso.

E: Alguns sites, vários sites ou só esse bom que você gostou?

D_F_16_D: Só esse, que eu vi indicando.

E: Hum ... aí você foi para ele.

D_F_16_D: Hum rum.

E: Aí gostou?

D_F_16_D: Aí gostei.

E: Aí o que te chamou atenção que você gostou quando entrou no site? O quê que, por que você gostou desse site?

D_F_16_D: Eu gosto.

E: Podia todo mundo ter achado ótimo, e chegar lá nó que saco esse site, e não foi isso, você gostou

D_F_16_D: Eu gostei dele ... assim, não de início, sabe? Eu comecei a ler a *fanfic* e... eu achei ele bem organizadinho, em comparação a outros.

E: Como? O quê que tem de organizado?

D_F_16_D: Organizado é que ... você coloca ... você seleciona o tipo de ... *fanfic* que você quer se você quer *fanfic* de ... anime ... de novela ... de filme ... de livro ... e você vai selecionando e acaba que a sua busca fica melhor.

E: E tem outros que não são assim?

D_F_16_D: Hum rum, tem outros, que você tem que colocar o nome, mesmo, do que você quer.

E: Ah ... tá ... então você tem que saber, qual *fanfiction* que você tá querendo ler, jogar, ou saber o autor?

D_F_16_D: Nos outros também tem muito anúncio, muito... muito spam com vírus.

E: Hum ... tá.

D_F_16_D: Aí esse eu gosto mais.

Depois de localizar o site e a obra, a leitora jovem inicia uma outra etapa: verificar se a obra escolhida é do seu agrado. A escolha da obra não é realizada pelo título ou pelo escritor/criador, mas, de uma forma aleatória, na qual se inicia a leitura de uma *fanfic* e, se não for do interesse, interrompe e inicia a leitura de outra até a seleção final da obra que será lida.

D_F_16_D: A escolha? Ah eu começava a ler a história pra ver se era boa, se não fosse, eu procurava outra e se fosse, eu continuava.

E: Mas de algum, algum... de algum personagem específico? De alguma série específica? Você geralmente já entrava pra procurar eles ou entrava no site via o que tinha, o que tava rolando e começava a ler, como é que era?

D_F_16_D: Ah... eu entrava no que tinha, olhava se era bom ou não e lia.

Quando R_M_15_C1 está indeciso de qual tema selecionar para ler uma *fanfic*, utiliza o sistema de busca de um *site* de *RPG* para indicação de temas. Em seguida, faz uma busca no Google, utilizando a palavra *fanfic* seguida do tema indicado no *site* de *RPG* e, assim, seleciona um site da lista para iniciar a leitura de uma *fanfic*.

E: E porque você faz esse caminho todo pra achar uma...

R_M_15_C1: O pior que não...não é tão demorado nem tão complicado como parece...é tipo no mínimo...no máximo um minuto que se faz isso...

E: Mas porque você faz todo esse movimento...se você pode ir no Google e jogar...*fanfic* e o tema que você...tem...

R_M_15_C1: É por causa que eu estava indeciso...quanto ao tema...aí eu decidi um tema qualquer assim...

E: Mas aí você não...

R_M_15_C1: O tema que eu queria ler qual que é...

E: Mas você preferiu deixar que decidisse o tema o site...e não você...é isso?

R_M_15_C1: É...porque tipo não corre o risco de eu escolher um tema que...só um tema...só que eu gosto...aí dá opção...aí *fanfic* é algo que totalmente você não está esperando...às vezes sai uma ficção e você não está esperando...que fica boa...acaba sendo legal...isso é divertido praticamente...por causa que você não vai saber o que você pegar...então...

E: É uma surpresa...

R_M_15_C1: É...

A especificidade desse tipo de obra de literatura digital, provavelmente, facilita essa forma de seleção, pois existem *fanfics* de vários tamanhos com poucos ou muitos capítulos e em um mesmo site a quantidade de temas e de obras, também, é abundante. Todos esses caminhos para buscar as obras literárias digitais e digitalizadas se tornam mais simples quando existe uma rede de sociabilidade literária na Internet. O compartilhamento de informações pelos membros da comunidade de leitores de literatura que leem, fazem comentários e resenhas das obras possibilitam ao leitor jovem o acesso a *sites*, *blogs*, redes sociais onde podem encontrar não só obras literárias digitais, mas também indicações de títulos de literatura digitalizada mais lidos pelos seus pares.

Esse compartilhamento de informações favorece, também, a escolha de obras que sejam do seu gosto, de forma mais assertiva do que se fossem nas livrarias físicas, apesar de muitas delas fazerem indicações dos livros mais bem recomendados por meio de lembretes ao leitor afixados nas prateleiras. Essa estratégia não se compara aos leitores reais, compartilhando suas impressões de suas leituras literárias.

R_M_15_C1: É... mas também... eu também vejo a avaliação que as pessoas fizeram do livro... que tipo... às vezes... a pessoa pode comentar... as opiniões das pessoas são diferentes... ela pode comentar algo muito bem ou algo mal... aí eles deixam disponível aquela barrinha de opinião... aí se ela for muito alta... no... positivamente... aí corre o risco de eu comprar mesmo...

E: Então isso é fundamental pra você comprar?

R_M_15_C1: É... eu acho que influencia muito... porque acabar comprando por uma opinião só... eu acho que é meio arriscado... você pode acabar não gostando do livro...

E: Então quando o livro é muito comentado... você tem uma chance maior de ler...

R_M_15_C1: Comentado positivamente...

E: Isso.

R_M_15_C1: Sim.

E: Aí as chances... o que vocês comprem geralmente são esses? Os mais indicados... os mais comentados?

R_M_15_C1: Indicados por colegas ou que eu gostei assim... da avaliação do livro...

R_M_15_C1 relata uma situação de busca de informações em um *blog* sobre uma obra vista na casa de um amigo. Observa-se que, antes de perguntar sobre a obra ao amigo, foi primeiro a um *blog* para saber mais informações. Parece que existe uma necessidade de averiguar com a rede de sociabilidade literária as impressões sobre a obra desejada, pois ela certificará as recomendações do amigo.

R_M_15_C1: Eu tava lá na casa do meu amigo.

E: Você não sabia de *Percy Jackson*.

R_M_15_C1: Não sabia, não conhecia nada.

E: É, aí é o L.?

R_M_15_C1: Não. Do ... Pedro.

E: Quem é?

R_M_15_C1: Que mora aqui em cima.

E: Hum rum.

R_M_15_C1: Tava lá, aí o livro dele, o livro tava assim em cima da mesa.

E: Hum rum.

R_M_15_C1: Eu peguei, olhei um pouquinho, olhei atrás, aí, do meu DS mesmo eu fui no *blog* e ... pesquisei do livro.

E: Ah ... aí você não perguntou para ele não?

R_M_15_C1: Não.

E: (Risos) E era ele que estava lendo?

R_M_15_C1: Não, ele tava lendo outro.

E: Ah...

R_M_15_C1: Só tava lá, aí depois eu perguntei, ô ... Pedro, esse livro aqui é bom? Aí eu ... mostrei para ele, aí ele "É, olha... eu acho bom!", é ... bom de ler ... linguagem, esse negócio tudo aí.

E: É, mas no *blog*, você deu uma olhada, para confirmar.

R_M_15_C1: É.

E: Aí depois você comprou?

R_M_15_C1: Não, eu não comprei a primeira parte do *Percy Jackson*, só comprei

E: Você fez o quê? Leu no digital?

R_M_15_C1: Não, li ... dos livros dele.

E: Dele, do seu amigo.

R_M_15_C1: É.

E: Ah ... entendi, aí, então, quando você foi ler lá nos comentários, lá no *blog*, deu uma olhada, isso te motivou a ler.

R_M_15_C1: É.

G_F_17_B1 aponta que as recomendações são importantes, principalmente, para aqueles leitores iniciantes na leitura literária digital, pois, por não saber procurar os ambientes digitais para localizar as obras desejadas, podem desistir da busca e permanecer nos sites e nos aplicativos que disponibilizam as obras em domínio público. Para a leitora jovem, essa seria a justificativa, para obras que ela considera desinteressantes de estarem no *ranking* das mais baixadas.

G_F_17_B1: Eu acho que isso, e ... e recomendação, de livro eu acho importante, também. Você ter ... fontes, né? De onde você tirar, os livros [...]

...

G_F_17_B1: Mas é ... porque você tendo o nome do livro, acho que fica mais fácil do que você for olhar, porque ... se for ... olhar dentro do site, porque às vezes, no site, você abre e tem aqueles livros, mais baixados, né?

E: Hum rum.

G_F_17_B1: E eu acho que as pessoas baixam mais livros que elas vão, que elas não vão ... ficar lendo depois, porque eu acho que o livro gasta muita ... muita memória do celular.

E: Hum.

G_F_17_B1: Né? Quando você baixa.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Então é um livro que você vai ler e vai apagar depois.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: E aí ... eu acho que assim. Parece, é ... na página inicial, Machado de Assis, essas coisas, talvez, as pessoas não se interessem tanto por esse tipo de leitura, sabe, e aí, ao invés de sair procurando em site...

E: Hum.

G_F_17_B1: Elas param nessa página, porque, ah, não tem nada de interessante.

E: Mas você acha que os mais baixados são o quê? Acontece o quê com eles? Não entendi.

G_F_17_B1: Por que ... é ... na página inicial, geralmente fica/

E: Os mais baixados.

G_F_17_B1: /É.

E: E você acha que esses, que as pessoas ficam só nessa primeira página?

G_F_17_B1: Não sei, às vezes, eu não sei, eu tô supondo.

E: É. Você acha que é isso.

G_F_17_B1: Hum rum.

E: Mas por quê?

G_F_17_B1: Porque às vezes a pessoa quer ler um livro, aí ela vai procurar na Internet, aí ela abre esse site e vê lá e só aparece livro antigo e tal, e a pessoa que já não tem a tendência para se interessar pelos livros, (risos), ou então para poder, ler ... livros, com leitura muito difícil, é muito fácil dela parar e não continuar, sabe?

E: Buscando.

G_F_17_B1: É, então quando você já tem o livro na cabeça, nossa, esse livro parece ser muito legal, a descrição dele é exatamente o que eu gosto de ler.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Aí você já vai, no livro, mesmo, já baixou o livro que você quer ler e que talvez você goste mais.

M_F_17_B2 reforça a importância do compartilhamento de informações entre a comunidade de leitores para realizar leitura literária digital. Destaca a necessidade dessa rede para suas práticas de leitura literária digital.

M_F_17_B2: Agora ... no digital, eu acho que, se a pessoa não tiver informada, eu acho que ela não vai saber.

E: Entendi.

M_F_17_B2: É, igual, eu mesmo, se não me informasse, eu não ia saber.

Entre os seis leitores jovens participantes da pesquisa qualitativa, G_F_17_B1 era a única que não tinha conhecimento dos caminhos para localizar, gratuitamente, livros de literatura digitalizados na Internet e não tinha uma rede de sociabilidade literária com a qual pudesse compartilhar informações sobre os locais de acesso de obras do seu interesse. Suas buscas se limitavam ao aplicativo de livros do *smartphone*, talvez, por isso, considerava a melhor opção para localizar e ler literatura do seu gosto a aquisição do livro impresso. Justifica o seu pouco interesse em práticas de leitura literária de literatura digitalizada na importância da quantidade de memória do dispositivo digital móvel que não comportaria outros arquivos caso optasse pelo armazenamento da obra digitalizada.

G_F_17_B1: /que não tenha tanto assim, porque é muito difícil você encontrar, um livro inteiro, pela Internet, muito, realmente muito difícil/

E: Você já procurou?

G_F_17_B1: /Você pode, hum rum, você pode ... encontrar pedaços do livro, que tem as dez primeiras páginas, eu sempre acho esses livros assim, tipo, pelas dez primeiras páginas.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Mas eu nunca acho o livro inteiro, para poder ... baixar.

...

E: E você também não pode guardar também o... digital, não?

G_F_17_B1: Pesa muito

E: (Risos)

G_F_17_B1: No celular.

E: Ah, entendi.

G_F_17_B1: Aí você vai tirar um foto, e não tem espaço na memória suficiente, mas eu acho que se tivesse, mais, acesso, acho que se ... as pessoas soubessem, mais de *sites* que baixam livros, porque cê acha, sites de séries, assim, adoidado, por exemplo

E: Como assim *site* de série?

G_F_17_B1: Série, de televisão, série de ...

E: Mas no site tem livro? Também?

G_F_17_B1: Não, então, é isso que eu tô falando, por exemplo, tem série, é... você acha em muito site, mas aí, se você for pesquisar sobre livro, você acha um livro que você nem tá interessado em ler.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Que tem ele inteiro disponível, mas o livro que você, realmente, quer ler, não tem ele lá.

E: Entendi.

G_F_17_B1: Aí, eu acho que, as pessoas nem ... buscam tanto saber, porque sabe que não vão encontrar, assim, pode até encontrar, mas aí, fica meio difícil, é muito mais fácil você ir na ... na papelaria e ... comprar o livro.

E: Entendi. Você acha mais fácil?

G_F_17_B1: Acho mais fácil.

No entanto, ao longo dos sete meses de sessões de entrevistas, G_F_17_B1 iniciou buscas, em conjunto com colegas, de *sites* e outros ambientes digitais que disponibilizavam obras de literatura digitalizadas. Pode-se dizer que, com o próprio efeito da pesquisa, concluiu que existem *sites* que disponibilizam obras de literatura digitalizadas em domínio público e outros que possuem as obras do seu interesse.

G_F_17_B1: Eu entrei nesses sites para poder ver e tem mais, esse ... Domínio Público, tem mais ... clássico, e esse outro, que eu acabei de falar que eu não lembro mais o nome.

...

G_F_17_B1: /Biblioteca *Online* tem mais livro é ... mais livro ... que você lê geralmente assim, do que mais livro clássico.

E: Ah, os mais novos, os mais recentes.

G_F_17_B1: É, livros, assim, mais, mais ... não vou dizer nem recente, mas, mais atuais do que ... Machado de Assis.

Por fim, observa-se nos leitores jovens uma prática convergente de leitura

literária que lhes possibilita conhecer novas obras de literatura digital e digitalizadas relacionadas a outros tipos de meios ou narrativas visuais. Ao assistirem a séries, filmes, animes ou jogarem um jogo eletrônico, os leitores jovens logo se sentem mobilizados a verificar a existência de uma obra literária que possua o mesmo conteúdo. Esse pensamento convergente (JENKINS, 2009), mais provocado, sem dúvida, pelas estratégias comerciais e contemporâneas de *marketing* que vinculam produtos a vários tipos de linguagens, a diferentes formas e espaços de circulação, proporciona a ampliação das práticas de leitura literária digital.

M_F_17_C1: Não, vamos supor... igual das séries que eu gosto, eu procuro saber se tem o livro. Ou se não algum livro que eu já tenho referência de amigas minhas que já leram e aí falam para mim. Aí eu procuro na Internet e leio.

...

M_F_17_B2: Esse é...o divergente primeiro foi em casa... e o insurgente eu vi no...

E: Mas você já sabia que tinha livro?

M_F_17_B2: Já...

E: Quando você foi assistir o filme...

M_F_17_B2: Eu já sabia que tinha o livro...

E: Como é que você ficou sabendo disso?

M_F_17_B2: Porque eu vi na...não...antes de saber que tinha o filme?

E: É...

M_F_17_B2: Não...eu vi o filme...depois pesquisei sobre tudo...

E: Ah...

M_F_17_B2: Aí fiquei sabendo que tinha os livros também...

E: Entendi...entendi...e aí tem os livros...tá querendo comprar agora esse?

M_F_17_B2: É...

D_F_16_D: Aí ... eu assisti o filme, eu vi o trailer do filme na televisão, que eu queria ver o filme no cinema.

E: Quando? Quando que saiu isso? Nesses tempos, agora?

D_F_16_D: Ah, não, foi no ano passado.

E: Hum.

D_F_16_D: Faz um tempo, já.

D_F_16_D: Aí eu assisti o filme, fiquei gostando demais, fiquei sabendo que tinha a saga e tudo, aí eu fui comprar o livro.

E: Isso...mas como você sabia que existia o livro?Porque via o filme...o trailer do filme...

S_F_19: Aham...a gente procurava...eu pelo menos fiz isso...quando a gente procurava o trailer dos jogos vorazes eu...ah...deve ter livro...porque fala da trilogia...você pensa...trilogia tem livro...

E: Ah...entendi...

S_F_19: Aí eu procurei o livro...li...a gente já foi pro cinema...tendo lido o livro...

E: Toda trilogia tem livro?

S_F_19: Quando fala da trilogia...é porque...pelo menos foi o que procurei na Internet...quando eles falam inspirado na trilogia...porque tem três livros que foram lançados...que inspiraram o filme...

E: Ah...entendi...

S_F_19: Que eles lançam os três livros primeiro...pra depois lançar o filme...

Existe um conhecimento sobre os termos utilizados no mercado da literatura, pois saber o significado da palavra trilogia, para S_F_19, indica a preexistência do formato do filme em outro meio, o livro literário. Os jogos eletrônicos, também, são mobilizadores dos leitores jovens para buscas de livros literários digitalizados com conteúdos relacionados.

M_M_17_B2: *Hitman*.

E: *Hitman*.

M_M_17_B2: É, é um livro, é um livro baseado em um jogo.

E: É um livro baseado em um jogo?

M_M_17_B2: Isso.

E: Como é que é isso?

M_M_17_B2: É como se fosse talvez a história do jogo só que com mais detalhes, entendeu? Vou até pegar o jogo aqui para você ver.

E: Pega lá.

M_M_17_B2: É, se você olhar, é um livro baseado nesse jogo aqui, entendeu?

E: Ah, *Hitman*.

M_M_17_B2: Isso.

E: *Hitman Absolution*.

M_M_17_B2: Isso.

E: Isso aqui é um jogo.

M_M_17_B2: Isso. É um jogo de *X-box*, né? Então você joga nele.

E: *X-Box*. O que é *X-Box*?

M_M_17_B2: É um *consoler*, de videogame.

E: Ah, tá.

M_M_17_B2: É... a última máquina lançada da *Microsoft*.

...

E: Entendi. E você gosta desses livros que (são), que surgem a partir dos jogos?

M_M_17_B2: Gosto, porque eu sou, desde muito novo mesmo, que eu sempre gostei de livros e de jogos. Aí, geralmente sai livros, igual, saiu o *The Walking Dead*, que é ...

E: *The Walking*...

M_M_17_B2: *Dead*.

E: *Dead*.

M_M_17_B2: E o *The Walking Dead* é um jogo baseado na série de um livro. Geralmente tem muitos livros, né, que são baseados nos jogos. Agora saiu um jogo baseado na série de um livro.

E: Entendi.

M_M_17_B2: Entendeu? (Estava para ficar entre os melhores jogos do ano, em 2013, se não me engano.)

Para a leitura de literatura digital, também é realizado esse tipo de pensamento convergente. D_F_16_D aponta os filmes e os animes como temas de interesse de buscas para *fanfics*.

E: E quais os que você já leu, eu quero saber um pouco sobre isso? Como é que você conseguiu chegar nestes *fanfictions*, quem te indicou, como é que você chegou nestes sites a primeira vez?

D_F_16_D: Ninguém me indicou não, eu li por curiosidade de saber mais sobre estes filmes, estes animes e eu cheguei no *site* procurando mesmo.

E: Então você tinha o filme que você gostava, é isto, e aí você procurou na Internet foi isso?

D_F_16_D.: Isso.

E: E aí achou alguma coisa sobre?

D_F_16_D.: Hum-hum.

Os ambientes digitais de busca são diversos, mas nem sempre fáceis de serem conhecidos pelos leitores jovens. E para cada tipo de leitura literária digital, se literatura digital ou digitalizada, existem formas de acessá-las nos ambientes digitais que as disponibilizam, bem como para cada ambiente digital que disponibiliza obras literárias digitais, são necessários procedimentos específicos para que o leitor jovem consiga localizar as obras de seu interesse. Essas formas de pesquisa demandam uma rede de sociabilidade literária que compartilhe informações para que os leitores jovens tenham maior êxito em suas buscas e ampliem suas práticas de leitura literária digital.

5.5 Experiências de leituras literárias digitais

Os seis leitores jovens, cujas práticas de leituras literárias digitais acompanhamos por meio dos relatos ao longo de sete meses, apontaram realizar leituras de literatura digital e digitalizada. No primeiro tipo de leitura literária digital, as *fanfiction*, hiperficção, ficção interativa e *RPG on-line* foram as citadas e, no

segundo, os livros literários, HQs e Mangás digitalizados. A maioria deles relatou mais experiências de leituras literárias com literatura digitalizada do que com literatura digital. Essa realidade, apresentada na sessão 4.4, tem relações com a difusão da literatura digital, ainda restrita no Brasil.

Verificamos que as experiências com leituras literárias digitais são realizadas pelos leitores jovens para os estudos, para diversão e entretenimento, mas também para a produção escrita, conforme podemos observar nos trechos transcritos abaixo.

M_F_17_B2: Os dois são interessantes...porque...essa literatura digital, ela é tipo...uma brincadeira...eu acho muito interessante...porque ali você vai estar aprendendo...e mesmo assim você vai estar brincando porque vai ser...uma forma de você estar se divertindo...e aprendendo...igual esse voo...eu nem sabia desse voo...eu peguei e li tudo lá...que apareceu...muito bacana...

E: Você produzia alguma coisa?

P_M_17_C1: Acho que eu consegui escrever duas vezes nessa. Eu tinha um interesse também de começar algum tipo de *fanfiction*, interesse em escrever uma história, mas nunca me veio ideia suficiente.

R_M_15_C1: Ah é...que tipo...eu não gosto muito do texto impresso que...é...o texto impresso pra você...fez ele acabou...você não pode mais editar ele...no texto digital...aí você faz um negócio...aí você pode...você pode ler os comentários do leitor...aí você pode...você pode pegar alguns comentários e você pode utilizar no seu próximo...no seu próximo texto assim...

E: Como assim? Me dá um exemplo de uma situação que você faz...

R_M_15_C1: É...*fanfic*...

E: E você faz como? Como é que é? Você produz...você escreve? Ou você lê?

R_M_15_C1: Não...às vezes eu escrevo, só que eu escrevo no caderno, aí...eu não coloco na Internet...mas quando eu leio...geralmente eu coloco um comentário do que eu não gostei...do que eu gostei...do que deveria colocar na próxima história ou...no próximo capítulo...

E: E após a leitura, o que foi que você fez?

D_F_16_D: Como assim?

E: Você publicou na Internet, você fez algum trabalho?

D_F_16_D: Fiz, sobre a *Moreninha* eu fiz um trabalho e uma prova sobre o livro. Agora o *Auto da Barca do Inferno* foi mais para conhecimento da obra mesmo que o professor indicou.

S_F_19: Ó...ano passa/esse ano eu tô...primeiro semestre eu fui mas pela faculdade que muita coisa...mas no ano passado que eu tinha mais tempo...lia de *Harry Potter* até Vidas Secas...porque com a Internet fica tudo mais fácil né? Qualquer hora que você sente... você pega...porque ficar comprando também...fica muito caro...eu li...só pra vestibular...sessenta livros na Internet...

E: Tudo na Internet...

S_F_19: Tudo na Internet...

E: E todos os livros foram livros indicados pra ser lidos no vestibular?Ou foi livros que você gostou...queria ler...como é que foi isso...

S_F_19: Também...teve...indicação para o vestibular foram vinte e seis... o restante...

E: Você leu todos...

S_F_19: Li...o restante foi esses livros que você vai vendo na na...até a D_F_16_D vê...eu e ela conversando...ela me indicava alguma coisa...eu indicava pra ela e a gente ia lendo pela Internet...

Os interesses pela leitura literária digital são diversos e se inter cruzam. Dentre os tipos de leitura literária digital, o gênero de literatura digital mais difundido no país é a *fanfiction*. Entre os seis leitores jovens que pesquisamos, quatro deles, P_M_17_C1, D_F_16_D, G_F_17_B1 e R_M_15_C1, conhecem e têm ou já tiveram uma prática frequente de leitura do gênero. O L_M_15, colega de R_M_15_C1, relata que não gosta de *fanfics* por ser uma obra de autoria coletiva: “é...não sinto muito graça em pegar uma coisa que não seja...daquele autor sabe? Você pega o universo de um autor...mas você não lê algo que seja realmente dele...”. Para este leitor jovem, a produção literária advinda da tradição manuscrita e impressa na qual a obra é escrita apenas por um escritor ganha preferência nas suas escolhas de leituras literárias. A despeito do que sabemos sobre a história do livro, algumas interferências na produção da obra (CHARTIER R., 1998; GOMÉZ, 2010) ocorriam na reprodução das obras manuscritas, na edição das obras impressas, mas ainda ocorrem na edição de obras na cultura digital. Quanto às formas das obras de *fanfics*, lidas pelos leitores jovens, P_M_17_C1 descreve com detalhes como eram as *fanfictions* que lia há três anos, antes do período da pesquisa.

P_M_17_C1: A escrita colaborativa, por exemplo, eu lembro do *fanfiction*, que tinham algumas que começavam e eram os fãs que decidiam, tipo, escolher alguém com uma votação e esta pessoa que fazia o próximo capítulo da história.

P_M_17_C1: Por exemplo, o autor fazia um começo bem grande para explicar tudo, de umas 20 páginas, e aí o povo lia e se inscrevia, quem tinha interesse em continuar, e aí faziam uma

votação e escolhiam alguém.

E: Quem que escolhia? Quem que votava nas pessoas?

P_M_17_C1: Ou eram algumas ou era o próprio autor principal que escolhia e outros eram gente votando mesmo.

E: E a pessoa que se colocava para fazer, ela dava alguma informação justificando ou era pelo perfil dela, como que era?

P_M_17_C1: Ela seguia o que ela achava que ela gostaria que a história continuasse. Às vezes era assim, um personagem morria na de alguém e no próximo ele ressuscitava.

E: Mas, com relação a este momento da eleição de quem ia ser o próximo autor, como era a escolha, por exemplo, eu estava lá para me escolher, como é que eu sabia que o fulano de tal estava se candidatando?

P_M_17_C1: Tinha uma parte do fórum separado para todo mundo se inscrever e, por exemplo, não precisava nem falar qual rumo que você ia mandar para a história. A gente nunca sabia.

P_M_17_C1: E aí você tinha que colocar lá que você tinha interesse em continuar a história e só ia saber qual era a história quando ela fosse escolhida. Não tinha como saber qual era a proposta da pessoa de continuar a história.

Esse formato de *fanfic* construída coletivamente é diferente do formato de *fanfic* lida pela D_F_16_D e G_F_17_B1, que são construídas apenas por um escritor. A leitora jovem conheceu esse tipo de obra sozinha, procurando informações sobre filmes e animes de que gostava. No período da entrevista, relatou que fazia uns cinco meses que não lia, pois preferia ler no seu *tablet*, que estava com defeito.

E: E aí achou páginas. Como é que são estes *fanfictions*?

D_F_16_D: A gente entra no *site* do filme e alguém indicando este *site*. E aí o *link* já direcionou para esta história.

E: E o que é que tinha nas histórias que era interessante?

D_F_16_D: Como se fosse uma continuidade do filme ou do livro, como se fosse uma continuidade que o próprio autor do livro, ele terminava o livro e esta pessoa fazendo uma *fanfiction* dando uma continuidade.

No decorrer das sessões das entrevistas, a leitora jovem retomou a leitura de *fanfics* e essa prática se fortaleceu após a aquisição de um *smartphone*. A primeira leitura foi de uma *fanfic* com o tema de um jogo que ela gosta, *League of Ledges*. Para selecionar a obra, verificou, entre as diversas opções de *fanfic* sobre o tema, disponíveis nos *sites*, uma que tivesse um texto gramaticalmente correto. Pois,

segundo a leitora jovem “[...] eu prefiro como se ... se fosse um livro, mesmo, ortografia certinha, com parágrafo certo, pontuação, eu prefiro assim”.

A experiência de leitura de *fanfiction* da G_F_17_B1 se deu quando ela tinha quinze anos, por indicação de uma amiga que havia criado uma *fanfic* sobre uma banda de *heavy metal*. Assim como D_F_16_D, G_F_17_B1, durante o período da pesquisa, realizava leituras desse gênero esporadicamente; a última havia dois meses. No decorrer das sessões de entrevista, G_F_17_B1 voltou a procurar por *fanfics* e leitura compartilhada. Segundo ela, “procurei os dois, que eram os ... que eu mais lia, os que eu mais gostava. *Fanfic* eu achei bastante, né, e... e.... a leitura compartilhada eu não achei nenhuma”. A efemeridade das obras na cultura digital cria uma renovação célere de possibilidades de leitura literária, ao mesmo tempo em que apaga outras e, nesse sentido, não podemos dizer que a cultura impressa padeça desse problema. De outra forma, a qualidade das obras lidas não passa por critérios de legitimação presentes no campo literário ou editorial, nas suas formas convencionais.

G_F_17_B1: É uma banda de *heavy metal*, eu acho... eu escutava na época...

E: Como é que é o nome... da banda? Fala devagarzinho...

G_F_17_B1: *Avenged sevenfold*... no português significa “vingado sete vezes”...

E: Aham...

G_F_17_B1: Aí ela escreveu uma *fanfiction* sobre um guitarrista lá... aí eu achei interessante a história que ela escreveu... e achei interessante também o fato dela estar escrevendo uma história sobre um artista... nunca tinha visto aquilo... aí eu procurei sobre as pessoas que eu gostava na época e tal... gostava muito de Avril Lavigne... gosto até hoje... mas fui procurando assim e achei coisas interessantes...

E: E você continua lendo... como é que é?

G_F_17_B1: Às vezes, quando eu acho alguma coisa, quando você vai procurar sobre alguma pessoa que você gostou na série... ou alguma... quando você vai ler alguma biografia assim... sempre aparece... algum... algum... alguma coisa pra você clicar lá que vai cair numa *fanfiction*...

E: Ahm... mas no *site*?

G_F_17_B1: É, vai cair/é tipo um *blog*... geralmente escrevem em *blogs*...

E: Você vai geralmente em *blog*... aí sempre tem um *link* pra alguma *fanfiction*?

G_F_17_B1: é... geralmente tem... assim... quando... você procura alguma coisa da pessoa... por exemplo... eu achei uma da Paula Fernandes... e aí... sempre tem assim... quando você procura lá

“Paula Fernandes”... aí você vai procurar informação sobre ela... aí você abre lá *fanfiction* da Paula Fernandes... aí você abre... você dá uma lidinha lá e tal...

Esses dados são bastante informativos. O primeiro se refere a um tipo de leitura situada em um momento da vida do leitor jovem e que, com o passar do tempo, essa prática não tem mais sentido. O segundo se relaciona à junção entre escrever e ler, e o outro remete a um tipo de achado “sempre errante”, que não possibilita voltar e, por isso, é mais efêmero. Já R_M_15_C1, que gosta muito de *fanfiction*, lê somente as escritas na língua inglesa. Suas leituras desse gênero são frequentes, quase diárias. Ressalta-se a memória do título da obra lida pelo leitor jovem, indicando uma busca menos “errante” e mais direta.

E: Qual que era *fanfiction*?

R_M_15_C1: é *Quick me the roobot how follow me run...*

E: Quê que é isso?

R_M_15_C1: É o nome da *fanfic*...é que é em inglês...

...

E: Aham...aí você gosta de ler em inglês também?

R_M_15_C1: Gosto... é basicamente só... eu só leio em inglês...

E: É mesmo? Por quê? Não lê em português?

R_M_15_C1: Eu não gosto muito da *fanfiction* em português... eu acho que fica meio assim... ah... não dá a mesma emoção... porque tem gente que... só escreve em inglês, mas consegue detalhar muito bem algumas partes da história... aí eu gosto mais em inglês...

E: Ah é?

R_M_15_C1: E dá pra treinar o inglês também...

E: Lógico... mas aí você prefere... você vê que tem diferença na produção desses *fanfiction* em inglês e português?

R_M_15_C1: Tem...

E: Mas os pro/ os autores são brasileiros ou são gente de fora?

R_M_15_C1: Gente de fora...

E: Todos que fazem/ escrevem em inglês são gente de fora?

R_M_15_C1: Não... um ou outro, que é bem raro, que é... português ... mas é mais gente de fora mesmo...

Como a *fanfiction* é um gênero no qual os criadores/escritores podem começar a escrever e, caso desejem não continuar com a história, podem finalizar antes do fechamento do enredo, essa característica pode desestimular o leitor jovem a continuar seguindo a postagem dos capítulos. Ou seja, no ato de ler está previsto o escrever.

P_M_17_C1: Era tipo assim, era uma coisa bem sem compromisso, tipo algum fórum, e as pessoas postavam, ou elas inventavam

completamente, uma coisa pequena, sei lá, de umas cinco páginas semanalmente ou por dia. E só que não me lembro de ninguém terminando uma. E acabava que o pessoal prolongava demais, e eu perdia o interesse. E a pessoa que estava fazendo a *fanfiction* não tinha mais o interesse em fazer.

E: Mas como é que você sabe que a pessoa perdia o interesse?

P_M_17_C1: Porque depois de 5 meses não tinha mais postagem da pessoa, nem falando que ela desistiu. Simplesmente a pessoa sumia.

E: Sumia da rede?

P_M_17_C1: E não postava mais aquilo ou então às vezes ela falava, “desisti, não estou conseguindo mais ter ideia”.

E: Entendi. E quando você lia estas *fanfictions*, elas estavam em qual *site*?

P_M_17_C1: Era um fórum de *fanfiction*, eu me esqueci do nome dele agora. Eu me lembro que na frente tinha um *banner* Fanfiction Brasil e alguma coisa. Mas não lembro qual era o *site* exatamente deles.

D_F_16_D: Tá. É ... eu procurei a ... a *fanfic* de uma anime, e ... eu comecei a ler, só que ... o que acontece é que a ... a autora, às vezes não é compromissada em ...tá escrevendo com frequência os capítulos, e acaba que você fica esperando e o capítulo não vem. Então isso desmotiva um pouco, aí você vai pra ... outra história, procura outros títulos de *fanfic*, e isso desanima um pouco porque quando você interessa na história não tem continuação

E: Hum rum ...

D_F_16_D: E você não sabe quando que vai ter.

E: Hum rum.

D_F_16_D: Então isso é meio chato.

D_F_16_D e R_M_15_C1 relatam, nos trechos abaixo, que ficam apreensivos pela postagem dos criadores/escritores dos capítulos seguintes. Essa relação de fidelização com a obra e de necessidade de lê-la faz com que acessem diariamente o *site* em seus dispositivos digitais mais usados ou em qualquer outro dispositivo digital que encontrem disponíveis.

D_F_16_D: Mas eu sempre vou lá olho se tem outro, o próximo capítulo.

E: Ah ... entendi ... então durante esse período, você olhou a primeira vez, leu/

D_F_16_D: Hum rum.

E: /Gostou, aí depois, você entra, tá entrando sempre, para ver se tem, porque você quer ler aquela *fanfic*?

D_F_16_D: Aquela, nem procurei outra não(risos).

E: Sério?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Nenhum interesse?

D_F_16_D: Não...

E: Nenhuma outra?

D_F_16_D: Eu tinha procurado várias, aí eu acabei escolhendo essa, e depois não procurei mais nenhuma.

E: Ah... entendi. Mas o quê que te, te motiva tanto, a ficar esperando, mais capítulo dessa, e não procurar uma outra que de repente tá super legal?

D_F_16_D: Ah ... porque... eu gostei demais. Essa autora escreve super bem, cada capítulo termina ... de um jeito assim que te faz querer ler o próximo, então, achei bastante legal.

R_M_15_C1: Nem se, se eu abrir o negócio lá na biblioteca, aí depois, é, é, as mulheres lá que liga, ó, que liga, que tomam conta da biblioteca, assim, elas vão ver, elas vão lá, elas vão ver que tá em inglês, aí elas vão perguntar, “O que você tá lendo?” Se eu falar que é alguma coisa assim, aí vão falar “Ah, não é trabalho. Fecha isso aí”.

E: Ah. Já aconteceu?

R_M_15_C1: Já. Uma vez sem querer eu abri. Sem querer.

E: Ah, eu sei: sem querer.

R_M_15_C1: Sem querer.

E: Aquele sem querer.

R_M_15_C1: Não, eu tava, eu tava ansioso para ver o final da história, aí eu abri lá aquilo que eu não levei o meu jogo no dia e eu não sabia a senha da biblioteca.

E: Seu...como é que chama?

R_M_15_C1: DS.

E: DS.

R_M_15_C1: Aí eu tava ansioso para ver o final, fui lá, abri. Ela chegou. Não pode, isso é trabalho. Eu falei, não. Daí, aí, ela viu que tava em inglês. Não pode abrir isso aqui na biblioteca. Fecha.

Para não passar pela apreensão da espera das postagens dos capítulos, D_F_16_D prefere selecionar *fanfics* que estão finalizadas e isso tem relação com a ideia de completude da obra. A fidelização a uma obra está condicionada a uma postagem regular do criador/escritor. E a regularidade deverá ter um período curto, pois, caso contrário, o leitor jovem não criará vínculo com a obra.

D_F_16_D: Aí eu ... acompanhei um pouquinho para ver se a autora ia terminar e aí demorou demais, eu deixei para lá.

E: Demorou demais é o quê?

D_F_16_D: Não, não postou mais nenhum outro capítulo.

E: Mas, que tempo, que tempo você ficou ali, olhando se vinha ou não vinha um capítulo?

D_F_16_D: Uma semana.

E: Uma semana.

D_F_16_D: Aí não veio.

E: Uma semana já é muito tempo.

D_F_16_D: Hum rum. Eu gosto de ler tudo rápido, sabe, terminar, aí por isso eu já, já procuro *fanfic* pronta.

E: Ah.

D_F_16_D: Eu prefiro pronta do que ficar esperando, um capítulo.

E: É geralmente, os, os escritores demoram quanto tempo para postar novos, novos capítulos.

D_F_16_D: Depende, cada um tem um tempo, né, porque ... às vezes o autor trabalha, estuda, e ... a *fanfic* passa por *hobby*.

E: Ah, tá.

D_F_16_D: Aí já deixa de lado assim, quando ele tiver tempo, aí cada um tem seu tempo.

E: Entendi, só que você não gosta de ficar esperando.

D_F_16_D: Eu não. (risos)

E: (risos) Você nunca ficou esperando uma, não?

D_F_16_D: Já.

E: Acompanhando, esperando.

D_F_16_D: Já.

E: E aí, como é que foi essa sensação?

D_F_16_D: Já, é ruim, porque você pensa, ah, talvez na próxima semana vai vir mais um capítulo, aí não vem, aí fica demorando, assim, aí eu não tenho paciência.

E: Mas você conseguiu um dia acompanhar, essa uma e teve que ficar esperando, mesmo.

D_F_16_D: Hum rum. Já cheguei a ler *fanfic* de autor que postava toda semana.

E: Ah ...

D_F_16_D: Aí eu lia um capítulo, na outra semana eu esperava, e lia, na outra semana, entende.

E: Mas aí em uma semana fica tranquilo.

D_F_16_D: Hum rum.

E: Para esperar, dá para esperar.

D_F_16_D: Quando você tem certeza que vai ter um capítulo toda semana, certinho, aí dá para esperar, agora, quando você não sabe se vai vir um capítulo ou não, aí eu fico meio sem paciência.

Ressalta-se que esse gênero de literatura digital pode ter um capítulo ou diversos, como citado pelos leitores jovens nos trechos abaixo. Os temas, também, variam e podem ser uma criação com uma história semelhante às obras literárias de referência ou destoar completamente, mas com alguns elementos e personagens pertencentes à obra de referência. E a criação pode ser compartilhada com outros interessados na obra ou somente o criador/escritor constrói os capítulos.

E: Você já leu, qual foi o máximo que você leu?

D_F_16_D: Acho que tinha 20.

E: Você achou muito?

D_F_16_D: Não.

E: 20 dá pra ler?

D_F_16_D: Tá bom.

E: Mas aí você achou a produção interessante? Ou nada a ver com o, com, com o que você tinha me dito, era sobre o que esse que você leu de 20.

D_F_16_D: Era sobre o filme Crepúsculo.

E: Crepúsculo. E você gostou do que a pessoa produziu, tinha, o que ela produziu tinha alguma a ver com a leitura de...

D_F_16_D: Tinha...parecia bastante com a história da autora.

E: Você prefere as *fanfics* que são parecidas ou que não são?

Já leu...

D_F_16_D: As que são parecidas;

E: É?

D_F_16_D: Porque parece realmente uma continuação da história.

E: As outras não são tão interessantes?

D_F_16_D: Não.

E: Você já leu alguma coisa que não era, que o autor não era, produziu um texto que não era muito parecido com o texto do livro original.

D_F_16_D: Eu já vi, mas quando é assim eu não leio até o final, eu leio o começo ou o primeiro capítulo, aí eu vejo que não é e vou pra outra.

P_M_17_C1: Eu me lembro que a que foi mais legal é a que o autor, o próprio autor escolhia quem ia continuar mas aleatoriamente, ele sorteava de acordo com o método dele e ele terminou. Ele falou assim que depois de 50 capítulos de pessoas aleatórias ele terminou a história.

E: Mas foi longo?

P_M_17_C1: Foi, foi bem longo.

E: E você leu tudo?

P_M_17_C1: Acho que eu li tudo.

A continuidade da leitura de uma *fanfic* pode estar pautada nos comentários dos leitores da obra, indicando, assim, a influenciada rede de sociabilidade literária na Internet. Segundo R_M_15_C1, ele utiliza essa estratégia quando começa a perder o interesse pela obra lida, ou seja, categoriza a obra como “estranha barra ruim”. Nesse momento, pesquisa nos comentários de outros leitores informações sobre a continuidade da história.

R_M_15_C1: Só o número...mas tipo se o negócio ficar...começar ficar estranho...tá ruim...aí eu vejo os comentários...pra ver se...como é que está a avaliação...assim

E: Estranho barra ruim é o quê? É o resultado?

R_M_15_C1: Não...é...

E: dos comentários?

R_M_15_C1: Não...leio a *fanfic*...eu vi que começou ficar estranho barra ruim...

E: Aí o que você faz?

R_M_15_C1: Aí eu vejo os comentários...assim...se vai passar essa parte...ou vai ficar nisso mesmo...porque se ficar aí...

E: Ah entendi...depois que você leu...depois que você entrou...começou a ler...aí começa a ficar estranho barra ruim...você volta nos comentários...

R_M_15_C1: Eu vou nos comentários...

E: pra ver...

R_M_15_C1: pra ver se é assim mesmo...e se continuar isso eu não vou ficar numa *fanfic* que eu não estou gostando...eu já tô achando assim bem estranho...

E: Entendi...mas antes de ler você não entra nos comentários não?

R_M_15_C1: Não.

E: Não?!

R_M_15_C1: Que tipo...maioria dos comentários é contando a história...

E: Ah tah...não é um comentário crítico né?

R_M_15_C1: Muitos são críticos...mas também tem aqueles que estraga a história praticamente...

E: Entendi...então você geralmente vê a quantidade de comentários?

R_M_15_C1: Sim...

E: Então quanto mais comentários...mais interessante...

R_M_15_C1: Quanto mais comentários...mais popular...que a *fanfic* é...e mais interessante parece que é...

E: Parece?

R_M_15_C1: É...

E: Nem sempre é? A quantidade não significa ...

R_M_15_C1: Às vezes a *fanfic* começa boa...mas passa...vai pro segundo capítulo dela...ela começa ir muito ruim...aí vai aumentando os comentários das pessoas que leram primeiro...

E: Entendi...

R_M_15_C1: Vai aumentando...igual...comentário negativo...aí você acha que o...ela é famosa assim...aí você vai lá e clica...

E: Você vai ver porque ela é famosa...porque ela é ruim, né?

R_M_15_C1: Sim...

Observa-se, no trecho anterior, a existência de duas formas de utilização dos comentários, antes e durante a leitura. Antes da leitura, a quantidade de comentários sobre uma obra pode ser um indicativo de popularidade tanto positiva quanto negativa. E depois da leitura, é o conteúdo dos comentários que são importantes. A despeito da relevância dos comentários antes e depois da leitura, os leitores jovens, em geral, não têm o hábito de escrever e postar comentários, mas somente de lê-los, pois, em geral, é necessário o cadastro no site para a escrita e a postagem de comentários. Essa indisposição para o cadastro ocorre, provavelmente, por considerarem uma tarefa dispendiosa de tempo para informar os dados pessoais do usuário. Alguns sites criam cadastros com a utilização de dados de redes sociais, no qual o leitor jovem, por ventura, pode já ser cadastrado.

E: E você mandou algum comentário?

D_F_16_D: Não, porque tem que ter conta pra ...favoritar, ou então, mandar comentário.

E: Aí você não quer? Não gosta?

D_F_16_D: Não, eu não criei conta.

E: Você não gosta de criar? Você não criou por quê?

D_F_16_D: Ah ... porque...

E: Por que não quer criar? Por que é?

D_F_16_D: Ah ... porque eu não quis mesmo.

E: É?

D_F_16_D: Eu não achei necessário.

E: Mas você não gosta de ... poder ter oportunidade de comentar, fazer uma conversa com a autora, faz assim, manda pra mim, faz mais capítulo. Você não teve esse...

D_F_16_D: Gosto, mas tenho preguiça de criar, de mexer com isso.

E: Preguiça? (risos)

D_F_16_D: Hum rum.

E: Mas que preguiça, você não gosta?

D_F_16_D: Gosto.

E: E que preguiça que é essa? Me explica, melhor.

D_F_16_D: Ah ... eu acabo não ... animando muito.

...

D_F_16_D: É...já me indicaram uma...uma página do *facebook*, indicou uma *fanfic*, e ... mas isso faz muito tempo

E: Hum rum ...

D_F_16_D: Aí eu li, gostei dela e no... nessa publicação mesmo da pessoa comentei que a *fanfic* era muito boa, que a autora escrevia bem.

E: Hum rum, ah ... entendi.

D_F_16_D: Mas porque tava fácil ali.

E: Tava ali, não precisava cadastrar ... fazer nada.

D_F_16_D: É.

Além da *fanfic*, outro gênero de literatura digital lido foi a hiperficção. Esse foi um caso particular da M_F_17_B2, que buscou informações sobre literatura digital e localizou o *site* do Movimento de Literatura Digital, que disponibiliza obras dessa natureza.

M_F_17_B2: Eu pesquisei, porque eu falei assim: "Gente, peraí, não é isso que eu tô falando com o que ela tá falando também, então tem alguma coisa errada. Aí eu fui ver, a literatura digital, ela, é que a gente participa né, aí eu entrei lá', como é que era o nome, era tipo...tipo um mistério a literatura, aí eu que, eu que delimitava o final, o começo da história. Foi muito interessante.

E: Você gostou?

M_F_17_B2: Gostei, aí eu que, acho que eu tipo, acho que eu tinha mandado uma carta para o detetive, na literatura era um...um...uma irmã do homem. A irmã do homem desapareceu, aí o detetive...ele contratou o detetive...aí o detetive falando as coisas, aí no final, de acordo com as alternativas que eu ia clicando lá que deu o final da história, aí tinha sons, tinha, tinha, é...ah tinha um tanto de coisa legal!. Eu vi um, que eu esqueci como é que era, eu sei que era tipo um labirinto, muito legal, aí...é porque eu achei que era tipo um livro né. Igual eu olhei os livros pela Internet, mas não é. Porque igual, você tinha me perguntado se tinha como imprimir né, mas não tem,

porque a gente participa, tem sons, tem imagens que mexem, é muito legal.

No *site*, a leitora jovem encontrou outras obras literárias digitais, como *O Jogo do Gato Poeta*, de Ana Mello, e o *Minicontos Coloridos*, de Marcelo Spalding. O primeiro intrigou a leitora jovem, pois não conseguia desvendar o mistério para encontrar o nome do gato e o segundo causou surpresa por ser uma obra que, a cada acesso, gera uma obra diferente, a partir da participação do leitor em selecionar a porcentagem das cores, vermelho, verde e azul.

M_F_17_B2: [...] ensinei ela jogar, o do... do gato, que eu nunca descobri aquele do gato! Nossa senhora! Me irrita, que eu nunca consegui descobrir como que é para mim conseguir. E eu acho... é... tem num livro, aí nunca ninguém... acho que vai conseguir.

...

M_F_17_B2: Aí eu tentei o do gato mil vezes, eu não consegui [...]

....

E: E você tava jogando o quê?

M_F_17_B2: Sempre o do detetive...eu adoro ele...aí já fiz diversas coisas...já aconteceu com minha irmã coitada...aí elas me viram jogando e...

M_F_17_B2: Não consigo achar o poema do gato nunca...

E: E isso faz com que você queira resolver esse problema ontem...

M_F_17_B2: Humrum...nossa...ele é demais...o gato...

E: Ótimo...tem mais algum que você fez?

M_F_17_B2: Teve o... hum...eu gosto muito das cores...que você coloca tipo a porcentagem...tipo vinte por cento azul...

E: Você continua fazendo...mexendo com isso?

M_F_17_B2: Aham...eu gosto muito dele...sempre deu diferente...ele nunca deu igual...

Podemos considerar a leitura dessas obras como do tipo intensiva, pois o leitor jovem pode acessar a mesma obra. No entanto, a cada leitura, ela se apresenta de forma diferente. O interesse de M_F_17_B2 pelas obras de literatura digital disponíveis no site do Movimento Literatura Digital se relaciona a uma experiência de leitura literária permeada pela participação do leitor, pelo uso intenso de elementos multimodais e de interatividade.

M_F_17_B2: Na minha opinião...porque igual eu não conhecia...ela me chamou atenção porque...tipo...tocou em vários outros sentidos...não só na visão nem na imaginação...igual...foi na imaginação...no conhecimento...eu ouvir o som...foi muito bacana...

E: E poder ter a interação...essas possibilidades que...será...que alguns...algumas literaturas digitais que...te possibilita de...igual...você me mostrou do detetive...que você

foi...fez...e...escolheu o começo, meio e fim...aquilo você achou interessante?

M_F_17_B2: Eu achei legal...porque tipo assim...muitas vezes...a gente lê o livro...aí a gente culpa o autor, né? A gente fala...porque esse autor fez isso? Que droga...porque não era pra acontecer assim...então nesse texto que eu li desse detetive...a culpa foi minha...então fui eu que determinei o destino da irmã dele...não foi o autor...então eu fui a autora...foi muito bacana...

M_F_17_B2 demonstrou como fez a pesquisa para localizar o *site* do Movimento de Literatura Digital e, em seguida, a experiência de ler as obras *Hiperconto: Um Estudo em Vermelho*, de Marcelo Spalding, *Jogo do Gato Poeta*, de Ana Mello, *Dois Palitos*, de Samir Mesquita, *Labirintos Sazonais*, de Maurem Kayne *Minicontos Coloridos*, de Marcelo Spalding.

M_F_17_B2: Eu tô procurando o site que eu...que eu entrei...

E: aí você digitou aqui no Google...digitou...

M_F_17_B2: Eu digitei agora...textos de literatura digital...literatura digital...

E: Aí você não achou, não?

M_F_17_B2: Não...agora não...agora eu tô procurando...que eu tinha achado...acho que foi aqui...deixa eu ver...[verificando na lista sugerida pelo site após a inserção da palavra]

E: No mesmo dia que eu fui embora...você já fez isso?

M_F_17_B2: Foi...por isso que não dá nem pra procurar no histórico...

E: Ahtah...

M_F_17_B2: Senão eu achava no histórico...ah foi aqui...foi aqui ó...[indicando o *link* do site selecionado anteriormente]

E: Que site que é?

M_F_17_B2: Foi aqui que eu coloquei...acho que foi...isso mesmo...literatura digital ponto com ponto be erre...

E: Aí você foi...

M_F_17_B2: Eu entrei nesse daqui...esse aqui ó...*Um Estudo em Vermelho*...

...

M_F_17_B2: É...porque eu achei que era um mistério...

E: Aham...

M_F_17_B2: Aí tem a música muito bacana...eu achei muito legal...

E: Aí tem que digitar seu nome...

M_F_17_B2: E o e-mail...

E: Seu e-mail... e achou? Você gostou da música no...

M_F_17_B2: Eu achei muito interessante...

E: Você nunca tinha lido nada que não tivesse música?

M_F_17_B2: Não...aí nele...tá vendo? Aí aparece o e-mail...como se ele tivesse...me mandando...

E: Quem?

M_F_17_B2: O detetive...

E: Ah...entendi...

M_F_17_B2: Me mandando assim... (...)...antes de mais nada...deixa eu me apresentar...dirijo uma importante empresa de nossa cidade...cujo nome por enquanto prefiro não revelar...aí aquela...aqui ó...que eu te falei...do avião... [lendo o texto do e-mail na obra]

E: Ah...aí você clicou?

M_F_17_B2: Aí você clica...aparece essa aba...

E: Aí vai falando...

M_F_17_B2: Aí vai falando sobre o avião...sobre...quê que aconteceu no voo...aí eu envio o e-mail pra ele...e ele me retorna o e-mail...

E: Ah...pra M_F_17_B2...por isso que tem que informar seu nome...

M_F_17_B2: Aí eu posso mandar então...antes de seguir adiante...preciso que você me diga...aí tem aqui a opção...sua irmã pode estar fingindo...ou você realmente acha que esse caso pode ser de sequestro?[lendo o texto da obra]

E: Ahn...aí que que você acha?

M_F_17_B2: Aí eu posso...

E: Fez o que na época...você lembra...

M_F_17_B2: Ah...eu li...eu acho que eu mandei que minha irmã tava fingindo...aí ela não tava fingindo...o cara tinha sequestrado ela e eu matei ela...

E: E porque você escolheu esse...esse *link*? Que a sua irmã tava fingindo?

M_F_17_B2: Porque o que tava parecendo na história...quando eu li parecia que ela tinha fugido...com o cara assim...por livre e espontânea vontade...mas é muito legal...

E: Você achou legal?

M_F_17_B2: Foi...lá...tem dois tipos de e-mail...escolha uma resposta...aí tem dois tipos de e-mail que eu posso enviar...[explicando quais as possibilidades de escolha para prosseguir na construção da narrativa]

E: Aham...

M_F_17_B2: Acho que ele tá me mandando pagar um valor muito alto...

E: Aham...

M_F_17_B2: Aí eu falei que não...que ela tava fingindo... ah lá...confesso que o valor é alto...mas a vida da minha irmã vale cada centavo...e tem seu preço...aí eu não aceitei...foi aí que eu errei...mas tem uma outra aqui muito legal também...[lendo o texto da obra]

E: No mesmo site?

M_F_17_B2: É...nesse mesmo site...acho que...o do gatinho tá aqui...tentar voltar...esse computador tá terrível...

E: Você acha que esse tipo de literatura te chama atenção pra ser...leitora dela ou não?

M_F_17_B2: Me chama muita atenção porque...eu achei interessante porque...eu nunca tinha visto esse tipo de literatura...e tem música...tem tudo...esse aqui eu vi...foi o do gato também...

E: Do gato também...

M_F_17_B2: Ele tem também.

E: No mesmo site, né? Literatura digital ponto com ponto be erre...também tem nome...cidade e-mail...[dados necessários para acessar a obra]

M_F_17_B2: Tem...aí tem esse aqui ó...

E: Você não colocou...o título...

M_F_17_B2: É...não coloquei agora mas...antes eu tinha colocado...

E: Aham...você colocou o quê?

M_F_17_B2: Eu tinha colocado...quando você tinha vindo aqui...só que...eu coloquei assim...coloquei com uma amiga minha...pra você indicar...

E: Coloca qualquer coisa...ainda tá digitando...ah tah...

M_F_17_B2: Esse computador tá terrível...mas é muito bacana também ó...tem a imagem dentro do texto...descubra em qual deles está o nome do gato...aí tá vendo...mas cuidado...você tá vendo sete...sete vidas...quer dizer...sete chances...

E: Aí você tem que fazer o quê?

M_F_17_B2: Aí você tem que...ir clicando...aqui ó...vamos supor...eu cliquei aqui...no olho do gato...

E: Clicou no olho...

M_F_17_B2: Aí aparece... ninhada completa...descansam no cesto...mamãe e os gatinhos...você tem seis vidas...quer dizer seis chances...[lendo o texto da obra] eu não acertei onde está o nome do gato...

E: Ah entendi...na hora que clica...aí que loucura!

M_F_17_B2: Aí é muito estranho...porque tem muito lugar pra você clicar...

E: Tem...muito...

M_F_17_B2: Então fica difícil ó...

E: Aí aparece o quê?

M_F_17_B2: Um poemazinho? Cliquei...árvore é pouco...gato alpinista preso no galho...você ainda tem cinco chances... [lendo o texto da obra] eu nunca...muito difícil...

E: Muito...

M_F_17_B2: Então aparece assim...quem acertar ganha um e-book com...todos os poemas do gato poeta...acho que é por isso que ninguém vai conseguir...ganhar alguma coisa...a lá...é muito complicado mesmo...

E: Gente...é...só vai aparecendo os poemas...

M_F_17_B2: É...esse aqui do labirinto...

E: Aí você foi entrando...em todos?

M_F_17_B2: Foi...aí eu entrei em todos esses...

E: Todos...aí...

M_F_17_B2: Aí acho esse aqui muito legal olha...esse eu também vi...você vai acendendo os fósforos...é muito...bacana...

E: E você não tinha visto nada parecido?

M_F_17_B2: Não...olha...dois palitos que chama...[lendo o nome da obra]

E: Aham...(...) ponto com ponto be erre...

M_F_17_B2: Aí eu clico aqui...aí ó...proposta indecente... [título do miniconto]

E: Pode ler...

M_F_17_B2: Me chama de puta...não dá...tô sem um tostão...[lendo o texto do miniconto] rs...

E: Vai aparecendo...

M_F_17_B2: Aí...é...aí aparece aqui...aí o conforme o palito apaga...aí a gente vai e risca outro fósforo...ah...legado... não podia esperar nada do filho além da falha... [lendo o texto da obra] aí vai aparecendo... um tanto de textinho assim sabe?

E: Você gostou...

M_F_17_B2: Gostei...foi muito interessante...eu li até o...último palito...

E: Mas você leu todos então?

M_F_17_B2: Li tudo...esse aqui também do labirinto...fiz...

E: É...também é uma literatura?

M_F_17_B2: E ela...por Maurem Kaynacho...que é o nome dela...

E: Maurem Kayn...

M_F_17_B2: *Labirintos Zazonais*...mas eu achei ele muito interessante...aí eu fiquei aqui um tempão olhando...aí vem o João...eu quero mãe...eu quero ver o joguinho...

E: O jogo?

M_F_17_B2: É...

E: Ele ficou vendo...também...

M_F_17_B2: Aham...quero jogar o joguinho...

E: E você achou muito diferente do que você lia?

M_F_17_B2: Abri...achei porque igual eu te falei...eu participo...esse primeiro aqui ele é de sons ó...minicontos de ouvir... aí ele...a gente escuta...ao invés de ler...é muito legal...achei bacana...foram esses que eu li...

E: Ótimo...

M_F_17_B2: Esse aqui eu acho que eu li também...ah é...esse é muito legal...você vai misturando as cores...ah lá...vinte e cinco por cento do vermelho...cinquenta do verde...tipo...cem do azul...aí aparece um tipo de miniconto...

E: Ahn...

M_F_17_B2: Nadei até você...e quando te alcancei...afundei na cor dos seus olhos...

E: Azul...

M_F_17_B2: É...tá tudo azul...

E: Que legal...muito bom...

M_F_17_B2: Vai misturando o...as cores...aí

E: Formam...

M_F_17_B2: as porcentagens...

E: As porcentagens...aí forma um poema...

M_F_17_B2: É...

E: Minicontos coloridos...

M_F_17_B2: Muito legal...vamos supor...cem por cento...do vermelho...zero por cento do verde...e cinquenta por cento do azul...a marca do batom foi fácil de explicar...difícil era eu justificar os raspados...o resto de maquiagem...o glitter nos seus cabelos...aí apareceu tudo rosa...

E: Muito bom...qual é a relação que você faz com a cor e o texto ali?

M_F_17_B2: É porque igual o...vamos supor o...azul...o texto tava falando que ele...afundou na cor dos olhos né?aí que...aí que apareceu o azul...então a cor do olho era azul...e ali...a mistura do vermelho com azul que deu rosa...tava falando da cor do batom parece...que ela usava...que ficou na pessoa...que tava com ele...

E: Entendi...

M_F_17_B2: Mas eu achei muito bacana...por enquanto foi só esses...que eu vi...

Essa forma de leitura é bastante diferente do que se espera com um livro impresso convencional, que é denominada por Anne-Marie Chartier (2016) como

leitura de recepção. Problematicando os modelos de leitura, de modo geral, em vários períodos históricos, a autora comenta o modelo contemporâneo de interação pela leitura e escrita que, ao conjugar leitura a atos de escrita, denominou de leitura de produção. Se levamos essa ideia para a leitura literária digital, teríamos como verificar momentos em que há essa simultaneidade.

O entusiasmo da M_F_17_B2 em apontar as obras e lê-las, também, tem relação, segundo Lahire (2006), a um tipo de reação dos entrevistados em pesquisa sobre práticas ou gostos de bens culturais legítimos dominantes. Para o autor, o entrevistado tem que ter (LAHIRE, 2006, p.41) “um mínimo de fé, de crença na legitimidade e na importância desse universo cultural” para que possa reconhecer, ou seja, identificar e admitir a legitimidade da literatura digital como um tipo de leitura literária importante, no caso da M_F_17_B2, para a sua participação na pesquisa.

Em um trecho da entrevista, a jovem deixa transparecer essa legitimidade: “Eu achei...eu me senti assim...é...eu achei que eu tinha...a igual...quando a gente tira um...dez na prova...que a gente tipo...aí graças a Deus...pelo menos eu sei alguma coisa...eu falei assim...agora eu já conheci muito bacana...vou continuar lendo...vou procurar outros sites...”. Destacamos que, após conhecer as obras dessa natureza, a leitora jovem começa a apreciá-las e a pesquisar outros sites e obras semelhantes, mas a pesquisa provocou isso.

Uma das tentativas de busca da leitora jovem foi em uma rede social “aí eu comecei a ler mais...procurei... eu tentei entrar em uma comunidade no face...mas tinha uma lá que era espanhol...eu falei assim nó...que legal...tem até fora do Brasil...aí era em espanhol... então aí eu não consegui ler muito...”. A surpresa de ter obras em outros países e a falta de conhecimento de uma língua estrangeira podem ser um impeditivo para a ampliação da leitura de literatura digital. As criações desse tipo de literatura, fora do Brasil, estão em ampla expansão e difusão. “tentei procurar mais alguns...só que eu queria procurar...eu até falei como Walisson [namorado da leitora jovem] no celular...porque no computador já ficou um pouco mais restrito... porque eu não achei mais sites...”.

Outro gênero de literatura digital lido por P_M_17_C1, M_M_17_B2, R_M_15_C1 e G_F_17_B1 é a ficção interativa, que, segundo Hayles (2009), tem características de jogos, mas com histórias ficcionais que demandam do leitor ações para definir o percurso. Os leitores jovens, quando citam esse gênero literário, o chamam de jogo, como observamos nas transcrições abaixo, nas quais eles relatam

como era o funcionamento dos jogos que jogaram/leram. P_M_17_C1, M_M_17_B2 e G_F_17_B1 tiveram apenas uma experiência com o gênero.

P_M_17_C1: Por exemplo, o jogo começa, e, dependendo das decisões que você tomar durante o jogo, o final vai ser diferente. As coisas que vão acontecer com você durante o jogo vai ser diferente. E principalmente o final vai ser diferente. Tanto é que estes jogos a gente joga, por exemplo, tem 5 finais, e a gente joga tentando alcançar os 5 finais diferentes.

E: Mas como é isso, no mesmo jogo você consegue chegar nos cinco finais diferentes?

P_M_17_C1: Dependendo das decisões tomadas sim, você vai tomando as decisões no jogo e ele vai te encaminhando para algum lugar. Até chegar no final. E aí depois você vê com outra pessoa quais são as ações que são tomadas para chegar num outro final diferente e tenta fazer isso.

E: Você pede informação com outras pessoas.

P_M_17_C1: É, ou então, às vezes nem pega e vai tentando. Tipo assim, tem uma parte lá do caminho que, quando você jogou, você foi nele e agora neste você vai do outro. E alguma parte você tem que escolher uma personagem, ou não. Uma vez que você jogasse você escolhia atacar e a outra você escolhia que não atacar.

E: Mas esses jogos têm alguma coisa de literário ou não?

P_M_17_C1: Tem mais ou menos o... o... tem mais história porque... não era uma história literária porque o *Assassin's Creed* é um jogo onde eles dá uma certa aula de história, mas o autor do jogo, ele colocou alguns elementos fictícios, e então tem como você alterar como se fosse a história do jogo e é um caminho literário mesmo.

E: É mesmo? Depois a gente entra num desses, tem como ou tem que comprar? É de graça ou tem que comprar esses jogos?

P_M_17_C1: Tem que comprar, eu não tenho dele, mas eu já joguei.

E: E como é que você já jogou então?

P_M_17_C1: Meu primo, quando ele morava aqui ele tinha o jogo.

E: Qual é o nome do jogo?

P_M_17_C1: *Assassin's Creed*.

E: E aí você comprava o jogo?

P_M_17_C1: Comprava.

P_M_17_C1: Ele é baseado em fatos reais, mas, por exemplo, tem o da guerra da independência americana, tem o da Revolução Francesa, mas não acontece tudo exatamente como é.

E: Como a realidade.

P_M_17_C1: É baseado naquele jeito e durante a história você consegue mudar algumas coisas que vão acontecendo.

E: O que é o *Slander*?

M_M_17_B2: É um personagem fictício criado pela Internet onde as pessoas comentam e tem lendas e etc. Foi criado pela Internet.

E: Me explica. Eu não conheço.

M_M_17_B2: Ele é um personagem e ele tem uma história de terror, digamos assim, historinha para suspense, e é um homem de terno, de braços longos e sem face. E foi criado pela Internet, e aí tem várias histórias.

E: E quem criou?

M_M_17_B2: Não, não sei. Parece que foi num fórum e aí as pessoas criaram e colocaram no *site* de lendas lá e aí as pessoas começaram a espalhar porque acharam a história muito boa. E aí criaram jogos.

E: E como que espalharam?

M_M_17_B2: Pelo jogo, principalmente. É um jogo. Aliás, o jogo veio da história, eu já tinha lido a história. E aí tinha foto, tinham as lendas. Crianças sozinhas sendo pegas pelo *Slander*. Aí saiu o jogo e aí conseguiram espalhar ainda mais. E aí fiquei sabendo porque tinham as fotos. E um amigo meu, falando que tinha medo da história do *Slander*, e eu fui e me interessei e baixei o jogo e etc.

G_F_17_B1: Eu não sei o nome do jogo... eu nunca sei o nome...

E: Não precisa do nome não... só como é que fazia...

G_F_17_B1: É... você entra... aí tem um... era assim... um... era assim a história...

E: Aham...

G_F_17_B1: Era num... tipo um... duas pessoas... que... que perderam a família e tal... aí começa a história...

E: Mas aí tem um texto escrito?

G_F_17_B1: Tem um texto...

E: Começa com um texto?

G_F_17_B1: Começa com um texto... começa com até a animaçãozinha e tal... mas tem um texto e tem as imagens... aí você vai lendo... e aí eram dois irmãos...que eles queriam achar outras pessoas e tal... aí você chega na vila e você escolhe o que vai fazer... se você quer/está com carinho ()... se você quer conversar com eles, sabe? Ah... eu não lembro mais direito... tem bastante tempo... mas era mais ou menos assim a história... aí, de acordo com a escolha que você fazia cê ia pra alguma outra página... aí tem um outro texto... aí escolhia de novo a ação...

A combinação de histórias reais e ficcionais, a participação dos leitores jovens na criação da obra e outros elementos como o mistério e a disputa entre os jogadores aguçam o interesse por esse tipo de obra. R_M_15_C1 e D_F_16_D relatam jogar/ler diariamente *RPG on-line*, e consideramos o texto do *RPG* como um tipo de literatura. R_M_15_C1 diferencia o *RPG* que ele joga/lê em uma sala de bate-papo com o *RPG* intitulado *Dungeons & Dragons*, líder no mercado de *role-playing Games* de tabuleiro e precursor dos jogos mais modernos.

R_M_15_C1: Em sala de bate-papo mesmo... é... sabe aquele jogo? *Dungeons & Dragons*?

E: Não...

R_M_15_C1: É tipo que você resolve... praticamente controla o... personagem...

E: Como? Qual que é o controle?

R_M_15_C1: Controla... é... através de ações... se você fala, é... decido fazer tal coisa a fulano ou... alguma coisa assim...

E: Aí tem um texto?

R_M_15_C1: Não... você mesmo cria a história... mas no caso do *Dungeons & Dragons*... era tipo... meio que o... o líder do jogo... é ele que faz história... mas na sala de bate-papo... você... vai adicionando o que você faz assim...

E: Mas como é que você adiciona? Como é que você faz? Me explica melhor... você entra no jogo?

R_M_15_C1: É...

E: Vamos por partes... você entra no jogo... aí que é que você tem que fazer?

R_M_15_C1: Primeiro... você procura alguém... que quer... também fazer.

E: *On-line*?

R_M_15_C1: É... aí vocês começam... de algum ponto tipo... ah... fulano apareceu em tal floresta...

E: Aí você que escreve isso ou está lá escrito?

R_M_15_C1: Você escreve... Você...

E: Ah... você digita?

R_M_15_C1: Você vai criando a história junto com o cara...

E: Ah... que interessante...

R_M_15_C1: Aí como... como não é uma história assim... já feita... aí fica muito melhor...

E: Interessante... você joga muito isso?

R_M_15_C1: Gosto...

E: É?

R_M_15_C1: Estou fazendo ali agora...

E: É?

R_M_15_C1: Mas só que, tipo... eu pausei aqui... ele... o cara estava ocupado... estou fazendo a entrevista agora... e ele também está...

R_M_15_C1 relata que, para jogar/ler *RPG*, é necessário no mínimo duas pessoas e, no máximo, cinco ou seis, mais do que isso ficaria muito confuso: “Toda pessoa tem uma opinião, aí a opinião dessa pessoa pode, ahm, pode entrar em conflito com a das outras. Aí fica uma bagunça toda aí”. Como o leitor jovem utiliza uma sala de bate papo gratuita, não é permitido excluir um jogador, somente em salas pagas. A partida pode ser interrompida a qualquer momento, bem como retomá-la.

E: Tipo o que...uma ação...fala uma ação aí por exemplo...qual situação...

R_M_15_C1: Eu (tanana)...eu tipo...só exemplo...eu matei alguém...ponto...

E: Uma ação?

R_M_15_C1: É...não necessariamente tão pequena...dependendo do que...mas geralmente quando eu estou jogando eu falo pouca coisa...

E: Mas de objetivo...

R_M_15_C1: É...porque eu falo uma palavra...uma palavra tipo...uma ação que é menos de uma linha...

E: Mas isso é o suficiente pro jogo...

R_M_15_C1: Sim...

E: E aí vai criando o jogo?

R_M_15_C1: Vai...

E: E aí, quando você faz...eu matei fulano...que que acontece no jogo?

R_M_15_C1: A pessoa fica com raiva e...vai tentar argumentar com você que você não pode fazer isso...

E: Ah ?

R_M_15_C1: Mas...eu evito de matar...que nem...é só um exemplo...mas tipo é isso...a pessoa ela vai...ela vai fazer uma ação pra...ou combinar ou completar a sua...ou entrar em conflito com ela...

E: Entendi...mas no final...você chega no final? Tem final?

R_M_15_C1: Chega no final tem tipo a pessoa que já anuncia o final...se eu quiser meu...personagem acaba com ele...pode...simplesmente morrer...

E: Ah...você pode?

R_M_15_C1: É...eu posso fazer alguma coisa pra ele morrer...

E: E a cada ação que você faz...acontece alguma coisa no jogo?

R_M_15_C1: Tem sua consequência...sim.

E: E aparece o personagem?

R_M_15_C1: Não...não aparece o personagem...com as palavras...mas...

E: É só palavra...só texto? é...eu tenho que ver isso informante...eu estou tão curiosa...

R_M_15_C1: Eu acho que pra quem observa...é meio chato...porque é só texto...

Verificamos que o jogo/leitura é criado por meio de uma produção escrita ficcional compartilhada, diferente do jogo/leitura de *RPG* que D_F_16_D joga, pois é uma combinação de elementos de *RPG* com jogos de estratégia em tempo real e para ser jogado é necessário acessar o site do jogo ou baixá-lo. O *League of Legends* também foi citado por R_M_15_C1 ao longo das sessões de entrevistas.

D_F_16_D: O jogo são ... é ... dois times, com cinco pessoas e... são ... cada pessoa escolhe ... um campeão, são vários campeões diferentes, e... é tipo uma roda bandeira, aí você tem que destruir a roda inimiga.

E: E para fazer isso tem que fazer o quê?

D_F_16_D: Aí tem várias, o jogo tem várias partes, é...

E: É uma história?

D_F_16_D: Não, você tem que ir destruindo as torres, que defende o ... campo ... adversário, tem que destruir as torres, tipo ir invadindo o campo inimigo.

E: Ah ... entendi, e as pessoas que participam com você ficam online? Ou você

D_F_16_D: É, ficam online.

E: É?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Mas aí as pessoas que participam são as mesmas sempre? Ou não?

D_F_16_D: Não.

E: Aí quando você entra no jogo, no dia aparecem determinadas pessoas, e ... entra no jogo.

D_F_16_D: Isso.

E: É isso?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Mas se você entrar e não tiver ninguém. É possível acontecer isso?

D_F_16_D: Não, porque esse jogo é muito jogado assim, mundialmente.

E: Ah ... tá ... mas aí na hora você, como é que é uma sala? Como é que é? Como é que é isso na Internet? Você entrou, aí você vê quando as pessoas estão ali?

D_F_16_D: Não, você tipo assim, você seleciona o ... o jogo lá, você escolhe jogar o jogo, e aí o ... próprio jogo vai selecionando as pessoas que vão jogar no seu time.

E: Ah ... o próprio jogo?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Aí você não conversa com essas pessoas não? Não existe conversa com elas?

D_F_16_D: Existe, você pode dialogar com elas.

E: Mas como? Tipo um chat?

D_F_16_D: Isso.

E: Aí aparece uns, uns espaços para ela escrever, aí você responde ...

D_F_16_D: Hum rum.

E: Mas você faz isso? Você geralmente conversa com elas?

D_F_16_D: Ah ... raramente.

...

D_F_16_D: Cada, cada campeão tem sua história.

E: Mas como que é assim?

D_F_16_D: É ... conta a história de como o campeão surgiu, o que passou na vida dele, cada campeão, como é que eu vou falar ... tipo assim

E: Tem uma identidade.

D_F_16_D: Isso.

E: Mas aí você ... tem alguma coisa a ver ... a história, com o jogo ?

D_F_16_D: Tem.

E: Por quê?

D_F_16_D: Tem, porque ... o jogo tem toda uma história em geral.

E: Hum rum.

D_F_16_D: Sabe, tem ... como se fosse tipo países, regiões, cada campeão é de um, de uma... uma região, e tem confronto entre esses países, tem toda uma história.

E: E pra você avançar no jogo tem que ler alguma coisa?

D_F_16_D: Não, não precisa.

E: Nada?

D_F_16_D: Mas eu acho bem interessante ler.

E: Ler o quê?

D_F_16_D: A história, do jogo.../

E: Ah ... tá.

D_F_16_D: /dos campeões.

E: Mas, por exemplo, para fazer uma ação, ir para um lugar, fazer alguma coisa, tem que ler alguma coisa? Não, né?
D_F_16_D: Não precisa.

Por fim, relatamos as experiências dos leitores jovens com leituras de literatura digitalizada. Essas são as mais frequentes entre eles, mas são M_F_17_B2 e M_M_17_B2 os que mais realizam leituras de livros literários digitalizados. Nesse caso, o acesso e a divulgação por determinada comunidade de leitores mostram que há sociabilidades literárias na Internet em torno dessa modalidade de leitura literária.

E: E quais os livros que você lê pela Internet atualmente?
M_F_17: Eu leio... já li *O Pequeno Príncipe*. Vi o... da série que eu ainda estou lendo, que é da série da *Pretty Little Liars*.
E: Que série que é esta?
M_F_17_B2: É uma série que é da *ABC Family*, não é daqui não. Eu sou apaixonada com ela, tanto no livro quanto na série mesmo de televisão. São cinco meninas, e aí elas, tipo, um suspense, e aí envolve até esta coisa meio virtual porque aí elas são ameaçadas por telefone, por mensagem de telefone. E acaba que, tipo, tudo em volta de uma menina que é tipo a rainha do grupo, como se fosse aquela que lidera a escola. E envolve isso aí, mas é muito legal.
E: E é uma série de TV.
M_F_17_B2: Era um livro que virou uma série de TV.
E: Era um livro que virou uma série de TV. É um livro impresso?
M_F_17_B2: Era.
E: Você leu ele no impresso?
M_F_17_B2: Não, no impresso eu não li, não. Eu li só no digital.
E: E como é ele no digital, você entra e é como se você estivesse lendo o impresso?
M_F_17_B2: É, e você vai passando as páginas. Tem lá a primeira página, você tem a capa, e depois outra página já é o livro e já vai passando... o livro não, já vai passando a história assim...

M_M_17_B2: É...eu comecei a ler *O Código da Vinci*.
E: *O Código da Vinci*?
M_M_17_B2: Hum rum. Um livro grande pra caramba. Não li nem a metade dele direito ainda, eu tava correndo com a formatura, arrumar beca, essas coisas. E...mas foi só isso mesmo.
E: É?
M_M_17_B2: Comecei ler digitalizadamente.
E: Ah, é? Aonde?
M_M_17_B2: No... no computador mesmo/
E: No computador.
M_M_17_B2: /Ele é grande, né? Ocupa muito espaço no celular. São quase lá ... seiscentas páginas.

Já G_F_17_B1, D_F_16_D e R_M_15_C1 tiveram poucas experiências com leitura literária digitalizada e, talvez por isso, quando leem um livro de literatura, preferem o livro impresso.

E: E que tipo de obra de literatura digital você conhece?

D_F_16_D: Digital. Bom, que eu já li na Internet foi *A Moreninha*, o *Auto da Barca do Inferno*... deixa eu ver. Acho que são estes dois, que eu lembro são estes dois.

E: E que são eles?

D_F_16_D: São obras clássicas que eu li por causa mais de trabalho da escola.

E: E como elas eram, como é que elas estavam no computador, era igual no impresso, como que era lido?

D_F_16_D: Era separado em páginas, normal.

R_M_15_C1: Eu li um pouco de *Percy Jackson*... digitalizado...

E: Ah é?

R_M_15_C1: Porque não tinha o livro... aí eu, eu comprei agora...

E: No... você leu no?

R_M_15_C1: Não... esse aqui não carrega... eu li no *tablet*...

E: [...] E você já leu um livro... é ... totalmente no ... no digital?

G_F_17_B1: Só teve um/

E: Teve?

G_F_17_B1: /Que eu li, que eu gosto muito das histórias dos Irmãos Grimm ... que, não sei, outros tem, uma obsessão, pela história deles, que eu li, que foi *Alice no ... País das Maravilhas*.

E: Você leu todo?

G_F_17_B1: É.

E: No digital?

G_F_17_B1: É.

E: No computador, ou no celular?

G_F_17_B1: Pelo celular.

E: É?

G_F_17_B1: Hum rum... e aí eu li uma leitura que é bem mais difícil, sabe? Não é um livro infantil que tem, que dá para você passar as páginas e terminar (logo) e tal, é um livro enorme, quase não entendi nada, porque é *Alice*, foi uma leitura muito difícil, mas eu li.

E: Você gostou?

G_F_17_B1: Eu gostei.

G_F_17_B1 relatou ter pesquisado no seu aplicativo de livros do *smartphone* outras obras literárias digitalizadas, mas que não gostou das obras encontradas e leu apenas alguns capítulos de uma obra por que, inicialmente, se interessou. Outro tipo de obra de literatura digitalizada indicada pelo S_M_19 e L_M_15, colegas de

M_M_17_B2 e R_M_15_C1, respectivamente, foram os Mangás e as histórias em quadrinhos.

S_M_19: Não...tô lendo pouco...porque como eu acompanho...tô acompanhando uma série de mangá e de história em quadrinho...então sai toda semana...aí...é a única que eu tô lendo...aí eu leio no celular...ou no computador...

E: Ah é?

S_M_19: Humrum...

E: E que série é essa que você está acompanhando no...

S_M_19: Eu acompanho uma história em quadrinho que chama Injustiça entre nós...que é da *DC comics*...

E: Brasileiro?

S_M_19: Não...é americano...e acompanho um mangá japonês que chama (ataque antifa)...

E: Tudo em inglês...

S_M_19: Não...ele é português...é traduzido...

E: Ah....todos dois são traduzidos...

S_M_19: Todos dois são traduzidos...

E: Aham... e toda semana sai um exemplar? Como é?

S_M_19: Da história em quadrinho toda semana...agora do mangá sai um por mês...

L_M_15: Eu tenho costume de ler um pouco de quadrinhos pela Internet...porque existem muitos sites que liberam esses quadrinhos...on-line...de graça...

E: Entendi...mas aí você lê muito esse tipo de quadrinhos...e tem impresso?

L_M_15: Tem...

E: Então é uma versão...que tá impressa no computador...

L_M_15: Digitalizada...

Os leitores jovens estão ampliando suas experiências de leitura literária com a cultura digital, buscando acesso a obras literárias que, anteriormente, só eram possíveis de serem lidas impressas, adquirindo na banca de jornal ou em outros locais de comercialização. A liberação de obras gratuitamente na Internet, a despeito dos direitos autorais, comentado anteriormente, favorece as experiências de leitura literária. L_M_15 também relatou ter realizado leitura de uma obra ficcional em um formato diferenciado das obras citadas, pois tinha uso de animação.

L_M_15: Ah...agora que fui parar pra pensar teve uma vez que...que eu vi...eu não sei se contaria mais como um jogo...do que uma história mas...era uma história de terror que assim...você ia lendo...e

passava algumas animações em flash...junto com as animações você via a história...você ia lendo e...assistindo ao mesmo tempo...

E: Ah tah...você lembra onde é que foi isso?

L_M_15: O quê?

E: Foi um *site*...que *site* que foi isso...

L_M_15: Eu vou ter que escrever porque é meio estranho o nome...

E: Não é brasileiro então?

L_M_15: Não, não...

E: Era inglês? O texto era todo inglês?

L_M_15: Era...

E: Tá...

L_M_15: Como é que era? Ah eu não vou lembrar o nome...é um nome esquisito pra caramba...era...ah lembrei...(Bom Djong do bost)...

E: Mas era americano?

L_M_15: Era escrito em...inglês...mas era basicamente a história de um folclore japonês...

E: Pois é...alguma coisa asiática...eu pensei...ah...e aí você gostou?

L_M_15: Sim...uma história bem interessante...

E: E como é que era? Você entrava no site...me explica como é que é...

L_M_15: Você entrava no site...você...a cada parte que você lia...você ia...

E: Descendo a barra de rolagem?

L_M_15: Parecia aquela animação em *flash*...você continuava descendo...aparecia mais uma animação e... seguia assim...

E: Ah...então na mesma página você só ia descendo? Não clicava pra ir em outra página não?

L_M_15: Sim...era só naquela página...

E: Só naquela página...ia descendo...aparecia a animação e o texto?

L_M_15: E o texto...

E: E a animação tinha a ver com o texto?

L_M_15: Sim...basicamente tava lá só pra fazer o que o texto tá dizendo...

A diversidade de possibilidade de criação literária em meio digital, o não arquivamento do local de acesso da obra e sua efemeridade promovem práticas de leituras literárias distintas a cada acesso ao dispositivo digital e à Internet. Somente aqueles sites ou obras acessadas constantemente permitem o retorno do leitor jovem à mesma obra lida, isso, quando ela não é retirada.

Compreende-se, assim, que as experiências de leitura literária digital dos leitores jovens são realizadas por meio de uma diversidade de tipos de obras lidas, tanto de literatura digital quanto de literatura digitalizada; estas últimas são as mais lidas pelos leitores jovens da pesquisa. E cada tipo de obra demanda usos e formas de apropriação diferenciadas. A despeito de o ato de ler ser solitário, a experiência de leitura é compartilhada por meio de uma sociabilidade literária na

Internet e pela demanda específica de alguns tipos de obras literárias digitais, como as *fanfics*, o *RPG on-line*.

Constatamos que as experiências de leitura literária digital não têm como condicionante o estrato socioeconômico dos leitores jovens, pois todos eles, independentemente do nível, possuem dispositivos digitais e Internet. A diferença se dá quando do acesso a dispositivos digitais móveis e a um plano de dados de Internet móvel. Nesse contexto, é a posse de um dispositivo digital privado, ou seja, não compartilhado com familiares e a mobilidade de utilização da tecnologia digital que permitem a ampliação das experiências de leitura literária digital. A exemplo, a leitora jovem D_F_16_D relata um retorno à leitura de literatura digital, após a aquisição de um *smartphone*: “Bom, é... nesse período, eu comprei um celular e ... nele eu voltei a ler *fanfic*”.

5.6 Modos de realizar as leituras literárias digitais

Os modos de realizar as leituras literárias digitais pelos leitores jovens variam segundo o tipo de obra, se literatura digital ou digitalizada, o tempo disponível do leitor jovem para a leitura, o dispositivo digital utilizado, entre outros elementos que irão imprimir comportamentos e gestos diferenciados no ato da leitura. Dependendo do tipo de obra e do local da leitura lida, o leitor jovem poderá se comportar como um leitor imersivo, contemplativo ou movente (SANTAELLA, 2004), ou seja, a obra altera o tipo de comportamento necessário para que o leitor consiga responder àquela demanda de leitura.

Se a obra for pequena, realizam a leitura até o final, mas, se for grande, leem em partes e por capítulos, para não perderem a compreensão da história, mas a ação de ler é realizada sempre sozinha. Esse modo de ler também se sobressaiu nos dados quantitativos do questionário 1, tanto no *corpus* geral quanto no *corpus* filtrado. Além disso, precisam de categorias do impresso para localizar na obra onde pararam para dar continuidade à leitura, conforme apontam os seguintes trechos das entrevistas dos leitores jovens:

P_M_17_C1: É, eu leio por partes.

...

E: No impresso?

P_M_17_C1: No impresso. Na verdade, neste livro e no *Crônicas de Eli no Fogo*, como ele é muito grande e o autor conta a história a partir de vários pontos de vista, de vários personagens, se eu parar no meio de um capítulo eu não entendo. Eu sempre tenho que terminar um capítulo para poder dar uma pausa.

E: E no digital?

P_M_17_C1: A mesma coisa.

E: Tem que terminar o capítulo?

P_M_17_C1: É porque senão eu me confundo. Se eu parar no meio, na hora que eu vou voltar eu fico todo confuso.

M_F_17: Não, eu leio tudo de uma vez quando eu vou ler assim. Ou senão, quando é muito grande, vamos supor, eu leio por partes, por capítulos.

M_F_17: Eu leio um pouquinho em cada dia. Eu gosto de ler sempre um pouquinho, tipo assim, vamos supor, eu leio por página e eu esqueço a página onde eu estou, e então eu sempre leio por capítulos. E estou no primeiro livro ainda de *Pretty Little Liars*, no sexto capítulo.

E: E toda semana você lê um pedaço? Ou como que é?

M_F_17: É, eu leio toda semana um capítulo. Ou, se não, leio um por dia porque aí fica mais fácil para mim não perder.

P: [...] E quando você fez esta leitura, estas 15 páginas que você falou, você leu tudo ou você foi lendo e fazendo outras coisas, como você fez a leitura?

D_F_16: Eu li tudo.

E: Até o final?

D_F_16: Até o final.

E: No mesmo momento?

D_F_16: Isso.

Quando questionados se liam várias obras ao mesmo tempo, os leitores jovens apontam, conforme trechos abaixo, essa possibilidade, mas também a de lerem uma obra de cada vez, o que nos suscita que, dependendo da obra, do interesse de leitura e do tempo, esse modo de ler se altera. Nos dados quantitativos do questionário 1, tanto no *corpus* geral quanto no *corpus* filtrado, o índice de ler a obra inteira se sobrepõe ao de ler várias obras ao mesmo tempo, corroborando com a maioria das práticas de leitura literária digital dos seis leitores jovens. Chama a atenção a leitura da *Bíblia*, por ser um livro de leitura intensiva, mas que geralmente é lido por partes, junto à leitura de literatura.

P_M_17_C1: Eu não gosto de ler várias coisas, mas eu gosto de ler uma coisa que vai me prender durante muito tempo.

E: Ah, é? Por quê?

P_M_17_C1: Inclusive tem livros, não sei, eu nunca tive o costume de ler ... vários livros, sabe, sempre li o que sempre quis, nunca tive esse costume, então eu prefiro livros que ... são grandes, e vão me prender na história mais tempo.

R_M_15_C1: Primeiro acaba uma, depois começo outra...

G_F_17_B1: Não... não faço isso, não...

E: Digital ou impresso você lê?

G_F_17_B1: Eu sempre estou com a *Bíblia*. E sempre estou com algum livro... então são esses dois.

E: Impressos?

G_F_17_B1: Então são esses dois que eu leio assim, ao mesmo tempo...

E: Aham...

G_F_17_B1: Mas é... quando eu tô com o livro... ou eu baixo igual no celular... ou eu não baixo nada, vou ler o impresso... ou então eu vou ler só o digital, sabe? Eu não misturo, não...

M_M_17_B2: Já aconteceu de eu ler obras ao mesmo tempo, mas geralmente eu leio uma só por vez. Porque às vezes eu paro de ler uma que eu já comecei se eu me interessar muito pela outra. E aí eu prefiro terminar para depois ir para a outra.

As transformações nos modos de ler, intensivo ou extensivo (CHARTIER,, 1998; FRAGO, 2002; DARNTON, 2009) colaboram com a história das práticas de leitura. A leitura da mesma obra várias vezes também é um fator, mas, assim como nos dados quantitativos, a leitura intensiva é pouco recorrente entre os leitores jovens. As obras digitalizadas são menos lidas várias vezes, exceto determinados tipos de obras que mobilizam o leitor a este comportamento, como a Bíblia, mas alguns tipos de obras digitais são criados para que o leitor retorne à leitura mais vezes.

M_F_17_B2: Aí eu tentei o do gato mil vezes, eu não consegui [...] [se referindo à leitura da obra "*O Jogo do gato poeta*", de Ana Mello]

G_F_17_B1: Nem impresso eu gosto de ler duas vezes... eu sempre busco outras coisas... às vezes... que nem eu te disse... do mesmo autor... às vezes eu busco obras parecidas... ou... às vezes eu dou de ler ficção científica... ou... leio vários de ficção científica... é... mas nunca... nunca leio de novo... eu posso até indicar... mas eu nunca leio de novo...

R_M_15_C1 : Tem umas vezes que eu leio mais de uma vez...

E: É?

R_M_15_C1: É que às vezes eu gosto tanto da obra que eu decido reler...

E: E que tipo de obras que você geralmente lê várias vezes?

R_M_15_C1: Impresso ou digital?

E: As duas...

R_M_15_C1: Impresso eu leio *Percy Jackson*... mas o, tipo... eu não leio o livro todo... eu leio só algumas partes assim... mas eu começo de uma parte... mas às vezes eu acabo o livro... digitalizado eu leio de novo... a partir de um capítulo que eu gosto... ou às vezes eu estou consultando uma palavra em inglês... eu acabo lendo o capítulo todo...

E: Entendi... aí... mas o livro todo... a obra toda... não?

R_M_15_C1: Não... mas algumas vezes eu leio...

E: Várias vezes...

R_M_15_C1: Eu leio porque... é... às vezes eu gosto tanto que...

E: Quando é muito bom você lê?

R_M_15_C1: É...

As obras lidas pelos leitores jovens são geralmente sagas que possuem uma grande quantidade de páginas e, por esse motivo, são grossas e pesadas, dificultando alguns gestos no ato da leitura. Mas, se o mesmo livro for digitalizado, esses incômodos deixam de existir, e ainda o leitor jovem se sente mais autorizado a fazer anotações sobre a leitura do que nos livros impressos, pois gostam de deixá-los intactos, indicando uma relação de reverência ao livro impresso e, de certo modo, uma falta de zelo pelas obras digitais.

P_M_17_C1: Não sei, eu quero ele do jeitinho que ele está lá. E também tem o livro impresso, igual este que é muito grosso e é meio difícil de ficar segurando ele, às vezes eu tenho que segurar ele, e, como ele é muito grosso, eu não consigo dobrar ele para trás como se fosse uma revista. E como eu estou aqui no livro, eu não tenho coragem de fazer assim porque senão acaba estragando e às vezes eu quero ler com uma mão e não dá porque fica pesado.

...

P_M_17_C1: E eu fico segurando, e às vezes é meio ruim quando ele é muito grande para ficar com ele aberto e ele fica fechando.

O tempo de leitura também se difere em relação ao impresso, reforçando o mesmo dado de certo desconforto de ler na tela. Os leitores jovens possuem estratégias para driblar os incômodos físicos do ato de ler em dispositivos digitais, como dor de cabeça, dor na vista e nas costas, caso seja um dispositivo que demande dele ficar sentado na mesma posição. E o cansaço é consequência dos demais incômodos.

P_M_17_C1: Não sei, quando eu começo a ler digital eu leio umas 20 páginas e paro e canso, e depois eu continuo, às vezes no mesmo dia.

P_M_17_C1: E este aqui [mostrando um livro impresso que estava lendo] eu já peguei para ler e li 50 páginas direto, sem problemas.

E: E no digital você não vai muito longe?

P_M_17_C1: É porque cansa mais rápido. [...] Cansa as vistas, eu acho que é, eu fico cansado de ler e aí tenho que dar uma parada e depois voltar.

S_F_19: Pra mim é mais difícil porque eu tenho astigmatismo...aí claridade pra mim muito tempo de computador...dá dor de cabeça...mas aí como que eu faço...eu leio...uma hora...aí paro...eu leio mais uma hora...aí eu paro...

A comparação da leitura literária realizada no suporte digital e no impresso é constante, não somente pelo tempo que se dedicam à leitura e pelo desconforto, mas também pela relação entre o tempo que se dedicam à leitura e o número de páginas lidas. P_M_17_C1 relata comparar o número de páginas lidas da obra no *tablet* com a versão impressa. Assim como relatado por Chartier R. (1998, p. 9), a existência de “uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso”, verificamos também uma continuidade muito forte entre essa cultura e a cultura digital, contrariando a crença na ruptura.

P_M_17_C1: Porque às vezes você lê, por exemplo, eu, você tá lendo, tá passando as páginas, aí você leu três, aí você pensa, nó, li muito. Aí no *tablet*, você leu bem mais, às vezes, e não percebe.

E: Mas isso acontece em todos os livros? Você acha? Se você já leu outros, você acha que essa, essa relação -

P_M_17_C1: Às vezes eu acho que eu li uma coisa diferente, na... nas duas formas.

E: Nas duas versões.

P_M_17_C1: Às vezes eu leio, eu acho que eu leio mais e eu li menos no *tablet*, às vezes eu acho que li menos e aí...

E: Mas você vai olhar, conferir?

P_M_17_C1: Vou.

E: Você faz isso? Por quê?

P_M_17_C1: É costume.

E: Aí você ...

P_M_17_C1: Eu quero saber quantas páginas eu li do ... se eu tenho o digital, eu quero saber quantas páginas dele eu já passei.

E: Ah... tá.

P_M_17_C1: Entendeu?

E: Quando você está lendo no digital, você faz esse movimento para ler no impresso, para saber quantas páginas você já leu?

P_M_17_C1: Às vezes no impresso, [no digital] não tá, o número de páginas certinha, às vezes tão, em um modo diferente.

E: No digital?

P_M_17_C1: É, no digital.

E: Não tá, as páginas certinha.

P_M_17_C1: É, às vezes, ele tem mais páginas, ele tem menos páginas.

E: Hum rum.

P_M_17_C1: Porque tem o tamanho da letra e tal, você tem que aumentar, aí vai mudando.

E: Isso, é.

P_M_17_C1: Para ter uma ideia mais exata, você vê no impresso,

E: Mas você faz isso, por quê? Você quer saber quantas páginas para quê? Qual é a importância disso?

P_M_17_C1: Para saber se eu estou avançando bem no livro, se eu tô lendo muito devagar.

E: Mas você não pode saber isso no *tablet*?

P_M_17_C1: Não, não sei.

E: (Risos)

P_M_17_C1: Eu tenho noção, minha noção é melhor no, no livro...impresso.

E: Essa noção de tamanho?

P_M_17_C1: Do tanto que eu li.

E: Entendi.

P_M_17_C1: Por exemplo, se eu mudar o tamanho da letra, desconfigura tudo lá.

E: Vai ficar maior, né? Fica maior, o livro.

P_M_17_C1: Fica maior.

Esse comportamento tem relação com a impossibilidade de visualizar a obra por completo e dimensioná-la. Pois em cada dispositivo digital, computador, notebook, *tablet*, celular, que o leitor jovem realizar a leitura, suas dimensões irão sofrer alteração. A leitura também é realizada a partir do tipo de obra: se for literatura digital, o leitor jovem provavelmente realizará uma leitura fragmentada e lê várias obras ao mesmo tempo; se for um livro literário digitalizado, finaliza o livro para escolher outro. Além disso, o modo como a obra é produzida, também, faz com que o leitor possa ler de forma mais fragmentada e menos atenta, como no caso das *fanfics*, ou, menos fragmentada e com mais atenção, na leitura de obras literárias, como as sagas.

E: Mas quando você lê *fanfiction*, você lê várias?

P_M_17_C1: Várias.

E: Por quê?

P_M_17_C1: Não sei, a leitura é mais tranquila. Aqui eu tenho que prestar muita atenção no que eles estão falando, é muita informação,

e a *fanfiction* é uma coisa bem mais tranquila, uma leitura bem mais leve.

E: Mas em que sentido ele é mais leve, me explica melhor?

P_M_17_C1: No sentido de entender, são menos personagens. A história é mais simples e o outro tem que colocar um guia no final do livro dos personagens porque senão... e toda hora eu tenho que ir lá consultar quem é cada personagem porque senão... porque é muito personagem mesmo.

R_M_15_C1: É uma vez ou outra que eu leio, é uma outra... assim junto...[referindo-se à leitura de *fanfics*]

E: Quando que acontece isso? Que você lê outra?

R_M_15_C1: Quando o autor ou está escrevendo ainda a história... ou simplesmente quando eu acho que a história ficou meio chata... aí eu vou pra outra... aí eu acabo a segunda... e volto pra primeira pra ver se...

E: Deu uma melhorada?

R_M_15_C1: É...

Outra condicionante do modo de ler é o interesse pela leitura: se for uma obra literária que o leitor jovem considere relevante, lerá atentamente, mas, ao contrário, não irá nem finalizar a leitura. Para G_F_17_B1, mesmo a obra não sendo do seu interesse, finaliza a leitura, mas de uma forma menos atenta.

E: E quando você lê só parte da obra e... deixa pra lá...quando que acontece essa situação?

R_M_15_C1: Quando a história tá indo tão ruim que eu não aguento mais...é sério...

E: Aí você deixa?

R_M_15_C1: Aí eu deixo...vai ficar ruim demais...tá piorando...pra que continuar? Se o negócio vai continuar ruim? Então...

G_F_17_B1: Eu fui lendo rápido, sabe quando você lê, às vezes você tem uma questão do livro, da ... você tá fazendo exercício, aí tem uma questão do livro, aí você vai direto na questão, eu pelo menos faço isso, eu vou direto na questão, aí eu leio a questão e depois eu volto no texto, para saber mais ou menos sobre o que ele tá falando, eu fazia aquela leitura assim, passando o olho.

E: Sei.

G_F_17_B1: Foi assim, ler a história.

E: Entendi.

G_F_17_B1: No início, eu comecei a ler direitinho, e tal, e aí depois eu vi que era insuportável, aí eu continuei lendo só para falar, eu li.

E: Você, você, até falou comigo isso, que não consegue, não terminar o livro, mesmo sendo ruim.

G_F_17_B1: É, (risos) eu tenho esse pequeno problema.

E: Aí você começou a ler, página por página, no começo.

G_F_17_B1: É, mas eu li página por página, só que eu não dei tanta atenção, nem tanta importância.

A posse de um dispositivo digital móvel permite uma nova reorganização dos modos de leitura que são novos e demandam o aprendizado das várias possibilidades de práticas de leitura literária. Levar a obra literária digitalizada para qualquer lugar, sem carregar um peso extra, possibilita ao leitor jovem ter uma biblioteca móvel que pode acessar onde e quando quiser.

E: E como que é esta leitura no digital, você lê vários ao mesmo tempo?

P_M_17_C1: Quando eu comecei a me interessar por leitura digital foi mais ou menos quando eu comprei estes.[mostrando os livros impressos adquiridos].

E: Faz pouco tempo isso?

P_M_17_C1: Tem um ano e meio, mais ou menos. E aí eu comecei a ler estes e dei uma parada, mas o digital é mais assim, você começa a ler e, por exemplo, eu ganhei o *tablet* este ano, e então só agora que eu estou vendo como é que eu vou ler os livros ali. Eu quero comprar os livros ali para poder carregar para qualquer lugar.

A leitura literária é realizada, em geral, quando o leitor jovem possui tempo livre, mas existe certa rotina de leitura durante a semana e nos fins de semana que pode estar relacionada ao tipo de obra lida.

R_M_15_C1: Ah, de noite. Quando tá livre, assim. Que eu não tava estudando, que eu não tava fazendo nada. Aí eu li um pouco, mas eu fiquei vendo mais TV.

E: Isso lendo o quê, *fanfiction*? À noite?

R_M_15_C1: É, *fanfiction*.

E: À noite ficava lendo *fanfiction*.

R_M_15_C1: Ahm, sim.

E: Por que à noite?

R_M_15_C1: Porque eu tava livre, não tinha nada para fazer, então eu lia. O *Percy Jackson* eu lia às vezes de tarde, assim, mas também mais à noite.

E: Hum rum.

R_M_15_C1: E o... o interativa.

E: O que tem o interativa?

R_M_15_C1: É, tipo, sábado, sábado eu tirava o dia, assim, para não estudar, aí eu ficava o dia inteiro.

E: Jogando? Nossa! (Risos) Todo o sábado ou durante a semana você jogava ou não jogava durante a semana?

R_M_15_C1: Durante a semana eu entrava assim eu ficava um pouquinho assim, mas depois saía.

E: Ahm ram.

R_M_15_C1: Mas sábado eu ficava o dia inteiro, assim.

E: Ahm ram. Entendi.

R_M_15_C1: Acordava, tomava café, escovava dente e jogava.

E: O dia inteiro. Até à noite?

R_M_15_C1: É.

E: Mas almoçava?

R_M_15_C1: Na casa de um colega. Eu almoçava!

E: Parava para almoçar, comer alguma coisa, ir no banheiro...

R_M_15_C1: Não, eu não vou ficar morrendo de fome!

M_M_17_B2: Às vezes, igual, eu divido, eu não aguento ficar, o dia inteiro lendo livro, não, porque chega uma hora que você cansa.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Aí eu jogo, igual eu tenho um joguinho aqui.

E: Aí você começa a ler, para um tempo, faz outra coisa no computador.

M_M_17_B2: É ... vou dar uma volta em redes sociais, depois continuo lendo, às vezes assistir é muito bom, não dá para parar, chega numa parte muito legal.

G_F_17_B1: Eu lia mais quando...porque já tinha esse problema da falta de tempo né? Então eu lia mais quando dava intervalo ou...era horário de almoço e tinha mais tempo livre e tal...era assim...era quando dava mesmo...não sentei e parei...e peguei o celular pra ler...entendeu?

E: Ah entendi...era um momento livre...o celular tava na mão e você pegava?

G_F_17_B1: É isso...

E: Então era...na parte de intervalo da escola...

G_F_17_B1: Dentro do ônibus...

E: Dentro de ônibus...

G_F_17_B1: É isso...horário de almoço...

E: Horário de almoço... em casa não?

G_F_17_B1: Em casa...eu tava estudando de manhã ainda né?

E: Isso...de manhã...

G_F_17_B1: E aí eu saía de manhã...ia pro ()...chegava às seis horas...aí eu tomava o banho...estudava deitava e dormia...essa era minha rotina dentro de casa...

E: Então não dava dentro de casa?

G_F_17_B1: Não...

E: E a leitura entrava que horas? Do *Game of thrones*...

P_M_17_C1: Antes de ir pra aula...

E: Antes de ir pra aula você lia? Sempre?

P_M_17_C1: Quase sempre.

E: Quase todos os dias...

P_M_17_C1: É...

E: Foi isso que você conseguiu chegar nas cem páginas...

P_M_17_C1: Foi...

E: Sempre nesse horário...e final de semana você lia?

P_M_17_C1: É...final de semana eu lia mais à noite...porque de dia eu faço outras coisas...de noite eu tô mais quieto no meu quarto...eu vou lá e leio...

A leitura também é condicionada pelo local onde ela se realiza. Comportamentos diferentes são observados ao longo da história das práticas de leitura, conforme aponta Chartier R.(1998); antes do século XVIII, os comportamentos de leitura eram restritos e, após esse período, foram mais variados. Na atualidade, estamos diante de novos comportamentos relacionados ao local de leitura condicionado ao tipo de suporte, pois, para alguns dos leitores jovens, existe uma relação entre o local da leitura e o suporte, digital ou impresso. Para G_F_17_B1 e M_M_17_B2, a leitura literária digital é mais frequente nos espaços externos ao espaço doméstico. Neste, a preferência é pela leitura em suporte impresso, comportamento contrário ao da D_F_16_D. Muitas vezes a leitura parece não ser um fim em si mesma, mas é mobilizada para ocupar o tempo.

G_F_17_B1: É... é...retomando o que eu já disse, eu acho que quando você tá com celular... é muito mais fácil de você ler dentro do ônibus... por exemplo... você baixar alguma coisa pode ser... você tá com sono, aí você baixa alguma coisa... aí, no ônibus, você começa a ler... aí depois você para e interrompe... aí você volta a ler de novo quando você está voltando da escola...eu acho que é uma coisa mais assim... que quando eu tenho tempo eu gosto de ter o meu livro pra poder ler. De isolar do mundo... de fechar a porta... e ler mesmo... e a... a literatura digital, ou a que você encontra mesmo no celular... é a mais assim... pra uma vez que você não tá fazendo nada pra você... e não dá pra levar o livro... às vezes você tá indo, sei lá... pro dentista... você não vai ficar levando uma bolsa pra você poder ir no dentista... aí você leva seu celular pra você ler e quando você voltar... sei lá... você fez outra coisa, sabe? Mais pra preencher tempo mesmo... pra você não ficar à toa.

E: Aham... mas aí você vai ler então a... quando você vai ler obra de literatura digital... você lê no celular? No computador de mesa você não lê? *Notebook, tablet*... sei lá... essas coisas assim... outros dispositivos, não?

G_F_17_B1: Muito difícil... muito difícil mesmo...

E: Por quê?

G_F_17_B1: Porque é mais pra praticidade mesmo... quando você tá com o celular... você tem ele em todos os momentos e dá pra você ler... nessas horas vagas... e quando eu estou em casa... eu sempre estou com um livro pra ler...

E: Impresso?

G_F_17_B1: Impresso... e aí eu vou ler ele quando eu estou com tempo, entendeu?

E: Ah tá...

G_F_17_B1: Pego ele e sento ele pra ler... mas quando eu não estou com ele, aí eu leio pelo celular... que é mais fácil você ler nesses lugares... que é pra você não ficar carregando...

...

E: Ah tá... e tem essa questão então... da leitura... a leitura literária no celular, ela é... mais em outros espaços e não em **G_F_17_B1:**

É... geralmente, quando... quando você tem algum tempo vago mesmo... quando eu leio, sempre no ônibus... é uma diferença engraçada, mas eu gosto muito de ler a *Bíblia*... então eu tenho ela baixada no meu celular... e quando eu estou indo pra casa ou eu estou voltando... que... fica meio longe, né? Da minha escola até aqui... com trânsito ainda... dá uns 35 minutos e tal... aí eu pego o celular e vou ler... aí eu vou... eu vou pra escola lendo e volto da escola lendo...

E: Qual os outros espaços que você lê literatura no celular?

G_F_17_B1: Quando eu estou em casa... sem fazer nada... e eu não tenho que fazer nada... quando eu já acabei de fazer todas as coisas... aí eu vou ler... vou assistir um filme... alguma coisa assim... aí eu pego uma leitura... eu pego um filme... alguma coisa assim, e vou...

E: Então tem outros espaços... é... ônibus... aqui na sua casa... tem outros espaços que você lê literatura no seu celular?

G_F_17_B1: Não... acho que é só assim... quando eu estou... viajando também... eu gosto muito de pegar pra ler... eu não gosto de ficar parada sem fazer absolutamente nada, sabe? Então eu gosto de ter alguma coisa pra eu ler... gosto de achar alguma coisa pra eu escutar... quer dizer... então geralmente assim...

D_F_16_D: Ah não ... eu acho que ... fora de casa eu fico muito distraída.

E: Hum...

D_F_16_D: Com as outras coisas e eu acabo não lendo e não prestando atenção sabe, enquanto eu leio.

E: Hum rum.

D_F_16_D: Aí em casa, eu fico mais quietinha, mais calma.

E: Hum.

D_F_16_D: Aí eu sei o que eu tô lendo, consigo prestar mais atenção.

E: Então fora de casa você dá preferência se você for, vai fazer leitura de literatura, no impresso.

D_F_16_D: No impresso.

E: E em casa?

D_F_16_D: No digital.

E: No digital.

Para M_M_17_B2, a leitura literária em suporte impresso seria realizada fora do espaço doméstico, caso tivesse certeza de que teria tempo para ler, pois “para que levar um peso que não vai utilizar?”.

M_M_17_B2: Eu não estou andando de ônibus mais, porque meu curso acabou. Aí ... eu baixei no celular mas eu prefiro não baixar.

E: Ah então, isso, eu tô querendo entender isso. Então cê, você só baixaria no celular para ler, se estivesse andando de ônibus?

M_M_17_B2: Isso.

E: Se não, você não, baixaria?

M_M_17_B2: Se for pequenininho aí quando eu tiver esperando, quando eu tô em uma fila de banco, né? Aí eu baixo, baixo no celular. Só que como um livro bem grande, aí eu não animei, não.

E: Mas se você tivesse, por exemplo, se você tivesse na (escola), é ... no período de ... aula, indo pro SENAI ... tudo mais ... escola, você teria baixado, ou não? Você acha que teria baixado?

M_M_17_B2: Provavelmente sim.

E: Por quê?

M_M_17_B2: Porque, é ... com o celular é mais prático, né, porque é que nem ler o livro, às vezes eu tenho que estudar no ônibus lá, ou tô na escola mesmo, sem nada para fazer, se eu estivesse com o livro no... com o livro no celular, poderia ler o livro.

E: Entendi.

M_M_17_B2: Entendeu?

E: Mesmo sendo grande, você não ia, ia , dar uma, encher um pouquinho o seu celular.

M_M_17_B2: Isso.

E: Você baixaria?

M_M_17_B2: Baixaria.

E: Porque você teria mais tempo, fora.

M_M_17_B2: Isso, isso.

E: Agora, como você está, de férias, você não baixa.

M_M_17_B2: Quando eu estou de férias, eu fico só em casa não tem porque baixar no celular, entendeu?

E: Hum...tá.

M_M_17_B2: Porque eu tenho o computador, aí.

R_M_15_C1 não diferencia os espaços para leitura literária digital, mas a relaciona com alguma atividade que necessita ser realizada, ou seja, mesmo sem perceber, existe uma rotina para a leitura mediada pelas categorias atividade e tempo livre.

R_M_15_C1: Acho que não tem lugar... não tem horário nem lugar, tipo... quando... às vezes quando eu estou sem nada pra fazer... eu pego assim... o DS e começo a ler... mas horário e lugar não tem não...

M_F_17_B2 relata existir uma preferência em ler em suporte impresso na roça, mas essa preferência, também, tem condicionantes, como a falta de acesso à Internet e exigências da mãe de não utilizar o celular. Na escola, o uso do suporte digital não é permitido, então, por esse motivo, a leitura literária digital geralmente não é realizada no espaço escolar.

M_F_17_B2: Ah, quando eu vou para a roça, eu prefiro ler no livro normal.

E: É mesmo?

M_F_17_B2: Uma porque lá não tem Internet (risos) e outra porque eu gosto, não sei, eu fico lá, na rede, balançando, eu gosto.

E: Ah, tá, em determinados lugares também.

M_F_17_B2: É...

E: Tem isso?

M_F_17_B2: Ahm...

E: Você acha que tem isso?

M_F_17_B2: Eu gosto...

E: Em determinados lugares você vai mais para o impresso, dependendo de onde você estiver, por exemplo, você tá em casa, na roça, na escola, no ônibus, tem isso? De lugares, você, preferir, um, uma, a ler no dispositivo, no dispositivo digital, ou ler no impresso? Você acha que tem isso?

M_F_17_B2: Pra mim, igual, na roça, pra mim às vezes é bom, porque também a minha mãe não fica, nem na roça ela, “larga do celular”, ela implica demais, aí, lá eu gosto, não sei, o cheiro do livro eu também gosto, do cheiro que tem no livro.

E: Hum rum.

M_F_17_B2: Agora, na escola não dá, né, para ler.

E: Hum rum.

M_F_17_B2: Porque eles não deixa ler no celular.

E: Hum rum.

M_F_17_B2: Agora no resto assim, para mim, tanto faz.

E: Tanto faz?

M_F_17_B2: É.

Os leitores jovens explicam a relação entre o local da leitura literária e o suporte preferido que parece estar relacionado à praticidade do suporte digital para levá-lo para qualquer local, pois as obras lidas são, em geral, volumosas. E o acesso à Internet no espaço doméstico é mais veloz do que o uso do plano de dados de Internet do celular, quando estão em outros locais.

G_F_17_B1: Só que assim, eu acho que o digital tem mais facilidade para você levar, né? Porque, se eu levar um livro pro dentista, por exemplo, se você sabe que o horário de pico, vai, tá voltando dentro do ônibus, você não vai levar um livro de todo tamanho, tipo *Guerra dos Thrones*, para você ficar lendo o livro em pé ali, entendeu? E ... no celular, você sempre tá com o celular no bolso, você não quer mais ler, não tem como você ler, guarda no bolso.

E: [...]E ... me diz uma coisa, é ... então você tá pensando em comprar então esse livro de literatura de, comprar ele digitalizado para poder caminhar com ele para qualquer lugar e fazer leitura?

P_M_17_C1: É, isso eu ia gostar muito, eu vou fazer, igual aquilo que eu falei, colecionar, eu compro, alguma versão ...

E: Impressa. Mas ele, esse livro que ela indicou, é um livro ... que é saga, também? São vários?

P_M_17_C1: São só dois, mas é bem grande.

E: Entendi.

P_M_17_C1: Dois deles equivalem a três ou quatro do *The Game of Thrones*.

E: É muita coisa.

P_M_17_C1: É muita coisa.

E: Aquele já era enorme, que você me mostrou.

P_M_17_C1: É, bem grande, eu até, aquele livro é assim.

E: É? Grandão?

P_M_17_C1: Ele é do tamanho de um caderno.

E: Mas aí me diz uma coisa, se tivesse só impresso, desse tamanho, grandão, o que você faria?

P_M_17_C1: Aí, eu vou comprar, mas eu vou ler ... bem menos, porque, vou ler só em casa.

E: Ah ...

P_M_17_C1: Eu não vou levar ele pra, só se for viajar, por exemplo.

E: Entendi.

P_M_17_C1: Ou ficar bastante tempo em um lugar, aí eu levo.

E: Ah, tá. Você não levaria um livro grande desse jeito, pra faculdade, pra não sei para onde.

P_M_17_C1: Não, é muito peso.

.

E: Aham...e você lê no celular?

S_F_19: Leio...porque fica fácil...dentro do ônibus...você tá lá em pé você pode mexer...você tá...qualquer lugar que você leva junto...que não é assim que você pode pegar uma Bíblia...e colocar dentro da bolsa né? Nem cabem...e o celular fica fácil...

E: E você lê muito em celular?

S_F_19: Muito...porque acaba que como...ah vai pra faculdade...ah fica pela fila do banco...ah vai pra num sei o que num sei o que...tem...você não pode pegar um livro desse tamanho e sair folheando...não tem como...celular não...é pequeno...portátil...em qualquer lugar...

M_M_17_B2: É que não tenho Internet o tempo todo, né?

E: Ah, tá.

M_M_17_B2: E sem Internet/

E: Você tem Internet móvel, não?

M_M_17_B2: Tenho, mas é muito ruim, entendeu? É muito ruim mesmo.

E: É mesmo?

M_M_17_B2: É antigo, nem é beta, a qualidade é muito ruim.

E: É lento.

M_M_17_B2: É, é muito lento.

E: Entendi, mas você não faz esse tipo de, de busca, por exemplo, você tá lendo no digital, lendo ele no celular.

M_M_17_B2: Hum.

E: Você não faz, tá com alguma dúvida, você não faz, essa busca, não?

M_M_17_B2: Não, se eu não tivesse, se eu estiver com uma Internet ruim muito ruim, depois eu faço, eu pesquiso, se eu lembrar ... ou eu deixo (em branco) para depois eu saber

E: Mas geralmente, você já fez essa busca alguma vez? No celular? Ler, tá lendo no celular, aí, acha alguma coisa diferente, não sabia, e fez a busca no celular, ou não?

M_M_17_B2: Não, no celular, não.

E: Hum.

M_M_17_B2: Não que eu lembre. Acho que faço no computador mesmo, que é mais rápido, mais fácil e ... entendeu?

Quanto aos locais preferidos para a leitura literária digital, os leitores jovens citam, no espaço doméstico, o quarto, a sala ou qualquer lugar em que o acesso à Internet esteja com qualidade. O tipo de acesso à Internet e sua qualidade condicionam o local de leitura literária digital.

E: Entendi...sempre no seu quarto?

P_M_17_C1: É...sempre...porque lá é mais quieto...

E: Entendi...

P_M_17_C1: Se eu ficar na sala...tem irmão pra chamar toda hora...minha mãe que senta aqui no computador...pra fazer alguma coisa aí fica comentando comigo...

D_F_16_D: Em casa.

E: Em que lugar de casa?

D_F_16_D: No quarto, ou na sala, onde pega melhor o *wifi*.

Depois de realizarem a leitura literária digital, os leitores jovens fazem comentários, trocam informações com os amigos, indicam o livro em aplicativos de mensagens instantâneas ou postam trechos em redes sociais. Essa última situação não é muito recorrente entre os leitores jovens e apresenta baixo índice nos dados quantitativos do questionário 1, no *corpus* geral e no *corpus* filtrado. E, provavelmente, isso ocorre devido ao baixo índice de participação em comunidades de leitores. No entanto, para P_M_17_C1, por exemplo, publicar algo sobre a leitura literária digital realizada vai depender se a literatura é digital ou digitalizada.

P_M_17_C1: Nas *fanfictions*, por exemplo, depois de ler algum capítulo, a gente comentava o que a gente achava da obra. O autor pedia para a gente comentar, avaliar o trabalho que ele estava fazendo. Eu só procurava algo semelhante ou outra obra daquela pessoa que estava escrevendo depois que eu acabava a história inteira. No meio, eu não costumava procurar por outra, e acabava lendo mais de uma porque apareciam, ou me indicavam, e eu achava

interessante. Mas quando eu estava lendo alguma, raramente eu ia procurar a outra semelhante para ler. Normalmente eu procurava outra até bem diferente para ler.

...

E: Você publicava alguma coisa em redes sociais ou não, sobre as leituras?

P_M_17_C1: Só no próprio fórum mesmo que eu comentava sobre as leituras.

E: E agora no *Kindle*, com a literatura digitalizada, você publica alguma coisa? O que é que você faz depois que você faz a leitura?

P_M_17_C1: Não, não publico, não.

E: Indica para alguém, lê outras obras do autor?

P_M_17_C1: Procuro, igual deste autor aqui, eu procurei outras obras para ler, mas todas as séries dele são gigantes. E acho que publicar em rede social, não. Eu comento com os colegas sobre os livros que eu estou lendo quando a gente está falando de livro, por exemplo. Eu comento todos os livros que eu tenho interesse, ou que eu já li, ou que estou lendo.

M_F_17_C1: Às vezes eu gosto de algum trecho ou de alguma frase assim e posto no face, ou, se não, eu comento muito com a minha irmã porque ela também gosta muito de ler e aí a gente conversa, discute.

E: E o que mais, além disso?

M_F_17_C1: Às vezes, vamos supor, se é alguma coisa sobre algum cantor, eu procuro saber alguma coisa sobre a vida dele. Leio, escuto música, alguma coisa.

E: Sobre a obra?

M_F_17_C1: Vamos supor, é igual, ela olha muito aquele tal de Rubens Alves, e aí eu nem sabia o que era, e aí uma vez eu fui procurar o que era, e aí eu procurei sobre a vida dele, sobre o que ele fala. Acho que é pedagogia que ele explica, não sei. E aí eu li um pouco só para... não é muito a minha praia não, e aí eu parei. Mas eu gosto de procurar sobre a vida da pessoa. A cara, tipo assim, eu não conheço a feição da pessoa e aí eu procuro foto para mim ver como que a pessoa era.

G_F_17_B1: Se eu gostei muito, muito, muito... porque eu costumo indicar livro impresso... mas se eu gostei muito, muito, muito... aí eu passo a página pra alguém que talvez gostaria da mesma coisa que eu... por exemplo... se eu ler um romance... um escrito assim por todo mundo... aí eu li o romance... eu acho muito legal, aí eu falo... “nossa... então, a pessoa gosta de romance... ela vai gostar dessa história...”. Aí você passa o *link*... ela passa pra outra pessoa e vai nesse *link*...

E: Aí você manda por *e-mail*... manda como? Por Whatsapp...

G_F_17_B1: É... pelo Whatsapp mesmo... estou conversando com a pessoa e falo “ó... tem uma coisa interessante aqui... depois você dá uma olhada...”.

Realizar outras atividades no dispositivo digital durante a leitura não é uma prática muito recorrente entre os leitores jovens, índice baixo, também no *corpus* geral do questionário 1 e no *corpus* filtrado, embora haja uma ideia de que os jovens, na atualidade, não se concentram e realizam muitas atividades ao mesmo tempo nos dispositivos digitais. Esse comportamento, provavelmente, irá depender do tipo de atividade que realizam. Por outro lado, na concorrência ou complementaridade entre ler e fazer outras coisas, há algumas diferenças. Os relatos indicam a perda de concentração como um fator importante quando estão lendo e resolvem abrir alguma notificação de um aplicativo de mensagens instantâneas ou de uma rede social.

Determinados dispositivos digitais, como o computador de mesa, o celular e o *notebook*, disponibilizam, na parte inferior da tela, mesmo quando o leitor jovem está realizando uma leitura literária, a visualização de todos os aplicativos e redes sociais que estão abertos, diferentemente dos dispositivos de leitura digital, como o *tablet* e o *Kindle*. A função restritiva de visualização de tarefas permite que o leitor jovem se concentre mais na leitura do que quando o dispositivo digital não tem essa função.

G_F_17_B1: É... eu não mexo muito assim na rede social não... eu tenho os meus amigos que eu converso no *Whatsapp*... aí algum me chama... aí eu estou lendo... aí um me chama... nossa! quê que tem pra eu ver... aí eu vou responder... aí eu comecei a conversar com a pessoa, perco aquilo que eu estou fazendo...

E: Você se perde?

G_F_17_B1: Ou então eu vou conversar... não é questão de perder assim... é mais ter uma linha de raciocínio, sabe? Que quando você tá lendo no impresso... você deixa seu celular pra lá... você não precisa do seu celular, sabe? Você tem Internet... você deixa ele pra lá e vai ler... ele mesmo... você tirou um tempo pra aquilo... agora... quando você tira um tempo pro celular... aí você fala “ó... essa pessoa...”. Aí você vai conversar, sabe?

E: Então?

G_F_17_B1: Aí você acaba distraído às vezes... às vezes você tem que fazer alguma coisa em casa também, aí você... deixa de lado... você não tira ele assim um tempo... porque como você tá com celular muito tempo... você nem valoriza aquela leitura, sabe... que como você pode ler qualquer momento... então você prefere fazer... eu prefiro fazer outras coisas que eu tenho que fazer no momento... do que ler... eu penso... “ah, não... eu posso ler amanhã no ônibus...”.

E: E no ato da leitura, você lê somente aquela leitura ou ao mesmo tempo você entra em rede social, ouve música, como é esta leitura?

P_M_17_C1: Quando eu estou... eu lia a *fanfiction* lá no computador e isso era um problema porque às vezes eu estava lendo e alguém me chamava no *Skype* ou no *MSN* (Microsoft Service Network). Eu parava de ler e ia lá ver quem é que estava me chamando. Agora aqui e no impresso e no *tablet* na verdade eu consigo controlar isso mais, eu paro e fico lendo e só se o meu pai, a minha mãe ou o meu irmão me chamarem que eu paro de ler.

E: Mas por que é que foi diferente então com a *fanfiction* e com o livro no *Kindle*, você consegue controlar?

P_M_17_C1: Mas eu acho que se eu fosse ler a *fanfiction* no *Kindle* eu conseguiria ler sem interromper. Porque na hora que você abre a parte para ler não tem janelas, não aparecem as notificações. O problema do computador é que estão sempre as janelas lá e ficam sempre aparecendo as notificações, te chamando.

...

E: E aí, se te chama a atenção, você não dá conta de não parar?

P_M_17_C1: A não ser que seja uma parte da história que eu esteja muito concentrado ou uma parte confusa, e aí eu dou uma parada, assim, ignoro um pouco para ler e a hora que eu passar daquela parte eu vou lá ver. E aqui é difícil eu parar no meio de um capítulo porque senão eu perco totalmente a história.

...

E: Então a digitalizada que você lê no *Kindle*, eu estou querendo entender isso agora, você já leu ela também no computador, no *notebook*, já leu ou fez alguma leitura?

P_M_17_C1: Não, no computador eu costumo mais pesquisar os livros e, sei lá, ler as 2 primeiras páginas, ler a sinopse de como que é o livro. Pesquisar os livros.

E: Mas antes você não lia lá?

P_M_17_C1: Não, não lia. Só os *fanfictions* mesmo.

E: E por que você não lia?

P_M_17_C1: Porque na verdade tem esta coisa de sempre um negócio estar chamando a atenção, e então era muito difícil me concentrar na leitura.

E: E aí você nem começava a ler.

P_M_17_C1: Não, às vezes eu até começava a ler alguma coisa, mas nunca ia para frente.

E: E no *Kindle*, vai indo?

P_M_17_C1: No *Kindle* vai.

...

P_M_17_C1: E no jeito também, praticidade, porque no computador ele está lá, e é muito difícil ficar levando o computador, não tem jeito de ficar levando o computador, e eu tenho que ficar sentado lá quietinho e lendo. Por exemplo, passando as páginas e nada pode me chamar a atenção porque senão eu vou olhar.

M_M_17_B2: Eu sempre leio ouvindo música, como se fosse uma música de fundo. E a rede social fica aberta, só que dificilmente eu vou entrar porque senão eu perco a concentração inteira e meio que fico lendo no automático.

E: O que é que fica aberta, eu não entendi.

M_M_17_B2: A rede social.

E: Fica aberta?

M_M_17_B2: Fica aberta, e às vezes o pessoal chama, mas se eu for lá eu perco toda a concentração, mas eu geralmente concentro naquilo. Às vezes a pessoa chama e vou, deixo naquilo um pouquinho. Às vezes, quando eu estou querendo parar de ler mesmo. E aí eu já fecho a rede social. Mas, geralmente, quando eu estou lendo eu foco mais para ler.

E: Geralmente sim, mas de vez em quando acontece de você ir fazer outras atividades?

M_M_17_B2: Isso.

E: Mas a música está sempre lá.

M_M_17_B2: Isso, porque facilita.

E: Facilita?

M_M_17_B2: Facilita porque fica ao fundo, às vezes tem um acontecimento legal no livro e aí tem uma música também legal, e aí meio que junta as duas.

E: E... você lê... geralmente você concentra totalmente na leitura... faz outras coisas ao mesmo tempo?

R_M_15_C1: Totalmente na leitura... não consigo ler fazendo outras coisas...

E: É?

R_M_15_C1: Acho que isso desconcentra muito... eu perco... onde eu estou aí...

E: Então você acha que, [n]a leitura no computador, você vai para outros lugares?

M_F_17_B2: É, às vezes eu perco o foco.

E: E no livro de papel não?

M_F_17_B2: Não.

E: Você acha que não perde?

M_F_17_B2: Não, porque aí eu deito e fico lendo aqui enquanto o João [filho da leitora jovem] dorme.

E: E você acha que a parte externa não te incomoda?

M_F_17_B2: Não.

E: Diferente do computador que ali você acaba...

M_F_17_B2: É eu acabo indo para outros sites ou para outras coisas.

E: E acaba acontecendo isso?

M_F_17_B2: É, tipo às vezes eu estou lendo, às vezes eu canso um pouco, a minha visão está assim.... e aí eu vou pôr uma música ali e vou escutar um pouco. Ou senão eu vou entrar no *face* e ver se alguém está me chamando ou alguma coisa assim e aí fico mais distraída.

D_F_16_D: E o digital, você ... acaba ... ficando ... mais perto, dispersa com outras coisas, por exemplo, no computador, eu tô lendo, e às vezes alguém me chama no *facebook*, eu paro a leitura, e vou para o *facebook*, quando eu volto eu já esqueci o que eu li

E: Entendi. Sempre faz isso?

D_F_16_D: É.

E: Então se alguém chama você no *facebook*, você [entrevistadora faz barulho com a boca]

D_F_16_D: Hum rum.

E: Você vai ... você nem pensa.

D_F_16_D: Isso.

Parece existir uma relação entre o dispositivo que está sendo utilizado para realizar a leitura literária digital e a influência de outras atividades que competem com a leitura literária. D_F_16_D aponta que, quando utiliza o celular, não existe nenhuma interferência de outras atividades. Esse comportamento sugere que, como o computador demanda mais procedimentos para usá-lo, a leitora jovem precisará sair do lugar que estiver e ir até o dispositivo digital para ligá-lo e iniciar o uso. Há uma necessidade de aproveitar ao máximo o tempo realizando todas as atividades desejadas, então a jovem leitora irá ler, acessar as redes sociais, entre outras possibilidades. Já no celular, a qualquer momento, pode ser iniciada uma atividade, então pode se concentrar totalmente na leitura literária.

E: [...]E por que você começou a ler *fanfic*? Por que você começou a ler depois que, é ... comprou o celular, começou a ler *fanfiction*?

D_F_16_D: Ah porque ... eu gosto, só que ler no computador eu não, eu acabo fazendo outras coisas no computador, eu acabo não lendo, e quando eu tô no celular eu já, e eu estiver à toa, eu já interesse e leio.

As possibilidades de se libertar de uma posição fixa no ato da leitura literária digital fazem com que a preferência seja pelos dispositivos digitais móveis, e, nesse sentido, o *tablet* possibilita o que o livro em forma de códice possibilitou ao leitor que se libertou do rolo. Também observamos a reaproximação do texto ao corpo do leitor (CHARTIER R., 1998), pois os dispositivos digitais, como o computador de mesa e o notebook, separam o texto do corpo.

E: E você já fez leitura de livros sem ser no *Kindle*, por exemplo, computador de mesa, ou *notebook* ou outro dispositivo?

P_M_17_C1: No meu computador, às vezes, eu começo e vou lá na frente, e pesquiso, e vejo como é o começo do livro, por exemplo.

E: E tem diferença de dispositivo para leitura?

P_M_17_C1: Tem, lá no computador eu só pesquiso e vejo como é mesmo. Não leio nada lá.

E: Por quê?

P_M_17_C1: A tela é muito grande, e eu tenho que ficar sentado como se estivesse vendo um filme. E, para mim ler, eu quero deitar

de qualquer jeito e pegar para ler. Deixa ver se eu acho aqui, não é no *Kindle*, é *e-books*.

D_F_16_D: Prefiro no *tablet* também porque é mais confortável que ficar sentada, posso deitar com o *tablet*, posso qualquer posição ter ele em mãos entendeu?

E: Humhum. É mais confortável.

D_F_16_D: Isso.

E: E tem outro motivo?

D_F_16_D: Não.

E: Não? É diferente ler no *tablet* ou no computador ou você acha que não tem nenhuma diferença?

D_F_16_D: A diferença é só da posição que você pode ler, porque no computador você só pode ficar sentada lendo né e no *tablet* você pode movimentar, escolher um lugar melhor.

...

D_F_16_D: Assim que ... eu ficava cansada, eu parava, eu começava a ler, aí lia lia lia, que eu sempre fico ansiosa para saber mais da história só que eu canso muito rápido no computador

E: Hum hum...

D_F_16_D: O olho dói, as costas doem, a postura que você fica, aí eu, cansava e deixava para lá.

E: Você acha que, você faz a leitura também no *tablet*, que você falou para mim, né?

D_F_16_D: Hum rum.

E: Aí, no *tablet* não tinha esse problema.

D_F_16_D: Não, no *tablet* eu leio deitada ... fica mais confortável.

L_F_18: Eu tenho computador e o celular...mas eu uso...leio no celular...porque aí eu fico deitada assim e leio entendeu?

E: Entendi...

L_F_18: que o notebook você tem que ficar assim... já é mais (...) eu prefiro ler no celular...

E: Quando...se você faz a leitura no livro de literatura...é sempre no celular...

L_F_18: Sim...sempre no celular...

E: E no computador você não gosta?

L_F_18: Não...porque eu tenho que ficar com ele assim...é notebook né? Eu fico com ele assim...aí o celular...fica de lado e aí eu fico lendo...

E: Entendi...

L_F_18: Mais prático.

Existe uma semelhança entre o *tablet* e o suporte impresso que atrai o leitor jovem para este tipo de dispositivo digital. A tela tem dimensões semelhantes ao que um livro impresso comumente se apresenta, mas os demais atributos, ser portátil e simular passagem das páginas da obra, são encontrados em qualquer dispositivo digital móvel.

E: Mas se tivesse com tempo você leria também ou...Você falou “eu lia muito *fanfic* no *tablet*”, você leria também no computador ou não? *Tablet* é melhor e...

D_F_16_D: No *tablet* que é melhor, se não for no *tablet* eu desanimo.

E: É mas, quê que tem no *tablet* de diferente assim, que eu digo não, tudo bem que tem a questão do conforto que você já falou, mas tem, tem mais alguma coisa aí que te faz ficar mais animada na leitura?

D_F_16_D: Eu acho que o *tablet* tem mais relação com o impresso por eu poder segurar, poder aproximar, poder simular passando a página. Eu acho melhor.

S_F_19, colega de D_F_16_D, endossa a mesma preferência pelo *tablet* para realizar leitura literária, mas a praticidade da mobilidade é mais bem vista com o uso do celular.

S_F_19: No *tablet* é até melhor...maior...aí nem dormia coitada...é porque eu vou empolgando só mais um capítulo...mais um capítulo...aí acabou...no final nunca tinha acabado o livro...

E: E você vê alguma diferença entre os três dispositivos? ...o computador...o *tablet* e o celular...

S_F_19: No computador tem aquele negócio...liga o computador...até o computador ligar...cê vai abrir...no celular não...você só...(shi)...acabou...

E: Entendi...

S_F_19: E o *tablet* é melhor que o celular porque ele é maior né?Por causa da tela maior...

E: Mas entre o *tablet* e o celular?

S_F_19: O celular...

E: É por quê?

S_F_19: Porque o *tablet* você não sai carregando pra tudo quanto é lado...

E: Ah não carrega...

S_F_19: Humrum...

E: Só o celular...

S_F_19: Até por causa da bateria né? Qualquer lugar você pega o celular e carrega...

E: O tablete não?

S_F_19: Como é que coloca o *tablet* pra carregar na tomada da sala...é muito grande...o celular é mais prático...pelo menos eu acho...

A preferência das leitoras jovens D_F_16_D e S_F_19 por um dispositivo digital móvel e que tenha uma tela maior se justifica devido à leitura no celular ou em dispositivos digitais com telas menores demandarem do leitor jovem gestos, que, por vezes, podem ser considerados enfadonhos. Pois quando o formato da obra não está disponibilizado em *epub*, mas em *PDF*, é necessária a utilização do recurso de aumentar e diminuir o tamanho das letras ou arrastar o texto para um lado e para o

outro na tela. Mas isso não é um empecilho para a leitura literária. Quando perguntado ao M_M_17_B2 se a leitura fica boa nessas condições, ele diz que sim.

E: E fica boa?

M_M_17_B2: Fica, porque o celular tem a tela grande. É um Moto G, e aí dá para ler direitinho.

E: E você lê no celular?

M_M_1_B2: Leio, quando eu estou ouvindo música e ao mesmo tempo lendo no celular. Dá para ler, é só você ir pondo o *zoom* na parte que você vai passando.

Mas o gesto de levar a página para um lado e para o outro “arredando” é necessário quando se aumenta muito o tamanho da fonte, em dispositivos de telas menores, para realizar a leitura com mais conforto para a vista.

M_M_17_B2: Pra ler, eu geralmente deixo, como leio muito no ônibus e o ônibus treme e aí fica difícil de ler, eu deixo grande. Aí quando eu vou ler a frase, aí vou arredando, tem como você ir arredando tendeu?

E: Ah, aí se vai arredando.

M_M_17_B2: Uhum.

E: Aí vai passando pra conseguir começar aqui e ir lendo até o final?

M_M_17_B2: Isso. Aí se vai passando...

E: Aí se anda pro lado, vai pro outro.

M_M_17_B2: É, tem como colocar vários focos entendeu?

E: Entendi. Então você tem que fazer esse movimento de é, arredando pra direita, pra esquerda pra fazer a leitura da frase toda.

M_M_17_B2: Isso. Correto.

E: Ir até o final da página né?

M_M_17_B2: Isso.

A diversidade de modos de ler necessários para os leitores jovens realizarem a leitura literária digital está condicionado a alguns fatores, o tipo de obra lida, o local, o tipo de acesso à Internet e o tipo de dispositivo digital. Todos esses elementos demandam gestos e comportamentos novos para a realização da leitura literária digital diferentes dos aprendidos na cultura do impresso. No entanto, as comparações com a leitura literária realizada no suporte impresso são recorrentes quando da leitura literária em suporte digital, devido a esses leitores jovens serem ambientados na cultura impressa desde crianças. As experiências de leitura literária digital foram sendo incorporadas em suas práticas como leitores literários no início da juventude, ou seja, a partir dos 12 anos de idade. Tendo em média de três a seis anos de práticas literárias digitais, portanto, estão construindo essa apropriação da

leitura literária digital. Percebemos uma continuidade entre as práticas de leitura literária nos dois suportes e não uma ruptura e, em vários momentos, relataram suas experiências de leitura literária sem distinguir uma prática da outra.

5.7 Mediadores e instâncias de leitura literária digital

As práticas de leitura literária digital são experienciadas pelos leitores jovens em contexto de uso coletivo, ou seja, não são somente eles, individualmente, que usam, criam formas de acessos, se apropriam dos materiais e dos modos, gestos e comportamentos de leitura literária em dispositivos. Também um grupo de leitores, em geral, desconhecidos uns dos outros, compartilham as experiências de leitura literária digital por meio de uma rede de sociabilidade literária na Internet (LEVERATTTO e LEONTSINI, 2008), instituindo a leitura e a obra como objetos sociais.

Compreendida desse modo como uma prática social e não individual, a leitura, independente do suporte, demanda trocas entre os leitores jovens. E é essa rede de sociabilidade literária ampliada com a Internet, a mobilização dos próprios leitores jovens e a mediação de seus colegas que permitem a expansão de suas práticas de leitura literária digital. Podemos verificar isso nos dados que apresentaremos nesta sessão.

Quando indagados sobre as pessoas que indicaram leituras literárias digitais, geralmente eles relatam a mediação de colegas como os principais mediadores, mas esse dado é menos significativo do que as buscas que eles mesmos fazem e a rede de sociabilidade literária na Internet.

M_M_17_B2: Amigo mesmo que falou que é mais fácil e eu sempre gostei bastante de ler.

.

P_M_17_C1:[...] Quando eu via alguns desenhos, e meus colegas me indicaram que tinham fanfictions destes desenhos, tipo *Pokémon*. E aí eu fui procurar especificamente dos desenhos e acabei achando e comecei a gostar deste e acabei achando o geral, de vários assuntos.

M_F_17_B2: A L_F_18às vezes...

E: Geralmente quem que recomenda/alguém recomenda pra alguém... você e L_F_18? Ou só uma que recomenda pra outra? Como é que é?

M_F_17_B2: É, mas eu que recomendo pra ela...é...

E: Mas ela gosta muito de ler que você falou...

M_F_17_B2: Gosta também...

E: Entendi...

M_F_17_B2: Às vezes ela me recomenda também...mas é mais livro normal...

E: Então você que se interessa... e você não tem nenhuma pessoa que você troca informações sobre isso?

R_M_15_C1: É...

E: Não?

R_M_15_C1: Não...

R_M_15_C1: Sozinho...

E: Não foi nenhum colega? Alguém indicou? Pai? Família?

R_M_15_C1: Uma vez meu colega me indicou uma e eu li um pouco dela mas... tipo... eu não gostei muito... não gostei assim muito do estilo da *fanfic*...

E: Humrum... mas quem foi a primeira pessoa que te indicou... quem... você mesmo que...

R_M_15_C1: Acho que eu achei sem querer no Google... porque eu tava pesquisando uma outra coisa... aí eu achei... comecei a ler... gostei...

E: Leitura, ou por exemplo, *fanfic*, quem que você conversou alguma vez, dessas amigas, aí, você conversava sobre *fanfic*.

D_F_16_D: Não, sobre *fanfic*, não.

E: Ninguém?

D_F_16_D: Não.

E: E ... não conversava sobre leitura no computador com ninguém?

D_F_16_D: Hum hum. Era só eu, mesmo.

E: Ah, entendi, e ninguém te indicou? Você falou que os seus amigos não te indicam isso?

G_F_17_B1: Não.

E: Nunca te indicou. Ah, entrei nesse site, não sei o quê, não sei o quê.

G_F_17_B1: Nunca.

E: Nunca, nem em relação a *fanfic*?

G_F_17_B1: Não (risos)

E: Nada? Ninguém te indica?

G_F_17_B1: Hum hum.

Constatamos que são os próprios leitores jovens e os colegas da escola e do bairro os principais mediadores de leitura literária digital. Os colegas, em alguns casos, podem ter indicado a primeira experiência de leitura literária digital, mas, em geral, são os próprios leitores jovens que buscaram outras experiências de leitura literária. D_F_16_D não recebe recomendações de colegas sobre literatura digital, mas, sim, sobre literatura digitalizada. Assim como R_M_15_C1, que relata não

conversar com os colegas sobre literatura digital, apenas sobre livros literários impressos e isso ocorre somente quando sabe que o colega realizou a leitura, conforme trecho transcrito abaixo.

E: Engraçado...Mas, é... cê falou também, cê falou comigo semana passada, é... seus, seus colegas não têm uma... não existe uma indicação muito grande não, não é?

R_M_15_C1: Não.

E: Vocês não conversam sobre literatura digital, não, não é?

R_M_15_C1: Eu não gosto muito de conversar sobre o que eu fico lendo. Mas quando é um livro impresso, que eu sei que o colega já leu.

E: Hum.

R_M_15_C1: Aí a gente fica comentando sobre o livro, sim.

E: Entendi. Por que você não gosta de conversar com seus colegas?

R_M_15_C1: Ah, não sei. Não tenho, assim, costume.

E: Você não acha que eles vão achar interessante?

R_M_15_C1: Não, não.

E: É mesmo? Mas por quê? Eles são diferentes de você? O que é?

R_M_15_C1: Não, é que tem alguns dos meus colegas, eles não gostam de *fanfic*. Aí eu...

E: Você gosta muito.

R_M_15_C1: É, eu gosto, mas eles não gostam muito.

E: Mas eles já leram alguma vez?

R_M_15_C1: Aí eu não sei.

E: Você nem sabe, então?

R_M_15_C1: Não. Eu não pergunto.

E: Entendi.

R_M_15_C1: Se é o livro, se é o livro impresso, aí eu pergunto. Aí eu pergunto se ele já leu, assim, mas eu...

E: Sobre, é, *fanfic*? Os jogos? Também não?

R_M_15_C1: Não.

E: Você não conversa com eles?

R_M_15_C1: Não. Eu não gosto. E mesmo que eu indicasse... meu colega até disse comigo outro dia no *Skype*, ah eu ia ficar, eu ia ficar no canto da sala fazendo nada, ia ficar comentando o quan/ o quanto chato que é.

E: Ele falou isso com você?

R_M_15_C1: É.

Como a leitura de literatura digital é uma prática muito restrita e, no caso dos leitores jovens D_F_16_D e R_M_15_C1, cujos colegas não realizam leitura de *fanfics*, não faz sentido comentar essas práticas. G_F_17_B1 relata não existir essa rede de sociabilidade literária digital entre os colegas, pois, para ela, eles realizavam leitura literária apenas no suporte impresso.

E: [...] e seus colegas também não têm, essa ... essa prática?

G_F_17_B1: Não.

E: De ler no digi/

G_F_17_B1: No digital?

E: No dispositivo digital?

G_F_17_B1: Eles podem ler, é... alguma, tipo assim, *fanfic* ... essas coisas assim, que conseguem ler, agora, a leitura literária mesmo, de passar páginas e tal, não.

E: Um livro, mesmo, né? Um formato de livro, no computador, é isso?

G_F_17_B1: É isso.

E: Ah ... entendi, eles leem outros tipos de literatura?

G_F_17_B1: É.

E: Mas não ... a... um ... livro... literário?

G_F_17_B1: É.

E: Entendi, o formato de livro, na verdade?

G_F_17_B1: Hum rum.

E: Aquele digitalizado, né?

G_F_17_B1: É.

Observa-se que a leitora jovem se refere a *fanfic* não como uma “leitura literária mesmo”, de certo modo, desvalorizando esse tipo de prática de leitura de literatura digital. No decorrer da pesquisa, conforme verificamos no trecho abaixo, G_F_17_B1 descobriu que seus colegas faziam pesquisas sobre literatura digitalizada, mesmo tendo práticas literárias mais recorrentes no suporte impresso.

G_F_17_B1:Então aí eu perguntei para eles, olha, vocês têm alguma fonte que vocês baixam o livro, e tal...

E: Mas por que você perguntou se tem fonte que baixa, e não por exemplo, é ... Vocês compram livro? Vocês compram livro onde? Entendeu?

G_F_17_B1:Entendi, mas é porque ... eu sei, tipo ... mais ou menos as literaturas, as, as livrarias que eles gostam/

E: Hum rum.

G_F_17_B1:/porque sempre que ele vai sair, eles sempre me param e, não “G_F_17_B1: vamo olhar aqui!” E ficam horas lá dentro... (risos)

E: Hum rum.

G_F_17_B1:Então eu sei mais ou menos aonde eles compram livro.

E: E baixar, livros? Você já sabia que eles, você já sabia que eles liam livros no computador?

G_F_17_B1:Não. Eu achava que ... assim, eu tinha uma ideia, né, mas eu não ... ficava imaginando, nossa, eles devem baixar livros.

E: Ah, então você tinha uma ideia que, que eles baixavam?

G_F_17_B1:É, mais ou menos, porque assim, quem gosta de ler, muito, geralmente fica procurando, novas ... alternativas, novas alternativas, pra poder ... para poder achar livros, né? E aí eu ... pensei, não, se eles gostam de ler, tanto assim, ler livro, impresso, então eles também gostam de ler livro digital, porque não tem diferença, de um pra outro, né/

E: Hum rum.

G_F_17_B1:/É só o ... suporte mesmo.

E: Claro.

G_F_17_B1: Aí ... eles eles me passaram alguma, tipo assim, porque é que não são todos, né, tenho uma amiga que ela chama Stéfane, o Luís, que eu acho que já te falei dele, e a Jéssica.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Aí eles me passaram, são muito ... são muito poucas fontes. São umas quatro.

Comentar sobre o suporte no qual está sendo realizada a leitura de literatura digitalizada não é comum, mesmo porque, segundo G_F_17_B1, “não tem diferença”. Esses relatos fomentam o debate em torno da construção de sentido por meio da modificação da materialidade. (CHARTIER R., 2002). Ler a obra impressa ou digitalizada parece não provocar efeitos na construção de sentido, ademais, se o suporte fosse relevante, essa informação estaria no conteúdo das conversas. Provavelmente, para aqueles leitores jovens que possuem uma prática de leitura literária digital frequente, essa informação possa ser relevante para as trocas de informações ou estar implícita quando os colegas conhecem as práticas uns dos outros. No entanto, é a obra e não o seu formato que parece ganhar relevância nas trocas, conforme apontam G_F_17_B1, S_M_19, colega de M_M_17_B2, e L_F_18, colega de M_F_17_B2, nos trechos abaixo:

E: Mas eles, vocês conversam também sobre literatura, é ... leitura literária, digital? Ou sobre ... leitura de ...

G_F_17_B1: Leitura. A gente nunca...

E: Mas...

E: Não é que nunca, mas a gente não fica perguntando qual que você leu, sabe? A gente só recomenda.

E: Ah ... Independente?

G_F_17_B1: É. Independente.

E: Mas aí, por exemplo, já houve, por exemplo, de conversar sobre, ah, vamo conver, é ... eu vi, eu baixei isso na Internet, já aconteceu esse tipo de conversa?

G_F_17_B1: Não.

E: Não?

G_F_17_B1: Hum hum. Nem, nem filme, eu pergunto tipo ... que a gente conversa muito sobre filme. [...]

...

G_F_17_B1: Quando ele fala assim, é ... assisti um filme, aí você não pergunta se ele assistiu no cinema, se ele baixou, se ele ... comprou, você não pergunta sabe?

E: Isso não é importante?

G_F_17_B1: Não, não é importante, porque tanto faz. Ele viu o filme, é o que interessa.

E: Entendi. É assim mesmo com os livros também?

G_F_17_B1: Sim.

E: [...] vocês conversam sobre isso...por exemplo...ah eu tô lendo um livro no digital...ou...não...eu tô lendo um livro...independente...assim...a conversa...ela passa pela...informação de qual suporte está sendo a leitura ou não?

S_M_19: não...não passa...a gente simplesmente fala o que...tá lendo...

E: Ah é?

S_M_19: Humrum...! Num tem essa...ah eu tô lendo o livro...lendo o livro tal que eu tenho no computador...

E: Esse tipo de conversa não existe?

S_M_19: Não... se é digital ou se é impresso não...

...

S_M_19: É...ele falava...que ele tava lendo entendeu...algum...alguns eu sabia que ele tava lendo no...digital...porque eu já fui muito na casa dele também...aí a gente via...porque ele tava lendo no digital...mas chegar a comentar se era no digital ou no impresso...não...

E: [...]e ela te falou alguma coisa de...ela fala por exemplo...tô lendo aquele livro em determinado suporte...existe essa conversa com vocês? Ou não...tô lendo o livro tal...ponto...

L_F_18: É...a história do livro...tô lendo uma história no livro...

E: Não é ah...eu tô lendo o livro no computador...isso não tem...

L_F_18: Não é...mas eu acho que geralmente é...o livro no computador...

E: Mas você não...aliás ela não fala isso... é...ela fala assim...ô “L_F_18...Tô lendo o livro tal no co: não computador!”...ou não...a...“L_F_18...tô lendo o livro tal”...como é que é?

L_F_18: Não ela fala...tô lendo na Internet...é porque eu falo que aqui tem muito livro...ela fala que gosta de ler na Internet...

E: Mas quando você fala...quando vocês tão fofocando assim sobre literatura...né?[...] ela fala em qual suporte que é...se é no impresso ou no digital...ou ela nem fala isso?

L_F_18: Não ela cita a Internet...

E: cita? Sempre cita?

L_F_18: Sempre não...mas cita...

E: Na maioria das vezes cita?

L_F_18: Aham...

Verificamos nas entrevistas dos colegas dos leitores jovens, indicados como aqueles que mais compartilham informações (JENKINS, 2009) sobre leitura literária, dados que evidenciam algumas formas de trocas de informações sobre essa prática cultural. Buscamos conhecer se existiam, como e quando eram realizadas essas conversas. Como relatado na sessão 3.8 *Entrevista com os colegas dos leitores jovens selecionados*, não conseguimos realizar entrevistas com os colegas de P_M_17_C1 e G_F_17_B1. Desse modo, apresentaremos o compartilhamento de

informações de leituras literárias realizadas entre os leitores jovens M_M_17_B2, R_M_15_C1, M_F_17_B2 e D_F_16_D e seus colegas, respectivamente, S_M_19, L_M_15, L_F_18 e S_F_19.

Ao relatar as conversas sobre leituras literárias com M_M_17_B2, S_M_19 aponta a existência de algumas semelhanças entre suas preferências de gêneros literários, mas, em relação ao suporte de leitura, suas práticas literárias são mais recorrentes no suporte impresso, diferente do colega. O compartilhamento de informações girava em torno do conteúdo das obras lidas e de outras obras de interesse, como podemos constatar nos trechos de entrevista abaixo.

E: [...] E você conversa com o M_M_17_B2 sobre literatura? Como é que são essas conversas...que momentos são...como?

S_M_19: É assim...a gente conversava muito né? que...hoje eu faço menos leitura...mas na época a gente conversava bastante porque a gente...lia os mesmos livros...igual *A Batalha do Apocalipse*...*Filhos de Éden* e...tem um outro amigo nosso também...Guilherme...que gosta muito de livros...então...como a gente lia os mesmos livros...aí era bacana conversar sobre eles...então a gente tava sempre conversando da história...no mas...que parte você está...que que tá acontecendo...que não sei o quê? Coisas relacionadas a isso...sempre a história...

E: E porque vocês não estão conversando tanto agora...sobre isso...

S_M_19: Eu dei uma parada né? Nas leituras...atualmente...eu tô lendo só esse HQ mesmo...e esse mangá...então eu leio rapidamente...uma vez por semana...o HQ...o mangá só uma vez por mês...e um pouco por falta de tempo...às vezes...nem por falta de tempo...às vezes...sempre tem tempo...né? Só que aí a gente prefere fazer outras coisas...aí eu fui parando aos poucos...entendeu?

E: E hoje...na verdade a questão agora é porque você lê menos...aí você está conversando menos sobre literatura com o M_M_17_B2...mas até quando você estava lendo normal e lia e conversava com ele...ano passado?

S_M_19: Até o ano passado...

E: Esse ano que mudou?

S_M_19: É...esse ano além do serviço...começou faculdade...e várias outras coisas...eu também sou catequista e...então muita coisa...

E: Entendi...muita dificuldade...

S_M_19: É...aí acabei deixando a leitura de lado...

...

S_M_19: Geralmente a gente conversava muito por *Skype*...no computador...isso já faz tempo já...a gente joga junto e tudo mais...então a gente tá sempre conversando no *Skype*...e aí a gente ia falando sobre os livros...até *whatsapp* mesmo...a gente conversava...era dessa forma, entendeu? Porque como a gente não estudava junto e tudo mais...até pelos horários...durante o dia...à

noite a gente sempre reúne...entre nossos amigos e entra no *Skype* pra...conversar sobre o dia-a-dia...jogar um pouco...

E: É mesmo? Legal...aí a conversa de literatura passa no meio?

S_M_19: Não sempre...mas às vezes acontece sim...

E: Entendi...mas aí vocês conversam...vocês indicam livro pro outro...que que vocês falam...vocês conversam...

S_M_19: Quando chega em literatura...aí...a gente já tem dica...porque quando a gente gosta de uma coisa...a gente quer passar pra frente...aí a gente indica...não...eu li tal livro...é legal...tudo mais...a gente igual...*Filhos do Éden*...*Batalha do Apocalipse*...foi indicação do M_M_17_B2 e do Guilherme amigo meu...

E: Deles pra você?

S_M_19: É...por isso eu li...

E: E você...qualquer livro que eles indicassem pra você...você com certeza leria ou...teria interesse...ou saberia que era bom...como é que é isso...essa questão de...é...essa determinada pessoa no caso...M_M_17_B2 que é amigo seu...conhece seu gosto de literatura dele...ele indicou...você sabe que é bom...como é que é isso? Ou não...

S_M_19: Às vezes...porque a gente tem um gosto parecido...entendeu? então...dá dando até um gosto e tal...mas às vezes ele pode gostar de um livro e eu não...mas aí depende muito...esses livros como...eu já tinha escutado outras indicações dele...aí pela sinopse que ele mesmo passava do livro...aí eu lia...

E: Ah táh...então...primeiro você lia a sinopse?

S_M_19: É...conhecer sobre o que é primeiro e do que se trata...aí depois eu comecei a ler...

E: Então eles te indicaram...você leu a sinopse...aí você não ia ler direto não...

S_M_19: Não...porque eu quero saber o que eu vou estar lendo não é? Uma prévia do que eu vou ler...pra poder ler...entendeu?

E: Entendi... e que mais que ele te indicou...que você indicou...que você foi ler...você gostou?

S_M_19: A princípio foram eles...porque eu lia...mas demorava muito pra fazer as leituras...entendeu? Sempre lia devagar e quando dava tempo...então acabaram que foi só esses dois livros...

E: Aham...e outras indicações, por exemplo...é...comentários pelo *whatsapp*...conversando pelo *Skype*...é... mas só nesses momentos você conversava de literatura ou tinha outros momentos...pessoalmente...

S_M_19: Não...só esses mesmo...

E: É mesmo?

S_M_19: Humrum...

E: E por *whatsapp* mandava algum link...do que você tava lendo...como é que era?

S_M_19: Já...já mandamos sim...igual às vezes até matéria mesmo...de notícias...às vezes a gente manda...fazer a leitura assim...aí manda link...coisas assim...

...

E: E do M_M_17_B2 qual que é? o gosto dele...

S_M_19: O M_M_17_B2 é diferente...ele gosta de...eu não sei definir... o gosto dele...é bacana...só que não me atrai tanto...entendeu...

E: Mas porque que não te atrai...quê que você observa que não te atrai...

S_M_19: Igual um livro...um livro que ele ganhou que...foi a *Biografia do Kurt*...do Nirvana...ele é um fã...

E: Isso...

S_M_19: E assim...até acho as músicas legais...mas não sou muito fã e tal...pra mim ler a biografia dele eu teria que gostar...entendeu?

Conhecer o gosto do colega facilita a avaliação sobre as indicações de leitura literária, pois o compartilhamento de informações pode ser solidário ou antagônico (JENKINS, 2009) entre os colegas ou entre os membros da comunidade de leitores. Conversas por aplicativos digitais, antes do encontro para jogar futebol e outros momentos no decorrer do dia são algumas das situações em que ocorrem as trocas.

L_M_15, colega do leitor jovem R_M_15_C1, não gosta de ler literatura em dispositivos digitais, não lê literatura digital e possui gostos literários diferentes. Podemos verificar que, no compartilhamento de informações entre eles, é restrita a indicação e empréstimos de algumas obras de literatura impressa lidas pelos dois colegas.

E: Entendi...e...você começou a falar...vocês conversam...sobre literatura né? É...em que momento que surgem essas conversas...sobre o que vocês conversam...como é que é essa conversa...me fala um pouquinho sobre isso? Essa relação com o R_M_15_C1 aqui...com a literatura?

L_M_15: Basicamente..se eu tô com o livro lá na sala...ele me pergunta que livro que é esse...eu explico como que está acontecendo a história...eu falo...ah R_M_15_C1...ele que é bom...só isso...

E: Só isso? Então...quando ele vai na sua casa...é isso?

L_M_15: Não não...na sala mesmo...

...

E: Na verdade...a maior parte das conversas que acontece é quando vocês estão na escola?

L_M_15: Isso...

E: É quando um vai na casa do outro...entendi... e isso é frequente?Ir na casa do outro...como é que é?

L_M_15: Na verdade...não muito...

E: Não?Então a questão é na escola mesmo?momentos de escola...

L_M_15: Sim...

E: É a mesma sala?

L_M_15: Sim...

E: Entendi...e me diz uma coisa...ele te influencia ler alguma coisa? Ou os gostos do R_M_15_C1 são diferentes de você? Quê que você percebe nessas práticas aí? Que tem relação com a sua...

L_M_15: Puxa...do R_M_15_C1...a única coisa que eu sei que ele realmente leu foi a...a série do *Percy Jackson* e...*O Diário de um Banana*...mas aí eu não sei... *O Diário de um Banana* eu peguei o terceiro livro com ele porque eu já tinha lido outros dois que era menor...mas eu só peguei pra poder terminar mesmo...mas tirando

isso...acho que não influenciou muito não...porque o gosto de livro realmente...eu não sei muito bem...qual que é a parte dele...eu só sei do *Percy Jackson* e do...Diário de um banana...

E: É...mas...você só conhece esses dois que ele leu...você não conhece as outras leituras que ele já fez?

L_M_15: Não...

...

E: Então acaba que você fala mais sobre livro pra ele do que...ele pra você...é isso? Ah...entendi...é...tem alguma indicação tipo ah...eu tô lendo...acontece...eu tô lendo...porque geralmente a conversa acontece na escola...mas se por exemplo...ele tá lendo alguma coisa nas férias...ou em outro momento...mesmo durante as aulas mesmo...e aí...manda uma mensagem pra você...isso...existe alguma coisa do tipo?

L_M_15: Ele não chega muito a me falar...eu que...de vez em quando eu falo com ele...mas...ele mesmo chegar e..."Lê esse livro aqui que é bom pra caramba!", ele num...

...

E:[...] Sobre literatura em dispositivo digital...você conversa com ele sobre isso? Já conversou alguma vez sobre isso? Ler em computador...ler em *tablet*...ler em celular...ler alguma coisa...sobre isso vocês já conversaram alguma vez...

L_M_15: Só o caso do *fanfiction* ponto net...

E: Aí vocês conversaram sobre isso? Só? E você conhece esse *fanfiction* ponto net ou foi ele que te indicou?

L_M_15: Não...ele que me falou...

E: Ele que te indicou?Ele gosta muito de *fanfiction*, né? E você não gosta não?

L_M_15: Não é minha praia...

Essa disparidade de preferências literárias entre colegas que se consideram ser os principais mediadores de leitura literária se fundamenta, segundo Lahire (2006), na variedade de relações de amizade e de interesse em práticas culturais diversas. Nesse caso, esse tema das trocas culturais sobre o que se lê é mais amplo do que o fenômeno que estamos investigando, embora pudéssemos supor que certa facilidade no envio de informações fomentaria mais as trocas sobre livros digitais lidos. No caso de R_M_15_C1, a rede de sociabilidade literária na Internet e seus interesses de leitura fomentam suas práticas literárias de literatura digital. Para Lahire (2006):

a influência de amigos só é significativa quando a pessoa em questão tem "razões" (e principalmente disposições) para se deixar influenciar: para agradar o outro, por cortesia a ele, porque a atividade ou o consumo corresponde em parte às suas próprias preferências e propensões culturais, porque a ajuda no seu esforço de chegar a esta ou àquela categoria de bens culturais para as quais

suas disposições não a conduzem “naturalmente”, porque ela sente necessidade de um intermediário competente que assuma o papel de guia cultural, etc. (LAHIRE, 2006, p.412).

Desse modo, L_M_15 não influencia R_M_15_C1 em suas práticas de leitura literária digital, pois suas preferências são muito heterogêneas. Assim também L_F_18, que relata não gostar de ler literatura em dispositivos digitais, não ler literatura digital e possuir gostos literários diferentes de sua colega M_F_17_B2. Mesmo com as dissonâncias de preferência literária, eles compartilham informações no espaço escolar durante o recreio.

L_F_18: Ah...ela...é porque eu vejo ela pouco, né? Porque ela tem neném...ela não vai muito pra escola...aí...não...ela já me falou que leu...alguns livros...mas ela nunca me...aí tem um que ela já até me falou que leu...chama *A Última Música*...eu também já li...assim...nada especificando muito...mas ela já comentou comigo...

E: É...em que momento vocês conversam sobre isso?

L_F_18: Assim...a gente vai mais na escola né? Na hora do recreio quando ela vai na aula...na sala...porque a gente é de turma diferente...

E: Ah...vocês são de turmas diferentes?

L_F_18: Ela tá no segundo...eu estou no terceiro...

E: Aí quando vocês conversam...na hora do recreio...na escola na hora do recreio...é? Ou tem outros momentos...

L_F_18: Então...antes...eu via muito ela...eu ia muito na casa dela...só...que ela foi, teve neném e casou aí...é mais nessa hora mesmo...

E: Ah tah...então vocês eram amigas antes de...ir na escola...

L_F_18: Ah...desde criança...

...

L_F_18: É isso...ler tal livro...ela gosta daquela *Harry Potter*...desses trem sabe?

E: Aham...

L_F_18: Ela leu todos eu acho...é assim...flui mesmo...igual outros papos flui...tipo ah...deixa eu te falar...ah deixa eu te contar...

E: E vocês gostam de conversar sobre isso? Sobre literatura...

L_F_18: Sim...eu gosto de ler...mais convencional...eu gosto de ler mais livro normal...

E: Impresso...

L_F_18: É...mas...

E: E ela? Gosta de ler o quê?

L_F_18: Ela prefere o computador...

...

E: E os gostos da M_F_17_B2 é parecido com os seus...como é que é?

L_F_18: Ah não...

E: Não?

L_F_18: Não gosto de *Harry Potter*...*Crepúsculo*...esses trem não...

E: E aí como é que é essa conversa?

L_F_18: A gente é bem diferente...sempre foi bem diferente...é normal...

E: Mas aí é...ela te influencia em alguma coisa...

L_F_18: Não...ela fala que gosta...por causa disso e disso...fala o porquê né? Mas aí...a gente aceita bem a diferença uma da outra...

E: Mas aí você acha que influencia alguma coisa a ela e ela a você em torno de leitura literária?

L_F_18: Acho que não...

E: Não? é...por quê?

L_F_18: É porque é duas personalidades diferentes...sabe? eu também não vou ficar ah...lê isso...que isso é bom...isso é ruim...entendeu?

E: Você não fica fazendo isso?

L_F_18: Não...

E: Não?

L_F_18: Tipo...ah lê isso que é...bom que você lê é ruim...não...ela fala eu leio isso...eu ah...legal amiga...não gosto...mas legal...

E: Aí você fala isso?

L_F_18: E...

E: Mas você sempre fala isso ou teve alguma vez que você...

L_F_18: Não...eu sou muito calma...eu não sou muito de...contrariar as pessoas...não é legal...nem acho legal...mas eu falo que é...

E: Mas teve alguma vez que ela leu alguma coisa que você gostou? Falou assim...ah...interessante...acho que eu vou dar uma lida...teve alguma vez?

L_F_18: Ai...que eu lembre...porque a gente fala tanto...é...que eu lembre não...

E: E ao contrário...que...você falou pra ela e ela leu...

L_F_18: Se ela leu...ela não me falou...

E: Ah é...são então...os gostos são bem diferentes?

L_F_18: A gente é muito diferente...

E: Interessante...mas mesmo assim vocês conversam uma com a outra sobre...literatura...

L_F_18: Sim...a gente conversa bastante...

E: Mesmo não tendo gostos iguais...mesmo fazendo uma coisa totalmente diferente da outra...vocês conversam muito ainda?

L_F_18: É...sobre literatura...sobre tudo a gente é diferente...

E: Mas em relação à literatura...é legal conversar com uma pessoa totalmente diferente em torno...de práticas de leitura ou...seria legal conversar com uma pessoa que fizesse as mesmas coisas...como é que é isso?

L_F_18: Ah legal a diferença né? Porque igual a mim eu já sei como é né? É legal ver o que é diferente...

...

E: É...e você indica algum site...algum *blog* pra ela...vocês conversam sobre isso...ah...entrei num site tal...entrei no blog tal...vi sobre literatura...existe essa conversa sobre isso?

L_F_18: eu já indiquei alguns *sites* pra ela ver...mas não diretamente literatura...uns sites...que ensina a fazer isso...algumas coisas ela assim...

E: Mas sobre literatura? Já indicou?

L_F_18: Não...

E: E ela já te indicou alguma coisa?

L_F_18: Não...

Desse modo, o ideal-tipo composto de leitor/mediadores de leitura de literatura digital e digitalizada não se aplica no caso dos dois leitores jovens e seus colegas, pois eles são leitores que realizam práticas de leitura literária digital, mas não possuem mediadores colegas e, como vamos verificar, também, outros sujeitos pertencentes ao seu grupo social que influenciam nestas práticas literárias. Essas dissonâncias ilustram a importância de se considerar as variações individuais (LAHIRE, 2006; MARTUCCELI, 2007) na análise de práticas de leitura literária digital, pois existem outros elementos que irão determinar as práticas culturais dos leitores jovens. Em especial, no caso dos dois leitores jovens, ocorre, quase exclusivamente, por meio de seus interesses pessoais e pela sociabilidade literária na Internet, o que podemos considerar como os “suportes internos e externos” (MARTUCCELI, 2007), respectivamente, que os auxiliam a alcançar a autonomia de práticas de leitura literárias digitais.

Um caso típico entre as categorias leitor e mediador se dá com S_F_19, que lê literatura digitalizada e possui preferências literárias semelhantes à de sua colega D_F_16_D; apenas a prática de não ler literatura digital, *fanfics*, que S_F_19 destoa de D_F_16_D. Suas disposições literárias são parcialmente semelhantes e, desse modo, uma influencia a outra nas práticas de leitura literária digital.

S_F_19: A gente conversava muito de tudo...a gente fazia cursinho junto...estudava junto...então acabava que a gente...por exemplo...ela se via...numa resenha de um livro na Internet...A D_F_16_D lê também...e assim era o compromisso...se eu comprasse um livro...eu lia depois eu emprestava pra ela...pra ela fazer a mesma coisa... se te...se tinha...algum autor que a gente que via...era alguma coisa na escola mesmo...que a gente que achava...bacana a gente procurava na Internet...a gente indicava...indicava pra ela...indicava pra mim...sempre foi assim...

...

S_F_19: Eu acho que a Internet nessa questão de indicar...de conversar e tal facilita muito a vida da gente...porque meu... ela me indicava um livro...se eu achasse o título ridículo...eu ia buscar na Internet a resenha do livro...a gostei do resumo...ah D_F_16_D...não...me passa o *link*...aí assim funcionava...aí por exemplo...se eu lesse um livro que eu achasse muito ruim...eu devolvia o *link* pra ela e esse aqui...devolvo também pra descontrair...porque é assim que a gente faz com amigo sabe? aí ela lia...só que ela já sabia que eu fazia isso...então...eu sempre fazia isso...eu achava o texto meio ridículo...por exemplo...esse *Belo Desastre*...eu disse...nó que livro legal né? aí eu li o resumo na Internet...não esse é legal...vou ler mesmo...

O compartilhamento de informações sobre literatura digitalizada, entre as duas colegas, era muito intenso. Era no espaço escolar e mediante o uso de aplicativo de conversa instantânea que as indicações de obras, envio de links para acessá-las no formato digitalizado, empréstimos, entre outras conversas, que algumas trocas se concretizavam. Essas trocas eram permeadas por brincadeiras com indicações de obras que não condiziam com os gostos literários das duas colegas. A conclusão dos estudos no Ensino Médio, inclusive, reduziu os momentos de compartilhamento de informações entre elas e, por conseguinte, a diminuição de leitura literária por parte de D_F_16_D e S_F_19, conforme relatos abaixo.

E: Então você acha que essa, essa questão de ... do término do ensino médio e da perda de contatos que você tinha com ela fez você dar essa diminuída.

D_F_16_D: Hum rum, é.

E: Você acha que teve só isso ou teve mais alguma coisa?

D_F_16_D: Não, acho que foi só isso, mesmo, que de vez em quando a gente conversa pelo celular, mas é ... agora é reduzido, é menos.

E: Entendi. E aí elas, antes ficavam o tempo todo trocando figurinha sobre, sobre livro.

D_F_16_D: Hum rum.

E: Trocando, livros.

D_F_16_D: Isso.

E: E os livros de literatura que você leu...você não falou com ela que leu esse semestre? Que você falou que leu alguns...você leu...e não perguntou...

S_F_19: Não...porque a gente perdeu o contato um pouco por conta da minha rotina e da dela...a gente conversa muito pouco hoje em dia...

E: É mesmo? A distância é então...estar na mesma escola...fazendo as mesmas coisas...

S_F_19: Era mais fácil...

E: Facilita o contato...

S_F_19: Porque era um contato diário né? Era toda hora e agora com...ela trabalhando...eu fazendo faculdade...e tal...distanciou a...distanciou esse convívio...

...

E: Entendo...e essas conversas...elas fazem a diferença...fazem que você lesse mais? Você acha que tem esse impacto ou não?

S_F_19: Eu acho que sim porque atíça...eu acho...que por exemplo...se você quer uma coisa...eu falo...nesse livro tem isso...a curiosidade mata...então a gente vai...ler só porque o fulano falou que tem isso no livro...

A relação entre as duas leitoras jovens é a única, entre os demais leitores jovens e seus colegas, em que podemos estabelecer uma certa homogeneidade entre as categorias leitor e mediador de leitura. A influência entre elas é tão significativa que a diminuição do compartilhamento de informações gerou um impacto individual nas práticas de leitura literária.

Ao verificarmos o papel dos pais na mediação da leitura literária digital, constatamos pouca ou quase nenhuma indicação e conhecimento sobre as práticas de leitura literária digital dos seus filhos. Alguns pais, como os das leitoras jovens D_F_16_D, M_F_17_B2 e G_F_17_B1, estimularam a leitura literária desde a infância, mas por meio de obras em suporte impresso. Já os leitores jovens R_M_15_C1, P_M_17_C1 e M_M_17_B2 não tiveram, durante a infância, uma influência para a leitura literária, independente do suporte. Lahire (2006) aponta que, mesmo não tendo uma influência familiar para as práticas culturais desde a infância, é possível existirem outras influências, quando adultos.

Verificamos que os leitores jovens não recebiam de seus pais sugestões de obras, indicações de *sítes* ou qualquer outra recomendação para que realizassem leituras literárias em dispositivos digitais, bem como não presenciavam seus pais realizando leituras literárias digitais. Isso pode se relacionar ao aspecto geracional e também ao tipo de capital cultural literário que as famílias podem ter em diferentes níveis. Não podemos, assim, esperar que os pais indiquem literatura digital. E como podemos verificar, nos trechos transcritos abaixo, somente a mãe de D_F_16_D, do R_M_15_C1 e do P_M_17_C1 possuem algum conhecimento sobre as práticas de leitura literária digital dos seus filhos.

E:[...] É, e você acha que você, é, o que você acha que eles acham de você ler *fanfiction*,

R_M_15_C1: Eles nem sabem que eu leio *fanfiction*.

E: É mesmo?

R_M_15_C1: É. Do jogo eu também não sei se eles sabem.

E: Ahm ram. Isso e outros familiares, primos, tios.

R_M_15_C1: Ninguém sabe.

E: Pior ainda.

R_M_15_C1: Eu não falo... conto pra ninguém.

...

E:[...] É... e seus pais, cê já viu eles lendo alguma literatura em dispositivo digital?

R_M_15_C1: Digital não, impresso, sim.

E: Impresso você já viu? Há muito tempo ou é frequente?

R_M_15_C1: Há tem, tem um tempo já.

E: É? É, mas literatura digital, não, né?

R_M_15_C1: Não.

E: E você acha que eles estimulam, que eles te estimulam a ler alguma literatura de dispositivo digital?

R_M_15_C1: Não.

E: Não? É, família, irmão, ninguém?

R_M_15_C1: Não, ninguém.

E: [...] você acha que seus pais, eles preferem que você leia, é, literatura digital ou impressa? Literatura digital ou literatura impressa?

R_M_15_C1: Impresso.

E: Por que você acha isso?

R_M_15_C1: (Não sei)

E: Tem sempre um porquê, né?

R_M_15_C1: É. Tem um porquê que eu não sei.

E: (Risos) Mas por que você fala? Você nem pensou. Você falou impresso. Por que você foi direto no impresso?

R_M_15_C1: Ah, eu acho que eles, eles não gostam do tempo, assim, na tela. Não gostam.

E: Hum-rum. Você acha que é por isso.

R_M_15_C1: É.

E: Mas também eles não sabem o que você faz.

R_M_15_C1: Mais ou menos.

E: Ou eles sabem?

R_M_15_C1: Sabem.

E: Mais ou menos.

R_M_15_C1: É.

E: Mas você acha que se eles soubessem que você tá lendo literatura no computador ou no ...

R_M_15_C1: Não ia mudar nada.

E: Não muda nada?

R_M_15_C1: Eu tô no computador de qualquer jeito.

E: Entendi...é...você...deixa eu ver aqui...então algum dia...alguma vez seu pai ou sua mãe...sua irmã...te indicou algum site...pra você ler literatura? Aconteceu isso?

M_F_17_B2: Não...

E: Nunca? Nada?

M_F_17_B2: Não...

...

E: Entendi...é...você acha que...é...você lia...você via...você já viu seu pai...ou sua mãe ou sua irmã...ou alguém da sua família...lendo literatura em dispositivo digital?

M_F_17_B2: Não...

P: Não? Nunca...

...

E: Entendi...é...deixa eu ver...e você acha que a sua mãe ou seu pai preferem...que você leia no impresso ou no digital...tem alguma...você acha que tem isso?

M_F_17_B2: Não...

E: É ... o que você acha quando eles veem você lendo literatura em um dispositivo digital? O que você acha que eles acham, sobre isso?

G_F_17_B1: Nossa eu acho que eu nunca comentei sobre isso, porque pra mim é tão comum. Acho que não comentei com ninguém sobre ler e tal. Eu assisto mais série, essas coisas assim, no celular.

...

E: Você acha que eles não sabem?

G_F_17_B1: Acho que eu nunca comentei com eles as coisas que eu fazia na Internet.

E: Entendi, entendi. É ... e aí você não sabe, se eles gostam ou não gostam disso.

G_F_17_B1: É.

...

E: [...]E você acha que eles te estimulam a ler em dispositivo digital?

G_F_17_B1: Não, acho que para eles tanto faz se eu ler ... um livro pelo celular, ou ler, para mim, pelo impresso, mesmo, eu lendo, especialmente porque eu leio um livro em dois dias, e tal.

...

E: Já te indicaram site?

G_F_17_B1: Nunca.

E: Nunca? Ah, lê esse site, eu vi esse site aqui, já aconteceu?

G_F_17_B1: (Risos) Não.

E: Não. (Risos)

G_F_17_B1: Às vezes eles leem alguma coisa interessante na Internet, mas livro mesmo...

E: Literatura, não.

G_F_17_B1: Não.

E: É... e você já viu seus pais, é...ou familiares lendo literatura em dispositivo digital?

G_F_17_B1: Não (Risos)

E: Nunca?

G_F_17_B1: Eles são muito contra tecnologia. (risos)

E: Ah...

G_F_17_B1: Eles buscam mais os livros (que nem eu).

E: Impressos.

G_F_17_B1: Impressos.

E: Uhum, e pra ler em dispositivos digitais, você acha que eles estimulam?

D_F_16_D: Eu acho que eles não têm preferência, mas contando que eu esteja lendo, eles gostam.

E: Uhum, entendi. É, e você já...além de seus pais, tem alguém da sua família além deles, avós, tios, primos, sei lá, que fazem essa indicação de sites? Seus pais fazem isso, quero saber, seus pais, tem outros familiares que fazem indicação de sites ou de "Ah tô lendo tal livro, lê..", sobre literatura, existe alguma indicação de pais ou familiares em relação a isso?

D_F_16_D: Não.

E: E você já viu seus pais lendo em dispositivo digital? Lendo literatura?

D_F_16_D: Não, nunca vi.

...

E: E, quando você...quando eles veem você lendo na, no computador, lê no *tablet*, lê na, no computador de mesa, é de mesa ou notebook?

D_F_16_D: É de mesa.

E: De mesa, o quê que eles falavam?

D_F_16_D: Ah, eles acham bacana, eles incentivam a leitura.

E: É?

D_F_16_D: Uhum.

E: Aí eles falavam o quê quando te viam lendo? Perguntavam o quê que era, como é que era?

D_F_16_D: A minha mãe, ela procura saber o que tô lendo, ela pergunta se é bom, o quê que eu tô lendo, se eu posso ler aquilo.

E: Como é que é?

D_F_16_D: Se eu posso ler aquilo, se é pra minha idade rsrs.

E: Ah tá. Ela tá sempre de olho.

D_F_16_D: Aham, mas meu pai não liga não.

E: [...]E hoje que você tem esse acesso a, ao...a...faz leitura no suporte digital, seus pais, eles te estimulam? Como é essa relação deles com a sua leitura de literatura no suporte digital?

M_M_17_B2: Eu acho que eles nem sabem, não converso muito sobre isso com eles, eles também não perguntam, é... mas...eles não fazem muita ideia não.

E: É? Eles não sabem?

M_M_17_B2: Não sabem. E eu acho que não faria muita diferença pra eles não.

E: Você acha que não?

M_M_17_B2: Não.

E: Por quê?

M_M_17_B2: Ah não sei, nunca estimularam, nunca deram livro, eles me estimulam bastante a estudar, a estudar pra matemática, pra matéria, mas ler assim mesmo, leitura não.

E: Uhum. Então eles não sabem que você faz esse tipo de leitura pelo celular?

M_M_17_B2: Não, não sabem, eu acho que não.

E: rsrs. Se acha que não. É, mas se acha que eles iam gostar de saber que você faz leitura de literatura no celular?

M_M_17_B2: Sim, acho que sim.

E: Por quê?

M_M_17_B2: Ah porque pô...talvez eles pensam que eu não estudo, né, às vezes eles podem ver que estudo, que eu...às vezes eu leio, que tenho gosto pela leitura, que eu não sou completamente à toa.

...

E: É...além dos seus pais, você acha que alguém da sua família, é...tios, primos, avo...sei lá, avós, não sei, te estimulam ou te orientou alguma, indicou algum livro, tem alguém na família que te indicou aí alguma literatura?

M_M_17_B2: Não, sempre manda eu estudar mesmo, mas no geral. Não falam "leia tal livro", entendeu? Nunca fizeram isso não.

E: Nunca indicaram?

M_M_17_B2: Não.

E: Nunca falou sobre literatura?

M_M_17_B2: Até porque a família mora muito longe, né? A maioria mora em Juiz de Fora, Abre Campo, aí tem que viajar, eu vou lá uma, uma vez no ano, duas, aí não tem porquê.

E: Ah tá. Sua família não mora aqui próximo.

M_M_17_B2: Não.

E: Nem em Belo Horizonte?

M_M_17_B2: Belo Horizonte devo ter um ou dois tios no máximo, porque eu também vejo pouco.

E: Ah tá, entendi, entendi. É...deixa eu ver aqui. E você já viu seus pais fazendo alguma leitura de literatura?

M_M_17_B2: Não, não têm tempo. Acho que eles não têm tempo. Meu pai trabalha o dia inteiro, de madrugada e tem que, de manhã ele tem que dormir, minha mãe é dona de casa, não tem muito tempo pra ler, né, ela gosta mais de ver televisão.

E: Uhum, você nunca viu?

M_M_17_B2: Não.

E: [...]O que você acha que eles acham de você ler em dispositivos digitais?

P_M_17_C1: Acho que eles pensam a mesma coisa de ser mais prático, sabe. E que também devia de ser mais barato. Às vezes eu comento com eles, tipo...a opção tem em literatura digital, aí eles falam é mais prático do que ficar carregando livro gigante, então...

E: Eles falam isso?

P_M_17_C1: Falam. Acho que eles concordam com a opção, sabe. Apoiam essa opção.

E: É? E você acha que eles gostam de ver você lendo em dispositivos digitais também? O quê que você percebe?

P_M_17_C1: Eu acho que, tipo assim, eles querem me ver lendo também, mas eu acho que pra eles passa mais a ideia de que tô lendo alguma coisa se tiver o impresso.

E: É?

P_M_17_C1: Se tiver no digital, não parece que eu tô lendo, né, parece que tô jogando, sei lá.

E: Cê acha?

P_M_17_C1: Acho!

E: Por quê? De onde você tirou essa ideia?

P_M_17_C1: Não sei, tipo...muita gente tem essa dificuldade de aceitar, de que alguém pode fazer alguma coisa séria num *tablet* ou num computador. A mesma coisa, tipo assim, com curso, eu tô fazendo algum trabalho, aí a pessoa chega "Nó que legal", a pessoa pensa que tô fazendo aquilo de diversão, sendo que é trabalho. Tem gente que tem essa dificuldade, aceitar que alguma coisa séria é feita no computador...

E: Você acha que seus pais pensam assim?

P_M_17_C1: Não de forma tão radical, acho que eles pensam mais, veem mais seriedade eu lendo no impresso do que no digital.

E: É? É...mas eles...você acha que eles gostam ou não de ver você lendo?

P_M_17_C1: Ah gostam.

E: No dispositivo digital?

P_M_17_C1: É porque de todo modo eu tô lendo alguma coisa, entendeu...eu tô entretido com aquilo. Eles sabem que eu tô sempre lendo porque sempre comento da história com eles.

E: Ah você comenta?

P_M_17_C1: Comento.

E: Ah tá. E eles gostam de ouvir...como é que é essa relação? Quando é que você comenta a...como é que é essa...como acontece...me fala.

P_M_17_C1: Eu pego uma parte que eu gosto muito e fico empolgado e...saio falando, tipo assim, pra quem não pretende ler né, porque pra quem pretende ler, eu vou acabar contando a história.

...

P_M_17_C1: Ah, minha mãe ouve mais, meu pai, como trabalha o dia inteiro assim, aí chega em casa, ele quer descansar, aí é mais difícil dele ouvir.

E: Entendi...entendi... é, você acha que seus pais, seus familiares te estimulam a ler literatura?

P_M_17_C1: Estimular muito assim não, mas eles apoiam bastante, igual eu falei, se eu pedir algum livro, eles me dão. Se eu falar que eu quero aquele livro, tipo, setembro era aniversário e eu tava querendo o *box* do *Game of Thrones*, né...

...

E: Entendi. É...e você acha que eles estimulam a ler em dispositivo digital?

P_M_17_C1: Não...acho que não faz muita diferença pra eles não.

E: Mas você nunca...você nunca...você não percebe que existe um estímulo a isso.

P_M_17_C1: Não, porque não tem estímulo em literatura no geral, só apoiam quando demonstro interesse, entendeu?

E: Entendi, entendi. É...e eles indicam sites, alguma...já aconteceu de...não só seus pais, mas alguém da sua família, ir...primo, tio. Tem família aqui perto?

P_M_17_C1: Tenho.

E: Tem...eles também, além dos seus pais...tem alguém na família que te indica a ler literatura, que te indica algum site ou seus pais já te indicou algum site pra você ler alguma coisa, alguma literatura?

P_M_17_C1: Não, familiar não.

E: Nem seus pais?

P_M_17_C1: Não

E: Joia. É você já viu seus pais lendo?

P_M_17_C1: Minha mãe...

E: Literatura em sites...

P_M_17_C1: Não...

E: Em dispositivo digital.

P_M_17_C1: Digital não.

E: Não?

P_M_17_C1: Só livro impresso.

E: Livro impresso. Você já viu?

P_M_17_C1: Minha mãe já leu uma série inteira, mas eu não lembro qual que era.

E: E faz tempo isso?

P_M_17_C1: Faz..acho que foi no começo do ano passado que ela tava lendo.

E: Foi a primeira vez que você viu...a viu lendo ou você já tinha visto outras vezes ela lendo literatura?

P_M_17_C1: Não, foi a primeira vez.

E: Primeira vez. Ahan...é...e você acha...acho que já perguntei essa pergunta...acha que seus pais ou familiares preferem que você leia no impresso ou no digital?

P_M_17_C1: rsrs...acho que tanto faz é...mas eu estar lendo mesmo...é mais fácil eles levarem mais a sério eu lendo no impresso, mas de todo jeito eles apoiam estar lendo, independente de onde for. Entendeu?

Os relatos indicam não existir uma ambiência em torno da leitura literária digital no espaço doméstico dos leitores jovens. Para Lahire (2006), não podemos levar em conta apenas o determinismo cultural como definidor das propensões para o consumo de bens culturais legítimos. Quando questionados sobre as possíveis preferências de seus pais quanto às suas leituras literárias serem realizadas no suporte digital ou impresso, as respostas sugerem existir uma prioridade para a leitura literária realizada no suporte impresso, indicando, conforme Chartier R. (1998) aponta, historicamente, a existência de um valor diferenciado, mais positivo ou mais negativo, para determinadas práticas. Mas, ao mesmo tempo, percebemos uma importância dos pais direcionada mais para o conteúdo do que para o suporte.

Outros mediadores de leitura literária digital reunidos em vários ambientes digitais formam as comunidades de leitores na Internet ou “comunidades de conhecimento” (JENKINS, 2009), sejam elas organizadas oficialmente por meio de um *site* ou um de *blog* ou aquelas organizadas nas redes sociais ou nos aplicativos de conversa instantânea. M_M_17_B2 e M_F_17_B2 participam na rede social *Facebook* de uma comunidade de leitores,mas são mais “usuários fantasmas”, conforme relatou, anteriormente, M_M_17_B2, ou seja, acessam, mas não participam. D_F_16_D e R_M_15_C1 não participam, P_M_17_C1 já participou em um site de *fanfics* e G_F_17_B1, em um grupo do *Whatsapp*.

É importante diferenciar a participação na comunidade de leitores do acesso ao site ou à página apenas para visualização dos *posts*. Muitos dos leitores jovens somente acessam a página da comunidade de leitores lendo os *posts*, comentários e acessando os links indicados, mas não conversam com os membros, não realizam

nenhuma atividade dentro da comunidade de leitores. A maioria dos seis leitores jovens não participam de comunidade de leitores, mas podemos considerar que a maioria já participou. Comparando com os dados quantitativos do questionário 1, no qual o índice aumenta 11,63% dos dados gerais para os dados filtrados, podemos verificar a importância para os leitores da participação ou apenas como “usuário fantasma” de comunidades de conhecimento em torno da leitura literária digital.

M_F_17_B2 relata a importância de compartilhar informações sobre leitura literária com os membros da comunidade de leitores de que participa.

E: [...]você gosta dessa, dessa comunidade, desse, dessa página aí do *facebook*? Gosta de entrar? É uma coisa, assim, que você entra com frequência, o que tem de interessante, me conta um pouquinho.

M_F_17_B2: É, porque aparece lá, né, naquele mundinho, aí aparece lá um tanto de ... tipo assim, fulano publicou isso, aí eu vou lá, e olho, às vezes de vez em quando porque, tipo assim, nem todo mundo aqui em casa assiste série, né, então tipo assim, ou senão, lê o livro, aí eu fico ... querendo contar, fico, nossa, aconteceu isso no livro, não acredito, que eu, nem tudo o quê ... tá no livro é igual na série de televisão, é diferente.

E: Hum rum.

M_F_17_B2: Aí, tipo acontece, aí quero co... é... conversar com alguém, aí eu converso, ah!

...

M_F_17_B2: Entro, bastante, porque eles postam bastante coisa legal, aí, eu, é um tanto de gente que gosta daquele mesmo assunto, todo mundo conversando, vou até citar no grupo de literatura digital que o pessoal, (vive assim), assim, devem gostar.

A participação nas comunidades de leitores tem um único objetivo, o compartilhamento de informações sobre leitura literária, e parece ocorrer de forma pontual e situada.

E: Mas o objetivo é saber o que tá, é, qual que é o objetivo, quando você entra, é pra... pra quê?

M_F_17_B2: Não sei, porque, tipo, todo mundo posta, igual, teve um episódio/

E: É postar?

M_F_17_B2: /no...

E: É para ler? É para os dois?

M_F_17_B2: É, para conhecer, tipo assim, vamos supor, curiosidades, sobre ... o ... sobre a autora do livro e sobre a ...a ... diretora da série, e sobre as...as meni, as meni, as meninas, do ... elenco, lá, da série, é sobre, tipo, um tanto de assunto misturado.

E: Aí você gosta disso?

M_F_17_B2: Hum rum.

E: É mais sobre as coisas do livro.

M_F_17_B2: É.

E: É isso? Isso é um dos objetivos?

M_F_17_B2: Também. E assim, também, às vezes, igual, vamos supor, eu tô lendo aqui uma parte, aí eu não entendi bem

E: Hum rum.

M_F_17_B2: Aí eu posso compartilhar com alguém, cada um expressa a sua opinião da forma que entendeu ...

E: Aí, isso acontece?

M_F_17_B2: Também.

E: Ah ... tá, e também você posta, algumas coisas, que você gostou?

M_F_17_B2: É ... tipo, uma frase, ou um texto.

Uma forma de participação, em geral, repudiada na comunidade de leitores, é por meio de *spoiling* (JENKINS,2009), relacionando a antecipação de conteúdo, também realizada entre os leitores jovens e seus colegas ou em vários ambientes digitais na rede de sociabilidade literária na Internet. **M_F_17_B2** explica o que é e como informar aos membros da comunidade de leitores na Internet que o *post* possui *spoiling*. Assim também **L_M_15** aponta uma estratégia para não dar um *spoiling* ao compartilhar informações sobre a obra na conversa com os colegas.

M_F_17_B2: Às vezes a gente posta trecho do livro aí tem que colocar enorme assim, É *SPOILER*, porque senão o povo que ainda não leu...

E: Tira?

M_F_17_B2: Não, lê, aí, eles tiram.

E: O que é *Spoiler*?

M_F_17_B2: É tipo ... tipo assim, igual você nunca viu o, o filme, vamos supor, aí eu te conto.

E: Hum.

M_F_17_B2: Aí, tipo assim, a pessoa vai ficar com raiva, tipo eu não queria que você me contasse, eu queria ver, eu queria ler.

E: Ah...que, *spoiler*, o que significa isso?

M_F_17_B2: Eu acho que é isso.

E: Mas, tem, você tem que colocar essa palavra?

M_F_17_B2: Como assim?

E: Você coloca essa palavra *spoiler* e escreve?

M_F_17_B2: É. Hum rum.

E: Mas o quê que isso significa? Escrever, colocar a palavra *Spoiler* e escrever o que você está querendo escrever?

M_F_17_B2: Não, tipo assim, eu coloco *Spoiler* grandão e um tanto de... pontinho até chegar lá embaixo.

E: Ah! Agora entendi.

M_F_17_B2: Tipo assim, para a pessoa saber que aquilo aí é um trecho de alguma coisa, ou se não, é uma parte do ...

E: do livro

M_F_17_B2: É'.

E: Se ela, se ela não tiver lido, ela não precisa ler.

M_F_17_B2: É, aí só lê quem quiser.

E: Ah, agora entendi. Ótimo!

M_F_17_B2: É, que aí, assim, às vezes, eles postam, fotos, do ... do episódio, aí alguém já não tinha, não tinha visto, aí eles colocam lá embaixo, em cima, *spoiler* e embaixo, tipo, abre quem quer.

L_M_15: Eu acho sacanagem...odeio quando dá um *spoiling* pra mim...

E: Já fizeram?

L_M_15: Já...

E: É...mas existe a possibilidade de falar sobre o livro...pra interessar pro outro...sem dar *spoiling*?

L_M_15: Tem...

E: Tem? Como?

L_M_15: Assim...não sei se contaria como *spoiler* mas...falando algumas partes que não fazem muita diferença pra história...mas que sejam interessantes mesmo assim...

...

L_M_15: Sim...ele fez só pra sacanear mesmo...

E: Geralmente as pessoas que fazem *spoiler*...elas fazem pra sacanear?

L_M_15: Depende...às vezes a pessoa lê a história sem ela nem perceber...

E: Ah entendi...

L_M_15: Comenta alguma coisa...achando que você já chegou nessa parte...só que você não chegou ainda...

E: Aí já foi?

L_M_15: Já foi...tarde demais...

Os leitores jovens e seus colegas relatam, nos trechos abaixo, algumas situações que foram o *spoiler* ou que receberam um *spoiling*. Para uns, ser *spoiler* é uma brincadeira ou pode ocorrer em situações não planejadas e, para outros, receber *spoiling* pode desanimar, ou não causar impacto no interesse da leitura da obra. S_M_19 aponta existir uma diferença desse tipo de compartilhamento de informações com séries de TV e com obras literárias.

S_F_19: Intervalo da escola...dentro do ônibus pra ir pro cursinho...no intervalo...tem uma época...quando a gente arrumou esse livro do *Belo Desastre*...que eu comprei o primeiro...o segundo e o resto a gente olhou na Internet...são três livros...a gente virava madrugada lendo o negócio...aí se por exemplo...se eu lia mais que ela e contasse pra ela a gente brigava...dá *spoiler*...nossa...ela quase me batia...

...

S_F_19: É tipo assim...*Jogos Vorazes*...eu comprei os três livros...aí eu comprava um livro e passava pra ela...então eu sabia tudo...ela: -

não me conta tal coisa...mas deixa eu contar só um pedacinho...porque a pessoa tá te explicando...cê não tá entendendo...se quer explicar o que tá acontecendo porque você já leu tudo...

E: Claro...

S_F_19: Mas na hora de explicar...eu empolgava...aí eu explicava tudo...

E: Entendi...mas tem como não explicar tudo e dar uma coisa pra pessoa...

S_F_19: É o que eu tô falando...eu penso que pega...me explica só esse trem do relógio...que tem no livro...aí eu lia...não...aí vai chegando uma parte do livro que...fulano...fulano...beltrano...vai morrer...

E: Aí você falou...

S_F_19: Aí já era...tá falado...

E: E a pessoa fica com muita raiva? Você fica com raiva?

S_F_19: Ah eu não...não ligo não...porque eu...geralmente vou na última página do livro pra ver o que aconteceu...no final...teve um negócio que eu li...chama *Divergentes*...são três livros...

E: Você leu todos três?

S_F_19: Li...eu e ela inclusive...um amigo meu comprou...aí ele emprestou pra ela primeiro...cachorro...aí ele emprestou pra mim...depois nós lemos tudo...só que eu li o último primeiro que ela...na hora que eu peguei o livro emprestado...uma colega minha falou assim: - fulano morre no final viu...a personagem principal do livro...li do mesmo jeito...aí sem querer eu contei: - você acredita que a (belinha) me falou que fulano vai morrer no final?

E: Mas você fez isso de sacanagem?

S_F_19: Não...eu fiz porque eu sou burra mesmo...mas é bom que a gente lê o livro também...e continua desse jeito...

...

S_F_19: Não...porque quando eu participei de um grupo no *facebook*, inclusive...era disputando quem ia dar mais *spoiler*...quem dá mais *spoiler*...ah...li tal livro...aí se tinha mais gente ia e comentava...no final tava a história do livro...aí se você chegava lá e não tinha lido o livro ainda...acabava com a graça...

P_M_17_C1: *Spoiler* é...contar alguma coisa que acontecer antes de você ler aquilo acontecendo você vê...

E: Ah...isso é *spoiler*?

P_M_17_C1: É...aí você sai...igual, por exemplo, tá vendo uma série...supernatural...eu já vi nove temporadas e estou na décima agora e...me contaram essa semana que uma personagem que eu gosto muito morre...

E: Aí você ficou?

P_M_17_C1: É...se eu visse...até a parte em que ela morre...assim...eu não teria ficado tão desanimado da vida...agora como me disseram...eu desanimei...

E: É ?

P_M_17_C1: Bastante...

E: E com relação a livros também quando acontece...

P_M_17_C1: É mais ainda...

E: É mesmo?

P_M_17_C1: Desanima mais ainda...

E: Aí você não continua?

P_M_17_C1: Não, continuo. Não,...continuo...mas...bem desanimado...

E: Bem desanimado...sabe informações...

P_M_17_C1: Quero que aquela parte chegue logo pra eu passar logo daquilo...até ali fica muito chato pra mim...

E: Pra chegar na informação que ele te deu...

P_M_17_C1: Que ele me deu...meio chato.

E: Aí que chato...que ruim...

P_M_17_C1: E quando é bem famosa...as pessoas comentam bastante...tipo a série de TV...aí já sai comentando assim...*facebook*...tem que ficar sem ler...

E: Aí quê que você faz?

P_M_17_C1: Eu passo direto...igual na semana que estreou...vazaram quatro episódios...

E: De quê?

P_M_17_C1: *De Game of thrones*...estreou a nova temporada que foi mês passado...eu nem entrei no *facebook*...as pessoas já iam comentar sobre isso...ninguém entra aí...

E: Entendi...ela também tem uma série, né? A série é de TV?

P_M_17_C1: A série de TV tá bem na frente...eu acho que vai ser melhor porque ela...vai começar a destoar da história do livro...porque eles vão ter que acabar com a série antes de acabar com o livro...e vai ter dois finais né? A de TV...

E: e do livro...ah é?

P_M_17_C1: Vai ser melhor agora...porque eu não vou receber tanto *spoiler*...que até a última temporada era bem a ver com o livro mesmo...

E: E *spoiler*...vocês dão um no outro...como é que é o negócio...

S_M_19: Não...até que não...

E: Não? Não tem essa...

S_M_19: Ah...com série às vezes acontece né? de brincadeira...mas...com livros não...

E: Como assim de brincadeira? Série de TV...

S_M_19: Ah...série de TV...

E: Aí fala...

S_M_19: Aí fala...

E: Mas livro não? Por quê?

S_M_19: Ah...eu não sei...nunca aconteceu não...com série de TV já aconteceu...agora com livro não...de *spoiler* não...

E: É...não? O livro vocês respeitam mais, é isso?

S_M_19: É...pode ser isso...mas é porque nunca aconteceu mesmo...

E: Aham...nem ele te passou *spoiler*...nem você pra ele?

S_M_19: Não não...não chegou a acontecer não...

E: Já respeita então...

S_M_19: É...tipo assim só comenta se...mais pra frente vai ficar bom...comenta a parte que eu estou da leitura pra ver se vai ficar bom...alguma coisa assim...mas dar *spoiler* não...

...

P_M_17_C1: Acho que todo mundo...a maioria já sabe porque...a pessoa mesmo não gosta de receber *spoiler*...aí...quando ela vai comentar com alguém ela pergunta...ou igual eu faço...eu pergunto pra pessoa até onde ela viu...e até onde ela leu pra mim não falar nada...que tem alguém na frente...

E: Ah...entendi...

P_M_17_C1: Aí se a pessoa fala que não se importa, aí eu comento tranquilamente...mas a maioria se importa...e eu não quero *spoiler* não...

Quanto à instância escolar, os relatos dos leitores jovens indicam que não existe promoção da leitura literária digital no ambiente escolar, apenas, D_F_16_D e P_M_17_C1 revelam terem ocorrido, pontualmente, recomendações de professores para a realização de leitura literária de livros digitalizados pelo site Domínio Público, inclusive, P_M_17_C1 relata ter conhecido o site quando foi informado pelo professor, entretanto, não foi a escola que possibilitou conhecer sobre literatura digital e digitalizada.

E: Foi professor que te indicou?

D_F_16: Hum-hum.

P: E ele te indicou por quê?

D_F_16: Um trabalho que ele queria passar sobre *A Moreninha*. E como ninguém tinha condições de comprar o livro, ele indicou um *site* que era para a gente poder ler.

E: Qual é o *site*?

D_F_16: Domínio Público.

E: [...] e você acha que a escola estimula a ler literatura em dispositivo digital?

P_M_17_C1: Ah, só quando eles recomendam algum livro ou pede pra gente ler algum livro e fala do Domínio Público, mas aí é só isso mesmo.

E: Só isso. E você acha que isso estimula a leitura de literatura em dispositivo digital?

P_M_17_C1: Acho que sim, porque as pessoas começam a perceber que elas têm essa opção de leitura, por que a maioria nem...não para pra pensar em ler no computador ou ter um *tablet*, ler num *tablet*. A maioria sempre quando a gente fala em livro, pega o impresso mesmo. Acho que estimula a...pelo menos essa percepção de opção, entendeu?

...

P_M_17_C1: Indicava o domínio público. Foi pela escola que conheci o Domínio Público.

E: Ah foi?

P_M_17_C1: Foi.

E: Mas não foi pela escola que você começou a ler literatura em dispositivo digital?

P_M_17_C1: Não. Antes da escola eu já conhecia, já sabia que tinha essa opção.

Em geral, a escola não é vista como uma instância de formação de leitores de leitura literária digital. Alguns comentários ou indicações aleatórias podem ter ocorrido por alguns professores, mas parece ocorrer sem uma intencionalidade pedagógica para a prática de leitura literária digital.

E: Nunca aconteceu isso, é...deixa eu ver aqui, e essas leituras de suporte digital, você chegou a comentar com algum professor sobre isso?

G_F_17_B1: Não, também, não. Nunca comentei.

E: E você acha que a escola estimula a ler literatura em dispositivo digital?

G_F_17_B1: Não, com certeza, não.

...

E: Nunca entrou? É... e nenhum professor seu indicou, nenhum professor de literatura indicou alguma coisa do tipo?

G_F_17_B1: Não.

E: Não?

G_F_17_B1: Todos eles indicam sempre o livro mesmo.

E: Impresso?

G_F_17_B1: É.

E: Nunca ninguém falou sobre o digital.

G_F_17_B1: Não.

E: Ó, nada? Nesses três anos?

G_F_17_B1: Nada, nada.

E: Na escola?

G_F_17_B1: Na minha vida inteira, ninguém nunca falou de leitura digital, nunca me indicou nenhum livro, não me indicou nenhum site, nada.

E: É...e pra ler literatura digital...dispositivo digital...você acha que a escola estimula? Fazer atividade...

M_F_17_B2: Não...

E: Não? De forma alguma?

M_F_17_B2: Não...nenhuma...

E: A escola que você estuda ela, é... pede para você fazer leitura de literatura digital?

R_M_15_C1: Não.

E: Nunca pediu?

R_M_15_C1: Só impressa.

E: Só impressa?

R_M_15_C1: É.

E: Nunca pediu? Nunca indicou?

R_M_15_C1: Que eu lembre, não.

E: Não, nenhuma indicação? Os professores?

R_M_15_C1: Nunca.

...

E: Falou alguma coisa de literatura digital?

R_M_15_C1: Não. Nunca falou.

E: Mandar ler algum livro em alguma biblioteca digital.

R_M_15_C1: Não.

E: Alguma coisa?

R_M_15_C1: Ela falou uma vez no ano, um dia no ano, só.

E: Ela falou o quê?

R_M_15_C1: Que ela falou lá, da literatura digital, que era um pouquinho da matéria, mas depois ela nunca mais comentou, não.

E: E você lembra o que ela disse?

R_M_15_C1: Não, eu lembro que ela falou, mas eu não lembro o que ela disse da matéria, assim.

E: Entendi. Ela falou, você falou “Ah, ela falou literatura digital”

R_M_15_C1: É que a literatura digital, é, faz parte do conteúdo lá, que, porque é literatura. Aí, é uma literatura mais moderna, e, uns negócios assim.

E: Ah, tá.

R_M_15_C1: Mas foi bem no começo do ano.

E: Bem rapidamente.

R_M_15_C1: Aí não tem jeito de lembrar.

E: Não tem jeito. É muita coisa. Aí você lembra que ela falou essa palavra literatura digital.

R_M_15_C1: É.

E: E só uma vez.

R_M_15_C1: É.

E: Ah, entendi. Mas não indicou nada para você ler.

R_M_15_C1: Não.

E: E ele já indicou alguma, alguma leitura literária que era pra ser feita no suporte digital?

M_M_17_B2: Não.

E: Não?

M_M_17_B2: Ah, ele já falou que tem como ler na Internet mesmo, mas nunca indicou não.

E: Nunca indicou nenhuma leitura?

M_M_17_B2: Não, ele passa mesmo livros, né. Ele passa o nome do livro, se alguém quiser ler, quiser pegar emprestado, mas digital assim “veja digitalmente”, não falou não.

E: Ah, por exemplo, indicar um site, nada, nada no digital?

M_M_17_B2: Nada no digital, mas físico mesmo o livro.

E: A escola nunca te indicou nada pra você ler em literatura digital?

L_F_18: Não...que eu lembre não...

E: Não? Sites onde tem livro de literatura digitalizada...não?

L_F_18: Que eu lembre não...

E: Entendi...e você já procurou...por exemplo...a escola já te orientou...sei lá...alguém já te orientou...você já mexeu...com alguma biblioteca digital de literatura? Nunca?

L_M_15: Não...biblioteca digital não...porque...nossa escola nós temos nossa própria biblioteca...a maioria dos livros que são pedidos em trabalho...são...aliás...teve um que foi...há pouco tempo atrás mas...é...conta sim...que seria A cartomante...do Machado de Assis...que a professora tinha pedido...e o outro que ela pediu que foi...Dom Casmurro...tinha na biblioteca da escola, então eles não gostam muito de usar bibliotecas digitais...porque o aluno pode falar...ah não encontrei...tem isso...ah teve tal problema não

consegui...pra evitar essas desculpas...pega livros que já existem na biblioteca da escola...pra não ter problema...

...

E: Mas ela indicou pra vocês irem na Internet pra ler o livro...

L_M_15: Sim...

E: Então foi a única vez que aconteceu isso? Entendi...mas aí ela indicou um site de biblioteca digital? Você lembra? Ou foi...gente...você entra na Internet e procura o livro...

L_M_15: Entra na Internet e procura o livro...

Entre a escola, a família, os professores e os pais, o compartilhamento de informações sobre leitura literária digital é quase inexistente. Ou seja, as instâncias e os mediadores de leitura literária, considerados como principais fomentadores para a formação de leitores, não influenciam nas práticas de leitura literária digital dos leitores jovens. Essas trocas se ampliam nas relações existentes entre os leitores jovens e seus colegas, mas nem todos são mediadores para a leitura literária digital. Essa constatação fundamenta os dados quantitativos do *corpus* geral do questionário 1 e do *corpus* filtrado no qual os índices referentes aos mediadores de leitura literária digital, pai, mãe e professor, são os mais baixos, respectivamente.

Os principais provocadores são o próprio leitor jovem que se interessa pela literatura digital e digitalizada e a rede de sociabilidade literária na Internet. Essa podemos considerar como uma nova forma de mediação de leitura literária digital, que se realiza por meio de uma diversidade de sites, blogs, redes sociais, aplicativos, podcasts, sala de bate-papo, comentários em diversos ambientes digitais, como os sites de lojas on-line de livrarias. Mas é necessário o leitor jovem conhecer os caminhos para localizar e selecionar a rede de compartilhamento de informações literárias na Internet que podem ser confiáveis.

6 Relações entre as práticas de leitura literária digital e impressa

Este capítulo retoma a hipótese da existência de uma relação entre as práticas de leitura literária digital e as práticas de leitura literária impressa. Para nós, os leitores jovens não transitam das práticas de leituras literárias em um suporte para o outro de forma aleatória. Essa hipótese se baseava nos estudos do Roger Chartier sobre a história do livro e da leitura, retrata as mudanças de materialidade não como rupturas entre as práticas de leitura entre os suportes, mas, sim, como continuidades e, por vezes, como práticas concomitantes.

Partindo dessa perspectiva, buscamos, nos dados empíricos da pesquisa, algumas explicações que não tínhamos em seu início. Ao final, nossa tese se fundamenta na premissa de que a oscilação entre as práticas de leitura literária no suporte digital e impresso, pelos leitores jovens, dependerá do tipo de acesso à obra desejada, se por empréstimo, gratuidade pela internet e por aquisição e não por suas preferências por um suporte ou outro.

Na sessão 5.3, no qual tratamos da preferência de suporte, é unanimidade, entre os seis leitores jovens e seus colegas, a preferência por realizar leituras literárias em suporte impresso. No que tange a comparações que podem se relacionar às versões digitalizadas e impressas da mesma obra literária, conseguimos levantar uma série de dados. Com relação ao acesso, ele se remete a empréstimos, gratuidade pela Internet e por aquisição; esta última possibilidade de acesso se dá em algumas condições: quando as condições financeiras são favoráveis para a aquisição, quando os valores de mercado de obras literárias na versão digitalizada está bem abaixo da versão impressa, ou o contrário, e quando as obras são vendidas com valores de mercado mais baixos que o habitual.

Os leitores jovens relatam que, quando leem uma obra inteira de literatura digitalizada, adquirem a versão impressa da obra após a leitura. Esse comportamento relaciona-se com a preferência pelo suporte impresso e com a possibilidade de tê-lo em sua biblioteca particular, e é nesse sentido que se verifica a noção de reverência e permanência ligada a determinadas obras, que se relaciona ao valor simbólico que é dado a elas. Além disso, talvez a efemeridade presente nos meios digitais, assim como as dificuldades de armazenamento podem explicar a necessidade de uma posse na forma de impresso.

P_M_17_C1: Eu prefiro ter o impresso quando eu sou muito fã da série,entendeu? Igual o “Guia”, eu vou comprar a versão digital primeiro, mas se tiver gostando muito, eu vou comprar o impresso também.

E: Entendi. Ah é questão de gostar?

P_M_17_C1: De gostar...é!

E: Se não gostar muito, vai digital?

P_M_17_C1: É a mesma coisa de música. Eu tenho, sei lá, uns 18 gigas de música no computador, mas nem assim eu deixo de comprar CD. Eu compro das que eu gosto, né.

E: Entendi.

P_M_17_C1: É a mesma coisa...lá é mais prático. Eu baixo, leio...mas se tiver gostando bastante, eu tenho que comprar pra ter lá na estante.

E: E me diz uma coisa, você não teve vontade de comprar? Você tá lendo, mas já tá quase na metade do livro, do Código da Vinci.

M_M_17_B2: Hum rum.

...

M_M_17_B2: Sim, geralmente eu compro os livros que eu gosto bastante, entendeu?

E: É?

M_M_17_B2: O... *Mais Pesado que o Céu* que é a biografia do Kurt, eu comprei, que gosto bastante, né, da banda. Eu comprei o *A Batalha do Apocalipse*. *A Batalha do Apocalipse* tem umas seiscentas páginas, também.

E: Mas cê leu primeiro no digital?

M_M_17_B2: Li primeiro no digital, *A Batalha do Apocalipse*.

E: Aí depois você comprou?

M_M_17_B2: Aí depois eu fui e comprei. *A Batalha do Apocalipse*, é... o *Anjos e Demônios* eu comprei também.

E: Leu no digital e depois comprou.

M_M_17_B2: Isso. Acho que (só)/

E: Aí depois você leu no impresso?

M_M_17_B2: Esse último eu ganhei, que eu queria comprar também, mas eu ganhei. Tanto até que eu com esse livro, se você quiser, depois eu te mostro. É...o que eu gosto bastante, eu vou e compro. O *Código da Vinci* tá perigoso eu comprar.

E: Mas me diz uma coisa, você leu, no digital, depois comprou o impresso, e leu o impresso?

M_M_17_B2: Oi?

E: Você...

M_M_17_B2: Isso, é. Mais pra ter... que às vezes dá vontade de ler de novo. Aí hoje eu comecei a ler a biografia do Kurt de novo. Aí depois tem alguma coisa que eu quero consultar.

E: Como é que é? Ler o quê?

M_M_17_B2: [...] É...eu acho que é mais pra guardar pra gente, sabe?

Na situação de acesso por gratuidade na Internet e aquisição,o leitor jovem inicia a leitura do livro digitalizado e, quando o valor de mercado do livro na versão

impressa fica mais acessível, ele adquire e finaliza a leitura no impresso. Ou seja, o valor da obra, quer ela seja impressa ou digitalizada, é o fator que pode mobilizá-lo na escolha entre um ou outro. Mas, caso o dispositivo digital ou o acesso à Internet não seja de boa qualidade, especialmente quando a tecnologia disponível cai em obsolescência e reduz a qualidade do uso, a versão impressa do livro literário que o leitor jovem tem interesse em ler ou que esteja lendo terá prioridade.

E: E aí você começou a ler e parou? Quê que foi? Que foi que você fez?[começou a ler um livro digitalizado e foi para o impresso]

R_M_15_C1: Não... é que eu resolvi comprar o livro...

E: Ah... aí você deixou o digital?

R_M_15_C1: É porque a Internet lá do *tablet* dela[irmã] tava muito ruim... aí eu resolvi comprar o livro e pronto... e ler... e ele tava barato... tava o quê? Dez reais, eu acho...

E: Nossa... barato... impresso?

R_M_15_C1: É por causa que... é... que ele já é velho, tem uns três anos que já lançou... aí...

E: Ah tah...aí você começou a ler no digital porquê? Esse livro no digital por quê? Como é que foi isso?

R_M_15_C1 : Ah eu tava lá...ah eu quero...eu num vou no shopping...por esses dias...eu...não dá pra eu comprar o livro...eu vou/eu quero ele muito...aí eu vou pegar lá...vou emprestar...vou pedir emprestado...pra minha irmã...o tablet dela...e vou ler...

E: Entendi...pela facilidade de acesso?

R_M_15_C1 : É...

E: [...] acontece, por exemplo, de você fazer uma leitura no digital e procurar o livro impresso para ler ou não?

M_F_17_B2: Se eu tiver dinheiro para comprar.

E: Mas já aconteceu?

M_F_17_B2: Já. Eu tenho aquele, *A Culpa é das Estrelas*. Eu não consegui ler no computador, mas eu consegui ler trechos, e aí eu ia comprar ele na Americana [loja] que estava R\$24,90, mas só que aii eu fui no cinema e aí eu gastei o dinheiro, mas eu ainda quero comprar ele. [...]

Ao questionarmos aos leitores jovens se havia ocorrido de ter iniciado a leitura de uma obra digitalizada, mas ter finalizado em suporte impresso, a maioria relatou que ocorreu em algumas situações, tais como: não ter o livro no momento que precisava ler e depois comprou a obra, conseguiu emprestado de um colega, estava gostando muito da leitura da obra e encontrou à venda em promoção.

E: (Risos) Entendi, é ... e já aconteceu, de você começar a ler, alguma ... algum texto literário, no, em dispositivo digital, é ... e depois, uma obra, depois ... ler lá ... li e ler ela no ... no impresso? Começar no digital e depois ir pro impresso?

R_M_15_C1: Já, uma vez.

E: Hum.

R_M_15_C1: Mas tipo ... era pro inglês. Tipo ... eu não tinha o livro ainda, eu tive, eu fui obrigado a ler na Internet.

E: Entendi, mas, esse livro de inglês, era um livro ... literário?

R_M_15_C1: Era.

E: Era?

R_M_15_C1: Era.

E: Aí você começou a ler ... ele ...

R_M_15_C1: Comecei a ler no digital, aí depois eu comprei o livro,

E: E ...

R_M_15_C1: Comecei a ler no impresso mesmo.

E: Que livro que é esse? Você lembra?

R_M_15_C1: *As Aventuras de Tom Sawyer*, alguma coisa assim.

E: Como é que é?

R_M_15_C1: *As Aventuras de Tom Sawyer*, alguma coisa assim.

E: Mas é em português?

R_M_15_C1: Não, é inglês.

E: Pode falar em inglês.

R_M_15_C1: Ahn?

E: Fala, o, ele tem essa, existe ele em português? Esse livro aí que você ...

R_M_15_C1: Eu acho que sim, provavelmente.

E: Você leu ele em inglês.

R_M_15_C1: É.

E: Qual que é o nome dele em inglês?

R_M_15_C1: *The adventures of Tom Sawyer*. Sawyer, alguma coisa assim

E: Entendi, é ... e aí você começou a ler no digital e aí foi pro impresso.

R_M_15_C1: É.

E: E porque que você começou, você é ... o quê que aconteceu nesse meio que você foi pro impresso? Por que você decidiu comprar o livro, por quê?

R_M_15_C1: É mais fácil de transportar. E não ... eu acho que ... tipo, ele você pode pegar, começar a ler, no, digital ...

E: Hum rum.

R_M_15_C1: Você tem que ter pelo mínimo, Internet, e bateria no computador.

E: Hum rum.

R_M_15_C1: Se não, sem, não dá para ler.

E: Você estava lendo ele no computador?

R_M_15_C1: É.

E: Ah, entendi. Aí você gostou muito dele e veio, comprar o impresso, foi por isso? Ou não?

R_M_15_C1: Também, também.

E: Foi porque também?

R_M_15_C1: Também porque aí eu ... o livro, ele ... é ... como que chama? Ele é móvel. Que quando eu ... li, esse livro, era no computador que é fixo.

E: Entendi. Se você tivesse um *tablet*, você ... preferiria, você levaria, preferiria o impresso?

R_M_15_C1: O livro.

E: O livro?

R_M_15_C1: Também. Eu tenho dois motivos, é melhor.

E: O quê? O impresso?

R_M_15_C1: É. Por causa, tipo, você não precisa, você não precisa ficar, assim, só no *tablet*, assim, e segundo, você não pode usar dispositivo na aula.

E: Ah, entendi.

R_M_15_C1: O livro, pode.

M_M_17_B2: Sim. *O Mais Pesado Que o Céu* tava gostando tanto que eu fui ler e comprei impresso. Só que não foi tipo é... assim eu vou vou sair para comprar o impresso. Eu vi ele, ah... eu vou comprar e comprei. Tava no BH Shopping, na época, né? E fui e comprei ele, tava gostando bastante dele

E: Ah então você tava lendo ele no digital, aí tava gostando muito.

M_M_17_B2: Hum rum. Quando eu sempre saio, sempre que eu vou em shopping, ou qualquer loja, eu sempre compro, geralmente eu paro na Leitura, que é uma loja, é uma loja que eu gosto muito e tem um acervo muito grande, eu sempre paro lá, daí...é se tiver o livro eu vou lá e compro.

E: Mas nesse caso/

M_M_17_B2: /na promoção

E: Nesse caso aí que você estava lendo no digital. Você foi, você comprou por quê, exatamente? Por que você foi lá e compro o impresso já que você estava lendo no digital?

M_M_17_B2: Ah, porque por ter, né? Porque por ter (esse sentimento de posse) por ter o livro eu acho melhor, entendeu? Aí eu acho, é mais bonito, a capa, você segurar o livro, é... é por causa disso mesmo. Eu também li o livro digitalizado, mas na maioria das vezes se eu não poder comprar, né?

E: Mas nesse caso específico foi por esse motivo.

M_M_17_B2: É, por esse.

E: Só por esse. Você tava gostando muito, ah, eu tenho que ter isso na mão, é isso?

M_M_17_B2: É.

E: Aí, aí, você começou a ler no impresso?

M_M_17_B2: Comecei.

E: Aí continuou, você continuou a ler ele no impresso.

M_M_17_B2: Aí eu continuei no impresso.

E: Deixou o digital e foi para o impresso.

M_M_17_B2: Isso.

L_M_15: Porque eu não achava...

E: Impresso?

L_M_15: Eu procurei ele impresso...o primeiro livro eu não achava...

E: É mesmo? Lugar nenhum?

L_M_15: Assim...eu não procurei muito, mas... mas aonde eu procurei...eu não encontrava eu...ah...eu vou começar a ler agora...se eu encontrar ele eu compro...

E: Ah entendi...aí você começou a ler por causa disso...você tava interessado em ler...não achava...começou...aí quando você achou você foi lá e comprou...e leu ele impresso...

L_M_15: Sim...

E: Foi isso?

L_M_15: Terminei de ler ele em impresso...

O fator acesso relacionado aos empréstimos pelos colegas que possuem a obra impressa é uma das situações que permite aos leitores jovens tanto ler toda a obra via suporte impresso ou iniciar a leitura literária da obra digitalizada e, quando o leitor jovem descobre na sua rede de colegas alguém que pode lhe emprestar, continua a leitura literária da obra na versão impressa. Além disso, em alguns casos, aparece o fator extensão da obra como um dos elementos que explica a leitura em um ou outro suporte.

D_F_16_D: Já comecei a ler o livro ... virtualmente, e depois eu consegui ele emprestado, aí eu parei e ... comecei a ler no ... no livro mesmo, no impresso.

E: E por que aconteceu isso? Saiu do, e por que você não continuou no digital? Só ... por que não continuou no digital e foi para o impresso?

D_F_16_D: Ah ... porque eu prefiro o impresso.

E: Entendi.

D_F_16_D: Eu prefiro o impresso, é mais fácil.

S_F_19: Já aconteceu de eu começar a ler no digital e terminar no impresso...porque a D_F_16_D tava com o livro...eu comecei a ler na Internet e peguei dela...

E: Ah tah...já aconteceu outra situação de começar no digital e ir pro impresso...

S_F_19: Geralmente é quando, por exemplo...eu tô lendo um livro...mas vou comentar com alguém...tô lendo tal livro...com um papo assim...eu tô lendo...se você quiser emprestado...pega emprestado...

E: Ah tah...mas então nesse caso você vai pro impresso porquê? Porque você não termina no digital?

S_F_19: Porque eu prefiro...eu não gosto do digital justamente pelo problema de vista...

E: Entendi...só por esse motivo?

S_F_19: Eu prefiro sentar na minha cama e ler assim...coisa...eu prefiro assim...eu acho que mais confortável você estar com o livro na mão que você lê pelo computador ou pelo celular...

S_M_19: Esse aqui eu já li...chama *O Diário de Jhon Winchester*...que segue a série supernatural...uma série de televisão...americana...

E: Ah tam..humrum...então quando é pra ler livro...sempre impresso?

S_M_19: Sempre impresso...

E: Mas você já leu já...livro digitalizado?

S_M_19: Esse aqui eu comecei a ler digitalizado...

E: Ah é? E foi pro impresso por quê?

S_M_19: Foi...eu tinha muita vontade...de ler esse livro...aí eu busquei ele impresso...aí eu achei...mas igual eu falei...pra fazer a leitura digitalizada...você ficar muito tempo na tela do computador...eu não gostava...aí por isso eu preferi, né?

E: Ir pro impresso...

S_M_19: Ir pro impresso...porque história em quadrinho e mangá são leituras rápidas...então você não precisa ficar ali muito tempo...

E: Entendi...mas aí eu fiquei sem entender porque foi pro impresso...você tava lendo o livro digital...por que você não terminou no digital?

S_M_19: Ah?

E: Você achou ele impresso e comprou? Como é que foi a história...

S_M_19: Esse aqui na verdade eu peguei emprestado...

E: Ah tah? Você tava lendo então...ficou sabendo de alguém que podia te emprestar...aí você foi pro impresso...

S_M_19: Isso...isso...e eu já lia um dessa mesma linhagem...de supernatural...eu já tinha um que eu tinha comprado...

E: Ah tah?

S_M_19: Que eu tava lendo entendeu? Ele impresso...

M_F_17_B2 relata que, mesmo iniciando a leitura literária de uma obra digitalizada e, caso tivesse o acesso à mesma versão no suporte impresso, finalizaria a leitura da obra no suporte digital. Ressalta-se que a leitora jovem não vivenciou uma situação com essas condições de acesso. Um fato que chama a atenção nos dados é que há uma menção à apreciação estética do objeto livro que depende da forma como é materializado. Nesse sentido, a leitora não está se referindo a conteúdo do texto, mas ao objeto. Será que iria finalizar a leitura da obra na versão impressa, como os demais leitores jovens?

E: Você sempre começou no digital e continuou no digital?

M_F_17_B2: É, nunca ...

E: Nunca foi pro... impresso?

M_F_17_B2: Não.

E: Teve vontade? Teve, aconteceu alguma situação de, que possibilitou ir pro impresso ... tá lendo a obra no digital, por exemplo, você leu os quatro livros, né?

M_F_17_B2: Hum rum.

E: Foram uns cinco livros, na verdade, seis, você leu tudo, né?

M_F_17_B2: Dez, é.

E: Você leu os dez

M_F_17_B2: É.

E: Os dez eram no... no...

M_F_17_B2: Celular.

E: Computador?

M_F_17_B2: É, no computador.

E: Pelo celular, se tivesse aparecido um livro impresso na sua mão, você iria ... pro impresso?

M_F_17_B2: Não, acho que eu ia continuar lá.

E: É?

M_F_17_B2: É.

E: Por quê?

M_F_17_B2: Eu tava lá mesmo.

E: (Risos)

M_F_17_B2: Pra quê que eu ia mudar?

E: (Risos) Hum rum, então...

M_F_17_B2: Ou se não, eu ia só dar uma olhada no livro, porque eu queria ver, né, como que o livro é, porque, ele é lindo, mas, mas aí eu ia continuar lá, eu tava lá, continuava lá mesmo.

E: É?

M_F_17_B2: É.

E: E já, mas nunca aconteceu de você começar a ler no digital, e ir pro impresso?

M_F_17_B2: Não.

Em uma situação hipotética, também, P_M_17_C1 acredita que, mesmo tendo a obra impressa, leria no digital em uma circunstância específica, na qual sua rotina fosse maior fora do espaço doméstico. O leitor jovem se referia a uma nova etapa de vida com o ingresso na universidade, pois teria menos tempo livre no espaço doméstico. Mas fora desta condição, iria ler a obra na versão impressa.

E: Entendi, agora do digital pro impresso, já ...

P_M_17_C1: É mais difícil.

E: Só as iniciais, quando dá para ler um ...

P_M_17_C1: Quando eu peço um livro lá, e percebo.

E: Ele é.

P_M_17_C1: Tô gostando muito, compro ele.

E: Compra o livro.

P_M_17_C1: Mas nem sempre, eu vou ler.

E: Entendi.

P_M_17_C1: No ... no impresso, às vezes eu vou ler pouquíssimo no impresso.

E: Por quê?

P_M_17_C1: Porque disso, de não ter o tempo, em casa, para ler ele.

E: Aí você deixa ele ... aí o que faz com ele?

P_M_17_C1: Guardo.

E: Fica guardado?

P_M_17_C1: Eu gosto de ver os livros na prateleira.

E: Aí você vai ler no digital?

P_M_17_C1: Vou.

E: Ah... entendi. Mas já aconteceu isso?

P_M_17_C1: Não, mas acho que vai acontecer com o Guia, porque eu vou comprar o ... impresso, mas provavelmente eu vou ler só no digital.

E: O guia, que guia que é esse?

P_M_17_C1: O *Guia do Mochileiro das Galáxias*.

E: Ah ...

P_M_17_C1: Que eu comecei a ler as dez primeiras páginas, no ... tablet.

E: É esse que você falou que leu, o comecinho, gostou.

P_M_17_C1:Gostei bastante e para comprar, mas, provavelmente não vou ler muito ele.

E: Mas por que você acha que vai acontecer isso?

P_M_17_C1:Porque eu vou ficar muito fora de casa.

E: Entendi.

P_M_17_C1:E aí vou ter que ficar levando ele.

E: Ah ...

P_M_17_C1:E no *tablet*, eu vou estar sempre levando.

Outra possibilidade de acesso se dá por aquisição, mas isso ocorre quando o leitor jovem pesquisa na Internet a obra literária digitalizada e a disponibilidade da obra é restrita, ou seja, apenas alguns capítulos podem ser lidos ou não consegue encontrá-la em sites de busca, nos blogs, em redes sociais ou em outros ambientes digitais nos quais se criam as redes de sociabilidade literárias na Internet. Nessas condições de falta de acesso à obra digitalizada e no desejo voraz de ler, os leitores jovens adquirem a obra desejada no suporte impresso, mas dependerá das condições financeiras do leitor jovem e do valor de mercado da obra estar mais baixo que o habitual.

E: E quando que você compra? Quando você compra pra ser impresso...e quando você não compra e lê no digital... quando que é uma coisa...quando que é outra...

S_F_19: Depende do valor do livro...por exemplo...os *Jogos Vorazes* eu comprei os três...porque eu cismeique queria e aí...na Internet não tinha o livro todo...aí eu comprei os três de uma vez...

E: Se tivesse ele todo na Internet?

S_F_19: Aí eu ia lê pela Internet...

Perguntamos aos leitores jovens se havia ocorrido uma situação na qual estavam lendo a obra no suporte impresso e migraram para lê-la na versão digitalizada. Todos apontaram não ter ocorrido uma situação semelhante, ademais esse grupo de leitores jovens tem a preferência pelo suporte impresso e, em uma circunstância em que estão com a posse de seu objeto de desejo de leitura literária, não faria sentido a mudança de materialidade.

G_F_17_B1:Não, porque quando eu tô com o livro ... impresso, eu leio então no impresso, tipo, se eu tô nas férias, por exemplo, e eu sei que vou ficar em casa, eu não vou baixar o livro no meu celular, eu vou ler o impresso.

M_F_17_B2: Também não?

E: Não?

M_F_17_B2: Hum hum.

E: Nada, nem uma situação?

M_F_17_B2: Não, acho que não.

D_F_16_D: Não.

E: Não. É porque você acha que não aconteceu? Por que ... você acha, por que você acha que não aconteceu?

D_F_16_D: Porque, eu prefiro o impresso mesmo, aconteceria só se eu perdesse o impresso, e fosse para o digital, mas, o impresso eu costumo ler ele até o final, para depois devolver para a pessoa.

E: Entendi, só se você perder, acontecesse alguma coisa que você não pudesse ler.

D_F_16_D: É.

M_M_17_B2: Não, nunca aconteceu.

E: Não?

M_M_17_B2: Porque se eu tô com ele na mão para quê eu vou ter o trabalho de baixar, procurar o livro, se eu tô com ele na mão é só ler, né?

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Acho que ler o impresso, eu não sei explicar, mas, a viagem no impresso é melhor, por ter o livro, entendeu?

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Não sei explicar muito bem, não.

S_M_19: Não...ainda não...

E: Nunca?

S_M_19: Não.

Somente L_M_15, colega de R_M_15_C1, em uma condição de acesso por empréstimo e pela necessidade de devolução da obra, relatou ter iniciado uma leitura de mangá no suporte impresso e, como tinha que devolver, buscou a obra digitalizada para finalizar a leitura. G_F_17_B1, também, faria a mesma escolha em uma situação semelhante, inclusive, não acredita que alguém possa preferir ler a obra digitalizada, pois ressalta que “todo mundo quando usa no celular, é quando você não tem acesso”. No entanto, há dados que mostram que é a obra em si, seu enredo e enredamento que os leitores jovens buscam, independente do suporte e da situação de leitura.

E: E já aconteceu de você...você já falou...aconteceu de começar no digital e lendo no impresso...mas já aconteceu alguma vez de você começar a ler no impresso...e ir pro digital?

L_M_15: Só as séries de mangá que...tinha uma série...a primeira que eu falei...(...)eu comecei...lendo no impresso...mas porque não era minha...era...dum colega meu...aí eu pegava emprestado com ele e pegava o impresso e devolvia...tranquilo...aí é o mesmo colega da escola que eu falei...aí eu tive que mudar pro digital...

E: Só por isso...

L_M_15: Só por isso...

G_F_17_B1: Mas, se o livro realmente me interessar, por exemplo, se eu tiver que devolver esse livro *A Menina que Roubava Livros*, hoje, eu vou continuar lendo ele pelo celular.

E: Ah é?

G_F_17_B1: Hum rum.

E: Por quê?

G_F_17_B1: Não sei, porque é uma leitura que me prendeu, entendeu? Porquê...

E: Ah, tá.

G_F_17_B1: É um livro que eu gostaria de ler, mesmo que eu quero saber o final da história.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Então se, se eu não conseguir terminar de ler o livro, mesmo, eu vou buscar pelo celular.

...

G_F_17_B1: De baixar. Porque, você tem o... o... celular, mas você lê, assim, quando você... não tem outro recurso, entendeu? Você... você... não tem como comprar seu livro, por exemplo.

E: Então você acha que a ... é ... a leitura do ... no dispositivo, a leitura literária, no dispositivo digital, é só quando você não tem, é ... acesso ao impresso?

G_F_17_B1: Todo mundo, quando usa no celular, é quando você não tem acesso.

...

G_F_17_B1: Literatura, quando eu não tenho acesso a ele, na minha mão, eu busco ler sobre ele na Internet, eu busco saber de algum amigo que tem.

E: Entendi, então na verdade, o celular, o computador, da leitura literária, é quando você não tem acesso ao impresso?

G_F_17_B1: É.

E: Se tiver acesso ao impresso, você não lê no ... digital?

G_F_17_B1: Não, posso até buscar alguma coisa do livro pelo, pelo celular, mas eu dou preferência pelo livro, mesmo.

Com relação à leitura de mangás, foi observada uma situação incomum. Existe uma variação de preços de mangás, que pode oscilar entre um baixo valor de mercado até valores altíssimos, dependendo do autor, da série, do tipo de papel utilizado na impressão, entre outros elementos. Desse modo, esse tipo de obra demanda um maior investimento financeiro do leitor jovem, e, provavelmente por esse motivo, todos os leitores jovens que citaram ler mangás realizam a leitura das obras digitalizadas. Parece que o fator financeiro para o acesso por meio de aquisição tem um maior peso para certos tipos de obras, neste caso, as pequenas e com um tipo de publicação periódica, semanal ou mensal.

Quando o leitor jovem possui condições financeiras para adquirir a obra de

literatura do seu interesse na versão impressa, em tese, irá fazer essa aquisição. Somente em circunstâncias nas quais o deslocamento até uma livraria não é do interesse do leitor jovem, é que ele leria a obra no suporte digital.

M_M_17_B2: Aí sim, eu preferiria, aí eu leria no digital por não ter outra opção. [sem condições financeiras para aquisição da obra impressa]

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Mas, se eu tivesse opção e não gostasse do computador, e fosse ler no digital e tivesse como comprar o impresso, eu não leria o livro digitalizado, entendeu?

E: Hum rum. Ah, então, você acha que se você tivesse uma condição melhor, você não leria no digital?

M_M_17_B2: Hum...leria se eu, se eu não quisesse ir lá comprar, ou alguém baixasse o livro, eu leria digitalizado, sim, mas, se tivesse dinheiro sempre para comprar qualquer livro, qualquer livro, talvez eu preferiria, eu optaria mais pelo... pelo impresso. Às vezes também é questão de... daquele momento, sabe? Às vezes eu passo na Leitura [livraria] e acho um livro legal, eu vou lá e compro. Às vezes quando não tem nada, eu vou lá na Internet, né, que tem tudo prontinho para mim baixar aí eu vou lá no digitalizado e depois eu vou lá e compro o impresso. Não faz muita diferença.

M_M_17_B2 utiliza a expressão “é questão daquele momento” para a escolha da leitura no suporte impresso ou no digital, referindo-se a estar no local de compra da obra impressa ou de estar em frente ao computador e baixar ou ler on-line uma obra digitalizada. No entanto, é necessário considerar que o leitor jovem pode estar nessas duas situações e, na primeira, não ter condições financeiras para aquisição ou, na segunda, não conseguir ler a obra digitalizada por problemas na Internet ou por outras possibilidades relacionadas à tecnologia digital. Quanto ao “não faz muita diferença”, o leitor jovem se refere ao ato de ler nos dois suportes e não a preferência de suporte.

A condição de acesso gratuito pela Internet é a única opção do leitor jovem quando possui restrição financeira para adquirir a obra impressa ou não a encontra nas livrarias para aquisição. A Internet é o local que possibilita a realização de leituras literárias sem custos, a despeito do debate sobre os direitos autorais. Nessa conjuntura, mesmo a preferência sendo o suporte impresso, o leitor jovem recorrerá à leitura da obra digitalizada, pois seu interesse pela leitura da obra suplanta a preferência pelo suporte impresso.

D_F_16_D: Eu...se eu não tiver o impresso disponível eu procuro o digital, mas se tiver o impresso disponível, eu prefiro o impresso.

E: Entendi.

D_F_16_D: Essa é a relação.

E: Só quando não tem acesso no impresso você vai pro digital.

D_F_16_D: Isso.

M_F_17_B2: É, não, mas, que nem tipo assim, igual, o, eu não tenho o livro de *Pretty Little Lies* no impresso, então eu vou ler no digital,

E: Se não tem... o impresso?

M_F_17_B2: É.

E: Mas poderia ter?

M_F_17_B2: Poderia, se eu comprasse.

...

M_F_17_B2: Não porque ó...eu gosto do livro...porque sei lá...eu gosto de tocar ele...de cheirar ele...eu adoro o cheiro do livro...mas igual...quando eu não tenho condição de ir lá e comprar...eu posso acessar pela Internet e ler...ou então quando eu tiver tipo assim...não tem nada pra fazer...lá na escola e eu quiser...igual na literatura digital...eu posso estar ali jogando...e aprendendo ao mesmo tempo...uma informação que eu não sei...entendeu? Uma coisa que me interage...

L_M_15: Eu só leria no digital no caso de um livro de verdade...se eu não encontrar o livro físico...aí no caso dos mangás eu prefiro ler no digital porque...tá cômodo...é tranquilo...eu não preciso de comprar vários e vários...pra poder entender a história...

E: Só nessa situação?

L_M_15: Sim...

E: Se tivesse ele todo na Internet?

S_F_19: Aí eu ia lê pela Internet...

E: Ah tah...

S_F_19: Depende também da minha disponibilidade...quando eu li esse livro...eu terminava à tarde...então eu não podia sentar no computador pra coisar...tendo o livro na mão...qualquer intervalo que você tem...você vai lá...

E: E no computador...no celular... você pode...olhar também...

S_F_19: Quando eu não tinha celular...

E: E se você tivesse tido celular na época? Depois do celular...

S_F_19: É...

E: Não leria impresso?

S_F_19: Não...hoje um impresso...tem hora que não compensa...

E: Por quê?

S_F_19: Porque, por exemplo...esse...do *Primo Levi*...ele custa cento e noventa reais...é um investimento muito grande...

E: E você acha ele...na Internet?

S_F_19: Acha ele na Internet...[...] esses livros que eu acho que são realmente literários...pra passar o tempo...hoje eu não posso comprar...se eu pudesse eu compraria todos...

D_F_16_D é a leitora jovem do estrato socioeconômico mais baixo entre os demais leitores jovens, provavelmente, essa condição limita seu acesso pela aquisição. M_M_17_B2, por vezes, adquire obras impressas, mas a maior parte das leituras literárias são realizadas com obras digitalizadas por não possuir condições de acesso pela aquisição. Além disso, a leitura na versão digitalizada parece não redundar num compromisso com a continuidade da leitura, daí há uma forma de experimentar partes da obra e não necessariamente de lê-la como um todo ou possuí-la. A versão impressa e sua posse parecem criar algum tipo de experiência de compromisso com a leitura da obra como um todo.

D_F_16_D: Bom, no ... nas situações que eu leio no impresso são ... quando alguém me empresta ou quando eu pego na biblioteca, porque ... como eu te falei, eu não tenho o costume de comprar.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: É a questão do dinheiro. É... a questão do dinheiro para comprar o impresso. Se tiver o dinheiro, que às vezes, eu tô na loja mesmo e o impresso é bastante, tem outros que são bons.

E: Hum rum.

M_M_17_B2: Aí eu não leio o digitalizado porque eu vou lá e compro, mas às vezes, eu prefiro mais o digital porque tá mais perto, é mais rápido, não tem que esperar para sair e comprar e eu não tenho o dinheiro, é...tá, é fácil, rápido, então, eu prefiro sempre mais, é... às vezes, na maioria das vezes, o digitalizado pra, às vezes, a gente compra um livro e a gente também não gosta do livro aí quando a gente lê o digitalizado, pra ver se ele é bom, porque aí a gente gosta daquela autor e quando a gente gosta pra caramba aí começo a ler digitalizado, só que aí quando eu gosto, como foi o caso de alguns livros, eu compro impresso.

Criamos uma situação hipotética para verificar em qual suporte os leitores jovens prefeririam realizar a leitura literária de uma obra de interesse na condição de acesso por aquisição e gratuitamente pela Internet, sem restrição financeira para comprar a obra na versão impressa, digitalizada ou conseguir baixar ou ler on-line na Internet sem custos. Para D_F_16_D, a leitura seria realizada no suporte impresso; para S_F_19 e S_M_19, dependeria do tamanho da obra: se pequena, escolheriam o digital, mas se a obra fosse grande, comprariam a obra impressa; e para P_M_17_C1 e G_F_17_B1, leriam a obra nos dois suportes ao mesmo tempo, pois, quando da necessidade de sair, levariam a obra digitalizada no tablet ou celular e, quando voltassem para o espaço doméstico, continuariam a leitura no suporte impresso. A relação entre o espaço de leitura e o tipo de suporte é forte nos

depoimentos e isso não está na obra em si, mas na sua forma de armazenamento em determinado suporte.

E: Então se tem, se tem os dois ... você vai para o impresso?

D_F_16_D: Hum rum...

E: Mas tem...um bom celular...dinheiro pra comprar...comprar tanto impresso como, por exemplo, os *ebooks*...os livros digitais...né...você falou não...tem o livro pra mim baixar...mas eu tenho porque...às vezes eu não tenho ele...disponível livremente mas...mas aí você pode comprar lá no site...e você conseguir ler...quê que você faria numa situação dessa?

S_F_19: Depende do tamanho do livro...e também pra quê? Por exemplo...esses livros que...a gente considera que são pra passar tempo...dependendo do livro...do assunto do livro...eu prefiro comprar...ah não...esse vou querer guardar...porque eu quero emprestar pra ciclano e fulano...

E: Entendi...

S_F_19: Se o livro for menor, eu acho que não compensa comprar...por exemplo, um livro de cento e cinquenta páginas eu não compro...eu leio pela Internet...

E: É? Porquê?

S_F_19: Porque eu não vou ficar sentindo dor de cabeça e não vou ficar tanto tempo sentada no computador...

E: Ah táh...o tamanho faz diferença...

S_F_19: Faz...porque...por exemplo...tem um livro...esse dos episódios que a gente leu...o terceiro... nós duas vimos na Internet...porque ele era muito pequenininho...

E: Qual o nome?

S_F_19: O último chama *Belo Casamento*...ele era muito pequenininho...então nós lemos pela Internet...noventa e oito páginas...

E: Cê nunca ia comprar um livro de noventa e oito páginas?

S_F_19: Não...com a Internet não...Ah...com a Internet disponível pra quê que eu vou comprar?**E:** Agora um de quinhentas páginas?

S_F_19: Aí eu tenho que comprar porque eu não consigo ler...quinhentas páginas sentada na cadeira...no computador nem mexendo no telefone...

S_M_19: Só nessa forma mesmo, é...questão de tamanho...[leria no suporte digital se a obra fosse pequena]

E: Da obra?

S_M_19: Exatamente...

E: Só isso?

S_M_19: Só isso...

E: [...] Começar, no impresso, e ir pro digital?

P_M_17_C1: Ah, o *The Game of Thrones*.

E: Você começou?

P_M_17_C1: Comecei no *PDF*, que às vezes eu preciso ... vou precisar sair, agora ultimamente eu tenho lido só no impresso, que eu tô em casa, mas não, por conta da faculdade, vou ter que baixar ele de novo, no ... no digital e voltar a ver ele lá.

...

E: Sempre no *tablet*, então acontece do digital pro impresso, e do impresso para o digital acontece/

P_M_17_C1: Acontece.

E: /Sempre.

P_M_17_C1: Sim.

E: Com frequência.

P_M_17_C1: Com frequência.

G_F_17_B1: Aí vamos supor que eu, que eu ... vou ... começar a sair muito e tal, aí eu baixo ele no meu celular, aí, se eu tiver na rua, vou ver, pelo celular. Mas seu chegar em casa, vou preferir o impresso porque eu acho que a leitura cansa menos, é ... você não tem que ficar passando tanta página, sabe?

E: Entendi.

G_F_17_B1: Você tem o ... ah, eu não sei, eu acho tão gostoso você pegar um livro, sentir o cheirinho do livro, você passar as páginas mesmo.

E: Hum rum.

G_F_17_B1: Sabe? Eu prefiro.

E: Mas você, isso.

G_F_17_B1: O impresso, não é que eu não ache menos importante.

E: Entendi.

G_F_17_B1: O digital.

E: Mas você acha que, isso, esse exemplo que você deu, de baixar porque você tem que sair, já aconteceu?

G_F_17_B1: Já, com esse ... *A Menina que Roubava Livros*.

E: Ah, você fazia isso, você fez isso?

G_F_17_B1: Sim.

E: Você baixou ele no... no celular.

...

G_F_17_B1: Mas, é ... aí você tem que ... sabe? Sair, você não vai ficar levando o livro, aí você vai ler pelo celular.

Verificamos uma relação entre os dois fatores, no qual o elemento suporte é dependente do acesso e o leitor jovem necessita suplantá-lo, em algumas vezes, a preferência pelo suporte impresso para realizar as leituras literárias de seu interesse. Analisando o fator acesso, obtemos quatro tipos de circunstâncias: na primeira, o leitor jovem tem o acesso por meio de aquisição, na versão impressa e digitalizada e gratuitamente pela Internet. Nessa situação, sem restrição de acesso por aquisição, o fator suporte fica livre, e o leitor jovem pode escolher qual suporte irá realizar a leitura da obra desejada. Nesse caso, o leitor jovem irá ler somente no suporte impresso, ou ao mesmo tempo nos dois suportes, ou somente no suporte digital,

pela praticidade ou dependendo do tamanho da obra; poderá lê-la digitalizada, ser for pequena, ou impressa, se a obra for grande.

A segunda ocorrência se dá quando o leitor jovem tem acesso, também, por meio da aquisição, mas por não conseguir encontrar a obra digitalizada na Internet gratuitamente e por seu interesse em ler a obra ser muito alto. Nesse caso, sem restrição de acesso por aquisição, mas com restrição de acesso para ler gratuitamente na Internet, o fator suporte fica condicionado, ou seja, somente poderá ler em um suporte, e o leitor jovem realiza a leitura, exclusivamente, no suporte impresso.

A terceira situação é o acesso gratuito pela Internet, pois o leitor jovem não possui condições financeiras de aquisição da obra ou não a encontrou para venda, mas depois adquiriu ou conseguiu emprestado. Nesse caso, com restrição inicial de acesso por aquisição, o fator suporte fica condicionado e o leitor jovem irá ler a obra toda no suporte digital ou iniciar no suporte digital e finalizar no suporte impresso.

A quarta circunstância ocorre quando o leitor jovem tem acesso por meio de empréstimo, pois não possui condições financeiras de aquisição da obra impressa. Nesse caso, com restrição de acesso por aquisição, o fator suporte fica condicionado e o leitor jovem irá realizar a leitura da obra toda no suporte impresso, iniciar no suporte impresso e finalizar no suporte digital ou iniciar no suporte digital e finalizar no suporte impresso. Por fim, verificamos, também, a existência de uma oscilação do digital para o impresso, mas do impresso para o digital somente em situações de exceção.

Constatamos, como já foi apontado no início deste capítulo, que o tipo de acesso à obra literária determina as relações entre as práticas de leitura literária digital e impressa dos leitores jovens, mas, paralelamente, alguns elementos presentes nas demais categorias analisadas neste capítulo repercutem nessas relações. Os dados mostram elementos como: as situações e os espaços em que se lê, as propriedades físicas dos objetos de leitura, a relação entre o corpo e o suporte, a importância das redes de sociabilidade literárias na Internet que mesclam divulgação do impresso e do digital. E, especialmente, o papel simbólico que os leitores jovens estabelecem com a literatura impressa e aquela divulgada ou produzida em suportes digitais que repercutem no antes, no durante e nos atos decorrentes do que sucede ao ato de ler. Em vários casos, os leitores mostram que se relacionam com a obra em si e não com seu formato.

7 Considerações Finais

As práticas de leitura literária digital realizadas por leitores jovens são realizadas por meio de diversos sites, blogs, aplicativos, sala de bate-papo e uma rede de sociabilidade literária na Internet, que compartilha informações sobre a leitura literária digital. Verificamos uma dissonância significativa entre os sites e obras que os leitores jovens indicaram e as que localizamos no levantamento que realizamos, indicando um conhecimento, ainda, muito restrito entre os leitores jovens sobre as possibilidades de leitura literária digital. A literatura digitalizada e as fanfics são o tipo de leituras literárias mais conhecidas entre os jovens pesquisados. Ressalta-se que os caminhos percorridos pelos leitores jovens para conhecer esses ambientes digitais são, por vezes, de difícil acesso, demandando uma rede de sociabilidade literária na Internet, mas também fora dela, com colegas com os quais trocam informações literárias.

Existe uma relação entre práticas de leitura literária digital e concepções sobre o que deva ser conceitualmente a leitura literária digital, mas também incide sobre essas concepções o conhecimento a respeito de outros tipos de obras literárias digitais. As condições relacionadas ao envolvimento na cultura digital elencadas pelos leitores jovens para que se possa ter disposições favoráveis para as práticas de leitura literária digital podem dificultar a ampliação de suas experiências literárias.

O suporte impresso é considerado pela maioria como o preferido para realizar leitura literária, mas o uso do suporte digital está relacionado ao custo zero de ler uma obra literária, à praticidade de acessá-la e de levá-la a qualquer lugar sem se preocupar com o tamanho. Para aqueles leitores jovens que leem literatura digital, é somente no suporte digital que eles poderão realizar essas leituras. Quando a obra literária está disponível impressa e digitalizada, a preferência pelo suporte impresso ou digital estará condicionada as condições de uso do suporte para a leitura da obra desejada pelo leitor jovem. E verificamos que a leitura no suporte digital ou no impresso, sobretudo no que tange à obra digitalizada, não é vista como ações diferentes, ficando mais transparente a obra do que seu formato.

Para cada tipo de leitura literária digital, se literatura digital ou digitalizada, existem formas de busca e de acesso nos ambientes digitais que as disponibilizam. Para cada ambiente digital que disponibiliza obras literárias digitais

são necessários procedimentos específicos para que o leitor jovem consiga localizar as obras de seu interesse. As formas de busca demandam uma rede de sociabilidade literária na Internet que compartilhe informações para que os leitores jovens tenham maior êxito na localização de obras de interesse e ampliem suas práticas de leitura literária digital.

Constatamos que as experiências de leitura literária digital não têm como condicionante o estrato socioeconômico dos leitores jovens, pois todos eles, independentemente do nível, possuem dispositivos digitais e Internet. A diferença se dá quando do acesso a dispositivos digitais móveis e a um plano de dados de Internet móvel. Nesse contexto, é a posse de um dispositivo digital privado, ou seja, não compartilhado com familiares e a mobilidade de utilização da tecnologia digital que permite a ampliação das experiências de leitura literária digital.

A diversidade de modos de ler necessários para os leitores jovens realizarem a leitura literária digital está condicionada a alguns fatores, como o tipo de obra lida, o local, o tipo de acesso à Internet, o tipo de dispositivo digital. Todos eles demandam gestos e comportamentos novos, diferentes dos aprendidos na cultura do impresso. No entanto, as comparações com a leitura literária realizada no suporte impresso são recorrentes quando da leitura literária em suporte digital, devido a esses leitores jovens serem ambientados na cultura impressa desde crianças.

Isso ocorre graças às suas experiências de leitura literária digital terem, supostamente, sido incorporadas em suas práticas como leitores literários no início da juventude, ou seja, a partir dos 12 anos de idade. Os leitores jovens teriam, em média, de três a seis anos de práticas literárias digitais, portanto, estão construindo essa apropriação de leitura literária digital. E, nesse sentido, podemos ter apreendido comportamentos inéditos para eles, ressaltando-se que a própria pesquisa causou um movimento de busca desse tipo de leitura para vários deles. Percebemos uma continuidade entre as práticas de leitura literária nos dois suportes e não uma ruptura, e em vários momentos os leitores jovens relataram suas experiências de leitura literária sem distinguir uma prática da outra.

Na escola, na família, com os professores e com os pais, o compartilhamento de informações sobre leitura literária digital é quase inexistente. Ou seja, as instâncias e os mediadores de leitura literária, considerados como principais fomentadores para a formação de leitores, não influenciam nas práticas de leitura literária digital dos leitores jovens. Essas trocas se ampliam nas relações existentes

entre os leitores jovens e seus colegas, mas nem todos são mediadores para a leitura literária digital. Os principais provocadores são o próprio leitor jovem que se interessa pela literatura digital e digitalizada e a rede de sociabilidade literária na Internet.

Podemos constatar que a tese cunhada por nós, na qual defendemos que a oscilação entre as práticas de leitura literária no suporte digital e impresso, pelos leitores jovens, dependerá do tipo de acesso à obra desejada, se por empréstimo, gratuidade pela internet e por aquisição e não pela sua preferência por um suporte ou outro. O suporte em que será realizada a leitura literária dependerá do tipo de acesso, e o leitor jovem necessita suplantá-lo, em algumas vezes, a preferência pelo suporte impresso para realizar a leitura da obra literária do seu interesse. Mas alguns elementos presentes nas demais categorias analisadas, tais como, as propriedades físicas dos objetos de leitura, a relação entre o corpo e o suporte, a importância das redes de sociabilidade literárias na Internet que mesclam divulgação do impresso e do digital repercutem nessas relações.

Por fim, algumas questões nos intrigam em relação às práticas de leitura literária digital. Em condições diferentes de usos e com sujeitos diferentes, teríamos novas possibilidades? O contexto de uso atual e desde a infância trará algum impacto? Questionamos-nos, ainda: no futuro, esses leitores jovens, envolvendo-se em mais práticas de leitura literária digital, por terem melhores condições de acesso à Internet, a dispositivos digitais móveis com tecnologias avançadas, utilizarão cada vez menos as categorias do mundo do livro impresso? Ou sujeitos que tiveram menos práticas de leitura literária no impresso durante a infância e mais práticas de leitura literária no digital se reportarão menos aos modos de leitura no impresso ao realizar a leitura no digital?

Os dados da pesquisa precisam ser confrontados com outras práticas de leitura literária de jovens no momento atual e no futuro. Quem sabe uma pesquisa futura, com os mesmos jovens, possa mostrar realmente se houve ou não uma mutação. Esses e outros questionamentos podem ser levantados a partir desta pesquisa, que possibilitam compreender as apropriações, os modos de ler, os usos, os gestos e os comportamentos de leitores em determinado suporte de leitura literária.

Em recente exposição oral, Roger Chartier avaliou o impacto da mutação para o digital, indicando que estaríamos vivendo um momento de mutação técnica, cultural e dos modos de ler, ocorrendo simultaneamente e de forma diferente de

outros momentos históricos. Somente a história poderá avaliar, no futuro, o impacto dessas mutações. Esta pesquisa contribui, a nosso ver, para deixar rastros dessa leitura, fenômeno sempre difícil de apreender.

REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Trad. Carmen Cacciaccaro. São Paulo: Editora Pulodo Gato, 2012.
- ARAUJO, Mônica Daisy Vieira. *Formas e condições de apropriação da cultura escrita digital por crianças de camadas médias*. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ANTONIO, Jorge Luiz. *Poesia Eletrônica no Brasil – Alguns exemplos*. 2003 Disponível em< <http://elmcip.net/node/5402>> acesso em julho de 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.(1.ed.1992)
- BARBOSA, Pedro. *Ciberliteratura, inteligência computacional e teoria Quântica*. Portugal: Editado por Bubok Publishing S.L. , 2013.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Práticas de Leitura, impressos, letramentos: uma introdução*. BATISTA, Antonio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. (Org.) *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. 3.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil –Juvenil*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COSCARELLI, Carla Viana. *Entre textos e hipertextos*. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana. *Alfabetização e Letramento Digital*. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa(Orgs.) *Letramento Digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana. *Textos versus Hipertextos na teoria e na prática*. In: COSCARELLI, Carla Viana(Org.). *Hipertextos na teoria e na prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

COSTA, Rogério da . *A cultura digital*. 2. Ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

CHARTIER. Anne-Marie. *Leitura e saber ou a literatura juvenil entre ciência e ficção*. In: MACHADO, Maria Zelia Versiani [e tal] (Orgs). *A escolarização da Leitura Literária – O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CHARTIER, Anne Marie. *Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino*. Revista Brasileira de história da Educação, Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 207-214, jan./abr. 2016.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro- do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

_____. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Do livro à leitura*. In. Roger Chartier (Org). *Práticas de Leitura*. 5. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

_____. *A ordem dos livros*. Trad. Leonor Graça. Editora: Vega Lisboa, 1997.

COELHO, Nelly Novais. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1997.

COLEMER, Teresa. *Formação do Leitor Literário*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros – A leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *A seleção de textos literários em três modos de ler*. In: MACHADO, Maria Zelia Versiani [e tal] (Orgs). *Escolhas Literárias em Jogo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário – teoria e prática*. 2.ed. São Paulo: Contexto: 2011.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014

DARNTON, Robert. *A questão dos livros, passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. In: BRASIL. Juventude e Contemporaneidade. Brasília, 2007. (Coleção Educação para Todos).

DIAZ-PLAJA, A. Entre Llibres: *La constucció d'un itinerari lector propi en l'adolescència*. In: Lectures adolescents. COLOMER, Teresa [e tal] (Orgs.) Barcelona: Editora GRAÓ, 2008

DÚRAN, C. ; MANRESA, M. *Entre països: L'acció educativa en el nostre entorn*. In: Lectures adolescents. COLOMER, Teresa [e tal] (Orgs.) Barcelona: Editora GRAÓ, 2008.

ELIAS, Norbet. *A sociedade dos indivíduos*. (Org) Michael Schöter. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FISCHER, Steven Roger. *História da Leitura*. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa Qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3.Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

FRAGO, Antônio Viñao. *Del periódico a Internet leer y escribir en los siglos XIX e XX*. In; GOMÉZ, Antônio Castilho (Coor). Historia de la cultura escrita – Del próximo oriente Antigo a la sociedad informatizada. Ediciones Trea, S.L. ,2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa*. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. (Org.) Cultura Escrita e Letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GOMEZ, Antônio Castilho. *Livros e leituras na Espanha no século de Ouro*. Ateliê Editorial, 2010.

GRAFF, Harvey J. *O mito do alfabetismo*. IN: Teoria & Educação. Porto Alegre, n.2, 1990.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

HAYLES, N. Katherine. *Writing Machines*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura Eletrônica – Novos Horizontes para o Literário*. São Paulo: Global, 2009.

HEBRAD, Jean. Os livros escolares da *Bibliothèque Bleue*: arcaísmo ou modernidade? *Revista Brasileira de História da Educação* v.2, n° 2 jul./dez. 2002. Disponível em < <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/245>> acesso em abril de 2015.

JAUSS, Hans Robert. *A História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo, 1994.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JEWITT, Carey. *Multimodality, “Reading”, and “Writing” for the 21st Century..* Discourse: studies in the cultural politics of education. vol. 26, n. 3, September 2005, p. 315/331.

JOUE, Vicent. *A leitura*. Trad. brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

JOUE, Vicent. *Por que estudar literatura?*. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

KRESS, G. y BEZEMER J. *Escribir en un mundo de representación multimodal*. In. KALMAN e STREET (Coord.) *Lectura, escritura e matemáticas – Diálogos com a América Latina*. Méico: single XXI, 2009.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: a razão do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Trad. Fátima Murad. Porti Alegre: Artmed: 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador – a leitura em seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.

LEVERATTO, Jean-Marc; LEONTSINI, Mary. *Internet et la sociabilité littéraire*. Paris: Éditions de La Bibliothèque publique d’information, 2008.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. Ed. São Paulo, Editora 34, 2000.

MACHADO, Ana Maria. *Escrevo de tanto que já li*: entrevista. [24 de janeiro de 2010]. Jornal tribuna do norte[on-line]. Entrevista concedida a Anna Ruth Dantas. Disponível em <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/ana-maria-machado-escrevo-de-tanto-que-eu-ja-li/138505>>. Acesso em 30 de maio de 2016.

MANEVY, Alfredo. *Política da Cultura Digital*. In: SAVAZONI, Rodrigo; CONH, Sergio (Org.). *Cultura digital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.) *Hipertexto e gêneros digitais – novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTUCCELLI, Danilo. *Gramáticas del Individuo*. Buenos Aires:Lousadas, 2007.

OLIVERIA, Luiz Otávio Martins de. *O Livro Infantil Ilustrado: dos impressos às telas eletrônicas*. (Dissertação de Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2013.

PAULINO, Graça. *Sobre Lecture et savoir de Anne-Marie Chartier*. In: MACHADO, Maria Zelia Versiani [e tal] (Orgs). *A escolarização da Leitura Literária – O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PAULINO, Graça. *Formação de leitores: a questão dos cânones literários*. In: Revista Portuguesa de Educação, vol. 17, nº 1, Braga: Universidade do Minho, 2004.

PERALVA, Angelina. *O jovem como Modelo Cultural*. In: BRASIL. *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília 2007. (Coleção Educação para Todos)

PEREIRA, Farley Eduardo Lamine. *No limite da Ficção: Comparações entre Literatura e RPG – Role Playing Games*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PINSKY, Luciana. *Os editores e o livro digital – o que está sendo feito e pensando em tempo do incunábulo digital*. In: In: DEAECTO, Midori; MARTINS FILHO, Plínio. *LIVRO: revista do núcleo de estudos do livro e da edição*, nº3. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço – o perfil do leitor imersivo*. 2004

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *De tipos e de gêneros, na literatura digital*. [200..?]. Disponível em <https://www.academia.edu/11112455/De_tipos_e_de_g%C3%AAneros_na_literatura_digital> acesso em fevereiro de 2015

SILVA, Luiza Trópia. *A formação do Leitor Literário – Um estudo de caso com leitores de Harry Potter*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

SIMÕES, S., & PEREIRA, M.P. (2007). *A arte e a ciência de se fazer perguntas*. In: Aguiar, N. (ed.). *Desigualdades Sociais, redes de sociabilidades e participação política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a. 128p.

SOARES, Magda. *A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil*. In: MACHADO, Maria Zelia Versiani [e tal] (Orgs). *A escolarização da Leitura Literária – O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.

SOARES, Magda. *Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Ciberultura*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acesso em 25 abril de 2014.

STREET, B. *Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento*. In. MAGALHÃES, Isabel (Org.) *Discursos e práticas de letramento: Pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SUDMAN, Seymour, BRADBURN, Norman M., SCHWARZ, N. *Asking questions : the definitive guide to questionnaire design—for market research, political polls, and social and health questionnaires*. 2004.

SUDMAN, Seymour, BRADBURN, Norman M., SCHWARZ, N. *Implications for questionnaire design and the conceptualization of the survey interview*. In *Thinking about answers: The application of cognitive processes to survey methodology*. San Francisco: Josse Bass. 1996

TORRES, Rui. *Poesia em meio digital: Algumas Observações*. In: GOUVEIA, Luis Borges; GAIO, Sofia(Orgs). *Sociedade da Informação: Balanço e implicações*. Porto: Edições UFP, 2004a. P.321-28. Disponível em <<http://www.pucsp.br/ciberliteratura/Arquivos/poesiad.PDF>> acesso em 23 de novembro de 2015.

- TORRES, Rui. *Poesia Experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada*. In: TORRES, Rui(Org.) *Poesia Experimental Portuguesa*. V. 1. Enquadramento teórico e contexto crítico da PO.EX. 2004b, p.116-127.
- TEIXEIRA, Inês. *Uma carta, um convite*. In: Dayrell, Juarez [e tal]. *Juventude e ensino médio- diálogos sujeitos e currículos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- VIANA, Maria Luiza. *Estética, experiências e saberes: Artes, Culturas juvenis e o ensino*. In: Dayrell, Juarez [e tal]. *Juventude e ensino médio- diálogos sujeitos e currículos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- ZILBERMAN, Regina. *“Semear livros e mandar o povo pensar” no contexto da cultura jovem*. In: CASTELLANOS, Samuel Luiz Velásquez; CASTRO, Cesar Augusto(Orgs.) *Livro, Leitura e Leitor:perspectiva histórica*. São Luiz: Café&Lápis: EDUFMA, 2016.

Apêndice 1

Questionário 1

Prezados(as) alunos(as) esta pesquisa intitulada Práticas de leitura de literatura digital entre leitores jovens tem como objetivo conhecer as práticas de leitura literária digital realizada por jovens.

Este questionário é a primeira etapa da pesquisa e é muito importante que o respondam com sinceridade para que possamos coletar dados reais. Na pesquisa entendemos como literatura digital aquela produzida e lida apenas em meio digital e a literatura digitalizada como aquela produzida no meio impresso e lida também em meio digital.

Nome: _____ Nome do Responsável: _____

Telefone: _____ Telefone: _____

Escola: _____

Ano: _____

PERFIL SÓCIOECONÔMICO

1. Sexo

() Masculino () Feminino

2. Como se considera?

() Branco (a). () Preto (a). () Indígena.

() Pardo (a). () Amarelo (a).

3. Qual a sua idade?

() 13. () 14. () 15. () 16.

() 17. () 18. () Outros _____

4. Na sua casa tem televisão em cores?

() Sim, uma. () Sim, duas.

() Sim, três ou mais. () Não tem.

5. Na sua casa tem rádio?

() Sim, um. () Sim, dois.

() Sim, três ou mais. () Não tem.

6. Na sua casa tem DVD?

() Sim. () Não.

7. Na sua casa tem geladeira?

() Sim, uma. () Duas ou mais.

() Não tem.

8. Na sua casa tem freezer separado da geladeira?

() Sim. () Não. () Não sei.

9. Na sua casa tem máquina de lavar roupa?

(Não é tanquinho)

() Sim. () Não.

10. Na sua casa tem aspirador de pó?

() Sim. () Não.

11. Sua família possui carro próprio?

() Sim, um. () Sim, dois.

() Sim, três ou mais. () Não.

12. Na sua casa tem banheiro?

() Sim, um. () Sim, dois.

() Sim, três ou mais. () Não tem.

13. Na sua casa trabalha alguma empregada doméstica?

() Sim, uma ou duas vezes por semana.

() Sim, uma todos os dias úteis.

() Sim, duas ou mais, todos os dias úteis.

() Não.

14. Qual é a renda familiar?

() Até 2 salários mínimos. () 2 a 4 salários mínimos

() 4 a 6 salários mínimos () 6 a 10 salários mínimos

() 10 a 20 salários mínimos.

() Acima de 20 salários mínimos

15. Grau de instrução do chefe da família:

() Analfabeto/Fundamental 1 Incompleto

() Fundamental 1 completo/Fundamental 2 completo

() Fundamental 2 completo/ médio Incompleto

() Médio Completo/ Superior Incompleto

() Superior Completo

PERFIL DE USUÁRIO DE TECNOLOGIA DIGITAL

16. Quais dispositivos digitais você utiliza?

(assinale todas que se aplicam)

() Computador de mesa. () Tablet.

() Netebook. () Notebook.

() Celulares . () E-reader () Outros

17. Quais dispositivos digitais você

possui em casa? (assinale todas que se aplicam)

() Computador de mesa. () Tablet.

() Netebook. () Notebook.

() Celulares. () E-reader

18. Você tem acesso a a Internet onde?

(assinale todas que se aplicam)

() Casa. () Lan-house. () Casa de amigos.

() Móvel. () Casa de parentes.

19. Você considera utilizar os dispositivos digitais com:

() Muita habilidade. () Habilidade.

() Pouca habilidade. () Nenhuma habilidade.

20. Com que frequência você utiliza os dispositivos digitais?

() Todos os dias. () 3 vezes por semana.

() 1 vez por semana. () Não utilizo.

() 2 vezes por semana

21. Com que frequência você utiliza a Internet?

() Todos os dias. () 3 vezes por semana.

() 1 vez por semana. () Não acessa a Internet.

() 2 vezes por semana.

22. Quais usos você faz dos dispositivos digitais? (assinale todas que se aplicam)

() Leio (livros, jornais, revistas, notícias.)

() Leio (livros de literatura)

() Trabalho escolar, estudo e pesquisa.

() Participo de redes sociais.

() Ver vídeos.

() Jogos. () No trabalho. () Músicas.

() Outros. Quais _____

PERFIL DE LEITOR LITERÁRIO DIGITAL

23. Você gosta de ler literatura?

() Gosto muito. () Gosto.

() Gosto pouco () Não gosto.

24. Você prefere ler literatura em qual suporte?

() Impresso. () Digital (computador de mesa / tablet/ e-readers/ netebook/ netebook.)

25. Você conhece obras de literatura digital?

() Sim. () Não.

26. Quais os tipos de obras de literatura digital você já leu?

() Hiperficção. Texto ficcional com links que

o leitor define o início, meio e fim da história.

() Poesia Kinetic. Poesia elaborada com a captura do movimento do leitor.

() Poesia gerativa. Poesia gerada a partir de linguagem de programação e com uso de links.

() Escrita colaborativa. Escrita de textos literários em conjunto com outras pessoas pela Internet.

() Minicontos. Pequenos contos elaborados com uso de linguagem de programação e com uso de links.

() Ficção interativa. Texto ficcional com elementos de jogos no qual o avanço da história se dá com a contribuição do leitor.

() Outros. _____

29. Como conheceu as obras de literatura digital que leu até hoje?(Assinale todas que se aplicam)

() Indicado pelo pai. () Indicado pela mãe.

() Indicado por colegas. () Indicado por colegas virtuais.

() Indicado por professor.

() Pesquisa realizada por você na Internet.

30. Você participa de alguma comunidade digital de leitores?

() Sim. () Não.

31. Como você faz a leitura de obras

de literatura digital? (Assinale todas que se aplicam)

() Sozinho. () Em grupo.

() Concentra totalmente na leitura da obra

() Paralela a outras atividades.

() Lê várias vezes a mesma obra.

32. Quais as formas você costuma ler obras de literatura digital?

(Assinale todas que se aplicam)

() A obra inteira por vez.

() Somente em partes.

() Várias obras ao mesmo tempo.

33. Quais as formas de acesso às obras de literatura digital você tem?

(Assinale todas que se aplicam)

() Comprados.

27. Você leu alguma obra de literatura digital inteira ou parcialmente no último ?

- () 1 mês. () 2 meses. () 3 meses.
() 4 meses. () 5 meses. () 6 meses.
() Não li.

28. Você leu alguma obra de literatura digitalizada inteira ou parcialmente no último:

- () 1 mês. () 2 meses. () 3 meses.
() 4 meses. () 5 meses. () 6 meses.
() Não li.

- () Baixados gratuitamente na Internet .
() Acesso livre pela Internet.
() Outros. Qual_____.

34. Após ler uma obra de literatura digital o que você faz:

- (Assinale todas que se aplicam)
() Pesquisa outras obras semelhantes.
() Pesquisa outras obras do autor.
() Faz leituras de obras semelhantes no meio impresso.
() Faz comentários em rede sociais, divulgando a leitura.

35. Você se considera um leitor?

- () Sim. () Não.

Apêndice 2

Questionário 2

Prezados (as) alunos (as) esta pesquisa intitulada **Práticas de Leitura de Literatura digital entre leitores jovens** tem como objetivo conhecer as práticas de leitura literária digital realizada por jovens. Vocês já responderam um primeiro questionário e foram selecionados para participar desta nova etapa da pesquisa.

Nome: _____

Telefone: _____

Nome do responsável _____ Telefone: _____

Escola: _____ Ano: _____

Questionário

1. Você conhece literatura digital?

() Sim () Não

2. O que você entende por literatura digital?

3. Você já leu obra de literatura digital?

() Sim () Não

4. Se sim, descreva as características das obras de literatura digital que você já leu.

5. Você conhece literatura digitalizada?

() Sim () Não

6. O que você entende por literatura digitalizada?

7. Você já leu obra de literatura digitalizada?

() Sim () Não

8. Se sim, descreva as características das obras de literatura digitalizada que você já leu?

9. Você já leu em dispositivos digitais (computador, tablets, celular, kindler) obras de literatura que sua apresentação era diferente das obras lidas por você no suporte impresso? Se sim, o que elas tinham de diferente?

10. Indique abaixo quais das obras de literatura digital você conhece, quais você já leu e descreva-as.

Tipo de obra de literatura digital	Obras que conhece	Obras que já leu	Descrição das obras que conhece e/ou que leu
Hiperficção - – Texto ficcional com links que o leitor define o início, meio e fim da história.			
Poesia Kinetic - poesia elaborada com a captura do movimento do leitor			
Poesia gerativa – Poesia gerada a partir de linguagem de programação e com uso de links			
Escrita colaborativa – escrita de textos literários em conjunto com outras pessoas na Internet.			
Minicontos – pequenos contos elaborados com uso de linguagem de programação e com uso de links			
Ficção interativa - texto ficcional com			

Apêndice 3

Questões das entrevistas semiestruturada com os leitores jovens pesquisados

1. Depois da entrevista passada você ficou pensando alguma coisa sobre o que conversamos?
2. Terminou o livro que estava lendo no mês passado? Ou começou a ler alguma obra? (para aqueles que não estavam lendo) Qual obra?
3. Se não terminou de ler qual foi o motivo? Quantas páginas você leu? Em que momentos fazia a leitura? Em que local? Fez alguma leitura relacionada ao livro que estava lendo? Publicou alguma informação? Indicou para alguém? O que falou no momento da indicação? Qual foi a reação da pessoa? Na indicação você sugere algo sobre o dispositivo digital ou sobre como fazer a leitura?
4. Se não começou a ler qual foi o motivo?
5. Que tipo de obra de literatura você prefere ler? Por quê?
6. Você conhece sites de biblioteca digital de literatura? Você conhece outros sites que disponibilizam obras de literatura? Quais? Poderia me mostrar?
7. Você descobriu alguma obra nova, site nesse mês sobre literatura? Como achou?
8. Me mostra como realiza as leituras no computador, no celular, no tablet.
9. A escola pede para você fazer leituras de literatura? Em qual suporte você faz as leituras? Quando você faz leituras de literatura no suporte digital você comenta para o professor? Qual é a reação dele? Você acha que a escola te estimula a ler literatura em dispositivos digitais? Os professores indicam sites para você ler literatura em dispositivos digitais? O professor já disse para vocês que leu ou lê literatura em dispositivos digitais? Você acha que o professor prefere que você leia no impresso ou no digital?
10. Você acha que a escola estimula a ser leitor de literatura? Por quê? Como?
11. Os seus pais e/ou familiares compravam livros pra você ler quando criança? E hoje como eles fazem? O que acham de ver você lendo em dispositivos digitais? Eles gostam ou não? Você acha que seus pais e/ ou familiares te estimulam a ler literatura? Te estimulam a ler literatura em dispositivos digitais? Seus pais e/ ou familiares indicam sites para você ler literatura em dispositivos digitais? Você já viu

seus pais e/ou familiares lendo literatura em dispositivos digitais? Você acha que seus pais e/ou familiares preferem que você leia no impresso ou no digital?

12. Quem são as pessoas que mais falam com você sobre literatura? Em momentos vocês conversam sobre? Quem são as pessoas que mais indica sites, e-books, blogs e outros espaços que divulgação e disponibilizam obras literárias digitais?

13. Você já teve vontade de participar de alguma comunidade de leitores digitais? Por quê? Já acessou algum site de comunidade de leitores? O que achou?

14. Em que momentos você lê no impresso e em que momentos você lê literatura nos dispositivos digitais? Por quê? Já aconteceu de você começar a ler no digital uma obra e parar e lê-la no impresso? E o contrário já aconteceu? Por quê?

15. O modo de conhecer e de ter acesso às obras de literatura é diferente no suporte impresso e no digital? Você acha que as práticas na Internet e com dispositivos digitais faz com você leia mais no suporte digital ou no impresso?

16. Você acha que daqui a um tempo você vai ler literatura somente no suporte digital? Por quê?

Apêndice 4

Questões da entrevista semiestruturada com os colegas dos leitores jovens

1. Você conhece obra de literatura digital e/ou digitalizada?
2. Você conversa com o seu amigo sobre literatura digital e /ou digitalizada? Em que momentos vocês conversam sobre? Você indica sites, blogs, livros, obras e outras fontes de acesso que disponibilizam obras literárias digitais?
3. Existem outros colegas que você conversa sobre leitura literária digital?
4. Quem são as pessoas que mais falam com você sobre literatura? E sobre leituras literárias digitais?
5. Que tipo de obra de literatura você prefere ler? Por quê?
6. O que você está lendo no momento?
7. Quais dispositivos digitais você utiliza para realizar as leituras literárias?
8. Como você conheceu as obras de literatura digital e/ou digitalizada?
9. Você conhece sites de biblioteca digital de literatura? Você conhece outros sites que disponibilizam obras de literatura? Quais? Poderia me mostrar?
10. Você já teve vontade de participar de alguma comunidade de leitores digitais? Por quê? Já acessou algum site de comunidade de leitores? O que achou?
11. Você prefere ler no impresso ou no digital?
12. Em que momentos você lê no impresso e em que momentos você lê literatura nos dispositivos digitais? Por quê? Já aconteceu de você começar a ler no digital uma obra e parar e lê-la no impresso? E o contrário já aconteceu? Por quê?
13. O modo de conhecer e de ter acesso às obras de literatura é diferente no suporte impresso e no digital? Você acha que as práticas na Internet e com dispositivos digitais faz com você leia mais no suporte digital ou no impresso?
14. Você acha que daqui a um tempo você vai ler literatura somente no suporte digital? Por quê?
15. Você acha que a escola estimula a ser leitor de literatura? Por quê? Como?